

Rafaello
VALENTINO

OS MAFIOSOS - LIVRO 5

STEPHÂNIA DE CASTRO



Rafaello
VALENTINO

OSMA OSCS -18-2015

SILVANO CASO

Copyright © 2021 Stephânia de Castro

Capa e projeto gráfico: Jéssica Santos e Stephânia de Castro

^a Revisão: Gláucia Padiar

Imagens compradas: www.shutterstock.com

Rafaello VALENTINO — Série Os Mafiosos Livro 5

1. Romance Contemporâneo

2. Literatura Brasileira

Edição Digital.

Criado no Brasil. 1ª edição / 2021

Esta obra segue as Regras do Novo Acordo Ortográfico

REGISTRADO E PATENTEADO NO AVICTORIS

Todos os direitos reservados

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos, são produtos de imaginação do autor. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência. São proibidos o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte dessa obra, através de quaisquer meios — tangível ou intangível — sem o consentimento escrito da autora. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido pela lei nº 9.610./98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Dedicatória

**Dedico este livro para todos que estão recomeçando uma nova vida.
Que ela seja regada de muito amor...**

“Eu estou disposto a recomeçar, esquecer o que passou, deixar para lá as mágoas que já viveram em meu coração. Tenho vontade de te amar sem o peso do passado, mas com a esperança de um futuro muito melhor ao seu lado.”

Nota da autora

Não ia colocar nenhum recado, nenhuma nota, mas minhas lindas e adoradas leitoras, se vocês estiverem procurando uma máfia dark, sinto lhes dizer que não tem.

Já ouviram falar de Máfia de colarinho branco???

Já leram a história de Don Corleone?

Então... Colarinho branco não envolve crimes hediondos e Don Corleone nunca sujou as mãos.

Existem organizações mafiosas pelo mundo inteiro. Cada uma tem sua particularidade. A construção de cada mafioso meu foi baseado no romance deles.

Desculpem o desabafo, mas 5 livros e ainda não entenderam que nos Mafiosos não tem sangue, porrada, tiro e bomba.

Quem sabe eu faço uma série bem pesada futuramente.

Ah... preciso falar antes.

Alícia sempre foi personagem secundária e nunca a principal da vida de Raf. rrsrs

Desejo boa leitura e uma ótima diversão.

Espero que gostem do nosso viúvo e não esqueça de ao final me dar algumas estrelinhas. rrsrs

Beijos da Stê!

Playlist

É só clicar nos ícones



Sumário

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Capítulo 16](#)

[Capítulo 17](#)

[Capítulo 18](#)

[Capítulo 19](#)

[Capítulo 20](#)

[Capítulo 21](#)

[Capítulo 22](#)

[Capítulo 23](#)

[Capítulo 24](#)

[Capítulo 25](#)

[Capítulo 26](#)

[Capítulo 27](#)

[Capítulo 28](#)

[Capítulo 29](#)

[Capítulo 30](#)

[Capítulo 31](#)

[Capítulo 32](#)

[Capítulo 33](#)

[Capítulo 34](#)

[Capítulo 35](#)

[Capítulo 36](#)

[Capítulo 37](#)

Capítulo 38

[Capítulo 39](#)

[Capítulo 40](#)

[Capítulo 41](#)

[Epílogo](#)

Sinopse

Os mafiosos estão de volta... Com conflitos e problemas a serem resolvidos.

Complicados e conturbados.

Desta vez os Valentino estão atolados em problemas e com pessoas do seu passado de volta e dispostas a destruí-los a qualquer custo.

Para piorar a situação, um dos irmãos está passando por um dilema ainda maior, um momento bem complicado.

O tão centrado e mais calmo dos irmãos, Raffaello Valentino, vê seu mundo virar de cabeça para baixo em questão de dias. Se já não fosse o bastante ter os problemas de sua família para ajudar a resolver, agora ele teria que enfrentar em sua vida um inimigo maior ainda. Um que ninguém conseguirá destruir...

A morte!

Após ficar viúvo, Raffaello se torna um homem perdido e confuso. E sem saber como lidar com seus sentimentos após a morte da esposa, Raf promete a si

mesmo nunca mais amar nenhuma outra mulher, tornando-se vazio e fechado, assombrado por uma promessa e um amor que nunca mais retornará.

Decidido a não se apaixonar novamente, Rafaello Valentino tentará resistir a jovem loira que está trabalhando em sua casa de verão como babá. Que de uma forma diferente está mexendo com seus sentimentos e suas emoções, despertando seu desejo como nenhuma outra havia conseguido. Nem mesmo sua falecida esposa que tanto amava. Significando o recomeço de algo que Raf não está preparado para viver. Resta saber se o último Valentino vai ser forte o bastante para resistir à tentação de cabelos loiros e olhos verdes e, 20 anos mais nova que ele.

Prólogo

*****7 meses antes*****

Rafaello

— Quem está ligando? — Alícia me olhou, seus olhos estavam perdidos no ar ao invés de estarem fixos nos meus. Nada mais seria como antes...

Havia me esquecido de deixar o toque do celular no silencioso. E antes de respondê-la, olhei o nome de Marco piscando no visor, não atenderia, ainda mais depois de receber a notícia que o amor da minha vida estava com seus dias contados.

— É Marco! — respondi ainda não sabendo lidar com a notícia.

Há 15 dias Alícia vinha tendo atitudes estranhas, das quais não estávamos entendendo mais nada. Em algumas vezes, quando segurava um objeto, não conseguia soltá-los, seus dedos travavam ao redor e não se abriam por um tempo, já em outras circunstâncias seu corpo todo ficava paralisado, como se fosse uma estátua. Era estranho, era como se tivesse entrando em um estado fisiológico de catalepsia. No entanto, não foram vários episódios, mas tão pouco ficamos esperando as coisas piorarem e procuramos por ajuda.

Fomos a um neurologista quando ela ficou um tempo maior paralisada, mais do que tinha ficado anteriormente.

Inicialmente o médico achou que poderia ser apenas uma somatização de estresse, mas não, as coisas estavam bem mais graves do

que poderíamos imaginar.

Após uma semana inteira de exames e neurologistas, eles descobriram que Alícia era portadora da Síndrome de Steinert. Ainda não sabíamos ao certo do que se tratava, mas pela breve explicação que nos deram, é de que poderá morrer em breve.

Inicialmente fiquei sem reação, não quis aceitar, mesmo meu coração gritando e dizendo a mesma resposta que o médico.

Alícia não poderia morrer em breve!

— Não vai atendê-lo? — Alícia me perguntou e disse não, negando com a cabeça. — Não vai atendê-lo, Raf? — Ela perguntou de novo, foi quando me dei conta que desde ontem ela estava enxergando tudo a sua frente um pouco embaçado e desfocado. Por isso tínhamos ido ao médico e estávamos voltando dele. Queríamos saber o que estava acontecendo agora.

Ele nos disse que fazia parte do processo de desenvolvimento da síndrome, mas que, com a ajuda dos colírios melhoraria e ela conseguiria enxergar como antes novamente.

— Não... Só quero estar em casa e ficar com você e os meninos — respondi convicto.

Eles que esperassem.

Marco insistiu e sem querer falar com alguém, mesmo sendo um dos meus irmãos, preferi recusar e desligar de uma vez por todas o aparelho.

— Agora ninguém mais vai ligar — disse e me aproximei, puxando seu corpo mais próximo do meu.

Beijei sua testa e a acolhi, apertando-a.

Com ela dentro dos meus braços senti que meu mundo ruiria se não estivesse mais nele comigo. Era como se ela fosse a extensão dos meus pensamentos, da minha respiração, dos meus batimentos cardíacos. Era a minha metade em tudo. E eu só precisava que existisse qualquer alternativa para eu me agarrar e acreditar, que de alguma forma as coisas dariam certas no final. Por isso, procuraria mais médicos especialistas na síndrome. Não mediria recursos e muito menos forças para tentar salvá-la.

— Te amo! — declarei e segurei a lateral de seu rosto, selando seus lábios com os meus.

Alicia ainda era tão linda como quando a conheci, porém, com menos vida agora. Se eu fechasse meus olhos a veria como se estivesse vendo-a pela primeira; vestida de coelhinha ao lado de Bella naquele halloween.

Linda e tentadora.

Foi amor à primeira vista.

Mesmo acompanhado por outra mulher naquela festa não poderia ter deixado ela escapar. E desde aquela noite, naquele dia, tudo mudou. Meu mundo se tornou colorido, me dando motivos para ter no que pensar e desejar mais da vida. Por isso não queria acreditar no que estava acontecendo, não com uma das pessoas mais importantes para mim.

Ela era o que eu queria e o que precisava.

Tudo que eu gostava em uma mulher Ali tinha. Era elegante, bonita, com os cabelos dourados como eu gostava e sem contar que eu amava seu sorriso e a forma como enrolava a ponta da mecha loira com o indicador. Eram esses pequenos detalhes que me faziam lembrar que ela é e sempre será a mulher da minha vida.

— Vamos pedir pizza? — Ela lentamente descolou seus lábios dos meus e piscou várias vezes. — Ainda estou lhe vendo todo colorido, se parecendo com um arco-íris. — Ela riu, me fazendo rir também.

Na clínica, após a consulta, o oftalmologista fez algumas aplicações de colírio para ajudar na reabilitação da visão, sem mencionar a lista de medicamentos que passou para comprarmos.

— E vai me ver melhor ainda. — Sorri e respirei fundo, tentando me mostrar forte para ela. Mas meu coração se espremia cada vez que eu olhava para seu rosto e lembrava do que estava acontecendo. Eu só queria estar em um sonho e que quando acordasse nada estivesse acontecendo.

— Podemos pedir pizza com bastante queijo. Hum... que delícia!

— Como quiser... — respondi não prolongando o assunto.

— Rafaello Valentino! — Me advertiu. — Está muito calado. O conheço bem para saber que está pensativo e enxergando só o lado negativo de tudo? Você não escutou o que o médico disse, que ainda temos alternativas que prolongará? — Sim... é, eu tinha escutado o que o neurologista geneticista nos disse, inclusive sobre progressão estar sendo rápida demais. Na verdade, eles acham que Alícia começou a desenvolver a síndrome desde o parto de Ralf, no entanto, só agora é que tem avançado rapidamente, diferente dos outros casos que conhecem.

— Sim, meu amor. Vamos tentar de tudo. — Novamente a beijei disfarçando o que realmente estava sentindo e pensando.

Estávamos dentro do carro estacionado na garagem da nossa casa.

Ainda não sentia coragem e muito menos preparado para encarar a realidade do que estava acontecendo com as nossas vidas e duvido que

algum dia estaria. Alícia é o amor da minha vida, a mãe dos meus filhos e nada me prepararia para que fosse o contrário.

Perdê-la era uma hipótese que nunca existiu até este momento...

— Me ajuda a descer? — Antes de lhe responder olhei e contornei o traçado de seus lábios com a ponta do polegar, admirando e me contendo para não desabar na sua frente.

— Claro! Sempre, minha vida! — respondi e me aprofundei em um beijo rápido e apaixonado, mas me separei dela em seguida, ajudando-a voltar para seu lugar no assento ao lado.

Antes de descer do carro olhei mais uma vez para seu rosto, procurando desacreditar no que estava acontecendo, ainda não queria acreditar, na verdade, eu me negava a aceitar que ela estava doente.

— Vamos, Raf. — Disse impaciente, procurando abrir a porta do carro sozinha. Porém não permiti e fui mais rápido, saindo e indo até ao seu lado. A ajudei e segurando sua mão caminhamos para o interior do quarto, indo diretamente para o nosso quarto.

Depois de ajudá-la a deitar um pouco em nossa cama, pedi a uma das empregadas que a ajudasse no que precisava e, em seguida, as deixei sozinhas.

Devido a forma como tudo estava acontecendo tão depressa foi necessário contratar mais empregados para ficarem à disposição dela. E esses eram os únicos que sabiam sobre sua síndrome, mais ninguém, nem mesmo nossas famílias estavam sabendo. Alícia estava receosa pelo modo como todos a olharia ou trataria. Ela não queria que eles a vissem como uma inválida ou que estivesse prestes a morrer e que muito menos tivessem pena dela.

E eu respeitei seu pedido, por mais que estivesse precisando desabafar com um deles.

Seria bem difícil carregar esse fardo sozinho, sem poder contar com eles e por mais que eu soubesse que eles nos ajudariam eu não pude negar seu pedido. Ela estava envergonhada e por isso aguentaria e seria forte o suficiente para nós dois.

— Papai! — Estava indo para o escritório ficar um pouco sozinho quando ouvi a voz fina e aguda de James me chamar. Me virei para lhe responder e o vi correndo com os braços abertos na minha direção. Ele se jogou para frente e eu o peguei antes que caísse no chão e se machucasse.

— Oi, meu garotão! — O abracei quando ele rodeou seus bracinhos ao redor da minha nuca.

O aconchego dele foi o suficiente para me mostrar o quanto eu precisava ser forte, mesmo sentindo o desespero me tomar por completo.

Suspirei e apertei contra meu corpo e me envolvi no abraço mais puro e terno.

Ah... meu filho!

Sei que eles não entenderiam a gravidade do que estava acontecendo, mas acredito que de alguma forma sentiam que algo de errado estava acontecendo com a mãe deles.

— Cadê a mamãe? — Ele se afastou jogando seu corpo um pouco para trás ao me perguntar.

— Ela está descansando um pouco. E cadê Ralf?

— Está brincando com a Pry. — Pry era a babá que cuidava deles desde quando o caçula nasceu. — Ralf me mordeu hoje. — James estendeu

o braço e me mostrou a marca dos dentes do irmão em sua pele.

— O papai vai conversar com ele. Está bem? — Me respondeu afirmando com a cabeça enquanto eu o colocava no chão. — Agora vai brincar também.

James saiu em disparada, retornando para a direção que tinha vindo e eu fui para o escritório. Ali havia se tornado o meu canto da casa, onde eu passava horas sozinho pensando, na tentativa de encontrar alguma esperança para continuar me mantendo forte sem mostrar fraqueza.

Havia voltado a beber e fumar como antes, na tentativa de extravasar e aliviar um pouco todo esse desespero que estava me corroendo. Tendo os dois como uma válvula de escape. De alguma forma eu precisava, mais que tudo, tirar essa sensação destruidora que me consumia dia após dia e por isso, quando eu tragava o cigarro e expelia toda a fumaça, de um jeito estranho, eu sentia que aos poucos todo este sentimento ruim estava indo embora.

Traguei o cigarro e na sequência fechei os olhos, jogando minha cabeça para trás, relaxando e deixando-a apoiada no espaldar da cadeira.

— Senhor Valentino? — Armínia, uma austríaca que trabalhava como governanta em minha casa estava parada na porta do escritório, me chamando e tirando-me dessa nova vida paralela, que eu me afundava cada vez mais.

— Sim!? — Abri os olhos e a encarei, apagando o cigarro em seguida no cinzeiro ao meu lado.

— Já recebi mais de dez ligações dos seus irmãos, eles estão procurando pelo senhor. — Assenti sem lhe dar nenhuma resposta.

Sei que estive fora e os ignorei o dia inteiro. Foi a primeira vez, desde que assumi ser o braço direito de Giovani, que me dei o luxo de não querer saber nada sobre os negócios da família. Sempre estive pronto para o que precisasse de mim, mas não hoje, não quando tudo que quero é me trancar em minha casa e ficar com minha esposa e meus filhos, ficando longe de todos os problemas que a família Valentino carrega diariamente.

Nunca agi de modo egoísta, mas neste momento que estava passando eu agiria, só precisava de paz para digerir o estado de saúde de Alí e qualquer problema que a Camorra tivesse passando poderia esperar. Eu só era o contador da cúpula e não o dono da porra toda. Eles conseguiriam ao menos por um dia resolver qualquer coisa sem mim. Mas me iludi ao pensar que me deixariam ficar isolado o dia todo.

Após Armínia me informar sobre as ligações pedi que não dissessem que eu estava em casa, em contrapartida, não bastou as desculpas e mentiras, horas depois, Bella, minha cunhada e não tão mais amiga de Alícia, apareceu. Pelo visto era sério! Nada a tiraria de perto dos seus filhos para vir até aqui me procurar.

Estava sentado na poltrona de couro marrom de costas para a porta, bebendo e fumando novamente. Pensando em como tiraria Alícia dessa doença quando Bella e Armínia apareceram.

— Senhor, a Senhora Valentino está aqui para vê-lo.

— Obrigada, Armínia — Bella disse imponente, dispensando a governanta.

— Bella, o que faz aqui? — Girei na cadeira quando ouvi sua voz e encarando-a coloquei o copo sobre a mesa e dei um último trago no cigarro.

— Desde quando voltou a fumar, Rafaello? — Bella além de me inquirir retirou o casaco pesado, jogando-o sobre a poltrona ao entrar e fechar a porta.

— Só fumo quando não estou bem e preciso espairecer a cabeça — respondi apagando o cigarro logo em seguida. Ela com a mão abanou a densa fumaça que pairava ao se aproximar da mesa.

— Pelo visto você hoje precisou espairecer bem. — Seu olhar repousou no cinzeiro cheio com os restos de cigarro em meio às cinzas.

— Sim. Está precisando de algo? — Fui direto. Preferi perguntar o que queria ao invés de receber um sermão pela quantidade de cigarros que estava fumando. Até porque sua presença ali, significava que algo grave estava acontecendo e que estavam com problemas sérios.

Não tão como os meus...

— Você e Alí brigaram? — ela me respondeu com outra pergunta.

— Não, estamos muito bem! — Estava um pouco alterado pelo álcool e acabei dizendo a verdade, dando motivos para ela especular o porquê havia sumido o dia todo. Deveria ter tido não. Seria mais fácil escutar seus conselhos do que responder suas perguntas curiosas.

Bella desde que voltou e teve o segundo filho assumiu uma postura de matriarca, se preocupando com todos. Era assim que a máfia funcionava. Ela se tornou a primeira dama, a mãe e a rainha da porra toda. E isso incluía sempre querer saber o que se passava sob seu nariz, mas não falaria nada. Até mesmo porque ela e Alícia de um tempo para cá se afastaram, não eram mais amigas como antes.

Alícia em algumas vezes tinha um certo ciúmes em relação a minha mãe demonstrar seu prediletismo por Any, a primeira mulher de sangue

Valentino. Eu até entendia minha mãe, até porque sei que ela ama meus meninos igualmente. Mas para evitar e incitar esse sentimento em Ali, preferi não interferir e sutilmente a apoiei quando disse que se afastaria um pouco da amiga.

— Então por que sumiu o dia todo? — Me inquiriu diretamente.

— Tirei o dia para Ali e os meninos. Eles me pediam isso a tempos... — acabei inventando, na tentativa de amenizar a curiosidade de minha cunhada, que me olhava intrigada, não acreditando na desculpa que eu estava dando. — Aconteceu algo? — perguntei em seguida mudando o assunto.

Pela queda que seus ombros deram foi nítido que tinha, nem precisava responder.

— Giovani está sendo acusado de lavagem de dinheiro. Tentamos falar com você o dia todo, ele teve que ir depor para os federais, Eleonora o acompanhou... — Me assustei, não esperava que as coisas estivessem desorganizadas dessa maneira.

Quando insistiram em falar comigo logo imaginei que se tratava de um dos famosos dramas familiares, mas jamais que envolvesse a polícia.

— E Marco não foi junto? — Geralmente quem estava a par de assuntos judiciais era ele, junto com o escritório de Eleonora e de Robert.

Indiquei a poltrona na frente da mesa para ela se sentar.

— Acharam melhor ele não entrar, por ser irmão. Eleonora que o acompanhou em tudo — me disse enquanto se sentava.

— Mas o que estão alegando? — Se Giovani estava sendo acusado de lavagem de dinheiro de alguma forma ou outra eu tinha uma ligação

direta com tudo isso.

— Júlia e Ricco Donttino fizeram uma denúncia. Denunciaram em relação aos repasses que faziam naquela época, quando aquele velho desgraçado obrigava Giovani a fazer pagamentos mensais para eles. — Me levantei e fui até a janela, dando as costas para ela. — Eles alegam que não declararam antes, pois o dinheiro que vinha da família Valentino não tinha um esclarecimento e muito menos uma procedência para que explicassem, já que eles não prestavam quaisquer tipos de serviços a nós.

— Mas eles vão se complicar assim também! Querendo ou não, eles sonegaram o imposto dos valores que recebiam.

— Sim e não. — Ela respondeu movimentando a cabeça de um lado para o outro. — Eles alegaram terem conhecimento somente agora, após a morte do velho Donttino. O que configura um crime sem autor vivo.

— Não temos com o que se preocupar. Tomei o cuidado exato para esse dinheiro nunca passar sequer nos caixas da empresa — justifiquei imediatamente.

Seria impossível acharem por onde esse dinheiro passou. Quando fazíamos a retirada da Camorra eu fazia diversos lançamentos na Le Bordon, justificando qualquer entrada e saída de valores.

— Robert disse isso a Giovani, porém eles vão investigar e têm provas de que os Valentino faziam os repasses mensalmente. Os agentes da divisão de crimes do colarinho branco levaram as caixas contábeis. Acho que levaram até os cadernos de caixa 2 e os relatórios da Camorra. — Bella sabia de muitas coisas, pois eu a ensinei sobre a contabilidade dentro da Máfia. Ela aprendeu comigo como mascarar o dinheiro das atividades ilegais. Por mais que fosse nossa obrigação esconder a procedência do

dinheiro de todas as casas, o clã da família dela era mais independente, então eram eles que faziam sozinhos sua lavagem de dinheiro.

— As caixas estão aqui comigo. Nunca deixo nada lá. Só tinha uma pasta em minha gaveta de movimentos desse mês, mas as coisas passadas estão todas guardadas atrás das garrafas de vinho na adega, Bella. — Me virei e vi em seu rosto o alívio pelo que acabava de informá-la.

— Estou com medo, Raf. Se Giovanni for preso, como todos nós vamos ficar? — Bella prensou toda a musculatura do seu rosto, segurando o choro. Ela desde muito nova sempre foi uma fortaleza de mulher e demonstrou isso ao bater de frente com Giovanni, ao fazer meu irmão rastejar pelo chão que ela pisava, mas não só era admirável por isso, mas também pela forma como se preocupava com a família.

— Sempre seremos um por todos e todos por um. Somos uma só família — disse, tentando dizer isso não só para ela, mas principalmente para mim.

Por mais que ainda estivesse vivendo um dilema maior dentro da minha casa, eu tinha que me mostrar forte para estar do lado deles, pois tenho certeza absoluta que, quando chegar a hora é neles que me agarrarei e serão eles que estarão ao meu lado.

— Raf, Giovanni pediu para eu não me meter, mas ligarei para Tony. Júlia e Ricco precisam pagar.

— Bella, faça o que meu irmão pediu, não o desobedeça. Nada de ruim vai acontecer. Não vamos envolver seu irmão ainda, precisamos resolver sem que isso saia de dentro da nossa casa. Por mais que Tony saiba de tudo, quanto menos pessoas souberem é melhor. — Por um momento,

me permiti ser forte, mostrando que tudo ficaria de pé e no lugar certo enquanto aqui, na minha casa tudo começava a desmoronar.

— Raf...

— Bella, dessa vez deixe ele resolver do jeito dele. Russel está de volta e saberá como conduzir as coisas sem que algo atinja Giovani. — A mulher a minha frente assentiu, vencida e convencida, porém tinha minhas dúvidas de que ela fosse realmente fazer o que meu irmão havia pedido.

— Não vou fazer nada. — Tentei sorrir ao ouvir sua afirmação, mas não consegui.

Por mais que estivesse preocupado com o fato de estarem investigando Giovani, não parava de pensar, que pela primeira vez eu não queria ser um Valentino, só queria estar longe daqui e de todos, mesmo sabendo que eles seriam o muro em que me apoiaria quando Alícia morresse.

— Vou embora, seu irmão vai ficar preocupado com a minha demora. Disse que estava indo embora ficar com as crianças, mas resolvi vir aqui e averiguar o porquê do seu sumiço. — Bella se levantou e veio até mim e me abraçou, como se ela soubesse de toda verdade. — Diga a Ali que deixei um enorme beijo para ela e as crianças.

— Pode deixar que direi. Ela deve estar dormindo. — Apenas assenti e me afastei, acompanhando-a até a porta.

Enquanto o enorme SUV preto deixava a entrada da minha casa fiquei olhando e pensando por segundos, que quando coisas ruins começam acontecer é como se fosse um trem descarrilhado tirando todos os vagões do trilho certo em uma sequência rápida.

Voltei para o escritório e não bebi mais e, também não pensei no problema da minha família, nada tirava da minha cabeça as palavras do médico sobre a doença do amor da minha vida. Eu precisava saber de tudo e principalmente do inimigo que agora estava instaurado dentro da minha casa. Giovani, Ricco e Júlia não eram nada perto do que estava dentro de Alí. Por isso precisava pesquisar e achar algo ou alguma esperança para eu me agarrar. Também precisava saber se existia algum médico em todo o mundo que fosse capaz de curar Alícia.

Ainda mantendo meu celular desligado, incomunicável passei horas pesquisando na internet sobre o que se tratava a síndrome de Steinert. E foi desesperador. Talvez tivesse sido melhor ter ficado só com as palavras do médico. Tudo que lia sobre, me deixava mais aflito; ainda mais por observar vários sintomas se manifestando tão rápido nela.

Alícia estava se queixando de ver as coisas embaçadas e isso era sinal de que estava ficando cega, a forma como seu tônus muscular não reagia em algumas vezes, quando segurava alguma coisa, mostrava que a síndrome estava se agravando cada vez mais. E para piorar, não só ela estava sofrendo com essa doença, mas nossos filhos também poderiam ser portadores do gene da síndrome.

Atordoado fechei com brusquidão a tela do notebook e me afastei, empurrando a cadeira para trás. Queria neste momento deixar as lágrimas saírem, desatando o nó preso na garganta, mas precisava me manter firme, em busca de que ainda teria alguma chance para tudo isso não passar de apenas um pesadelo em nossas vidas.

Alícia não poderia viver tão pouco. Não quando ainda precisava dar o mundo a ela.

E eu daria...



Após algumas horas andando ao redor do escritório, tentando achar uma solução, fui para nosso quarto. Quando cheguei na porta estava mal iluminado, apenas com a iluminação das luminárias sobre as mesas de cabeceira.

— Raf! — Alícia estava de costas para onde estava e sentindo minha presença chamou pelo meu apelido.

— Sim, meu amor. Como sabe que sou eu?

— Senti o cheiro de cigarro. Não disse que ia parar? — Com cuidado ela se virou e me fitou sonolenta.

— Eu vou parar. — Ri baixo.

Claro que estava mentindo, se antes não havia parado, agora, vivendo todo este dilema, é que eu não conseguiria tirar o vício do cigarro.

— Bella esteve aqui mais cedo? — Ela me perguntou.

— Sim, quem contou? — Fui entrando mais para dentro do quarto, me aproximando da cama.

— Armínia!

— Oh... velha fofqueira!

— Coitada, Raf. — Me repreendeu

— Estou brincando.

— Raf?! Não quero que a Bella fique sabendo...

— Eu sei, mas meu amor, ela é sua amiga, deixe essa distância de vocês para lá — tentei argumentar novamente algo que sempre falava para ela.

— Um dia, não agora... Não quero que ninguém fique sabendo como estou.

— Alí...

— Por favor, não deixem eles me verem e nem ficarem sabendo que estou doente. Vou ficar logo em uma cama e... — Ela não terminou de falar. Acho que evitando dizer em voz alta como seria sua vida daqui para frente. Mas eu acreditava que ela não ficaria entrevada e presa a uma cama. Porém me senti um miserável e meu coração se apertou ainda mais ao saber que estava ciente da forma como poderia ficar.

Assim como eu, ela deve ter pesquisado.

— Você não vai ficar em uma cama. Ainda vamos procurar um médico que lhe cure. — Essa foi a maior mentira que contei em toda minha vida. Não tinha cura nenhuma, mas quem sabe ela pudesse ser a primeira a reagir de forma positiva à síndrome.

Ainda estava no começo da doença e poderíamos esperar de tudo, não só coisas ruins, mas boas também.

— Raf, eu pesquisei e vi como vou ficar, eu vou morrer em breve... — A abracei e a silencieei, selando seus lábios. Não queria ouvir mais nada, tudo que li e o médico falou já era o suficiente para matar meu coração e vê-la assim, desacreditada, não me ajudava a ser forte para ela.

— Não chore... — A afastei um pouco e sequei as lágrimas que escorriam do canto dos seus lindos olhos, que eram tão verdes, exatamente

como a cor da esperança. — Ainda lhe darei o mundo e só assim você poderá me deixar. Viu?!

Alicia fechou os olhos e sorriu, me oferecendo seus lábios. Eu não os recusei, ao contrário, suguei as pequenas almofadas úmidas de sua boca. Quis ir lento, aproveitando cada canto, cada sabor. De agora em diante sempre seria assim, viveria cada segundo, cada momento aproveitando-os ao máximo.

Capítulo 1

Semanas depois

Rafaello

— O que anda acontecendo, Rafaello? Anda disperso. Estou falando com você e não me responde — Giovani me inquiriu com rispidez.

Sei que estava longe, vivendo meu dilema dentro da minha bolha. Ainda não tinha contado sobre a doença de Alí para ninguém e pretendia deixar como estava. Toda a família estava envolvida no problema dele e no que poderia acarretar para todos e para a Camorra. E por mais que estivesse com o foco em tudo que estava acontecendo comigo, ainda me dividia com as tabelas e os caixas, tentando procurar qualquer brecha que a polícia pudesse encontrar e usar contra ele, no entanto e felizmente, não havia encontrado nada ainda. O que deixava um pouco mais aliviado.

Confesso que tem horas que acho que não vou conseguir.

Estou a cada segundo vivendo no meu limite e nenhum ser humano normal, estando na minha pele estaria conseguindo seguir em frente, com tantos problemas como eu.

— Não é nada Giovani. Só estou cansado, não tenho praticamente dormido, procurando alguma falha que seja minha.

— Ainda bem, por que essa é sua responsabilidade deixar tudo em ordem. — O encarei, não entendendo a forma agressiva como estava me tratando. Entretanto, imagino que deve estar sendo muito difícil para ele

enfrentar todo um conselho colado no seu traseiro e junto ainda o FBI querendo sua cabeça, mesmo que isso não fosse motivo para me tratar assim eu o compreendia.

— Tudo bem Giovani — devolvi mostrando que não entraria na mesma frequência na qual ele estava.

Na verdade, eu estava sem ânimo algum para entrar em qualquer discussão.

Ignorando-o, peguei os papéis que ele havia me mostrado e que estavam sobre sua mesa. Me levantei e quando lhe dei as costas, estando prestes a sair da sua sala, meu celular tocou. A chamada acusava o número da minha casa. Não esperei estar no privativo da minha sala e sem me importar onde estava atendi.

Receber a ligação da minha casa era mais importante que qualquer um neste momento, até mesmo Giovani.

— Armínia, aconteceu algo? — Não perguntei quem era e deduzi que seria ela. Se fosse a própria Alicia, ela estaria me ligando do seu celular.

— Sim! *Ali não está se sentindo bem, se queixou de falta de ar. E agora ela está deitada no quarto e Pry está ao seu lado.* — Tudo em mim congelou no mesmo instante, senti tudo ao meu redor sair de órbita.

A doença estava avançando a passos de um maratonista.

Estava indo tudo tão rápido, que mal conseguimos visitar outros médicos e tentar outras opções de tratamento. Toda semana era um sintoma novo. Alicia já estava com início de catarata, sendo controlada por medicações e ainda apresentou disfunção hormonal pancreática. A

síndrome já estava atingindo os músculos da sua face, apresentando uma leve distonia. E pelo visto, agora atingiu o músculo diafragmático.

— Estou indo agora. Qualquer coisa chame uma ambulância. Estarei ligando para o médico — designei o que ela deveria fazer caso algo de mais grave acontecesse.

Sentindo minha respiração tentar seguir as batidas do meu coração me dei conta que Giovani ainda estava atrás de mim e apoiava sua mão em um dos meus ombros.

— O que está acontecendo, quem está doente? — Por segundos não respondi, me mantendo calado e desesperado.

Eu estava associando tudo que havia pesquisado e também o que havia conversado com o médico dela, e isso me dava tão poucas esperanças, que não conseguia expressar quaisquer reações ou responder a outra pessoa que não fosse os meus próprios pensamentos.

— Rafaello? — Ele tornou a me chamar.

Sua mão ainda repousava sobre a omoplata.

Diante de como as coisas estavam indo tão rápido eu tentava me sustentar, me equilibrar e ficar de pé de alguma forma. Sei que a qualquer momento meus joelhos não aguentariam o peso que estava sobre meus ombros. Sentia muita dor, algo que me sufocava.

Era intenso e desesperador.

Todas essas sensações ambíguas em mim se uniam em toneladas e meu corpo já estava no limite de conseguir sustentá-las. Sempre me julguei ser um homem forte, entretanto já não conseguia sustentar essa avalanche de problemas e tristeza.

Estendi o braço no ar, espalmando minha mão na parede e me apoiei para não cair.

— Alícia está morrendo! — disse rouco e minha voz saiu arrastada.

Pela primeira vez desabafei em voz alta o que eu me negava a crer.

Ela não poderia morrer!

Foi avassalador escutar os ecos da minha própria voz anunciando sua morte iminente. Meus olhos arderam e Giovani entendeu meu momento, afagando meu ombro em conforto.

— O que está acontecendo, irmão? Como assim Alícia está morrendo? — Não consegui encará-lo para responder, a resposta estava entalada na minha garganta. Não queria dizer mais que ela morreria em breve. Até porque, ainda tinha esperanças paliativas para seu caso e ela ainda poderia viver até os 50 anos. Mas tudo estava indo em uma velocidade tão absurda que não conseguia enxergar ou encontrar uma esperança para eu me agarrar a ela.

— Alícia tem a síndrome de Steinert, uma síndrome congênita, onde vai perdendo a tonicidade muscular. Aos poucos os seus movimentos e algumas funções do corpo vão perdendo por completo os movimentos — resumi. Não entrei nos detalhes. Já estava sendo bem difícil falar sobre isso e falar mais apurado seria como se a condenasse de uma vez.

— Por isso tem ficado ausente?

— Sim. Estou levando-a em médicos, fazendo exames e passando o maior tempo que posso em casa. Me desculpe por não estar presente quando você está precisando de mim, mas não posso mais Giovani. Alícia é o amor da minha vida e preciso passar maior tempo que ainda resta com ela.

— Há quanto tempo está escondendo da sua família? Nós também amamos a Alí.

— Há quase 2 meses. Ela pediu para não contar a ninguém.

— Mas Raf, somos sua família, devia ter nos contado.

— Ela me pediu e farei tudo como ela quer. Ao menos por enquanto.

— Desencostando, me virei e o encarei. — A minha esposa e mãe dos meus filhos está morrendo e ainda estou aqui. Preciso ir para casa, ela não passou bem. — Me desvencilhei de sua mão e o deixei.

Ao passar pela mesa de Andréa pedi que a mesma deixasse os papéis sobre a minha e informei que eu não voltaria mais hoje. Que se precisassem de algo era para me ligarem.

Quando cheguei em casa fui diretamente para o meu quarto e a vi sentada sobre a cama, com as costas apoiada na cabeceira.

— Raf? O que faz aqui? — Alícia parecia estar bem, mas qualquer mudança que ocorresse eu deveria estar sempre por perto, nem que fosse um simples espirro. Assim pedi, que se ela não se sentisse bem, alguém deveria me avisar imediatamente.

— Armínia me ligou! Disse que sentiu falta de ar.

— Armínia é uma fofoqueira exagerada. Eu só senti um leve cansaço, acho que os medicamentos me deixam um pouco mais lenta, mas não foi nada demais. — Ela sorriu e bateu a mão sobre o colchão. — Vem até aqui, quero te beijar, já que veio para casa mais cedo.

Assim como pediu, fui até ela e me sentei no pequeno espaço que sobrava entre seu corpo e a beirada da cama.

— Não se preocupe, eu estava correndo e brincando com os meninos, também deve ser por isso que fiquei um pouco cansada.

— Alícia, sabe que não pode ficar se esforçando.

— Eu sei, mas tem momento que esqueço que não estou doente. — Eu também queria ter esses momentos, mas que eles fossem reais e nada disso estivesse acontecendo.

— Acho melhor relatar ao Doutor Richardson.

— Não vejo necessidade. Já estou muito bem.

— Fico feliz, não quero que se machuque — sorri, me aproximando mais, jogando meu corpo para frente, ficando próximo do seu.

Alícia era como uma boneca dessas que as meninas gostam. Era delicada, vaidosa e com os traços mais perfeitos que havia visto na vida.

— Te amo.

— Eu também te amo muito, minha coelhinha. — De vez em quando eu a chamava assim. Era uma espécie de uma brincadeira só nossa.

Aproximei mais e beijei sua testa e ao me afastar. Ainda admirando sua beleza, deslizei a mão por algumas mechas do seu cabelo e me assustei quando saiu uma grande quantidade de fios entre meus dedos, algo significativamente, que me deixou sem saber como reagir a mais esse problema.

— O que foi? Por que ficou calado? — Ela me perguntou e me encarou.

— Não foi nada, só estou olhando para você e admirando-a como é linda.

— Ah... algumas vezes ainda fico sem graça quando faz elogios, meu amor.

— Não fique — olhei para minha mão com uma boa quantidade de fios dourados presos entre meus dedos e preocupado com ela acabar vendo me afastei e escondi no bolso.

— Aonde vai? Vai voltar para trabalhar?

— Não. Vou ficar em casa, só vou fazer uma ligação lá do escritório e passarei o restante do dia com você e os meninos.

— Queria ficar um pouco perto da piscina. Estou com saudades do mar.

— Em breve vamos a Los Angeles. Só você ficar um pouco melhor e o médico liberá-la.

— Vou amar.

Assenti, mesmo sabendo que sua visão a longa distância não estava tão boa e ela não veria quaisquer gestos que eu fizesse.

Fui para o escritório, precisava entrar em contato com o médico dela. As coisas estavam indo em uma velocidade absurda, queria ver se era normal ser assim no início.

— *Oi senhor Valentino! Como está minha paciente preferida?* — Ele não demorou muito para atender a ligação.

— Boa tarde, doutor. Não sei. Mas acredito que nada bem.

— *Como assim?*

— A governanta me ligou ainda há pouco e me avisou que Alicia se queixou de falta de ar, porém quando cheguei ela já se sentia melhor e

minutos atrás, quando toquei seu cabelo, uma grande quantidade de cabelo saiu na minha mão. Pelo que me disse e pelo que pesquisei está indo muito rápido. Só preciso saber se é normal ser assim no início, se os medicamentos estão fazendo efeito. Se tem algum lugar no mundo que tenha um tratamento mais eficiente que o daqui.

— *Me perdoa, mas somos referência no país, senhor Valentino. Entendo que deve estar desesperado, mas pelo que está me dizendo não são bons presságios. A síndrome está avançando em um ritmo muito acelerado. Era para os medicamentos já estar segurando um pouco dos sintomas e das complicações. O diafragma está ficando comprometido também. E a alopecia não é nada bom. Temos que torcer para não atingir a musculatura cardíaca.* — Me joguei na poltrona, puxando meu cabelo em desespero.

— Mas por que está indo com tanta agressividade?

— *O sistema nervoso ainda age como ele bem quer, o que temos são medicamentos que ajudam a aliviar e tentar segurar a intensidade.*

— Quanto tempo ela tem de vida? — Pela primeira vez fiz essa pergunta. Nunca quis saber com medo de que pudesse ser antes do que imaginava.

— *Não posso lhe responder com exatidão. Alicia pode morrer a qualquer momento como viver por muitos anos. Não sabemos como a doença vai evoluir. Como lhe disse anteriormente, é uma síndrome nova, poucos anos de estudo, não temos uma exatidão e precisão de como vai ser a evolução dela. Mas o que posso afirmar é que o caso dela está acima dos outros que acompanhamos.*

— Entendo. Mas o que mais posso fazer?

— *O senhor já está fazendo e nós também, mas vamos fazer o seguinte: marcarei novos exames para saber em que fase estamos.*

— Que dia?

— *Depois de amanhã. Alícia precisará ser preparada, pois vamos fazer outra ressonância.*

— Sim.

— *O senhor já procurou uma terapeuta para ela?*

— Ainda não, ela se recusou.

— *Mas acho que deveria, quando ela se der conta que está ficando calva, pode apresentar um quadro depressivo.*

— Farei isso.

— *Marcarei a ressonância para depois de amanhã, nos primeiros horários da manhã.*

— Estaremos lá.

— *Qualquer outra novidade me liga. Estamos aqui para ela e pelo senhor.*

— Obrigado.

Após desligar da ligação fechei meus dedos ao redor do aparelho e apertei forte. Minha vontade era jogá-lo na parede, descontar toda frustração e o sentimento de incapacidade, mas fui barrado pelo som de risadas que vinham do jardim. O único bálsamo que me acalmava.

Meus filhos!

Eles estavam brincando do lado de fora e avistei-os assim que me aproximei da vidraça e os vi junto com a babá. Os três davam deliciosas

gargalhadas, como se nada nesse mundo estivesse nos atingidos e que muito menos nossa casa estivesse desabando sobre nossas cabeças.

Por um tempo permanecia ali, parado por trás da janela, com o olhar concentrado na direção deles. Eu os observava e via tanta pureza em relação ao momento tão delicado em que estávamos vivendo.

À tarde, me permiti vestir algo confortável, levando Alícia e os meninos para a sala de TV. Veríamos um filme todos juntos. Mesmo ela dormindo a maior parte do filme, eu não me importava, só queria tê-la por perto me certificando que ainda estava viva.

E ainda querendo esses poucos momentos jantamos todos juntos e já era tarde quando Giovani me ligou. Como todos estavam dormindo, o atendi. Aproveitaria a desculpa da ligação para fumar e beber um pouco a sós.

— Aconteceu algo, Giovani?

— *Não, só liguei, pois, não consigo parar de pensar no que me contou hoje. Sobre Alícia.*

— E? — Por mais que o amasse e fôssemos sempre unidos, me sentia cético quando me pediam para contar sobre a doença.

— *Queria saber mais, como ela está e porque está doente.*

— Não sei se estou em condições de falar sobre isso.

— *Raf, é importante deixar sua família entrar e ajudar. Não é errado e muito menos vamos nos penalizar com o estado da Ali. Só queremos estar aqui para o que precisar. Essa síndrome precisa de transplante? Sabe que serei o primeiro a doar se puder.* — Era

reconfortante escutar que mesmo com tantos problemas Giovani estava querendo me ajudar.

— Não, Gio. A síndrome não precisa de transplante. Ela é degenerativa e crônica, com a ausência de proteínas no cromossomo 19. Alguém da família dela, provavelmente o pai, tem uma disfunção genética e Ali herdou dele.

— *Não entendo, mas isso não seria ruim, os meninos poderiam ter também?*

— Sim e não. Assim que descobrimos e Ali começou a ficar com a visão debilitada fizemos um mapeamento genético neles e por Deus, nenhum dos dois apresentou disfunção genética.

Três semanas depois que descobrimos, os médicos pediram para realizar os testes em James e Ralf, pois eles se preocuparam que um, ou mesmo os dois pudessem ser portadores da síndrome. Mas não, nenhum apresentou qualquer traço sindromático.

— *Ainda bem, mas me fala uma coisa, Raf! Alicia está cega? Ou entendi errado?*

— Mais ou menos. A síndrome causa distrofia miotônica muscular. Os músculos perdem o tônus e não são seletivos, atinge qualquer fibra muscular. Ela está com uma espécie de catarata. Está enxergando as pessoas como se fosse um vidro embaçado, mas apresentou uma pequena melhora com a medicação. Às vezes ela segura algum objeto e não consegue soltar, ou mesmo andar, fica parada como uma estátua. O pâncreas também está atrofiando, sendo necessário usar medicamentos fortes.

— *Meu Deus. Por que não me contou quando descobriu? Está aí passando por tudo isso sozinho.*

— Você está cheio de problemas, não quero levar mais os meus.

— *Nunca se esqueça: Que a família protege a família. Nada do que estamos passando é perto do que você está, então não nos afaste e nos deixe estar perto.*

— Obrigado. — As palavras dele me ajudaram e foi com um novo sopro de ar, injetado, me dando mais ânimo de continuar.

— *E hoje o que ela teve? Ela está bem?*

— Foi uma falta de ar, mas quando cheguei estava tudo bem. Porém quando fui acariciar seu cabelo eles se soltaram em grande quantidade na minha mão.

— *E você não a levou ao médico? Você já foi em mais de um para saber o que está acontecendo?*

— Sim. A levei em alguns, não foram muitos, mas o melhor está acompanhando-a. A síndrome não é muito comum e por isso há poucos estudos, o que nos limita a ter mais recursos. E não foi necessário levá-la, eu falei com ele por telefone.

— *E o que ele disse?*

— Que as complicações estão avançando muito rápido. Além de tudo que ela estava tendo, o diafragma está ficando comprometido e ela vai ficar calva. Ele marcou uma nova ressonância para depois de amanhã.

— *Meu irmão não queria que estivesse passando por nada disso.*

— Eu tenho que me preparar para o pior, Giovani. Ali pode viver até os 50 anos, mas como também pode morrer a qualquer hora se comprometer o músculo cardíaco.

— *Estou completamente sem saber o que falar para você.*

— Não tem nada para ser falado.

— *Tire o tempo que precisar, eu darei um jeito em tudo.*

— Ainda consigo conciliar as coisas, mas amanhã irei na parte da manhã e aos poucos me afastarei até toda essa tempestade passar.

— *Estaremos sempre juntos.*

— Obrigado. Te amo meu irmão.

— *Eu também.*

— Gio!

— *Sim?*

— Não conte ainda para ninguém. Nem para a Bella. Alícia não quer que ninguém a veja com olhares de piedades.

— *Ela não a veria assim. Sabe que foi Alícia que se afastou, Bella a ama muito.*

— Sim eu sei, mas não sei como vai ser e por quanto tempo Ali vai estar viva, então preciso fazer tudo que ela quer.

— *Está certo. Não falarei nada, quando quiser falar será você o porta voz.*

— Até amanhã!

Giovani desligou o telefone e me senti um pouco melhor em contar e dividir o que estava acontecendo.

Ainda pensativo, antes de subir e tentar descansar, me desligar um pouco de toda essa loucura, terminei de fumar e beber uma generosa dose de malte.

Capítulo 2

Rafaello

— Bom dia, Andréa? — Não fui diretamente para minha sala, parei em frente à mesa da secretária e antes que ela me respondesse ouvi os gritos de Giovanni.

Ultimamente ele estava se comportando mais agressivo e qualquer fato mudava seu humor drasticamente de calmo para irritado.

Sei que estava passando por um momento bem crítico na família e na organização e por isso tentava entendê-lo e não revidar, mesmo eu também estando em um momento delicado em minha vida.

— Por que ele está gritando a essas horas? — olhei no relógio em meu pulso e vi que ainda não passava das 9h da manhã. Ontem, quando nos falamos por telefone ele aparentava estar calmo.

— Parece que Marco se envolveu em um escândalo com a Srta. Canttaneo. — Andréa me estendeu o braço e entregou um dispositivo aberto em um site que tinha o nome Valentino bem grande no título da matéria.

Abri a mídia que havia abaixo do texto da matéria e a fechei no mesmo instante que identifiquei o conteúdo. Marco só poderia estar chapado ou drogado para deixar algo íntimo assim circular por aí. O que é muito estranho, pois ele sempre foi discreto com suas brincadeiras sexuais.

— Pelo visto as coisas estão exaltadas mesmo...

Devolvi o dispositivo para a secretária e apontei com o dedo na direção da sala de Giovani, avisando-a que entraria lá.

Ao entrar me deparei com ele ao telefone e sem que mencionasse o nome já deduzi com que falava. Estava conversando com Robert, pedindo para dar uma solução neste problema. E, enquanto ele falava alto e gesticulava Andréa entrou trazendo café, avisando também que Romano Canttaneo estava esperando na outra linha e assim que deixou as xícaras sobre a mesa saiu e voltou para sua sala.

Na tentativa de ajudar antes que meu irmão desligasse, atendi a outra ligação. Provavelmente Romano estaria muito mais irritado que Giovani.

— Romano, é Rafaello, Giovani está em outra ligação, resolvendo o problema. — Adiantei o assunto, mostrando que também estava a par do que havia acontecido.

— *Olá! Só queria avisar ao Don que estarei chegando dentro de algumas horas, precisamos achar uma solução.* — Não informei as

providências que Giovani estava tomando, apenas o necessário para tentar acalmar a situação.

— Sim, e eu irei buscá-lo pessoalmente.

Tentaria fazer algo que pudesse ao menos aplacar os ânimos de todos. Era o que eu fazia. Ajudava a todos ao meu redor enquanto meu mundo estava virado de ponta cabeça.

— Quem era? — Giovani perguntou assim que desligou a ligação.

— Romano. Disse que estará chegando dentro de algumas horas.

— Que porra. Como Marco pode ter vacilado desta forma?

— Não faço a menor ideia. Já ligou para ele?

— Sim, mas ele não atendeu. — Giovani pegou a xícara e bebeu seu café.

Estava completamente ao seu nível máximo de humor e demonstrava isso não só da forma como se expressava, mas nas suas atitudes.

— Eu irei me encontrar com Romano no aeroporto. — Me adiantei e tentei amenizar a situação. — Precisamos saber com o que iremos lidar.

— Obrigado, Raf. Não sei o que seria de mim se não o tivesse como meu braço direito.

— Somos uma família — respondi sentindo ainda mais o peso de sempre estar aqui para ele e menos o possível com aquela que precisava de mim.

— Quando tudo parece que vai ter uma trégua vem uma tempestade maior.

— Eu sei bem como é isso.

— E Alícia como está hoje? — Giovani mudou de assunto, mostrando-se preocupado com o que estava acontecendo com minha esposa.

— Acredito que melhor, pelo menos me tranquilizou quando a deixei em casa. Inclusive amanhã não virei na parte da manhã, a levarei para fazer outra ressonância.

— Não posso nem exigir nada de você, meu irmão. Está com mais problemas que nós e lamento muito por não poder estar dando a força que precisa neste momento. Sei que é pedir demais, mas se algo acontecer comigo, não abandone Bella.

— Claro que não. Mas não vai acontecer nada. Estou cuidando para entregar um relatório que ninguém ache nada de errado. As provas que eles têm são insuficientes e inúteis.

— Obrigado! — sorri e após conversarmos mais sobre o problema de Marco o deixei em sua sala.

Horas depois, quando deu o horário da chegada de Romano fui encontrá-lo e passamos boa parte resolvendo este problema que a meu ver Bella e Luca conduziram melhor que eu poderia ajudar. E ver todos empenhados para achar uma solução me fez ver que a família estava bem preparada para o que viesse, o que me dava a brecha perfeita, exatamente pela qual estava procurando, justificando assim meu afastamento, levando Alícia e os meninos para outro lugar até todo este tornado passar.

Procuraria um lugar perto, que me trouxesse em pouco tempo até aqui, caso algo acontecesse e fosse muito urgente. Mas antes terminaria de refazer os relatórios. E assim que tudo estivesse organizado comunicaria

todos e me afastaria para passar mais tempo que pudesse com minha esposa e filhos, mas antes, deixaria as coisas de Giovani no seu devido lugar.

Porém não foi assim que as coisas tomaram seu rumo.

No dia seguinte, enquanto Alícia terminava a ressonância, o médico pediu para falar a sós comigo. Eu entrei em seu consultório esperando o pior. Algo dentro de mim me avisava que as notícias não seriam nada boas.

— Senhor Valentino, é necessário que esteja preparado para o que vou falar. As notícias não são muito boas — assenti, me mantendo atento às suas palavras.

Não sei porque, mas eu tinha essa certeza, ainda mais depois de ver seu semblante sério e analítico sobre as imagens impressas da ressonância.

— A síndrome avançou muito rápido. Nunca vimos algo assim. A ressonância que fizemos em sua esposa hoje foi mais para confirmar as áreas afetadas, porque na pesquisa de expansão dos genes DMPK os números são bem altos. A replicação do gene é a maior que já vimos e a forma como está se agravando é rara.

— O que o senhor está querendo dizer? — Não era inerte e leigo. E mesmo se referindo em termos médicos eu mais ou menos fazia ideia do que se tratava. O que me deixava ainda mais apreensivo.

— Preciso que mantenha a calma e me deixe terminar de explicar tudo. — Sua atitude taciturna era explícita, significando uma única coisa: A síndrome estava se manifestando mais rápido, diminuindo mais ainda o tempo de vida de Alícia. — Sr. Valentino, a síndrome está atingindo a musculatura lisa dos pulmões. O diafragma está entrando em distrofia total. Em breve sua esposa não conseguirá respirar sozinha. — Agora sim meu mundo foi retirado sob meus pés.

O eco “*em breve*” ecoava dentro de mim na forma de gritos desesperadores. Era como se uma bomba relógio tivesse sido ligada e, a cada minuto que se passava ela emitia um sinal sonoro, me avisando que as horas que restavam para explodir eram poucas.

— Não podemos repetir os exames? Talvez tenha algo oculto que possa salvá-la — disse ainda esperançoso de que suas palavras não passassem de suposições.

— Admiro seu otimismo, mas os exames já foram repetidos e a ressonância de hoje, em comparação com a última, nos mostra o quanto houve uma regressão do quadro de sua esposa. Ela sentiu um desconforto pulmonar por correr, mas daqui a pouco será apenas por subir uma escada.

— O senhor está me dizendo que Alicia está morrendo? — fechei minha mão, apertando os nós dos dedos até ficarem esbranquiçados. Minha vontade neste momento era de pegar o médico pelo colarinho da sua camisa e chacoalhá-lo até ele dizer o contrário; de que minha Ali ficaria bem.

— Não posso afirmar nada. Dependendo de como vão ser os cuidados, ela poderá viver mais alguns anos, mas tudo vai depender de como a medicação vai agir futuramente. Infelizmente eu não posso lhe dar garantias nenhuma. — Após esgotar mais um pouco da minha esperança, o homem à minha frente negou e balançou a cabeça, me dando a pior resposta em silêncio.

— E se aumentarem a dosagem da medicação? — tentei achar uma solução.

O desespero para que tudo se resolvesse e não precisássemos passar por isso era imenso e, tudo que vinha a mente eu jogava como uma nova alternativa esperançosa.

— Já fizemos a última consulta. Achamos que poderia ajudar, mas vimos que não. Alícia tem mais genes DMPK que um portador normal.

— Mas por que só agora? Se ela possui mais que os outros. E por que ela veio se manifestar só na fase adulta?

— Diversos fatores podem desencadear uma síndrome, ainda mais, uma congênita que demorou para aparecer. Se eu lhe der um motivo estaria falando uma das várias. Pelo relato de sua esposa, na gravidez ela sentia muita fraqueza nas pernas, além dos dedos das mãos começarem a enrijecer. Então pode ser que a síndrome já se manifestasse a passos lentos há algum tempo. É como se fosse um interruptor que a vida toda ficou desligado e em um dado momento você vai lá e liga ele. É assim na grande maioria. E é uma grande sorte seus filhos não portarem a síndrome também.

— Isso deveria me servir de consolo, doutor? — perguntei irritado.
— Vou perder a mãe deles, mas devo ficar feliz porque eles não têm?

— O senhor me compreendeu de forma equivocada.

— Então me explique — indaguei, sentindo raiva, tristeza e desespero se tornarem um só sentimento, potente e exterminador.

— Me referi a nenhum dos seus filhos terem. Não seria bom saber que em breve um deles sofrerá como a mãe, seria reviver o mesmo pesadelo mais de uma vez. — Sim... ele tinha razão, mesmo que estivesse definhando-me com ela não sei se suportaria ver um dos meus meninos morrerem também. Não teria psicológico para suportar mais uma perda.

— O que é preciso fazer agora? — Por mais doloroso que tenha sido ter que aceitar eu só precisava de um único fio para ainda me manter preso à corda da esperança.

— Procure sempre deixá-la em um ambiente tranquilo, sem muita agitação e prepare um local onde poderá ter equipamentos necessários para ajudá-la. — Me levantei e desesperado e esfreguei meu rosto com as mãos, ficando de costas para o médico.

Ainda não fazia ideia alguma como estava conseguindo me manter firme. Uma coisa era saber que ela morreria antes de mim, mas a qualquer momento, em um espaço de tempo curto e indefinido, não estava nos meus pensamentos e muito preparados para eles.

— Sei o quanto deve estar sendo difícil e estarei aqui para o que precisar e infelizmente... — Ele não terminou a frase, pois Alícia entrou em seu consultório no exato momento em que ele estava falando.

— Não estou bem, doutor? — Acredito que tenha escutado o que ele estava me dizendo. Ela o questionou. E antes que lhe respondesse olhei para ele e tentei sinalizar para não dizer nada. Se fosse necessário a pouparia de sofrer antecipadamente, a privando de mais sofrimento e dor.

Alícia deveria saber o menos possível.

— Já falei com seu esposo. — O médico sorriu e ela devolveu o mesmo gesto.

E mesmo diante deste momento, ela ainda sorria como um anjo.

Que caralho de vida...

Como eu amo seu sorriso e como queria que tudo não passasse de uma brincadeira ou mesmo de um pesadelo.

— E o que ele disse meu bem? — Alícia se virou na minha direção e perguntou.

— Que estamos ainda na mesma prospecção — tentei parecer natural enquanto a mentira gritava ardentemente no meu coração.

Sem voltar no assunto e despistando-a, o médico receitou mais alguns medicamentos e pediu que ela se repousasse mais, que evitasse fazer esforços.

— O que achou dele hoje, Raf? — Ela me perguntou assim que deixamos o consultório.

— E você sentiu algo? — Era nítido que estava desviando o assunto para uma pergunta ou uma resposta aleatória, não queria ter que falar e que muito menos ela soubesse do estado crítico no qual se encontrava.

— Raf?! — Alícia parou e colocou as mãos na cintura e vê-la agir como sempre fazia, ao me questionar, me fez por milésimos de segundos esquecer que ela estava doente.

A puxei, envolvendo sua cintura nos aproximando.

— O que foi? — rocei minha boca na sua, requerendo-a em um beijo faminto e desesperado.

— Você está me escondendo algo? — Alícia respondeu após deslizar seus lábios molhados afastando-os dos meus.

— Você acha?

— Claro, estamos juntos há alguns anos para eu ter certeza que está desviando o assunto para não me dizer o que de fato está acontecendo.

— Não está acontecendo nada, sua bobinha. — Enquanto minha mão ainda circundava sua cintura sorri olhando diretamente em seus lindos olhos verdes, tentando despistá-la da verdade.

— Rafaello Valentino!

— Xiii! Vamos embora e ficaremos o dia todo juntos.

— Giovani não precisa de você hoje? Ou ele já está mais calmo?

— Nenhum e nem o outro. Se o conheço ele ainda deve estar ruminando toda a história do Marco e eu já havia avisado que hoje eu seria todo seu.

— Como estou gostando de ser mimada assim. — Delicadamente Alícia se espremeu inteira dentro do meu braço e remexeu-se dengosamente.

— Vou mimá-la mais. — Me afastei e segurei em sua mão. — Vamos!

Alícia não perguntou ou ficou questionando o que o médico havia me falado, mas desconfio que ela já estava ciente de que estava escondendo toda a verdade dela. E por mais que estivesse agindo pelas suas costas eu só queria que tivesse um pouco mais de tranquilidade. Só estava pensando no seu bem-estar.

Após almoçarmos fiquei um pouco com ela em nossa cama assistindo um filme e quando percebi que havia adormecido descii para o escritório. Por mais que quisesse me desligar de todos Valentino nesse momento ainda não dava. Aliás, não sei se conseguiria, mas eu vendo a quantidade de ligações não atendidas deles só me fez enxergar, que para eu ter e curtir os últimos momentos da vida dela teríamos que sair de Nova Iorque.

Capítulo 3

Rafaello

Não disse e não contei nada a ninguém, mas desde aquela tarde tenho tentado deixar tudo organizado para poder me afastar. Desta vez era necessário pensar nela e nos meninos, precisávamos aproveitar o tempo que nos restava. Giovani teria que entender, que eu não estaria por perto e que ele precisaria resolver as coisas sem mim.

— O que o senhor achou da casa? — Estava parado sobre o deque de madeira, nos fundos da casa, observando as ondas irem e voltarem.

Desde o momento em que decidi deixar Nova Iorque e afastar um pouco dos problemas familiares passei as madrugadas procurando por uma casa em que pudéssemos morar por um tempo, levar uma vida mais simples, sem problemas, confusões e dilemas familiares. Queria um templo

de paz e sossego e acabei encontrando algo em Rockport, Massachusetts, a 40 minutos de Boston. O que era ideal. Estaríamos próximos a uma cidade grande que nos ofereceria recursos caso precisássemos. Sem mencionar que a casa onde estava visitando para comprar tinha o quintal praticamente dentro do mar.

— Gostei bastante, acredito que uma simples reforma a deixe perfeita. — Com as mãos no bolso da calça de alfaiataria me virei e sorri para o casal que me olhavam intrigados. A mulher vestia um vestido de flores grandes, uma profusão de cores que não se combinavam e o homem estava de calça jeans e uma camisa combinando com o vestido peculiar da sua parceira.

— Me perdoe, senhor Valentino, mas a casa foi reformada para a venda.

— São adaptações que precisaria fazer, mas tudo será por minha conta.

— Então isso quer dizer que estamos fechando o negócio? E que estará de acordo com a comissão que pedimos? — A mulher espreitou seu olhar e sorriu maliciosamente.

Como odeio esses corretores que gostam de morder cada fatia de um bom negócio.

A casa era perfeita, localizada em um condomínio. E pelo que disseram era verdade, havia sido recentemente reformada e pintada. O cheiro da tinta ainda era um pouco forte, porém ela teria que ser adaptada em algumas coisas. O médico de Alicia, em uma ligação que fiz a ele, questionando se Boston tinha bons médicos, me disse que eu deveria estar preparado caso os pulmões sofressem com a distrofia. Que seria ideal ter

aparelhos e equipamentos que oferecessem o suporte necessário para ela. E por esta casa ser espaçosa daria certo, era só fazer algumas alterações e adaptações.

— O senhor está querendo só para férias, ou pretende morar? — O homem bateu com o cotovelo na corretora, em uma tentativa frustrada de mandá-la se calar.

— Pretendo morar — acabei respondendo, mais para evitar a curiosidade da mulher. — Será eu, minha esposa e meus dois filhos.

— Aqui é ótimo para crianças.

— Espero que sim...

— Então estamos fechando o negócio? — Ela mal me deixou terminar a frase e tornou a perguntar se eu iria ficar com a casa, mesmo tudo indicando sim.

— Estou ainda analisando — girei com o corpo, novamente dando as costas para os dois, ficando de frente para o mar. — Aqui consigo pessoas para trabalhar com facilidade?

— O senhor se refere a que tipo de trabalhadores? Da construção civil?

— Não, me refiro a uma mulher que possa cozinhar e ajudar minha esposa cuidar da casa e dos meninos.

— Uma babá?

— A princípio uma que faça de tudo um pouco.

— Sim, aqui tem sim... — Eles se entreolharam e disfarçando ela sorriu novamente.

— Dentro de dois dias retornarei para encerrarmos as negociações, trarei uma equipe também para adaptar algumas coisas na casa para mim.
— Os comuniquei antes de me virar, me mantendo de costas para eles.

— O senhor não vai se arrepender e também se quiser podemos fechar o contrato hoje ainda. — Me virei e foi nítido o quanto ela estava mais eufórica do que o homem.

— Não será necessário, envie o contrato para meu advogado, ele analisará e assim que retornar farei o pagamento pessoalmente. E se possível gostaria de um favor.

— Claro! Estaremos aqui para o que precisar.

— Se conhecerem alguém que se interesse pelo serviço em minha casa peça para vir aqui também, para conversar comigo.

— Ah... sim! Com certeza acharemos alguém para o senhor — assenti e passei por eles voltando para o interior da casa, olhando novamente cada cômodo, pensando em como será a reação de Ali quando eu lhe informar que mudaríamos para a praia. E mentalizar a surpresa me fez sorrir. Seria um sonho perfeito viver com ela aqui se não fosse por essa maldita síndrome que a levaria de mim.

— Eu ligarei para vocês e informarei o horário que estarei aqui — parei próximo a porta de entrada e estendi a mão aos dois.

— Estaremos aguardando, senhor Valentino — fiquei de costas pronto para sair, mas parei e olhei por cima do ombro. Ainda tinha algo que eu precisava saber.

— O local não tem muita confusão, muitos jovens pela praia? — Além de paz e calma, tinha que sermos discretos. Não queria muitos falando da minha família por aqui, ainda mais nos associando com a Máfia.

— Não, a praia deste lado é mais privativa. Os jovens da vila preferem ficar no porto. — Bem melhor, assim teria o tão almejado sossego que precisava.

— Muito bom!

— O senhor deseja algo mais? — Me coloquei a caminhar na direção onde o SUV preto estava estacionado, mas parei quando a corretora fez a pergunta.

— Não, até o momento é só isso. Obrigado. Vejo-os daqui dois dias.

— Até mais, senhor Valentino. — Me distanciei deles após me despedir e entrei no carro.

A casa de dois andares branca ficou para trás. À medida que o carro deixava o condomínio fui observando os arredores, a tranquilidade que tanto buscava estava ali e por mais que estivesse apreensivo em deixar Nova Iorque neste momento, eu sentia paz ao refletir sobre a decisão que havia tomado. Alícia era mais importante que qualquer pessoa e eu necessitava aproveitar cada segundo da vida dela.

Após pouco mais de 2h de viagem estava em Nova Iorque; já era fim de tarde e ao invés de voltar para o escritório fui direto para casa, estava ansioso para contar a novidade a Alícia, mas quando cheguei algo estranho estava acontecendo. Havia um carro estranho estacionado na entrada.

Quando James nasceu, fomos morar em um apartamento e logo quando Alícia engravidou novamente acabamos optando por comprar uma casa espaçosa, um pouco mais distante de Manhattan, que não influenciava em nada para mim. Só queríamos um lugar amplo para nossos filhos

poderem correr e brincar livremente e esta casa era perfeita, igual à que estava adquirindo em Rockport, MA.

O SUV mal estacionou e saí dele o mais rápido que pude. Precisava saber o que estava acontecendo. Quando entrei no interior da casa, Armínia, correu na minha direção, seus olhos estavam espantados e pelo visto ela deveria ter chorado, o que me deixou desesperado, pensando logo em Alicia.

— O que aconteceu? Cadê Alicia? — parei de frente com ela e segurei seus braços.

— Ela está lá em cima com o médico, tivemos que chamá-lo depois que... — Não esperei que terminasse a explicação e subi as escadas de dois em dois degraus.

O frio que senti percorrer por toda minha coluna me fez pensar em tantas coisas ao mesmo tempo, que me dificultava adivinhar o que estava acontecendo com o amor da minha vida.

— Dr. Richardson?! — Quase batemos de frente quando ele deixou o meu quarto e fechava a porta.

— Sr. Valentino!

— O que aconteceu? — perguntei desesperado, imaginando mil e uma possibilidades.

— A Sra. Valentino teve uma crise de choro e como o senhor estava fora da cidade a sua empregada me chamou — concordei, sem conseguir ainda falar. — Sua esposa está perdendo mais cabelos e pelo visto a assustou. — Mesmo sendo algo a se preocupar não aconteceu o pior.

— E como ela está?

— Dei um calmante para ela relaxar e descansar.

— Acabei de chegar. Fui para Rockport ver a casa, pretendo levá-la daqui dois dias para ver. Ela pode? — Preocupado com que pudesse acontecer com Alícia perguntei se ela teria condições de ir. Não queria fazer nada que compromettesse ainda mais seu estado crítico de saúde.

— Sim. Não tem problema ela fazer uma viagem curta, até porque estamos avaliando o progresso. Mas não sei se ela vai querer. Já está apresentando uma alopecia intensa, isso vai mexer muito com a autoestima dela.

— Já conversei com uma psicóloga que fará todo o acompanhamento dela. Estou vendo os médicos mais próximos de lá.

— Depois que nos falamos sobre essa possibilidade do senhor levá-la para um lugar mais tranquilo, liguei para uns amigos em Boston e eles vão acompanhá-la. Também irei estar presente em uma consulta mensal.

— Obrigado. Também verei uma profissional que a ajude melhor. Vou fazer as adaptações na casa, caso seja necessário.

— Sim, isso é ótimo. Temos que estar preparados para tudo, mesmo com um prognóstico pouco favorável, acreditamos que ela vai começar a responder com o tratamento.

— Assim espero — respirei fundo e ao invés de entrar no quarto e vê-la primeiro, acompanhei o médico até a porta. Quando retornei vi Armínia ao canto, próximo a escada. Seu olhar pousou em mim, demonstrando o quanto estava assustada.

— Senhor, me desculpe, mas me disse que se Ali precisasse...

— Sim, fez certo.

— A pobrezinha chorou muito quando viu sua mão cheia de cabelo.

— Imagino. Me faça um favor, consiga uma cabeleireira que possa vir até aqui.

— Sim, senhor. — Armínia me deixou e voltou para a cozinha na intenção de conseguir alguma cabeleireira que pudesse atender Alícia em casa e, enquanto isso, voltei para o segundo andar e fui ao meu quarto. Alícia estava deitada de lado e dormia tranquilamente. Como estava de costas para a entrada pude ver o alto da sua cabeça, mostrando a falha que já se formava pela falta de cabelo.

Não era justo estar acontecendo com ela. Uma mulher jovem, cheia de vida com tanto ainda para ser vivido.

— Raf? — Alícia sussurrou meu nome.

Achei que ela estava dormindo.

— Sim meu amor?! — respondi com o tom de voz baixo e me aproximei da cama no momento em que ela se virava e me encarava.

— Raf... — Alícia começou a chorar.

— Por que está chorando? — Me aproximei mais e ajoelhei sobre o colchão.

— Eu não quero mais sair de casa.

— Ali, não fica assim. — Ela se moveu e aproximou-se de mim e se jogou em meus braços.

— Eu estou perdendo meu cabelo. — A consolei enquanto chorava nos meus braços.

Tentando acalmá-la, beijava o topo da sua cabeça enquanto minhas mãos acariciavam sua pele sedosa e delicada.

— Não chora, meu amor. — Não tinha muito o que ser dito.

— Como vou sair por aí sem cabelo? As pessoas vão rir de mim. — A afastei um pouco para olhar em seus olhos, os quais já estavam perdendo o brilho. Algo que essa maldita síndrome também estava tirando dela. Em breve, Ali não conseguiria enxergar muito, mas em relação a isso os médicos nos informaram sobre a cirurgia que fazem para a colocação de uma lente que a ajudaria.

— Ninguém vai rir de você. Não tem porque rirem.

— O que sua família vai falar?

— Nada meu bem. Eles estarão sempre do nosso lado.

— Ah... Raf, eu quero ir embora daqui, para um lugar distante, que ninguém nos conheça — busquei mais ar para respirar.

Ultimamente, cada momento, cada reação que passávamos me deixava mais cansado e o desejo de Alícia querer ir embora de Nova Iorque foi mais um incentivo para tomar a decisão de me mudar com eles para Rockport.

— Já estava planejando isso...

— Sério? — Em uma tentativa de sorrir e mostrar-se forte, Ali remexeu os lábios, mostrando sua satisfação.

— Sim, você não disse que estava com saudades de estar perto do mar?

— Sim, mas não quero voltar para Los Angeles, não quero que ninguém me veja doente.

— E quem disse que vamos voltar para lá?

— Não?

— Não! Acabei de voltar de Rockport em Massachusetts, fui visitar nossa nova casa, queria fazer uma surpresa para você.

— Raf...

— Não chora, fica calma e descansa. Em poucas semanas moraremos perto do mar, da janela do seu quarto vai poder sentir a brisa marítima, os meninos brincaram na areia e eu estarei sempre por perto — tornei a beijar o alto da sua cabeça, aconchegando-a sobre meu queixo.

Em poucas semanas serão só nós quatro.

Capítulo 4

Rafaello

Sem dar muitas explicações para qualquer um dos meus irmãos, inclusive para Giovani, me afastei nesses dois últimos dias.

Comecei a me ocupar com minha mudança. Os relatórios que ele necessitava estavam quase prontos e assim que terminasse poderia descansar minha mente e me afastar de uma vez. Não precisariam mais de mim, a não ser meu apoio familiar, que infelizmente neste momento eu não poderei suprir, eu precisava mesmo estar bem e manter meu psicológico forte, para dar total apoio a minha esposa.

— Senhor Valentino! — A corretora ambiciosa e indiscreta me estendeu a mão assim que paramos a sua frente.

Como havia planejado levei Alícia para ver a casa e com todo cuidado a amparei dando meu braço a ela.

— Acredito que essa seja a senhora Valentino?

— Sim!

— Prazer... — Alícia estendeu a mão na direção dela, cumprimentando-a.

— O prazer é meu, senhora. — A indiscrição não só era no modo como se comportava, mas também na forma como olhava Alícia dos pés à cabeça. Parando no lenço e na forma como ele escondia discretamente a falta de cabelo.

Ainda no dia que Alícia teve a crise de choro, a cabeleireira que conseguimos, foi e cortou o cabelo dela bem rente ao couro cabeludo. Talvez tenha sido um dos piores dias desde que descobrimos a síndrome. A maneira como vimos os poucos fios, que ainda restavam, caindo no chão foi de cortar o coração. Ali chorou muito. E mesmo sem seus lindos e dourados fios ela ainda era a mulher mais linda que havia visto em toda minha vida.

Era o amor da minha vida.

— Espero que goste da casa, eu e meu esposo estamos muito animados com a negociação — virei o rosto para Ali, que sorria educadamente.

Será que Rose Contebory não conseguia enxergar o quanto era irritante?

— Vamos ver a casa, meu bem? — mudei de assunto e conduzi Alícia apoiando seu braço no meu.

A mulher ficou atrás de nós, como se fosse um cão de guarda nos cercando. Será que ela não percebeu que queríamos um pouco de privacidade.

— Senhora Contebory... — Antes de entrar na casa paramos sob o respaldar da porta de entrada e olhei para trás. — Nos deixaria um momento a sós? — Poderia parecer rude da minha parte, mas como ela não demonstrava que nos deixaria um minuto sequer a sós optei por perguntar.

— Ah... sim! Claro! — Ela corou no mesmo momento. O que foi uma surpresa ela demonstrar o constrangimento de uma situação que foi responsável.

— Obrigado!

Ainda com Alícia ao meu lado entramos e a deixei caminhar a minha frente. Ela observava atentamente e com uma das mãos tocava os detalhes da parede, do corrimão de madeira.

Sei que havia gostado. Ano após anos passei a conhecer a maneira como se portava e neste momento tinha absoluta certeza de que estava completamente encantada.

— Adorei. — Disse ao se virar na minha direção sorrindo.

Vê-la sorrir me dava ânimo, era como se recarregasse minhas baterias para aguentar tudo o que estávamos passando mais um tempo.

— Gostou? — Ela balançou a cabeça, demonstrando-se bem animada.

— Ainda não vimos o restante, mas posso sentir daqui o cheiro do mar. — Alícia fechou os olhos e erguendo o queixo para o alto respirou profundamente. — Como amo sentir a sensação de estar perto dele.

— Fico feliz que esteja bem. — Me aproximei e a envolvi em meus braços, trazendo seu corpo para perto do meu.

— Ainda não vimos o restante da casa. — Alícia abriu os olhos e se esforçou para alcançar minha boca, ficando na ponta dos pés.

A beijei calmo, deixando uma das minhas mãos rodear ainda mais sua cintura enquanto a outra deslizava pela sua nuca. Meus lábios tocavam os seus com ternura. Desde que começou a ficar debilitada passei a apreciar cada momento nosso de forma lenta, segurando o tempo que ainda restava ao seu lado, fazendo de cada beijo uma eterna lembrança, por isso fazia questão de ir com calma, de sentir cada segundo como se fosse o último minuto.

— Tem uma banheira incrível com vista para o mar lá em cima. — Me afastei para admirar seu rosto e a forma como seus lábios se abriam em um sorriso único e perfeito.

— E nesta banheira cabe nós dois?

— Cabe... Vou poder dar muitos banhos em você.

— Não sei não. Ultimamente me trata como se eu fosse uma peça de porcelana, que a qualquer momento fosse quebrar.

— Ali, não vamos entrar neste assunto agora. É tudo muito novo e ainda preciso vencer esse lado protetor excessivo.

Desde quando descobrimos a agressividade que a síndrome estava se manifestando não tínhamos mais nenhuma relação íntima e isso foi o motivo de uma das nossas várias discussões. Sei que eu estava errado por estar agindo dessa maneira, mas tinha tanto medo que algo pior acontecesse, então, que se fosse para virar um monge em sua castidade e assim mantê-la viva eu me absteria de ter sexo com ela sim. Por hora seria

deste jeito, até tudo se estabilizar e eu me sentir seguro para poder amá-la de todas as formas.

— É... — Alícia se afastou, mudando o clima de calmo e feliz para frustrante e frio. — Vamos ver o andar superior? — assenti e a conduzi, segurando em sua cintura apoiando-a para não cair ou mesmo se não conseguir sair do lugar.

Isolando-se em sua bolha, Ali, andou pelos cômodos, não com a mesma empolgação de quando entrou na casa. Até mesmo quando entramos no banheiro que havia mencionado antes. Ela olhou e não demorou um minuto sequer para sair dele, indo para o outro cômodo.

— Ali, eu a amo tanto e... — Esperei ela se interessar por algum local da casa para voltar no assunto do seu repentino afastamento. Precisava fazê-la entender meus motivos para não fazermos sexo.

— Raf, eu não quero falar sobre isso. Não adianta. Eu disse que estou bem e que preciso de sentir você, de tê-lo em mim, mas parece que você não quer. Vive se escondendo atrás de um medo idiota. Você não vai me machucar. Estou cansada de ser tratada como uma doente. Vocês acham que eu não sei o que tenho, é meu corpo, é em mim que tudo está acontecendo. Nos momentos em que estava trancado no escritório em casa ou na empresa, eu pesquisei. Fui atrás para saber o que eu tinha, sei que posso viver um tempo, mas que também posso morrer a qualquer momento. Eu só quero viver sem pensar nos minutos ou nas horas seguintes e muito menos no amanhã. — Enquanto falava seus olhos se enchiam de lágrimas e vê-la ali, parada no meio do enorme quarto, tentando ser forte me fez ver os motivos pelos quais eu era um louco desesperado por ela.

Meu amor por Alícia era mais forte que qualquer sentimento que já senti algum dia.

— Eu sei! — Me aproximei bem próximo do seu corpo e deslizei minha mão sobre seu rosto enxugando as lágrimas que escorriam.

— Eu te amo e não me trate como se eu fosse morrer. Por mais que eu saiba que isso vai acontecer a qualquer momento de nossas vidas, não quero que me veja como uma morta-viva.

— Mas eu não te vejo assim, só tenho medo de que se transarmos possa acelerar algo e você piorar.

— Não tem mais tesão por mim? — Ela perguntou se aconchegando em mim.

— Claro que tenho. Não sabe o quanto sou louco em você, no seu corpo, nessa sua boca, mas prometo que vou tentar não ter medo.

— Podemos tentar agora?

— Não...

— Está vendo?

— Alícia, aqui não.

— Antes me fodia em qualquer lugar.

— Mas aqui não. Aquela mulher estranha lá embaixo não tem senso de discrição. Ela pode subir aqui e nos flagrar. Calma que vamos matar esse desejo em breve, só peço que tenha paciência. E pare de pensar nessas bobagens, ainda tenho o mesmo tesão e a mesma vontade de querer fodê-la em qualquer lugar. Só precisamos vencer esse medo. Prometo que vou falar com o Dr. Richardson assim que voltarmos para Nova Iorque. — Tentando amenizar a situação a beijei com mais vontade e desejo, mostrando o quanto eu a queria.

— Senhor Valentino. — Antes de me chamar escutamos um pigarro, nos pegando de surpresa, fazendo com que encerrássemos o beijo.

— Não é possível, ela é uma bruxa e veio em uma vassoura, não escutei essa mulher subindo — revirei os olhos e cochichei irritado.

— Nem eu.

— Pois não, senhora Contebory? — perguntei, não conseguindo esconder minha irritação.

— O senhor havia me pedido para achar alguém para trabalhar para vocês. — Me virei melhor, ficando ao lado de Alícia.

— Sim! E a senhora conseguiu?

— Sim, está lá embaixo esperando para conhecê-los. Tenho certeza de que vão gostar dela. Ela trabalhava para os antigos donos daqui.

— Avise que estamos descendo. — Desta vez a corretora enxerida não esperou para pedir que saísse, ela foi assim que comuniquei que já estaríamos indo.

— Como sempre pensando em tudo.

— Mas ainda não compramos a casa. Primeiro preciso saber se você gostou.

— Claro que gostei. Vou adorar sair da loucura de Nova Iorque e morar longe de todo mundo.

— Então a casa é nossa. — A peguei de surpresa e a puxei, aconchegando novamente seu corpo no meu.

— Eu te amo.

— E eu a amo mais que tudo nesta vida — declarei.

Após um longo beijo apaixonado descemos, não queríamos causar má impressão. E quando cheguei na porta avistei uma jovem mulher, ela estava conversando com o marido da corretora enxerida. Os dois estavam rindo de algo e assim que nos aproximamos eles pararam.

Intrigado, ficando pouco atrás de Alícia passei a observar a jovem mulher. Ela não apresentava ter 30 anos. Era bonita e estava vestida comportadamente. Seus cabelos eram claros, como o de Alícia e estavam presos para o alto e seus olhos eram uma variação de verde com azul.

— Essa é a Mackenzie! Mackenzie Shunter. — A corretora nos apresentou.

— É um prazer, senhora Valentino. — Alícia sorriu e estendeu a mão, cumprimentando-a cordialmente.

— O prazer é meu, Srta. Shunter. Suponho!?

— Sim, senhora. — A jovem mulher ao responder minha esposa virou-se na minha direção e sorriu, estendendo sua mão. — Prazer, senhor Valentino.

— Prazer — segurei em sua mão e a chacoalhei.

— Mackenzie é noiva de meu sobrinho, uma ótima moça. Vocês vão adorá-la.

— Obrigada Rose. — Ela sorriu e abaixou a cabeça acanhada com o elogio.

— Você gosta de crianças, Srta. Shunter? — Alícia perguntou.

— Sim, mas Rose me disse que precisam de alguém para cuidar da casa, não havia mencionado que era para ser babá.

— Sim ela tem razão, é porque temos dois meninos que são bastante agitados. E vamos precisar para me ajudar com eles também.

— Compreendo, e sim, gosto muito de crianças.

Não sei porque, mas não consegui desgrudar meus olhos dela. Algo não condizia com sua aparência dócil e bela. Não era comum, uma jovem como ela ser vista trabalhando como uma espécie de governanta em uma casa de família, em uma cidade pequena.

— Mackenzie é um tesouro enterrado em Rockport. — Pelo visto a enxerida da corretora estava querendo não só vender a casa, mas fazer um pacote completo e conhecendo bem o tipo de pessoas como ela, tinha certeza de que tiraria algum proveito ao indicar a futura sobrinha para trabalhar.

— Rose está exagerando. — A loira à minha frente sorriu ao mostrar-se modesta diante dos elogios da outra mulher.

— Qual sua experiência? — perguntei.

— Trabalhei desde muito nova para os Donovan. — Fredy Donovan era o proprietário que estava vendendo a casa.

Tinha algo de muito estranho, Mackenzie não parecia ser uma mulher que se enterraria em um lugar pequeno, do tipo que trabalhava em casa de família. Ela era bem bonita e simpática, conseguiria com certeza um trabalho de secretária executiva em qualquer empresa.

— Então já conhece bem a casa.

— Sim, senhora. Porém, eles só estavam aqui no verão. Durante o tempo que não estavam eu só tomava conta da casa em dias alternados na

semana.

— Tem disposição de horário?

— Sim. Minha irmã já está bem grandinha e sabe se virar sozinha.

— Ela virou o rosto e olhou na direção de uma van marrom, onde estava outra jovem, mas essa era bem mais nova ainda, uma garota de menos de 20 anos. Além de pouca idade, era linda e estava com a cabeça jogada para trás e com os olhos fechados. — Então... estarei à disposição de vocês em qualquer horário.

— Ainda não temos um horário certo, mas prefiro que seja de manhã ao fim da tarde. Assim como as que trabalham em Nova Iorque comigo — Ali respondeu antes de mim.

— E quando começo? — Perguntou em tom de brincadeira, como se já tivéssemos comprado a casa e morando nela.

— Não sei. Raf ainda não me disse quando vamos mudar para cá.

— Em algumas semanas, acredito — respondi sem olhar para nenhuma das mulheres ali, meus olhos estavam fixos na jovem do carro.

Não que tivesse me chamado atenção, mas tinha algo nelas que era estranho. Talvez fosse o fato de ter alguns porquês sem respostas ou por serem muito novas. Não era comum ver o estereótipo de mulher, como a jovem à minha frente, querer uma vaga de emprego em casa de família.

— Então temos um negócio fechado? — Rose se intrometeu e me perguntou.

— Sim, senhora Contebory. Minha esposa adorou a casa.

— E Mackenzie?

— Sim. — Quem a respondeu foi Alícia. — Gostei dela. Acho que me causou uma boa impressão.

— Obrigada, estarei à disposição...

— Mack... Vamos, vou chegar atrasada! — Fomos interrompidos por uma sexta voz.

Era a garota no carro, a irmã. Ela gesticulou apontando para o pulso, como se ali tivesse um relógio, simulando como se estivesse com o tempo contado.

— Já estou indo... — Mackenzie respondeu, mostrando a palma da mão, pedindo calma.

— Me desculpem, mas prometi uma carona até o trabalho dela.

— Sem problemas, Srta. Shunter.

— Me ligue amanhã para acertarmos os detalhes da sua contratação — entreguei o cartão com meu telefone.

— Sim. Obrigada pela confiança. — Ela sorriu e estendeu sua mão, como se aquele aperto selasse o nosso negócio. — E senhora, obrigada também.

Pelo visto ela e Alícia se dariam muito bem. O que era excelente, precisava que Ali se simpatizasse e vivesse os melhores dias da sua vida aqui.

— Rose e Red, obrigada.

— Não precisa nos agradecer.

— Mack! — A irmã tornou a chamá-la, mostrando-se impaciente e não sei o que aconteceu para que ela prendesse minha atenção, fiquei encarando-a até saírem. Talvez tenha sido a coloração incrível dos seus olhos. Um tom vibrante de um verde claro intenso, que combinavam tanto com a sua pele alva quanto com o loiro gélido dos seus cabelos.

Capítulo 5

Rafaello

No dia anterior, após a compra da casa em Rockport, Mackenzie me ligou e pedi que Andrea pegasse seus dados, mas antes combinamos como funcionaria o serviço e o quanto pagaria a ela, avisei-a também, que quando fosse visitar as modificações, que pretendia fazer na casa nos próximos dias, que conversaríamos melhor. Seria necessário colocá-la a par de toda essa situação. Precisava ter certeza de que aceitaria o trabalho sobre essas condições. Não a estava contratando-a apenas para limpar, passar, cozinhar, mas também para ser companhia e ajudar Alícia com os meus filhos.

No entanto, quando fui visitar a pequena obra e a encontrei conversamos até mais do que planejei. Pude ver nela uma jovem determinada e dócil. A pessoa ideal para estar com Alícia, James e Ralf,

caso eu precisasse sair de perto deles. Ao menos mostrou-se ser. Tinha que confiar que seria.

Ao conversarmos, Mackenzie acabou me contando um pouco mais sobre sua vida, sobre ser responsável pela irmã desde muito nova. Por isso acabou ficando em Rockport. Desde então, ela tem acompanhado as adaptações da casa para mim. Evitando que eu saísse mais vezes de perto de Ali.

Sem dúvidas, Deus estava enviando seus anjos em forma de seres humanos para nos ajudar.

Por outro lado, um novo conflito em mim se formou.

Os dias estavam se passando em uma velocidade absurdamente rápida e cada vez mais perto da minha mudança o que me colocava em uma situação complicada. Giovani também precisava de mim, mas eu não poderia perder o pouco que ainda restava para estar ao lado de Alícia.

Por isso ainda estava procurando uma melhor forma para contar a todos sobre meu afastamento.

Meus outros irmãos estavam conseguindo lidar com seus problemas enquanto o meu estava zero soluções.

Marco estava se casando com Leah Canttaneo, Luca estava cuidando de sua família e pelo visto havia se tornado um bom pai e marido. Giovani sempre teria Bella ao seu lado e com absoluta certeza ela o ajudaria até melhor que eu. Minha mãe e seus problemas de saúde tinham meus irmãos para estarem por perto.

Esperava que eu não fizesse falta alguma.

O que estava sendo difícil mesmo era comunicar.

— Senhor Valentino, Don Valentino está lhe chamando. — Andrea, com toda sua sutileza e calma me chamava, aproximando mais de mim. Eu não havia notado sua presença e fui pego de surpresa quando tocou em meu ombro.

Olhei na sua direção e sorri, assentindo.

— Já estou indo. Avise-o!

— Sim, senhor.

Minutos depois fui até a sala de Giovani e pelo seu semblante as coisas não aparentavam estarem bem.

— Aconteceu algo? — perguntei após entrar e fechar a porta.

— Só preocupado, mas nada que não saiba.

— Não vai acontecer nada, fica tranquilo.

— Sim eu sei. Confio em você, meu irmão. Não sei se conseguiria estar aqui se não fosse pelo seu apoio incondicional. — Vê-lo abatido me colocava contra a parede. Sei que deveria me afastar sem olhar para trás, mas o sentimento de deixá-los também me ferroava. Talvez seja por isso que estava protelando em contar que em dias estaria me mudando.

Talvez fosse melhor contar logo.

— Gio, preciso falar com você. — Me sentei na cadeira a sua frente e fiquei observando-o cortar a ponta do charuto e acendê-lo em seu ritual antes de dar a primeira tragada.

— Pode falar. Alícia está bem?

— Sim. Ela não evoluiu e também não regrediu, apenas estacionou, o que os médicos veem como algo positivo. Como não sabemos como vai

ser o minuto seguinte, decidi... — fiz uma pausa, procurando coragem para dizer.

Poderia ser dramático da minha parte, mas nunca me afastei deles e sempre me senti seguro e acolhido estando perto dos meus irmãos, mas estar aqui e ter responsabilidades de um Valentino era viver como se nunca saísse de dentro do carrinho de uma montanha-russa e agora eu precisava era de paz e calma em todos os sentidos da vida.

— Eu vou me mudar de Nova Iorque.

— Como assim? — Giovani cruzou os braços e me encarou.

— Alícia não tem muito tempo, não tenho uma garantia que ela vai viver até os 50 ou que vai morrer aos 25 anos. E por isso decidi me afastar, viver um pouco só em função dela e dos meninos. Sei que precisa de mim neste momento, mas não quero ter que chegar em casa e pensar nos problemas da Camorra, em como vou ajudá-lo. Quero viver o pouco que tenho exclusivamente para ela.

— Mas Raf...

— Está decidido. Inclusive Alícia quer morar próximo ao mar e a casa que comprei em Rockport, em Massachusetts, está quase toda preparada. — Giovani negou com a cabeça e ficou em silêncio, apenas tragando o charuto em sua mão.

— Não posso deixar que você se afaste agora.

— Não é questão de deixar. Os relatórios estão todos prontos e checados, já os enviei para Bella me ajudar a conferir e agora não sou tão mais necessário, por enquanto você vai ter que se virar com Marco e Luca. Eu preciso sair dessa loucura constante. Preciso saber que vivi os últimos minutos de corpo e alma com Alícia. Eu preciso!

— Raf, ser afastar não vai ser a solução. — Giovani estava sério.

— Eu sei, mas quero estar em casa e não ter seguranças por perto. Quero poder estar com eles como pessoas simples.

— Eu o entendo, meu irmão, porém neste momento não é prudente, Ricco pode descobrir e mandar alguém até vocês. Quem vai fazer a segurança de vocês?

— Eu mesmo estarei atento a qualquer atividade suspeita. Mande instalar câmeras e um serviço de segurança eletrônica. Acredito que ele não seria imprudente a esse ponto. Ricco Donttino sabe com quem está lidando. Se fosse assim ele teria tentado algo fisicamente contra qualquer um de nós.

— Não acho sábio da sua parte sair daqui e morar distante de nós, em um lugar que não sei com quem podemos contar para a segurança de vocês. — Ao contrário do que pensei, que não fosse aceitar meu afastamento, ele só estava era preocupado com nossa segurança.

— Ninguém saberá, a vila é discreta, com poucos habitantes. Inclusive ninguém vai saber que sou filho de uma família de mafiosos.

— Todo cuidado é pouco.

— Eu sei, mas fica tranquilo, ninguém saberá de nós.

— Mas não precisa muito para saber, se fizerem uma busca com nosso sobrenome saberão quem somos. Eu ainda acho que deveria ficar por aqui, buscar uma outra alternativa. Se fosse em outros tempos eu não me preocuparia, mas no momento não acho uma boa ideia.

— Giovani, sempre o respeitei, mas dessa vez eu não estou pedindo sua permissão. Eu vou me mudar por um tempo. Se tiver que acontecer

qualquer coisa comigo, com Ali ou com os meninos vai acontecer.

— Raffaello, quero que entenda que sempre o apoiarei, mas não acho uma boa ideia você sair de Nova Iorque neste momento. Espere as coisas se acalmarem.

— Para quando Alícia morrer e eu não poder ficar com ela nos seus últimos dias de vida? — O encarei.

Eu conseguia entender toda essa preocupação. Há muitos anos tudo tem sido calmo e sem muitas provocações entre as organizações, mas depois que Giovani bateu e quase estourou todos os ossos da cara atrevida de Ricco Donttino as coisas passaram a ficar delicadas. Primeiro foi nas ruas. Os ânimos entre os membros da nossa casa e das dele não têm sido bons. Vivem em rixa com mortes, o que pode ainda complicar vários membros. Sem mencionar a denúncia que fizeram contra nossos negócios. Porém, nada disso me fará mudar de ideia.

Além de querer ficar com ela e meus filhos por mais tempo, Alícia também estava com sua autoestima abalada. Na noite anterior me pediu que não permitisse que ninguém visse como estava ficando.

— Giovani, vai ficar tudo bem. Eu prometo. — Estava garantindo algo que estava longe de ter sob meu controle, porém não contaria a ele sobre Alícia ter perdido o cabelo. A privaria de se chatear mais, ou mesmo, se sentir inferior. Ela merecia ser feliz o tempo que lhe restasse.

— Não vou exigir, Raffaello, só peço para terem cuidado. Já estamos com muitos problemas.

— Sim. — Sei que Giovani estava tentando ser complacente, e também sei o quanto deveria estar preocupado e com vontade de me exigir

que ficasse, mas o conhecendo bem tenho certeza que ele sempre faria o melhor para nós; a sua família.

Um verdadeiro Capo, que pensa nos seus e os ama com paixão, mas que não tem um pingo de piedade e compaixão com quem atravessa seu caminho.

— E está pensando em se mudar quando?

— Semana que vem.

— Mas por que está só me avisando agora? — perguntou demonstrando sua irritação. — Estou sendo o último a ser informado?

— Claro que não. Está sendo o primeiro, mas não quis dizer antes, pois, sei que faria qualquer coisa para me impedir.

— Como estou pensando em fazer.

— Por favor. Vai ficar tudo bem. Aliás, estarei a duas horas daqui.

— Vou continuar não achando uma boa ideia.

— O que não é uma boa ideia? — Luca entrava na sala acompanhado por Marco e fez a pergunta nos pegando desprevenidos.

Giovani me olhou e ficou esperando para ver se eu contaria aos outros também.

Eu não havia contado com detalhes sobre Alícia para Luca e Marco. Só permitir que soubessem que ela estava um pouco doente, nada mais, ao contrário de Bella, que já estava a par de tudo através de Giovani.

Ela me pediu para tentar ver Alícia, mas pedi que desse tempo para a amiga aceitar e que em breve a mesma iria pedir para vê-la. Não era uma garantia minha, apenas estava supondo que seria assim.

— Estarei me afastando por um tempo — comuniquei para os outros.

— Mas por que? — Luca se sentou ao meu lado.

— Alícia não está bem — devolvi o mesmo olhar silencioso para Giovani, evitando entrar nos detalhes sobre a doença.

A verdade era que, eu não estava preparado para a misericórdia de todos em relação ao futuro que me esperava, muito menos para a compaixão deles.

E como estaria? Se nem eu mesmo estava aceitando.

— O que ela tem? — Marco perguntou enquanto se sentava no sofá de couro marrom, colocado na lateral da sala.

— Não está bem e não quer receber visitas — tentei sorrir, como se o que tivesse acabado de falar fosse algo fútil de mulher, mas não era. Foi apenas o modo que havia encontrado para despistá-los. Independentemente que fossem saber de mais detalhes em breve, contudo e por ora, eles só precisavam saber o mínimo possível nesse momento.

— Mas logo agora? — Marco me questionou da mesma maneira que Giovani.

— Sim, já conversei com Giovani. Para onde vou não terei mais problemas dos que já tenho — respondi sem dar muitos detalhes. O importante era Giovani estar a par de toda a situação e com Luca e Marco eu depois me resolveria.

— Deixa ele Marco, se eu pudesse também iria para bem longe com Mel e Josh.

— Luca, você é o que menos pode sair de perto neste momento. —
Marco retrucou.

— Olha quem fala. Vai casar daqui poucos dias, por que será?

— Eu não estou a favor, Rafaello, mas entendo seus motivos, se fosse outros eu não permitiria. Sabe bem, não é?

— Sim — respondi sem ênfase nenhuma. O que queria neste momento era que não ficassem me especulando.

Evitei prosseguir o assunto pelos minutos que ainda fiquei na sala de Giovanni. O importante era que ele estivesse a par de tudo. E antes de deixá-lo a sós, após Luca e Marco nos ter deixado, pedi que não contasse nada à nossa mãe. Ela também não estava bem e apresentava complicações em sua senilidade e deixá-la agitada não seria nada bom.

Na hora certa todos saberiam de tudo.

Capítulo 6

Rafaello

— Está feliz? — perguntei para Alícia, assim que ela se sentou no sofá ainda mal colocado dentro da sala da nossa nova casa.

Oficialmente estávamos nos mudando.

Algumas mobílias trouxemos da nossa antiga casa, outras compramos novas, até porque a casa não era grande, era espaçosa, mas não como a de Nova Iorque.

— Muito! — sorri devolvendo a intensidade da sua alegria.

Há dias tenho experimentado relaxar um pouco, me envolvendo completamente nesse clima alegre e contagiante que Alícia exalava. Foi

como se a mudança nos fizesse esquecer um pouco do que estávamos vivendo.

— Não vejo a hora dos meninos virem também. — Preferi manter os meninos em Nova Iorque por alguns dias. Pry e Armínia ficariam por conta deles até tudo por aqui estar no seu devido lugar. Pry viria nas primeiras semanas, até Mackenzie conseguir se organizar e depois ela e Alícia cuidariam dos meninos sozinha.

Queria que fôssemos uma família comum, eu estaria em tempo integral o que também me tornava mais um ajudante na casa. Só iria adicionar mais funcionários quando as coisas fossem demais para nós três.

— Semana que vem eles vão estar aqui. — Me aproximei e me curvei, cobrindo-a com meu tamanho. — Te amo, meu amor. — Apoiei uma das mãos no encosto do sofá e abaixei mais a cabeça, ficando com a sua bem próxima da minha. Roci seus lábios e os beijei. Alícia retribuiu e entreabriu seus lábios.

— Senhora Valentino, onde posso colocar essa daqui? — Mackenzie se aproximou com uma caixa nos braços, nos pegando de surpresa e também interrompendo o beijo. — Oh meu Deus! Me perdoe. — A jovem exclamou e tentou esconder a forma como ficou envergonhada atrás da caixa que carregava.

— Tudo bem, senhorita Shunter — Alícia disse em meio a risadas. — Não tem com o que se desculpar. — Me afastei e dei as costas para Mackenzie.

Alícia e eu nunca nos importamos que as pessoas vissem a nossa troca afetiva, nos amávamos e isso não era segredo para ninguém.

— Me perdoem. Eu não sabia.

— Não tem com o que se desculpar. — Alicia repetiu. — Você terá de se acostumar, vai virar parte da família. — Sorri, presenciando o quanto Ali estava feliz ao se justificar.

Era um novo momento, uma nova etapa que se iniciava. E por mais que nunca me importei em beijar Alicia na frente dos outros eu iria me policiar, Mackenzie era novata em nossas vidas. Assim como os outros funcionários que estava pensando em contratar em breve.

— Nos desculpe pelo constrangimento — disse ao me virar e encontrar seus olhos claros nos fitando. — Pode deixar que levo lá para cima — disse ao me aproximar, tirando a caixa das mãos dela.

— Obrigada, senhor Valentino.

— Não tem de que — respondi, deixando-as sozinha na sala.

Confesso que fazer uma mudança como pessoas normais, sem ter vários carregadores e um pessoal que deixassem tudo no lugar certo era cansativo, mas se fosse para ver Ali alegre como estava faria várias vezes, ou melhor, uma a cada novo dia.

No fim do dia estávamos mortos de cansados, mas pelo menos com o andar superior todo no lugar certo. Apenas o quarto dos meninos ainda faltava os móveis estarem montados, mas como eles viriam somente na semana seguinte não tínhamos pressa.

— Raf, acho que a pizza chegou! — Me virei, sendo pego de surpresa quando a ouvi e a vi descendo as escadas.

Alicia hoje estava com se nada tivesse acontecendo em sua vida. Não teve sequer nenhuma reação, ou mesmo, se sentiu mal. Claro que, na maior parte do tempo deixava-a sentada em um local que eu estivesse presente. Não a deixei fazer quaisquer tipos de esforço.

— Alícia! Deveria ter me chamado. — A repreendi.

— Calma, Raf. Estou bem! — Por mais cuidado que estivesse tendo, ao se segurar no corrimão da escada de madeira, não queria que ela ficasse andando por aí sozinha.

— Não falei para me chamar quando terminasse seu banho. Eu iria ajudá-la.

— Aff, Raf! Eu ainda consigo me trocar e andar sozinha. — Ela se irritou e ficou parada no último degrau da escada. — Poderia me tratar com normalidade?

— Desculpa, Alí, mas fico preocupado com você se machucar.

— Eu estou bem. Juro! — Ela permaneceu parada no degrau e olhou no rumo da porta quando a campainha tocou novamente.

— Ok! Vou atender. — Encerrei o assunto, evitando que entrássemos em um novo impasse. Ela já sabia o que eu pensava e que não a queria transitando por aí sozinha. Não adiantaria entrarmos novamente nessa discussão.

E sim... eu tinha um zelo extremo e muito medo de que algo acontecesse e, que ninguém estivesse por perto para socorrê-la.

Antes de abrir a porta ofereci minha mão para ajudá-la a descer o último degrau.

— Só me preocupo com você.

— Eu sei! Mas estou bem. — Alícia tocou meu rosto e tentando me passar confiança sorriu. — Agora vai buscar nossa pizza, estou quase morrendo de tanta fome.

— Sim! — Selei seus lábios e fui em direção à porta.

— Estou indo para a cozinha. — Ela disse mais alto.

— Ok! — respondi enquanto abria a porta.

Não era o entregador, a menos que ele fosse uma jovem loira de olhos verdes e irmã da Mackenzie.

Ela estava de costas.

— Pois não? — Ao ouvir minha pergunta ela se virou e antes de responder abriu os lábios vermelhos e arregalou os olhos. — Está procurando pela sua irmã? — Deduzi e perguntei antes dela me responder.

A jovem loira, e olhos mais verdes que já havia visto na vida, apenas balançou a cabeça afirmando.

— Senhorita Shunter! — chamei pela Mackenzie enquanto alternava meu olhar para os seus lindos olhos e para trás, verificando se a irmã já estava vindo.

— Sim, senhor Valentino? — A outra jovem loira se aproximou e eu saí da frente, permitindo que ela enxergasse a irmã. — O que faz aqui? — Ela a inquiriu.

— Vim trazer a chave e seu carro. Vou sair com Tyler. — De prontidão a irmã mais nova respondeu, baixo. Uma voz suave como ela. O que me deixou completamente atordado.

Enquanto as duas se afastaram, indo mais em direção a calçada fiquei observando a interação delas. Se tentasse as diferenciar por trás não saberia qual era qual. A única coisa que me deixou mais intrigado foi que no outro dia achei que a irmã da senhorita Shunter fosse mais nova e não uma mulher.

Por minutos não consegui me afastar da porta, mais por curiosidade. Durante minha vida toda passei a ser mais atento as pessoas que me rodeavam, tentando descobrir suas intimidades para nunca ser pego de surpresa. E ainda era muito pouco o que eu sabia sobre Mackenzie e sua irmã.

— Me perdoe, Sr. Valentino! — Já havia retornado para a cozinha quando Mackenzie retornou e se juntou a nós.

— Imagina, não tem com que se desculpar.

— Ela só veio me trazer a chave, mais cedo avisei-a que não teria horário para chegar em casa.

— Não precisa nos explicar. Você ultrapassou o seu horário hoje, é natural que sua irmã tenha ficado preocupada. — Alícia aproximou-se e bateu em seu ombro com gentileza.

— Obrigada, senhora Valentino!

— Ah... Vamos parar com esse tratamento muito formal... pode me chamar só de Alícia.

— Tudo bem! Se... Alícia.

— Isso! Bem melhor assim, Mackenzie.

Essa interação informal das duas era ótimo, mostrava o quanto Alícia estava se sentindo bem.

A pizza não demorou muito para chegar e assim que todos comemos rindo Mackenzie foi embora e Alícia já estava deitada quando tomei um banho para me juntar com ela na cama.

— Está dormindo? — Me aproximei e me deitei a suas costas. Alícia estava de lado e aparentemente adormecida.

— Quase. Por mais que você e Mackenzie não me deixaram fazer quase nada, estou cansada.

— Imagino, meu amor. — Beije seu ombro.

— Mas... — Ela virou, ficando de barriga para cima e segurou meu rosto. — Mas, jamais estarei cansada para te amar.

Pronto... o momento e o que me disse foi suficiente para me travar e ficar paralisado com os olhos fixos nos seus.

Desde que descobrimos sobre a síndrome a imagino como um fino cristal, que se eu segurar com força pode romper em cacos. Posso até estar exagerando, mas quando penso que ela pode a qualquer momento desenvolver mais um sintoma tudo em mim congela, não me permitindo tê-la como sempre a tive.

— Já sei... vai me dizer que tem medo, que algo pode acontecer e todas as desculpas possíveis que me deu antes. — Ela disse, resmungando frustrada.

— Por favor...

— Não tem por favor, Raf. Já estou farta de sempre dar desculpas para fazermos amor. Sei que estou doente, mas isso não é motivo para me afastar.

— Não estou lhe afastando. Só tenho receios que algo de ruim possa desencadear.

— Acho que está deixando de me amar.

— Agora deu! — disse um pouco mais ríspido que o normal. Não dava para ouvir um absurdo desses e não me irritar.

Alícia era e sempre seria o amor da minha vida e deveria entender que eu estava só tentando tê-la por mais tempo ao meu lado, sem nos arriscarmos a ela ter uma recaída e piorar. E isso não tinha nada a ver com o fato de não a desejar mais. Eu estava era com medo que algo de ruim acontecesse.

— Não precisa falar assim comigo.

— Alícia, entenda uma coisa. Não é porque não estamos transando que eu deixei de amá-la, apenas tenho medo que possa piorar e complicar mais o que está sentindo. Entenda que estou fazendo tudo para aproveitarmos cada segundo que podemos um do outro. Quero tê-la por mais tempo, a amo não por causa do sexo, mas por ser a mãe dos meus filhos e a mulher que escolhi para estar ao meu lado e se me abster do sexo com você me fizer tê-la por mais tempo eu farei, independentemente de qualquer coisa. — Por fim não consegui me conter e a beijei após deixar claro minhas intenções.

Alícia precisava entender que nem sempre as coisas seriam como queria e até eu me certificar de que nada ocorreria posteriormente com ela, caso transássemos eu me absteria sim.

Os dias até a chegada dos meninos foram corriqueiros.

Passávamos boa parte do dia terminando de colocar as coisas no lugar até o anoitecer e depois eu e Alícia assistíamos algum filme ou ficávamos falando pelo *facetime*, com nossos filhos.

Pelo visto ela havia entendido minha preocupação em relação ao medo de fazermos sexo e algo dar errado e, por isso não me cobrou mais.

— Papai, a mamãe está perguntando se vamos comer a carne hoje ou só à noite. — James apareceu no colo de Mackenzie, logo atrás, na sacada dos fundos da casa. Em um pequeno jardim com uma mesa e um balanço que mandei instalar para eles brincarem.

— Avise-a que já está quase pronta. — Segurando o pegador e uma faca para churrasco avisei.

Pela primeira vez em toda minha vida me permitir fazer coisas simples, como fazer um churrasco, caminhar descalço todas as tardes na praia. Sentar na areia e assistir ao pôr do sol. Antes, minha vida se resumia a estar atento e me preocupar com os assuntos de Don Valentino.

Mesmo sem a dinâmica de matança e conspirações da máfia, que hoje é contada só em filmes, fazer as coisas andarem corretamente dava mais trabalho do que imaginavam. Todos os negócios precisavam serem muito bem mascarados. A polícia dos anos 80 e 90 eram mais corrompíveis que a de hoje... Talvez seja por isso que inimigos não se matavam como antes. Mesmo que esteja ocorrendo as brigas das divisões nas ruas. Isso tudo porque Ricco Donttino é tão lunático quanto era seu tio.

Giovani sempre procurou manter as coisas dentro dos eixos, evitando que o FBI batesse constantemente em sua porta, tanto que, durante anos sua maior preocupação era fazer o serviço completo, sem deixar brechas. Como nossa família era a cúpula americana, tínhamos que garantir a segurança do dinheiro ilegal que rodava nas casas das famílias pertencentes ao clã Valentino. Nova Iorque era da nossa família, assim como algumas outras cidades de outros clãs que deviam a nós obediência e um pequeno repasse mensal dos seus lucros.

E não deixar evidências era meu serviço.

“A força do maior não é brutal e sim emocional e inteligente.”

Mas ao me afastar, por mais saudoso que fosse, eu estava amando essa simplicidade sem complicações e descobrindo que estava virando um adorador da arte de fazer um bom churrasco.

— Mais alguns minutos. — Sorri para ele e Mackenzie, que passou a ser parte integrante dos nossos dias. Os meninos a adoraram desde o momento em que a conheceram. Ela era carinhosa não só com eles, mas com Alícia também e já estava a par sobre as limitações dela.

Mackenzie praticamente se colocou à nossa disposição para o que precisássemos.

Eu tentava entender porque Mackenzie ainda estava neste lugar pequeno. O pouco que eu e Alícia ficamos sabendo era de que se sentia ainda responsável pela irmã de quase 20 anos e que para cuidar de Marcêlly não se preocupou em sair de Rockport.

— Vamos esperar lá dentro, James. — Mackenzie convenceu James e os dois entraram.

Poucos minutos depois escutei o barulho de algo caindo, sendo estilhaçado no chão. Preocupado deixei tudo que estava fazendo e corri para ver o que tinha acontecido e era Alícia que estava se segurando na cadeira e tossindo como se estivesse engasgada.

— Ali! — Me aproximei e a segurei enquanto Mackenzie também se aproximou para ver o que tinha acontecido.

— Raf, estou com falta de ar, como se algo estivesse me sufocando.
— Alícia disse com dificuldade.

— Calma, vamos sentar e tentar respirar profundamente. — Tentei me manter calmo enquanto a ajudava a se sentar.

— O senhor precisa que eu faça algo? Pegue uma água?

— Sim. Traz água para ela e pegue meu celular na cabeceira da minha cama, por favor. — Enquanto ajudava Alícia a se acalmar e a beber a água em pequenos goles, Mackenzie buscava meu telefone.

— Raf, eu não estou bem. — Alícia sussurrou, mostrando-se inquieta e nervosa com seu estado.

— Vou ligar para o Dr. Richardson e pedir que avisem o novo médico de Boston.

— Aqui! — Mackenzie me entregou o aparelho e assumiu meu lugar próximo a Ali.

Não precisei esperar muito o médico dela atender.

Contei a ele sobre o ocorrido de minutos atrás, o que já esperava acontecer.

Ele, após me deixar por pouco tempo na outra linha, me disse que o novo médico de Alícia já estaria esperando no hospital. E que ele faria uma nova ressonância para ver a progressão do estágio da miotonia muscular do diafragma.

Após 40 minutos, Alícia estava sendo atendida com emergência. Mais uma vez reavaliando em qual estágio seus músculos estavam sofrendo. E as notícias não foram as melhores. O diafragma estava comprometido com mais de 50% da miotonia, o que a restringiria mais ainda, deixando-a praticamente privada de andar uma distância maior do que da sua cama ao banheiro.

Fui orientado a procurar uma equipe que a acompanhasse 24h por dia. Dentre eles enfermeira e fisioterapeutas. Ray Prescotty, o novo médico, foi mais esperançoso, dizendo que com exercícios respiratórios poderia não ter uma evolução na porcentagem atingida.

— Senhor!? — Mackenzie havia ficado além do horário até eu e Alícia voltarmos de Boston, garantido que os meninos não ficassem mais assustados que estavam.

— Sim. — Estava na cozinha quando ela entrou.

— Se quiser posso ficar esta noite com os meninos caso eles acordem. — Assenti e abaixei a cabeça.

Nesses momentos eu sentia que a qualquer momento iria desmoronar. Desde a chegada dos meninos eu tenho estado constantemente nas atividades deles, me afastando somente quando Mackenzie ajuda Ali. Antes de virmos para cá esse foi o pedido de Alícia, que tivéssemos uma vida como pessoas comuns, que cuidam dos filhos sozinhos a noite. E que só teríamos mais pessoas trabalhando quando realmente fosse necessário.

— Obrigado, hoje estou sem condições de ficar com eles.

— Vou só até minha casa pegar uma roupa, mas volto rapidamente.

— Sem problemas, Alícia dormiu faz pouco tempo e não acordará tão logo.

— James e Ralf também. Assim que saíram os levei para a praia e brinquei com eles. Estão cansados. Acredito que só amanhã acordarão. Mas por via das dúvidas estarei com eles essa noite e o senhor poderá ficar mais tranquilo.

— Obrigado. Amanhã mesmo estarei buscando por enfermeiras que fiquem a disposição 24h.

— Posso ver se tem alguma por aqui.

— Pode ser. — Mackenzie estava sendo indispensável e uma grande amiga, ao nos ajudar neste momento delicado.

— Em breve estarei de volta.

Enquanto Mackenzie saiu fui para sala, ficando próximo as escadas. De lá poderia escutar qualquer barulho que viesse do segundo andar. E ao mesmo tempo poderia ligar para Giovani. Desde que me mudei tenho tentado deixá-lo a par de como está indo tudo por aqui. Bella também me liga quase todos os dias. Insistindo para vir ver Alícia.

— *Raf... que bom que ligou, já estava ficando preocupado, não costuma me ligar tarde assim.* — Giovani atendeu e pelo visto estava perto dos seus filhos. O som da algazarra no fundo era nítido.

— Alícia passou mal e precisei levar ela a Boston.

— *O que ela teve? Está tudo bem?* — perguntou preocupado.

— Senti falta de ar, o que era esperado. Agora ela ficará mais restrita a fazer o mínimo de esforço possível.

— *Raf, eu pedi para não ir. Agora estamos longe e não podemos nem ao menos vê-la.*

— Por favor, Giovani. Eu o respeito ao máximo, mas não é o melhor momento para o sermão de: eu pedi, eu avisei.

— *Não estou dando sermão, apenas preocupado com vocês. Quem está ajudando-os?*

— A Mackenzie, ela tem sido ótima e só foi na casa dela pegar uma roupa e vai voltar para dormir com os meninos. Amanhã mesmo contratarei mais pessoas para ficarem com Ali 24h por dia.

— *Raf, se as coisas piorarem volta para casa. Deixa sua família estar com você e te ajudar.*

— Pode deixar! — Não adiantaria debater que estava aqui pela vontade de Alícia e que queria me distanciar de mais conturbações do que estava vivendo.

A família Valentino sempre foi um despertador de problemas, pequenos ou grandes e sem pausas de tranquilidades.

— *Sempre estaremos aqui para o que precisar.*

— Eu sei! E obrigado!

Não prolonguei mais a conversa após informar sobre a piora de Alícia. O que me importava agora era voltar para o andar superior e velar seu sono.

Capítulo 7

Rafaello

Planejei tudo após semanas nos adaptando a essa nova fase. Contratamos duas enfermeiras que se revezariam nos cuidados com Alícia, Mackenzie ficaria no controle do restante da casa. Contratei uma babá para ficar com os meninos durante o dia, tirando assim de Mackenzie toda essa carga de ter que cuidar de tudo e ainda mais deles.

Alícia parecia ter dias de melhora e outros em que não queria sair da cama, por isso, precisei chamar uma terapeuta. Pela primeira vez, desde que descobrimos sobre a sua síndrome, Ali, passou a entrar em um quadro depressivo. Mas, depois da última consulta, onde o Dr. Prescotty e o Dr. Richardson foram sinceros sobre o que estava acontecendo, ela piorou psicologicamente.

Acredito que ela já sabia, mas não queria aceitar e depois de escutar deles sobre sua condição, que estava evoluindo de modo negativo, ela entendeu a gravidade. Depois desse dia a psicóloga tem visitado-a pelo menos duas vezes na semana e não me deu esperança alguma que fosse melhorar.

Sabia que agora estávamos em uma fase pior, com baixíssimas expectativas.

— Senhor Valentino! — Mackenzie me chamou. Estava no fim do píer, fumando e bebendo um pouco. Pensando em como as coisas a cada dia estavam me tirando o pouco de esperança que ainda tinha. Para piorar toda essa situação, Alícia passou a não querer ver os filhos. Todas as vezes que a forçava passar um tempo com os meninos ela chorava e acabava se desgastando mais ainda.

— Sim, Mackenzie! — respondi, ainda me mantendo de costas para ela.

— Está tudo bem?

— Sim! — Me virei e encontrei seu olhar assustado. — Aconteceu algo?

— Não. Apenas iria sugerir para o senhor levar os meninos para dar um passeio. Eles estão brigando entre si e acho que sentem que algo não está bem. Sentem falta da mãe e do pai.

— Compreendo...

— Me perdoe por estar sendo invasiva, mas é que eles...

— Não tem culpa alguma do que está acontecendo. Eu sei disso, eu que peço desculpas por estar jogando toda essa carga em cima de você.

— Imagina, senhor. Estou aqui para o que precisarem.

— Peça para arrumá-los. Vou levá-los para tomar sorvete. — A jovem loira sorriu aprovando minha ideia.

Ela tinha razão, os meninos precisavam de mais atenção, afinal, os tirei de Nova Iorque, para que fôssemos uma família comum e que pudéssemos passar o maior tempo possível, aproveitando cada momento. E o que eu estava fazendo? Estava deixando-os de lado, me colocando dentro da bolha da mãe deles. Como se eles não existissem. Se Alicia estivesse bem ela desaprovava a maneira com que eu também me afastei deles.

Foi tão prazeroso ver como ficaram alegres ao saber que estariam saindo de casa um pouco. Prometi a mim que iria fazer mais vezes esses programas com eles.

— Posso pedir o que eu quiser? — James perguntou assim que o tirei do assento especial para crianças.

— Claro. Pede igual para o seu irmão. — James já estava mais independente e quis ir andando de mãos dadas comigo, diferente de Ralf que me pediu para ir no colo.

O lugar não estava com muitas pessoas, apenas alguns jovens no canto e atrás do balcão estava a irmã de Mackenzie. Vestida com o uniforme listrado de azul e branco, com um boné escondendo os cabelos loiros. Quando me viu ela disfarçou como se eu fosse um estranho, e de fato eu era. Vimo-nos duas vezes desde que comprei a casa. A primeira foi à distância, quando Mackenzie foi nos conhecer e naquela outra noite, ao levar a chave do carro para a irmã. Depois nunca mais a vi.

— Boa tarde! — Ela cumprimentou quando me aproximei do balcão com os meninos.

— Boa tarde! — devolvi o cumprimento com formalidade, como se eu não a conhecesse. Não sei o porquê agi assim, mas me senti mais confortável do que ficar tentando reparar mais nela.

— O que vão querer?

— Eu quero de morango, papai. — James disse, apontando com o indicador na direção da máquina enquanto eu colocava Ralf de pé ao meu lado no chão.

— Dois de morango — pedi e sem ao menos transparecer que me conhecia ela se virou e foi na direção da máquina.

Não que eu estivesse reparando nela, mas observei que na sua nuca havia uma tatuagem de três estrelas, uma maior que a outra, formando um trio de tamanhos diferentes. Assim como a irmã, ela era linda, quer dizer, ainda mais que Mackenzie. E foi incontestável, quando ela se virou novamente para mim, não reparar no tom de verde cristalino e claro dos seus olhos. Intrigante e ao mesmo tempo sedutores, como o olhar de um felino. Sua boca era de lábios fartos e vermelhos, que se destacavam no contraste da pele alva. Senti-me incomodado, algo nela me soava muito familiar, tanto que não conseguia parar de olhar e reparar em sua beleza.

Não era um pensamento traidor. Alícia era minha vida e para mim ainda seria a mulher mais linda de todo o planeta, mas a beleza da jovem foi só uma constatação de que se pode achar alguém belo e não a desejar com tesão. E a irmã de Mackenzie era dessas jovens mulheres, que eram lindas e sempre seriam reparadas. O formato do seu rosto era perfeito, não era alta e para não me deixar mais desconfortável do que já estava, evitei olhá-la dos pés à cabeça. Mantive-me com o olhar fixo apenas em seu rosto.

— Está aqui! — E sua voz era suave e gentil. Delicada e dócil.

— Obrigado! — Retirei da sua mão e entreguei para James e depois para Ralf. Em seguida os levei para uma das mesas que ficavam na lateral envidraçada.

Os dois se deliciavam com o sorvete no momento em que meu celular tocou. Era Giovani, imaginava o quanto estavam preocupados com a piora de Alícia.

— James cuide de seu irmão. Vou atender a ligação do tio Giovani ali. — Pela vidraça apontei o local em que ficaria do lado de fora, porém, próximo deles.

Desta forma eu poderia vigiá-los.

Não tinha como atender as ligações dele ali dentro, com pessoas ao redor. Aqui eu era Raffaello Valentino, o novo proprietário da casa dos Donovan, um empresário buscando paz, nada a ver com um integrante de uma família que pertence à máfia.

— Não saiam daqui. Estarei do lado de fora, só que aqui perto. — James com o contorno da boca sujo de sorvete balançou a cabeça.

Como a ligação havia parado, retornei enquanto saía do interior e caminhava pelo lado de fora até o lugar em que os meninos estavam.

— *Raf! Como as coisas estão por aí?*

— Alícia não está bem, ainda quer ficar trancada no quarto, não quer sair, mal quer ver os meninos.

— *Meu irmão, volta para perto da sua família.*

— Não, Gio! Já disse que ela não quer ninguém perto.

— *Semana que vem é meu aniversário e queria muito que ao menos vocês estivessem aqui.*

— Me perdoa, irmão, mas este ano não estaremos presentes, peça desculpa para Bella.

— *Entendo. Mas, estamos muito preocupados. Não contei nada para Marco, ele está em lua de mel com Leah na Itália então não falei nada, mas Luca está preocupado e Mellaine queria estar mais por dentro do caso de Alícia.*

— Gio, fiquem tranquilos, as coisas estão sob controle por aqui. Sei que a família sempre vai proteger a família, mas preciso tomar conta de tudo sozinho, fazer dos dias de Alícia como ela quer.

— *Não tenho nem mais argumentos para trazê-los de volta. Só se eu mandar buscarem vocês à força, o que não vou fazer. Alguém sabe sobre você por aí? A nova empregada?*

— Não! Todos acham que sou um CEO afastado pela doença da esposa.

— *Engraçado como as pessoas aí podem saber de tudo e sua família você barrar.*

— Não estou barrando, Giovani. Apenas cumprindo o que Alícia me pediu. Às vezes é mais fácil lidar com o estranho, que mal sabe da sua vida, do que com uma família enorme e barulhenta, com um dilema novo todo dia.

— *Mas que os ama...*

— Sim e nós amamos todos vocês.

— *Você sempre terá apoio em mim e na família.*

— Eu sei... Meu Deus... — exclamei quando me virei.

Por segundos tinha me virado, ficando de costas para os meninos e quando voltei a olhar não os vi na mesa.

— *Rafaello, o que foi?*

— Os meninos sumiram. Depois te ligo. — Encerrei a ligação e retornei para dentro, olhando para todos os lados, buscando algum sinal deles.

— Senhor! — Um rapaz, ainda bem jovem, tocou meu ombro. — Marcêlly levou-os ao banheiro para se limparem.

Quem era Marcêlly?

Mesmo me avisando que alguém estava com eles, logo passou mil coisas pela minha cabeça enquanto seguia para os fundos na direção dos banheiros.

Como, em questão de poucos segundos, eles saíram da mesa e ainda acompanhados por alguém?

Será que Ricco Donttino descobriu que um dos Valentino estava fora da cidade sem proteção alguma? E estava buscando retaliação?

Um nó se formou na minha garganta, me sufocando. Foi desesperador achar que meus meninos estavam em risco e foi como se o percurso até o banheiro levasse quilômetros ao invés de alguns poucos metros. Entretanto fiquei parado sem conseguir dar mais nenhum passo quando vi a porta do banheiro feminino aberta e escutei a voz de James saindo de lá. Ao me aproximar mais vi Ralf e a irmã de Mackenzie, que estava ajoelhada na altura deles, limpando o rosto lambuzado do menor.

— Tia Mackenzie é sua irmã?

— É sim!

— Então você é minha tia?

— Acho que sim. — Ela respondeu e acariciou o rosto de Ralf quando terminou de limpá-lo e secar as pequenas mãos dele.

— Por que saíram do lugar? — Mesmo me sentindo em paz e aliviado por tê-los encontrado, ainda assim estava absorvendo a descarga adrenérgica do sumiço deles e não percebi o quanto o tom da minha voz havia sido alto e ríspido, completamente odioso.

— Perdoe-me. Mas, os vi vindo sozinhos e vim atrás.

— Deveria ter me avisado. — James me olhou, saindo de perto dela e se aproximou de mim. Ele segurou minha mão e me olhou com os olhos marejados.

— Não fica bravo, papai!

— Não estou. Fiquei preocupado e já disse que não é para conversarem com estranhos. — Quando percebi havia dito sem a intenção de ofendê-la. Ela, de fato, não era totalmente uma estranha e meu intuito era apenas ensiná-los.

— Eu só quis ajudar. Mas, se estava tão preocupado com seus filhos deveria ter ficado perto deles, ao invés de sair para falar ao telefone. — Ela respondeu e saiu do banheiro, esbarrando em mim, não esperando meu pedido de desculpas.

Ralf se assustou e começou a chorar. O que me deixou perdido sem saber o que fazer. Não quis ser grosseiro com a jovem e nem sei por que fui, só me deixei ser levado pelo momento.

— Não chore, filho. — Peguei o mais novo no colo e segurei nas mãos de James e deixamos a sorveteria. Quando chegássemos em casa

perguntaria para Mackenzie o número do celular da irmã e ligaria pedindo desculpas.

Ao invés de levá-los de volta resolvi parar na praia e brincar com eles na areia, aproveitar mais um pouco do fim de tarde. Eles precisavam dessas horas para correrem, por isso, deixei-os brincarem e aproveitarem toda essa inocência de não saberem o que de fato estava acontecendo.

Estava sentado observando-os chutarem a bola, que comprei no caminho para cá.

Em breve seria só eu e eles, e isso me fez sentir um aperto maior ainda dentro do meu peito. Alícia e eu, ainda havíamos vivido tão pouco em relação a tudo que queria proporcionar para ela e nossos meninos.

Depois de duas horas retornamos para casa e já estava anoitecendo quando ajudei James a descer do carro e pegar Ralf adormecido no colo.

— Pede para Mackenzie colocá-lo no banho. — Assim que ordenei, James saiu correndo em direção a casa enquanto ajeitava melhor Ralf nos meus braços, deixando sua cabeça pender em meu ombro. Eles estavam exaustos, o que seria muito bom, ao menos, dormiriam a noite toda.

Com certeza, depois de ver a felicidade deles eu os levaria mais vezes para que se distraísse um pouco das coisas que estavam acontecendo.

— Precisa de ajuda, Sr. Valentino? — Mackenzie vinha na minha direção se oferecendo para pegar Ralf dos meus braços.

— Pode deixar. Esse aqui está dormindo como uma pedra. Acho que o banho vai ter que ficar para amanhã.

— Assim que terminar de dar banho em James venho servir o jantar para o senhor e ele.

— Obrigado.

Com cuidado para não acordá-lo subi as escadas e com calma coloquei o mais novo em sua cama.

— Campeão você precisava era de um bom banho. — Tirei seu tênis e observei o quanto o pezinho de Ralf estava sujo. Acabei passando por cima do coração amolecido de pai e o acordei. Ele dormiria melhor de banho tomado e após se alimentar. E mesmo resmungando o levei até o banheiro e o coloquei junto com o irmão na banheira.

Enquanto Mackenzie ajudava os meninos no banho descii e fui para os fundos da casa fumar e esperar por eles.

Era incrível viver próximo ao mar e Alícia tinha razão quanto à sensação de paz que ele causava. Talvez essa tenha sido a melhor escolha que fiz em anos ao trazê-los para cá e viver de modo casual, aproveitando os poucos momentos que ainda tínhamos com a nossa família completa.

— Senhor. Já estou servindo o jantar para os meninos.

Olhei, virando apenas meu rosto por cima do ombro ao escutá-la me chamar.

— Já estou indo! — Sorri e mostrei o cigarro ainda aceso.

Não me demorei muito e quando entrei James e Ralf já estavam sentados em seus lugares e Mackenzie de costas, lavando algo na pia.

— Mackenzie. Hoje à tarde encontrei com sua irmã na sorveteria e acho que não fui muito educado. Gostaria de me desculpar e se puder me passar o telefone dela. Quero ligar. — Mackenzie virou e enxugou as mãos no pano ao lado da pia e ficou me olhando intrigada.

— O que Marcêlly aprontou? — Seu tom foi de preocupação.

— Nada! Eu que a respondi mal. Só quero me desculpar pela minha indiscrição.

— Mas Sr. Valentino, não tem necessidade. Acredito que se o senhor agiu e a respondeu de algum modo... — Ela procurava por palavras para definir minha ação.

— Grosseiramente — completei. E de fato eu agi de modo rude com Marcêlly.

— Sim! Mas acredito fielmente que ela fez algo para que o senhor respondesse assim. — Mackenzie dizia de um modo como se a irmã tivesse sido culpada.

— Não ela, não fez nada. Fui eu mesmo. Ela estava ajudando os meninos quando por segundos descuidei deles e acabei descontando meu nervosismo nela.

— Mas não é necessário se desculpar. Eu conversarei com ela mais tarde.

— Eu faço questão.

— Tudo bem! — Ela assentiu e virou-se novamente, retornando a fazer o que estava fazendo antes.

Quando estava indo embora foi até a sala, onde estava assistindo TV e me entregou um pedaço de papel com um número escrito.

— Obrigado!

— Ainda acho desnecessário, Marcêlly é bem geniosa, imagino que o senhor não teve culpa.

— Vou ligar para ela. — Prefiri encerrar o assunto a ficar num embate se era necessário ou não.

— Até amanhã. Se o senhor precisar pode ligar, que venho rapidamente. Avisei Margot que pode me chamar se precisarem de mim.

— Obrigado, mas acredito que não será necessário. Vai descansar!

— Obrigada e boa noite, Sr. Valentino.

Mackenzie era uma mulher adorável e estava me ajudando muito. Depois dessa fase complicada pela qual Alícia estava passando, se não fosse por ela, eu não sei o que faria.

Mackenzie não só era carinhosa com os meninos, mas era ainda mais com Alícia, que confiava muito nela. Pelo menos mostrou ser de confiança e muito prestativa, assim como aquela corretora abusada havia nos falado. Diferente da irmã, que na primeira oportunidade me respondeu e me deu as costas com confiança e um pouco de petulância, o que não combinava com o rosto dócil e delicado.

A menina era abusada e não levava desaforo algum. Ela se parecia com Alícia quando começamos a namorar. Linda e petulante, a ponto de não ter travas na língua. Entretanto, eu procurei levar dela uma má resposta, por isso ainda estava aqui olhando para os números, pensando se seria uma boa ideia ligar e me desculpar.

Porém, minutos depois estava apertando a sequência de número no teclado digital do aparelho, ao mesmo tempo em que pegava um cigarro e ia em direção aos fundos da casa.

— *Alô!* — Ela atendeu e sua voz era de alguém que parecia estar dormindo.

— Desculpa incomodá-la, mas sou Rafaello Valentino, sua irmã trabalha em minha casa.

— *Eu sei quem é você!* — respondeu ríspida. Mas não era para menos, depois de mal lhe agradecer por ter cuidado dos meus meninos mais cedo não poderia esperar que fosse meiga e calma comigo.

— Queria me desculpar por hoje à tarde.

— *Sério?*

— Sim. Fui rude e você não é uma estranha.

— *Deveria ter pensado antes de falar. E desculpas aceitas. Só isso?*

— De fato ela demonstrou ter uma personalidade bastante interessante.

— Só! Me desculpa. E obrigado.

— *Por nada!* — Marcêlly não desligou e acho que estava esperando que eu dissesse algo mais, entretanto não consegui desligar e fiquei apenas escutando sua respiração do outro lado da linha. — *Até, Sr. Valentino.*

— Até!

Capítulo 8

Rafaello

Quando as coisas começam acontecer elas vêm como um tornado, arrasando tudo à sua frente, não deixando nada e ninguém de pé. Assim eu estava me sentindo, como se tivesse passado um grau 5 em minha vida. Um verdadeiro destruidor.

Já não bastava os meus problemas pessoais para lidar agora tinha os de Giovani também, que havia sido preso na noite passada. Sinceramente estava começando a sentir o peso dos problemas me sucumbir e me enterrar no chão. Enterrando-me até a cintura, não conseguindo movimentar minhas pernas.

Não sei se vou conseguir passar por toda essa avalanche. E o pior de tudo não é saber que sua vida está com dias e horas marcadas para mudar,

mas foi ver o peso da condenação nos olhares, devido a eu ter me mudado para longe quando a casa Valentino desmoronava.

Isso me divide.

Me faz repensar se estou sendo egoísta. Não queria ter mais essa culpa para questionar e carregar. Quero mesmo é só ter a certeza de priorizar Alícia e os meninos, neste momento. Sinto que esta é a coisa certa a se fazer.

Meus irmãos e minha família tinham que entender que sempre estaria com eles a qualquer momento, independente se chegaria atrasado um ou mais dias depois, entretanto, agora, precisavam compreender que era eu quem estava precisando de ajuda. Até porque, quando Marco me ligou, avisando sobre a prisão de Giovani e que precisavam de mim, eu me organizei e deixei Mackenzie com toda a responsabilidade de cuidar de tudo na minha ausência, me afastando por uns dias de Alícia e dos meninos. Então não poderia me sentir exilado ou culpado por não estar constantemente em Nova Iorque, sei que não poderia abandoná-los, mas não vou pegar minha esposa e meus filhos e retornar para perto de todos. Não neste momento, visto que Alí não está se sentindo bem e passando por conflitos internos.

Tem sido dias difíceis e por mais que meu irmão estivesse preso, eu não posso fazer nada a mais do que já fiz. Assumir sua cadeira jamais! Para isso, sua esposa era bem mais adequada que eu. Meu lugar agora era ao lado do amor da minha vida e dos meus meninos.

Para minha sorte, nestes dois dias em que fiquei ausente tudo ficou dentro da conformidade. Alícia ainda estava embotada, evitando sair do quarto, ficando aos cuidados da enfermeira e da psicóloga que estava visitando-a duas vezes na semana. Ontem, quando nos falamos por telefone,

após sua visita, ela me disse que Ali estava passando por um enfrentamento muito grande, que a limitação de não poder ser e fazer o que quisesse estava atingindo-a muito mais do que era perceptível. E que o problema maior não era este e sim o fato dela desejar a morte, pois já não via melhora do tratamento e a cada dia mais tudo estava sendo tirado da sua vida. Eu mesmo, já não sabia mais o que fazer e onde procurar ajuda.

É tudo muito conturbado e confuso. Para todas as direções em que olho eu só vejo problemas sem soluções e isso está acabando comigo.

— Vamos Cêlly! — Fui tirado do transe, — dos conflitos que estava vivendo —, pela voz de um jovem, alto, com talvez seus 20 e poucos anos, e um pouco atrás estava a irmã de Mackenzie. Eles estavam saindo da loja 24h com algumas garrafas nas mãos e não estavam sozinhos, havia mais dois casais acompanhando-os.

Quando cheguei em Boston, horas atrás, preferi vir dirigindo. Precisava espairecer, pensar e tentar achar qualquer solução. Foi quando cheguei em Rockport e vi que a carteira de cigarros estava quase vazia. Acho que a fumei toda de Nova Iorque até Boston e depois até aqui, e com certeza, não dormiria tão cedo o que me dava mais alguns cigarros pela madrugada. Ele tem sido meu fiel amigo, quando o sono se recusa a vir.

— Vamos, gatinha! — O rapaz parou e esperou a jovem loira chegar até ele.

Era a típica cena sensual e explosiva do casal apaixonado, quando a garota chega perto o cara bonitão a segura e passa sua mão pela bunda empinada dela e depois aperta, beijando sua boca em seguida.

Expirei em desdenho.

Estava assistindo de bem perto, praticamente um espectador dentro do carro, estacionado no vazio estacionamento, a frente deles.

Acredito que não me viram, os vidros eram completamente escuros para quem tentasse enxergar de fora, mas de dentro eu os via nitidamente. Via como ele a segurava, mantendo sua mão em uma das almofadas da bunda dela. Em resposta, a loirinha ficou nas pontas dos pés, com seus braços trançando na nuca dele. Seus dedos se entrelaçavam enquanto ele mordida e sugava seus lábios inferiores. O sorriso brotava em sua boca, aprovando e gostando da forma como se beijavam em público. Sendo bem sincero, a cena era sensual e a maneira que ela se entregava me fazia lembrar de quando comecei a namorar Alícia. Nos beijávamos assim, com paixão e uma fome insaciável um do outro. Como era bom estar apaixonado e ser correspondido. Entretanto as lembranças se misturaram e senti inveja do que via. Não sei explicar bem o que era, mas era diferente, me impedindo de desgrudar meus olhos da jovem loira.

O incômodo aumentou e deixei o carro. Não queria que se beijassem daquela maneira na minha frente.

Mas que direito eu tinha? Não era nada dos dois, não conhecia o cara com que Marcêlly estava, sem contar que não era íntimo dela, mal nos conhecíamos.

Talvez fosse por me trazer lembranças e desejos que nunca mais teria.

Saí do carro e caminhei na direção deles. Os dois ainda se beijavam como se estivessem a sós e o grupo de amigos ficaram gritando, apoiando a cena do casal.

Poderia passar e esbarrar assim parariam de se beijarem. Mas óbvio que não faria. Apenas me aproximei deles e fiquei olhando, como se estivesse interessado. Quando passei ao lado dela, encerraram o beijo e seu olhar parou no meu. Ela me reconheceu e se surpreendeu quando continuei encarando-a.

— Oi. — Ela respondeu desviando seu olhar em seguida.

— Olá! — respondi e continuei a seguir em direção a entrada da conveniência.

Algo estava errado.

Ela não deveria se sentir envergonhada e eu não deveria ter olhado como se estivesse errada. Não éramos nada, eu apenas a conhecia por causa da sua irmã. Nada mais! *Nada mais uma ova!*

Menti para mim mesmo. Me senti sim incomodado com a cena deles. Além de confuso, sem saber ao certo porque estava com esses sentimentos ambíguos. A vi três vezes, fora o telefonema daquela noite, que não durou mais que 2 minutos, não tivemos sequer mais nenhum contato.

— Quem é ele, Cêlly? — Escutei o jovem que estava com ela perguntando assim que a cumprimentei.

— É o novo morador da casa dos Donovan — respondeu e virou o rosto na minha direção, me flagrando ainda olhando para ela, pois quando cheguei à porta parei e olhei na direção onde ainda estavam.

Tentei puxar na memória se era o mesmo da outra noite, quando ela foi levar a chave para a irmã em minha casa, mas não consegui me lembrar. Naquele dia estava mais impressionado com o quanto era bonita que não me atentei quem estava dentro do carro esperando por ela.

Por segundos fiquei parado antes de entrar e passar pelas portas automáticas de vidro. Seu olhar se prendeu.

— Vamos embora! — Uma voz masculina a fez virar o rosto e voltar a olhar para o grupo que estava com eles.

Entrei e comprei o que tinha que comprar e retornei para o carro. Mais ninguém estava por perto, eles haviam ido embora.

Por minutos fiquei parado após entrar no carro. Meus olhos se fixaram no desenho do jaguar no ar, desenhado no centro do volante do carro.

Ela era muito nova. Será que a irmã sabia onde estava a essas horas? Era bem tarde e pelo visto ainda não iriam embora. Mas me lembrei que eram jovens e que não tinha motivo algum para estar tão interessado no que a irmã da minha funcionária fazia tão tarde da noite fora de casa.

Talvez fosse pelo fato de estar atento ao meu redor. De querer sempre saber o que as pessoas que estão próximas a mim fazem em suas vidas. Ao menos o essencial sobre as Shunter eu sabia. Onde nasceram e viveram.

Quando contratei Mackenzie pedi que fizessem uma busca simples sobre sua vida. Seu dossiê era básico, sem muitas curiosidades. Ela e a irmã não tinham passagem pela polícia, moravam sozinhas em uma casa com hipotecas sempre em atraso.

De fato, Mackenzie havia trabalhado anteriormente para os antigos donos da casa que comprei e Marcêlly trabalhava na sorveteria, o único lugar tradicional da cidade, que nos invernos substituíam os sorvetes por bebidas quentes e lanches. Era a espécie do lugar comum onde todos iam

nas sextas-feiras de noite. Além de servir o balcão, ela também dava aulas de balé, duas vezes na semana para crianças, em um estúdio no centro.

Eram curiosidades básicas que precisava saber para colocar alguém dentro da minha casa. O mais curioso era porque estavam aqui... Eram bonitas e pelo visto lutavam para se manterem. Qualquer lugar que fossem teriam empregos melhores que estes.

Talvez, um dia, perguntaria para Mackenzie o que as motivaram a permanecer em Rockport. No entanto, era melhor eu ir para casa. Já era tarde e precisava ver como estava Alicia.

— Sr. Valentino?! — Mackenzie ascendeu e levou a mão ao coração ao me ver parado, fechando a porta às minhas costas. A jovem estava com os cabelos presos para o alto e me olhava assustada. Como se tivesse visto um fantasma.

— Desculpa, Mackenzie. Esqueci de avisá-la que estava chegando.
— Me desculpei por não ter avisado que estava vindo, mas minha vontade de chegar em casa foi maior.

— Sem problemas, senhor. Só me assustei. Não o esperávamos ainda hoje.

— Não quis ficar mais tempo longe.

Quando Alicia começou a ter as complicações, após nos mudarmos para cá, eu me abri para Mackenzie e disse o real motivo da nossa mudança. Justifiquei que Ali não queria que ninguém da nossa família a visse definhando. Menti alguns fatos, evitando assim não atizar a curiosidade dela e de algum vizinho ou cidadão de Rockport. Se alguém por curiosidade perguntasse quem éramos, ela facilmente iria dizer que apenas nos mudamos por causa da doença da minha esposa.

Um novo morador em uma cidade pequena é capaz de chamar bem mais atenção que o normal. Além de que, dei informações simples e que poderia compartilhar com qualquer um, evitando assim atizar a curiosidade alheia. Disse a ela que trabalhava na empresa da família e que, por causa da doença, me afastei por um tempo, mas que algumas vezes deveria ir à Nova Iorque e por isso eu estava contando com a ajuda constante dela.

Por ora, acredito que Mackenzie jamais iria vasculhar e descobrir que o sobrenome Valentino, que está estampando os jornais com escândalos há algumas semanas, seja o mesmo que o meu, fazendo com ela me ligasse à máfia.

. Não tinha nada confirmado, quanto a isso, eram apenas boatos. Então não tinha como me associarem e como dei informações tão claras, acredito que ninguém vá ficar tão interessado a fim de querer fazer uma busca sobre quem eu sou e o que faço. Era só não chamar atenção.

— E como Alícia está? — perguntei parando com um dos pés no primeiro degrau. Minha mão repousou sobre o globo de madeira do corrimão branco.

— Estava bem chorosa hoje pela tarde, pela manhã a levamos até o mar, mas acredito que após o banho, quando percebeu que não há mais nenhum fio de cabelo, ela não tenha aceitado muito bem. Os poucos cabelos se foram mesmo. Ali pediu que retirássemos todos os espelhos da casa.

— E fizeram? — Ela assentiu.

— Sim. Sobrou o do banheiro aqui da entrada.

— Obrigado! — Respirei fundo e abaixei a cabeça.

Cada dia que se passava e cada nova maldita etapa que regredia estava sendo essa luta constante com o meu psicológico e com o meu físico.

Os de Alícia estavam completamente desestruturados, restando um peso maior sobre meus ombros.

Tinha que ser assim e eu aguentaria firme até o fim.

— Boa noite, Mackenzie! — Me despedi.

— Boa noite, Sr. Valentino! — Subi as escadas e fui diretamente para o quarto de Alícia.

Desde o dia em que os médicos me aconselharam a contratar enfermeiras para estarem por perto a qualquer momento optei por dormir separado dela, mesmo que meu coração ainda não aceitasse, porém sempre havia alguém velando o sono de Ali e com a separação de quartos era mais fácil para a equipe cuidar dela, só que ela acabou não aceitando muito bem.

Essa era uma de suas reclamações e chateações.

Tudo estava sendo novo e traumático para nós dois. Estávamos perdendo a nossa vida mutuamente de uma forma drástica.

Entrei no quarto e Alícia estava dormindo lateralizada, de costas para a porta.

Poli, uma das enfermeiras do turno da noite me viu e se levantou. Ao passar por mim sorriu e me deixou sozinho com minha esposa. Aproximei-me e sentei na beirada do colchão, e deslizei as costas da mão pelo seu rosto, despertando-a.

— Oi! — sussurrou sonolenta.

— Oi, meu amor. Volte a dormir. — Sorri e me curvei para beijar sua testa, mas ela se virou tentando se sentar.

— Não, quero ficar um pouco com você. Estava com saudades.

— Senti muito sua falta. — Me aproximei após ajudá-la a se sentar e selei seus lábios.

Como queria chegar e beijá-la com paixão, assim como vi a irmã de Mackenzie naquele estacionamento. Mas meu medo ainda era maior do que o tesão que sentia para tê-la sob meu corpo.

— Giovani está bem? — Ela perguntou.

— Não sabemos, mas Marco, Eleonora e o escritório de Robert estão tomando conta de tudo.

— E a Bella?

— Desesperada. Nunca a vi agitada como ficou. Ela perguntou de você. Quer vê-la. Disse que falaria com você e depois retornaria com a resposta.

— Já estão sabendo sobre mim?

— Sim. Infelizmente Giovani dividiu com Bella, Luca e Marco. Mellaine pediu para tentar ajudar. — Giovani, antes de ser preso, acabou contando os detalhes sobre a situação em que Alícia se encontrava.

— Não quero ver ninguém, Raf! Não quero que me vejam do jeito que estou. — Alícia, respirou fundo e virou o rosto para o lado, segurando o choro. Por mais que tentasse ser forte sei que a qualquer momento ela desabaria e estava me preparando para quando chegasse. — Não quero mais me ver no espelho.

— Como quiser, meu amor! — concordei. Estava sabendo do que havia acontecido mais cedo e apoiei.

Talvez fosse melhor, ela não ver como estava emagrecendo. Sei que estaria concordando e deixando que se entregasse, porém não iria contra o

que ela queria.

— Não quero ter que me ver cada dia definhando. — Ao virar o rosto e me encarar as primeiras lágrimas escorreram.

— Você não está definhando. Estamos passando por um momento, mas vamos conseguir reverter esse revés da síndrome. É só mais uma fase ruim. Vai melhorar! — Tentei mostrar confiança de que tudo poderia voltar a ser como antes, mesmo com tudo indo ao contrário.

— Hoje fui ao mar. Foi tão bom sentir a onda bater nos meus pés, mas depois, quando vi e senti que os cabelos se foram por completo eu não consegui segurar. Meses tomando a medicação e nada. Nada de melhorar qualquer coisa que seja. — Após cortar os cabelos tinha ficado com um corte baixo, não havia raspado, mas conforme foi ficando com focos de calvície, Alícia pediu para raspar, deixando apenas as pontinhas, que agora não tinha sequer mais nada delas. — Estou cansada de não ver melhora e a cada dia algo novo surgir.

— Não se sinta assim. Sempre haverá um jeito para tudo. — A trouxe e acomodei sua cabeça em meu tórax, ninando, embalando-a com o corpo até passar o choro.

— Quero ver o Dr. Richardson, sei que ele virá só no mês que vem, mas quero falar com ele. — Alícia me pediu e não pude negar seu pedido.

— Amanhã ligarei para ele. Agora descansa. — Ela se afastou e sorriu.

— Eu te amo, você é o amor da minha vida.

— Alícia, você é e sempre será o único amor da minha vida. — Eu a amava com todas células do meu corpo. Era algo que nem mesmo qualquer

físico ou matemático poderia quantificar.

— Raf... — Alícia segurou meu rosto entre suas mãos e pude contemplar as íris verdes desfocadas e sem brilho. — Me prometa que quando eu morrer você vai viver de novo. Vai amar e ser amado como te amo.

— Não diga uma coisa dessas, você não vai morrer ainda! — Segurei em seus pulsos e virei o rosto para beijar a palma de uma das suas mãos.

Não tinha espaço suficiente e acredito que jamais teria para amar outra mulher como a amo. Um amor como o nosso só acontece uma vez na vida.

— Quero que você seja sempre feliz. Eu te amo muito e não quero que seja infeliz quando eu não estiver mais aqui.

— Eu a amo e ainda vamos ficar muitos anos juntos. — Após sorrir, bocejou e novamente a ajudei a se aconchegar na cama.

Fiquei acariciando seu rosto até ela adormecer. *Alícia sempre seria o único amor da minha vida.*

Capítulo 9

Meses depois

Rafaello

— Bella! — Abri a porta de casa e lá estava minha cunhada, com os olhos inchados de tanto chorar.

Há duas noites tivemos que correr para o hospital às pressas, Alícia começou a ter um leve agravamento na miotonia localizada no diafragma. O quadro clínico dela está cada dia mais caótico. Depois que descobrimos o porquê do tratamento inicial não ter tido eficácia alguma, estamos tendo que fazer por intravenoso. O primeiro órgão a ser atingido não havia sido o muscular e sim o intestinal, prejudicando a absorção dos medicamentos que estava ingerindo. Por isso, nenhum dos medicamentos que tomava fazia efeito, o que a fez piorar. Sem podermos ter esperança em uma reversão. Agora ela estava em casa dependente de cateter de oxigênio contínuo, sem contar a medicação toda feita em suas veias. A única melhora que podemos comemorar foi o ganho de peso. Alícia havia perdido muito peso, o que a deixava fraca.

— Rafaello. — Meu irmão se aproximou, ficando logo atrás de sua esposa.

Giovani saiu da prisão um mês depois que foi preso, mas ainda estava aguardando uma decisão judicial, visto que a promotoria junto com o FBI pediu um adiamento na tentativa de levantarem mais provas contra ele. E Bella estava grávida do terceiro filho deles.

— Giovani. — Ele me abraçou e bateu nas minhas costas.

Foi tão bom sentir o abraço de alguém em quem posso confiar.

— Como Ali está? — Bella se jogou em meus braços e começou a chorar em soluços.

— Chegamos hoje de manhã do hospital. — Ela se afastou de mim, enxugando os cantos dos olhos com um lenço. Giovani se aproximou e a acolheu, abraçando-a. — Os médicos não me deram muitas expectativas. Alícia vai precisar ficar constantemente com o cateter de oxigênio — terminei de dizer a frase com a voz embargada.

— Calma, Raf. — Giovani afagou meu ombro.

Dei espaço para entrarem. Infelizmente a atenção que não queria chamar acabei chamando. Eles estavam em dois SUV's pretos com seguranças parados na frente da minha casa.

— Mackenzie, esse é meu irmão e a esposa dele. — Ela sorriu e os cumprimentou e foi até a cozinha preparar café.

— Não consigo pensar em mais nada — disse ao mostrar a sala para eles.

— Me deixe levar os meninos para Nova Iorque comigo? — Bella não se sentou e permaneceu de pé ao lado direito de Giovani.

— Não, Bella. — Fui enfático.

— Ainda acho que deveria voltar para Nova Iorque. Lá temos mais recursos e estamos mais perto. — Giovani insistia com essa ideia. Mas eu não voltaria tão cedo. Queria ficar longe do trabalho, de tudo que chamasse confusão. Meus filhos já estavam bastante assustados com a ausência da mãe, tirá-los de um lugar calmo para trancá-los em uma casa com seguranças ao redor estava fora de cogitação. As coisas poderiam até

estarem mais calmas, mas ainda assim, Ricco Donttino permanecia por aí, procurando uma forma de aprontar a qualquer brecha. Aqui pelo menos, eles tinham a babá, Mackenzie e a mim. Alícia queria que seus últimos dias fossem aqui e assim seria.

— Não vou voltar. Alícia quer ficar. Eu e os meninos somos a família dela e aqui vamos permanecer — respondi, demonstrando que não estava aberto a uma discussão sobre voltar para Nova Iorque.

— Já falou com a família dela em Los Angeles? — Bella perguntou quando percebeu que eu não cederia ao pedido de Giovani e nem o dela.

— Sim. Eles vão vir no fim de semana.

A família de Alícia sabia pouca coisa, assim como tentei manter de fora os Valentino. Ela não queria que as pessoas a olhassem com comiseração e estava me esforçando para poupá-la quanto a eles quererem vê-la.

— Por que sinto que estou aqui para me despedir dela? — Bella escondeu seu rosto nas mãos e tornou a chorar. Giovani foi até ela e se sentou ao seu lado, confortando-a ao encostar o rosto dela em seu ombro.

— Porque essa é a lei da vida.

— Por que não vim atrás antes e deixei que ela se afastasse de mim? Alícia se afastou e até hoje convivo sem saber o porquê. Deveria ter ligado, insistido e agora ela está morrendo.

Bella chorava e eu entendia tudo o que deveria estar passando. Ela e Alícia eram amigas desde muito novas. Foi por causa da minha cunhada que eu conheci o grande amor da minha vida. Não deveria estar sendo fácil para ela também.

— Ela sabe que eu viria?

— Sim. Ela me pediu para te ver.

— Eu a amo, Raf. Alícia foi minha melhor amiga. Foi quem sempre soube de tudo da minha vida.

Ela se levantou e veio até onde eu estava e ficou na minha frente.

— Vou estar aqui sempre que precisar, para você e os meninos...

— Sr. Valentino?! — Uma das enfermeiras desceu e me chamou nos interrompendo, ela ficou parada na metade da escada, onde conseguíamos enxergá-la.

— Sim!

— Alícia me pediu para chamar o senhor e a Sra. Valentino para subirem. Mais ninguém. — Ela se referiu a mim e a Bella quando seu olhar repousou em Giovani.

— Já estamos subindo. Obrigado!

Esperei Bella se recompor e subimos. Quando chegamos à porta do quarto que estava aberta, esperamos a enfermeira sair e deixei que minha cunhada entrasse na minha frente. Ela estava sensível e começou a chorar de novo. Não que fosse culpa somente dos hormônios da gravidez, imagino que mais por toda a situação.

— Ali! — Bella se adiantou, chegando perto da cama e se debruçando sobre Alícia. Da forma que podia a abraçou...

As duas choraram. Alícia não podia se emocionar muito e dentro das suas limitações abraçou a amiga.

— Por que, Ali? — Minha cunhada se afastou e segurou o rosto da amiga com as mãos. — Por que não me deixou ficar perto?

— Bella! Me perdoa.

— Não tenho que lhe perdoar de nada. Só queria ter você perto de novo. Só queria estar aqui quando tudo aconteceu. Queria ficar do seu lado. Eu te amo Ali. Me perdoa por não ter insistido quando você se afastou. Eu só respeitei seu momento.

— Eu te amo, Bella. Você foi e sempre será minha melhor amiga. Eu estou morrendo!

— Não fala assim. Você vai viver muito. — Bella se sentou no espaço ao lado de Alícia.

— Não vou. Não vou poder ver o seu novo bebê quando nascer.

— Claro que vai. Vai estar em Nova Iorque e vai segurá-lo muito ainda. — Bella arriscava olhares por cima do ombro na minha direção enquanto Alícia respirava com dificuldade.

— Me prometa que não vai abandonar meus filhos.

— Claro que não, Ali. E você vai viver muito, vai vê-los se casarem, se formarem.

— Não vou, eu sei. — Vê-las só me fazia pensar no que Bella disse quando chegou que sentia que estava aqui para se despedir dela. Era a mesma sensação que estava tendo. De que as duas não teriam mais um momento delas.

Balancei a cabeça na tentativa de espantar esse tipo de pensamento.

Minha fé estava balançada, sem saber o que viria no minuto a seguir. Era como se estivesse amarrado a uma bomba relógio prestes a

explodir a qualquer momento.

— Vai sim! Não pode me deixar, deixar o Raf e os meninos.

— Bella, me prometa que vai cuidar dos três quando eu não estiver mais aqui.

— Para de dizer isso, Ali. Você vai estar aqui.

— Não. Deixei que você viesse porque queria me despedir de você. Me prometa Bella. — Alícia jogou o corpo para frente e agarrou a mão de Bella. — Me prometa... — Por causa de se esforçar, reparei que estava começando a se sentir cansada e com falta de ar.

— Ali, descansa depois vocês duas conversam mais. — Me aproximei e afaguei o ombro de Bella.

Infelizmente precisei intervir.

— Não, Raf. Preciso conversar com a Bella.

— Tudo bem mesmo? — perguntei preocupado e Alícia balançou a cabeça, confirmando que estava bem.

— Me prometa, Bella. Que quando eu morrer você estará sempre presente na vida dos meus filhos, cuidando deles. Faça com que Raf arrume alguém para amar novamente.

— Alícia, já conversamos sobre isto — disse rispidamente.

— Raf, você não merece ficar sozinho porque eu não vou estar aqui mais. Eu te amo muito, quero que seja feliz.

— Ali, por favor... não vai acontecer nada disso. — Bella repetia como desculpa para não aceitar que Alícia poderia morrer a qualquer momento.

— Então me prometa! Bella, me prometa, por favor. — Alícia se agitou e começou a tossir, como se estivesse se sufocando.

— Eu prometo... — Desesperada, Bella prometeu e Alícia escorregou para o lado e começou a se debater, convulsionando.

— NÃOOOOOOO! — gritei e não vi o que estava fazendo e me joguei sobre o corpo de Alícia para segurá-la acolhendo-a em meus braços enquanto a enfermeira entrava com o celular na mão, ligando para o 911, pedindo por socorro.

— Eles estão vindo! — Ela exclamou e veio para meu lado tentando me ajudar.

Foram os minutos mais longos da minha vida.

Em menos de 10 minutos os socorristas de Rockport estavam entrando pelo quarto, paramentados enquanto o corpo de Alícia sofria os últimos colapsos. Eles a levaram com vida, mas dentro de mim algo dizia que nunca mais ela voltaria para meus braços viva e muito menos para aquele quarto. Essa sensação de nunca mais ter aquela que tanto amava me fez desferir com toda força e raiva um soco na parede ao meu lado.

A dor de talvez ter quebrado o 5º metacarpo se uniu com o desespero que estava sentindo. Não conseguia distingui-las, apenas queria com todas minhas forças que Alícia sobrevivesse.

Será que era egoísmo meu querer que seu coração continuasse batendo a qualquer custo?

Eles desceram com ela presa na maca enquanto Giovani segurava Bella, chorando desesperadamente, na sala de casa.

— Alícia se foi... — Bella disse com seu rosto escondido no tórax de Giovani.

Senti meus olhos formigarem e arderem.

Bella estava sendo a voz gritante que me dizia que estava no fim.

— Preciso ir para o hospital. — Minha mão latejava. Meu corpo gritava em desespero. E a única coisa que queria era estar perto de Alícia.

— Mackenzie cuida dos meninos e pede para não os deixarem sair do quarto — pedi para a jovem loira que vinha na minha direção com um copo de água nas mãos.

Supus que seria para Bella, que estava em um estado lastimável.

— Eu vou com você Raf! — Bella se soltou de Giovani, mas foi impedida de se afastar quando meu irmão viu sua intenção.

— Você vai ficar aqui. — Ele disse e a segurou pela cintura.

— Raf pede para te levarem. — Giovani trouxe Bella para o meio dos seus braços novamente.

Assenti e deixei a casa.

Sentado no banco de trás do SUV, indo para o hospital, mexi o dedo mindinho com dificuldade. Acredito que devo ter luxado ou quebrado, mas só agora sentia a dor da carne se separar da dor que parecia rasgar meu peito e minha alma.

Alícia foi levada para Boston e quem estava acompanhando-a dentro da Ambulância era a enfermeira que estava trabalhando naquele turno. Se antes eu tinha achado que até o socorro chegar tinham sido os minutos mais longos, até Boston estava sendo uma eternidade.

Eu ia me comunicando com a enfermeira particular de minuto a minuto. E para meu alívio ela me informou que eles conseguiram estabilizar Alícia e que ela estava dormindo devido ao calmante que aplicaram nela.

Enquanto não chegava em Boston liguei para os médicos dela, avisando sobre o que tinha acontecido.

Mal saímos do hospital e já estávamos retornando.

Não fazia 24h que deixamos a emergência com a esperança de permanecer em casa e nada se agravar, mas Alícia se emocionou muito e acredito que isso tenha feito ela se sentir mal.

Em momento nenhum estava culpando ninguém por ela ter convulsionado.

O encontro delas tinha que acontecer mais cedo ou mais tarde.



Dois dias se passaram e Alícia estava sendo mantida com calmantes adormecida.

Fizeram uma nova ressonância e não conseguiram achar o motivo pelo qual ela havia convulsionado. Os médicos acham que se deu ao emocional. Em contrapartida, quando cheguei no hospital, a equipe médica de plantão percebeu que segurava muito minha mão e que ela estava machucada. Após uma radiografia constataram que havia apenas luxado e por sorte não fraturou. Agora estava à espera de Alícia acordar e conseguirmos retornar para casa.

Giovani e Bella retornaram para Nova Iorque a meu pedido. Mackenzie estava em tempo integral cuidando da casa e dos meninos enquanto eu não conseguia me mover do lado de Alícia.

— Raf? — escutei sua voz abafada. Alícia abriu os olhos e sorriu.

— Alícia? — Levantei da cadeira depressa e fui para o seu lado.

Ao chegar perto me senti aquecido e acolhido ao contemplar seus olhos verdes, me olhando assustada.

Por dois dias não sai de forma alguma daqui. Me mantive constantemente ao lado dela, só ia no hotel tomar um banho e voltava. Como estava em Boston resolvi contratar outra enfermeira particular para ficar à disposição integral dela. Era mais uma espécie de cuidadora, que assumia meu lugar nos momentos que saía para comer ou me trocar, mas a noite quem estava ao seu lado era eu e seria assim. Assistiria e velaria seu sono enquanto ela vivesse.

— Você acordou. — Ela mexeu os lábios em um sorriso fraco.

— O que aconteceu?

— Você teve uma convulsão, mas foi emocional. Você se emocionou muito. Agora descansa.

— Te amo!

— Eu também te amo. — Curvei e beijei sua testa.

Estava me sentindo completamente aliviado por escutar sua voz e saber que ela ainda estava aqui comigo.

— James e Ralf?

— Estão com a Mackenzie.

— Prometa para mim, que vai ajudar no casamento dela.

— Alícia não vamos começar com essas promessas?

— Por favor, Raf. Ela tem sido uma grande amiga e está juntando o dinheiro para quitar a casa onde mora com a irmã e se casar. Ela vai nos convidar para ser seus padrinhos, tenho certeza. — Às vezes, Alícia falava com esperança de que nada tinha acontecido e que o amanhã seria como antigamente.

— E vamos ser! — Por mais que estivesse feliz por ela estar acordada e falante — diferente de alguém que deveria estar descansando —, concordei apenas para ela ficar calma e voltar a descansar. Amanhã bem cedo seus médicos estariam vindo visitá-la e queria muito que eles vissem que ela estava bem aparentemente e que tinha acordado.

— Prometa para mim que vai ser feliz. — Ela retornou com seus pedidos descabidos.

— Eu já sou feliz e por favor vamos parar, você precisa descansar meu amor.

— Não, Raf. Eu vou morrer. Eu sinto isso.

— Você não vai morrer, ainda temos muito para viver. — Era meu desejo e como queria ter este poder de realizá-lo e fazer tudo voltar como era antes.

— Você tem, eu não. Só me prometa que vai amar novamente. Que vai deixar alguém entrar nesse seu lindo coração.

— Ninguém vai ocupar um lugar que foi só seu. Isso eu prometo. — Poderia parecer teimosia minha, mas não sentia vontade de amar alguém. Meu coração queria amar somente ela.

— Não. — Ela tentou levantar a cabeça, mas a impedi. — Vem mais perto. — Me curvei e fechei os olhos, me deliciando com a sensação de sentir seus lábios roçarem novamente minha pele. — Eu te amo e pra sempre vou te amar e queria que outras mulheres experimentassem o que é ser amada como fui, por isso, meu amor, ame alguém e deixe que ela te ame. — Me afastei para olhar em seus olhos e vi lágrimas paradas nas pálpebras inferiores.

— Não chore...

— Coloca a mão no meu coração. — Estranhei seu pedido e mesmo assim coloquei. — Sente como ele bate lentamente? — Neguei com a cabeça. Não queria aceitar o que ela estava querendo falar.

Era um absurdo ela me pedir que eu ame outra vez. Ainda mais colocar uma outra mulher em seu lugar.

Amar Alicia foi minha maior e mais louca aventura. Nunca mais serei capaz de sentir esse sentimento puro e nobre por outra pessoa. Ela era única e seria até a minha morte.

— Nunca se esqueça o quanto eu te amei e te amo. — Lentamente ela fechou os olhos e adormeceu.

Capítulo 10

Rafaello

— Sr. Valentino! — Acordei com alguém dando leves batidinhas em meu ombro e me assustei.

Quando Alícia adormeceu puxei uma cadeira e a posicionei mais próximo de sua cama. Desde sua internação tenho feito assim todas as noites, como se fosse uma espécie de um ritual.

Por horas fiquei na mesma posição, segurando-a com meus dedos entrelaçados aos seus. Não percebi que havia adormecido.

— Sr. Valentino! — Levantei a cabeça na direção da voz e notei que o quarto estava se enchendo de enfermeiras, rodeando a cama de Alícia.

O que estava acontecendo?

Sem entender me ergui um pouco da cadeira, mantendo a mão de Alícia firme entre meus dedos. Quando olhei para os lados e em seguida na direção do monitor, fiquei congelado. Senti meu corpo ser invadido por um frio que percorreu toda minha espinha dorsal, enquanto fixava meu olhar nas linhas retas que cruzavam toda a tela.

Todos os números estavam zerados e foi aí que meus ouvidos passaram a identificar aquele apito constante. O mesmo que deveria ter me acordado minutos atrás.

— Precisamos que o senhor saia do quarto. — Um dos homens que entrava no quarto e se juntava aos demais ao redor da cama me disse.

— Não... — Balancei a cabeça negando. Eu não iria a lugar algum sem Alícia.

— O senhor precisa se retirar é protocolo do hospital.

Mas por que eu precisava sair?

Foi quando senti o empurrão e seus dedos soltando dos meus, que me dei conta do que realmente estava acontecendo e junto com o desespero meu corpo reagiu.

— Não vou deixar minha esposa. — Quase gritei. Meu desespero era tanto que estava beirando ao colapso ao me dar conta de que Alícia estava morrendo.

Tentei me aproximar, mas me empurraram.

O homem que me pedia para sair e mais outro entraram em minha frente, formando uma barreira, como se fosse um muro erguido na minha frente, me impossibilitando de ficar perto dela.

— NÃOOOOO — gritei desesperado.

Não queria sair dali, mas me tiraram e mesmo reunindo toda minha força não consegui retornar para o seu lado.

— O senhor precisa se acalmar e deixar a equipe trabalhar.

— Me deixem ficar com ela. — Tentei voltar, mas me pararam antes mesmo que eu desse qualquer outro passo à frente.

— O senhor não vai! — Eles me empurraram com as mãos em meu tórax.

Em meio à confusão, eles me empurravam e eu tentava voltar. Era uma disputa de forças de um contra dois, uma desvantagem do qual eu não me deixaria sair vencido. Eu só queria olhar para ela pela última vez e ter certeza de que este pesadelo não estava acontecendo.

Alicia não poderia morrer...

Precisava ficar ao seu lado. Ainda tínhamos muito que viver. Eu ainda queria ver seu rosto, seu sorriso, escutar sua voz e sua risada, mas a única imagem que eu via, era da equipe médica tentando trazê-la de volta à vida.

— FAÇAM ALGUMA COISA! — gritei novamente e derrotado quando vi que seria inútil tentar lutar para que me deixassem se aproximar dela.

A porta se fechou e outra se abriu. A do inferno em que estavam me jogando sem data para retornar. Pois seria exatamente assim que estaria a minha vida se não a trouxessem de volta.

— Eu preciso que o senhor tenha calma. — Um dos homens retornou para o quarto enquanto o outro ainda estava parado na minha frente, como se seus pés tivessem criado raízes e estivessem agarrados.

— Ela está morta? — perguntei. Precisava me certificar, mas quando percebi que eles não me responderiam me faltaram palavras e o ar.

Era uma certeza que estava estampada bem ali na minha frente.

— Vamos tentar de tudo. Agora preciso que se acalme.

— Me devolva ela com vida. Eu te dou o que quiser — pedi vencido pela batalha ao tentar voltar para dentro daquele quarto.

— Não se trata de uma compra. Vamos fazer tudo que estiver ao nosso alcance. — O homem me deu as costas e voltou para o quarto, me deixando isolado, sem saber o que estava acontecendo. Mas não era idiota ou burro para não ter a simples ideia de que a vida de Alícia estava indo embora.

Parado, fiquei olhando para onde estavam, imaginando o que estaria se passando lá dentro. Não me movi sequer nenhum centímetro para qualquer direção. Já havia sido expulso do quarto e dali ninguém me tiraria. Esperaria por horas na mesma posição se fosse necessário, contudo, não demoraram muito. E maldito foi o momento em que aquela porta se abriu. Os olhares para mim eram como se fossem uma formação de uma frase completa. Não precisavam mais explicarem ou anunciarem nada.

Alícia, o amor da minha vida. A única mulher que amei com paixão e me entreguei de corpo e alma havia morrido e, com ela, meu mundo também.

Respirei, inalando todo o ar que pude. Meu peito começou a trincar quando negaram com a cabeça. A ausência de palavras, mas de expressões cheias de respostas me sufocaram. Foram tantas sensações que se amontoaram que era difícil diferenciar cada uma. Me senti como se tivesse

dentro de um buraco fundo e todas as vozes se tornando simples ecos dentro da minha cabeça.

Não precisavam falar mais nada.

— Tentamos tudo, mas não conseguimos. — O mesmo homem que há pouco estava me tirando de perto dela vinha para meu lado e tentava me confortar.

Não queria consolo e nem comiseração.

— Não me toca. — Me esquivei quando ele tentou segurar e afagar meu ombro.

Ninguém nesta vida seria capaz de tirar um resquício dessa dor que me partia e me deixava desnorteado. A única forma seria se me devolvessem ela com vida.

— Me deixa! — Fui na direção da parede e a chutei, me jogando contra ela com os punhos fechados. Deixei minha testa servir de apoio para o peso do meu corpo enquanto meus olhos se fechavam na esperança de quando os abrisse de novo tudo tivesse desaparecido e que nada tivesse acontecido.

— Sr. Valentino! — Além da outra voz me chamando, conseguia sentir sua presença ao meu lado. O médico estava ali de novo.

Neguei com a cabeça, evitando olhar para eles. Não agora! Eu não queria enfrentar ninguém que me olhasse com pesar.

— Me digam que ela está viva. Só isso que peço — disse abafado me mantendo com a cabeça ainda encostada na parede gelada.

Solucei impulsivamente, o choro estava sendo incontrolável de segurar.

— Infelizmente não conseguimos trazê-la de volta.

— Ela teve uma parada cardiorrespiratória em assistolia. Sei que não vai entender meus termos médicos, mas só conseguiríamos reverter através de um milagre. Tentamos, Sr...

A forma calma como me dizia só fazia minha ira atravessar um nível nunca atingido. Eu queria me virar e extravasar toda minha frustração e raiva em cima dele, mas mesmo querendo colocar para fora minha dor em forma de agressão, me controlei e me virei para ele.

Ele estava com os olhos vermelhos e me olhava com compaixão e permiti que me abraçasse pelo menos ali.

Chorei, coloquei a dor em lágrimas e deixei que saíssem ainda mais.

Poderiam me julgar, dizer que sou um fraco, mas havia acabado de perder o amor da minha vida e doía *pra cacete*.



— Sirva mais uma dose — ordenei e levantei o copo na direção da comissária.

Que merda de vida!

Viúvo e um bêbado em ascensão. Era assim que me encontrava. Esparramado no assento da aeronave.

Estava vestido com o terno caro, que de nada me importava no momento.

Eu só a queria de volta!

Eu e nossos filhos estávamos em cima enquanto seu corpo, frio e sem vida, jazia dentro do caixão preto no compartimento de bagagem.

O jato da família Valentino nos levava para aquele adeus que não queria dar.

Assim que consegui pensar, após receber a notícia de que Alícia estava morta liguei para Bella e pedi que cuidasse de todos os detalhes. Com certeza quem estaria se preocupando para ela seria Andrea. Desde que deixamos Boston recebi 4 ligações dela, mas não quis atender nenhuma, apenas queria beber e extravasar, deixando que o malte se incumbisse de me deixar bêbado o suficiente para me fazer esquecer de que eu não a teria mais.

— Sim, senhor! — A morena de coque e saia lápis preta, com camisa branca e lenço amarrado na gola sorriu e me serviu sem me repreender por beber demais, horas antes do enterro da minha esposa.

Sim... eu bebi muito desde que me aprontei e pedi que aprontassem os meninos também. A princípio não queria levá-los, mas era a mãe deles e precisavam também dizer adeus.

Adeus, uma palavra que sufoca, que te joga no limbo de qualquer canto escuro e úmido. Assim era a forma como meu coração esvaído estava se sentindo. Como se ele estivesse sozinho, com cada minuto da sua existência sendo diminuído pela dor constante e agonizante.

Queria gritar, mas precisava me controlar, meus filhos precisavam de mim.

Não demorou mais que três horas para chegar à catedral no Brooklyn. Na porta, parados, minha família me esperava.

— Papai, sei que a mamãe foi morar no céu, mas porque ela está deitada no carro atrás de nós? — James me perguntou assim que segurei em sua mão e peguei Ralf no colo com a outra.

— Porque o corpo dela ainda não foi encontrar com o Papai do céu. Ela está dormindo para poder viajar até lá. — O menino assentiu e mexeu os lábios, sorrindo tristemente.

Foi a mentira lúdica que Mackenzie achou para contar para eles e que acabei me apegando também.

Ela explicou que a mãe deles estava indo morar no céu e que não a veríamos mais. Vendo-a confortar James e segurar a mão de Ralf, me fez chorar pela última vez. Eles eram tão pequenos e precisariam crescer sem a mãe deles. Para Ralf, talvez seria mais fácil, ele ainda era muito novo para compreender sobre a morte, não que James fosse mais velho e precisasse entender, mas era suficientemente inteligente para sentir a ausência de Alicia e buscar por respostas quando perguntasse pela mãe.

Caminhei com os dois em direção a escadaria de pedra e subi até chegar perto dos meus irmãos, das suas esposas e da minha mãe.

— Rafaello! — Minha mãe se aproximou e me abraçou. Ela não estava bem de saúde. Aparentava-se senil e as vezes o Alzheimer a fazia esquecer de tudo e de todos.

Fui ausente nesses últimos meses, mas sempre estive a par de tudo que estava acontecendo com ela.

— Mãe! — Ela beijou meu rosto e o dos meninos.

— Raf! — Bella veio até mim e me abraçou. Seus olhos estavam vermelhos e assim como as lágrimas que escorriam em seu belo rosto o

choro não se calava em sua garganta. — Eu estarei aqui para vocês sempre. Minha promessa não vai ser em vão.

— Obrigado! — Assenti e afaguei seu braço.

Um a um cumprimentei o restante da família enquanto levavam o caixão de Alícia para o lugar arrumado, no fundo da catedral.

Sentada em um canto estava a família dela. Quando me viram vieram até mim. A mãe de Ali pegou Ralf dos meus braços e James a abraçou ao mesmo tempo.

Minha sogra segurou o choro enquanto os meninos sorriam feliz por vê-la. No entanto, acredito que para ela não estava sendo um momento de alegria e sim de muita tristeza. Ela estaria indo nos visitar no próximo fim de semana. E por causa do segredo que Alícia quis manter de todos, pouco pude contar, quando nos falamos no telefone. Sei que uma hora ou outra ela me cobraria por explicações e porque a deixei fora disso.

Meses sem vê-la e não tiveram tempo de se despedirem. Talvez tenha sido muito omissos e para agradar Alícia acabei me deixando levar, sendo que deveria ter insistido para que deixasse pelo menos sua mãe ter ido antes e ficado mais perto por algum tempo. Mas agora era tarde e não teria como fazer as coisas diferentes do que foi.

Seu olhar me condenou. Neles diziam que ela não poderia dizer seu adeus a sua filha e que me culpava por isso.

— Me perdoe. Deveria ter insistido para que fossem antes.

— Tudo bem. Meu coração de mãe está despedaçado, mas entendo que ela estava fazendo o que queria, ao menos estava feliz. — Assim esperava que Alícia tivesse feliz quando partiu, me deixando sozinho.

— Ela queria que fosse assim! — Abaixei a cabeça e a virei para o lado, tentando segurar o choro.

Sua foto estava sobre um cavalete preto lá no altar. Ao lado o caixão preto.

Ela estava tão linda com seus longos cabelos loiros caindo por cima dos ombros. Seu sorriso era singelo e alegre.

— Vamos? — Giovani se aproximou e disse baixo, encostando-se em mim.

Apenas assenti e fui ao seu lado me sentar no primeiro banco da fileira.

Por uma hora inteira o Padre disse e comentou como seria a estadia de Alícia quando chegasse aos céus. Foi neste momento que meus olhos procuraram por James, que estava alguns bancos atrás sentado no colo da avó. Seu sorriso doce me confortou. Ele entendeu que a mãe estaria bem e que tudo que dissemos sobre Alícia estar em um lugar bem melhor do que sua cabecinha de criança poderia imaginar era verdade.

Ralf estava ao lado, adormecido, no colo de uma prima de Alícia.

Permiti que eles ficassem um pouco com a avó. Eles eram parte da filha dela e imaginava o quanto estava sofrendo. Seus lábios trêmulos e os olhos vermelhos indicavam que também chorou muito.

A missa pelo falecimento de Alícia se encerrou e acabei ficando um pouco para trás.

— Sei que deve estar sofrendo, mas evite não beber mais. — Não tinha visto Giovani parar ao meu lado.

— Hunf... Bebi tanto que nem mesmo a bebida está sendo capaz de me deixar em torpor, caro irmão. — A quantidade de álcool que havia ingerido antes não fez efeito algum, ainda estava sóbrio e desesperado.

— Eu sei. Estaremos sempre para você. Nunca te abandonarei, meu irmão. — Abracei Giovani e bati em suas costas.

— Eu morri junto com ela — disse, me lamentando, pois era assim que estava me sentindo. *Morto!*

Fomos para o cemitério e não foi uma cerimônia longa. Todos se despediram e jogaram suas rosas sobre o caixão dela e fui o último, pois queria me despedir. Não tinha mais volta, depois que terminassem de jogar toda terra cobrindo-a, eu não a teria mais ao meu lado.

Poderia ficar aqui para sempre, não queria deixá-la ir.

Este adeus não precisava ser assim, tinha que ter sido eu primeiro quando meus cabelos estivessem bem brancos como a neve. Nossos netos deveriam estar correndo pela casa. Queria que ela fosse a última pessoa que meus olhos vissem quando eu partisse para a morte.

Não poderia ter sido ela e sim eu.

Foi intenso, lindo e inesquecível.

Infelizmente teria que deixá-la ir. E me despedindo beijei a rosa vermelha em minha mão, demorando com meus lábios nas pétalas perfumadas.

“Sempre será eterno meu amor!”

Joguei a flor por último e me afastei lentamente vendo os coveiros jogarem terra sobre seu corpo sem vida dentro da caixa de madeira preta.

Respirei fundo tentando buscar o ar que me faltava.

Eu não a teria mais. Não escutaria o som da sua voz me chamando e me pedindo para ser amada. Como eu queria amá-la cem vezes mais a cada segundo. Daria tudo para tê-la de volta.

— Vamos! — Marco veio até mim e ficou ao meu lado.

Eu poderia fazer birra como uma criança e não sair dali, pois era o que eu queria... *nunca me afastar daquele lugar.*

Mas o que adiantaria?

Nada... Nada a traria de volta.

O acompanhei e me sentei ao seu lado na limusine preta que abrigava minha família.

— Cadê James e Ralf? — perguntei.

Desde a igreja não os vi mais. Estava tão envolvido em não perder o caixão de vista que me esqueci de tudo e de todos, inclusive dos meus filhos. As únicas lembranças vivas que teríamos do nosso amor.

— Pedi que levassem. Achei que o enterro os afetaria muito. — Bella respondeu e assenti, dando razão a ela. Eles já haviam passado por tantas coisas nesses últimos meses, que não precisavam assistir à cerimônia fúnebre da mãe.

O carro que nos levava para a casa de minha mãe estava em silêncio absoluto e foi assim até chegarmos lá. E foi nesses poucos minutos que tive paz. Durante o restante do dia foram cumprimentos e pessoas entrando e saindo, me dando os pêsames. Já não aguentava mais ficar lá. Só queria sentir o bom sabor de *scotch* queimando ao descer pelo meu esôfago.

Capítulo 11

Marcellly

Sempre que eu podia gostava de ficar olhando o mar no fim de tarde. Essa sensação de que ele era infinito me deixava esperançosa de que tudo um dia daria certo. Ao menos, precisava me alimentar de sonhos que ultrapassavam o meu alcance. Ainda mais para alguém como eu, que os sonhos eram o combustível essencial da vida.

Filha de um pai irresponsável e órfã de mãe, eu só tinha duas coisas na vida para me agarrar. Minha irmã e a esperança de que tudo algum dia iria se resolver.

Desde que me entendo por gente presenciei a destruição de uma mulher por causa de um homem. Sim... Minha mãe tinha tudo para ter tido

uma família feliz e unida, mas foi se apaixonar por um viciado em jogos. Um beerrão egoísta que não pensou duas vezes em abandoná-la com uma criança de cinco anos e a sua filha de 15 anos do primeiro casamento.

Mackenzie era minha meia-irmã, mas não nasceu da mesma mãe nunca foi parâmetro para eu achar algo que desabonasse seu amor por mim. A prova disso foi que ela ficou quando mais precisei, se anulando dos seus sonhos para um dia eu realizar os meus.

Mitchel Shunter era um homem lindo. Se parecia com um desses deuses nórdicos. Loiro, alto, de olhos incrivelmente azuis e com uma virilidade que fazia qualquer mulher se jogar aos seus pés. Exatamente como foi com minha mãe. Ela o amava, sua adoração era doentia e abusiva, tanto que quando ele se foi fugindo com outra mulher, ela caiu em depressão e ano após anos foi se definhando até se entregar à doença. Eu tinha apenas oito anos quando a levaram para o hospital e ela nunca mais retornou. Desde então, somos só eu e Mackenzie, que acabou assumindo a responsabilidade de criar uma criança, ainda mal sendo uma adulta.

Meu pai ferrou não só com a vida de Jodie Shunter, mas também com o futuro das suas filhas. Minha mãe era linda, cheia de vida e foi esraçalhada por um desgraçado que infelizmente deixou seu DNA para eu carregar por toda a vida.

A última vez que o vi minha vontade era de que ele morresse e nos deixasse em paz.

Seria pecado eu desejar que o homem que tenho que chamar de pai morresse? Se fosse eu seria condenada ao inferno em primeira instância.

Ele não tinha o direito de ser chamado de pai. Ele só foi um simples procriador que sempre ferrou com tudo. Por sua causa estávamos aqui, sem

dinheiro algum para dar o fora e fazer tudo acontecer.

Mack por minha causa não fez faculdade e tudo que ganha vai para pagar as contas da casa e a maldita hipoteca. Ao menos nos sobrou um lugar para morar e, por isso, ela sempre me diz que tenho que ser grata. Não reclamar do que Deus ainda nos deixou. Ao menos temos um teto sobre nossas cabeças. Mas isso não era o bastante para me confortar. Não quando tinha um bastardo de pai, que poderia estar nos ajudando. Mas infelizmente por causa dele meus sonhos e os dela se distanciavam cada vez mais.

Ela não me falava sobre suas frustrações, mas eu tinha certeza de que assim como eu, minha irmã, também queria mais desta vida e não somente se apegar ao que lhe aparece, como se fosse um presente do além.

Falo isso por Luke Cooper, que se alistou na marinha dos EUA, por não ter sido aceito em nenhuma universidade, ele acabou se tornando um simples soldado. Mackenzie e ele namoram desde a escola e estão noivos faz alguns anos. E acredito que ainda não se casaram por minha causa.

Talvez eu fosse um fardo para todos.

Primeiro para Mitchel, depois minha mãe e agora Mack. Porém ela nunca deixou isso transparecer. Inclusive sempre me apoiou e incentivou a seguir meus sonhos. Foi com ela que aprendi o real significado de sonhar e ter esperança de que tudo um dia dará certo.

Há alguns anos Mack me incentivou a me inscrever na *Julliard*, mas claro que não fui aceita, mesmo que ganhasse uma bolsa razoável eu não conseguiria me manter por meses em Nova Iorque e acabei deixando de lado, me contentando a ensinar balé duas vezes na escola de Fancy Morrison. Minha ex-professora me deixou dar as aulas quando viu que eu

não sairia daqui, porque de algum modo estranho estava destinada a ficar enterrada nesta cidade para sempre.

Ser bailarina não era só meu sonho, mas de Mackenzie, que fez de tudo para que eu fizesse as aulas como qualquer outra menina com condições suficientes. Ela limpava e cuidava do estúdio depois do horário em troca de Fancy me ensinar. Nossa vida nunca foi fácil. E foi ainda pior enquanto não tinha idade suficiente para trabalhar e ajudá-la.

O que Mackenzie fez por mim foi mais do que seu pai de merda fez um dia por nós duas. Ela não tinha obrigação de ficar, mas ficou por mim.

Respirei fundo jogando a cabeça para trás e fechei os olhos pensando em como chegar até aqui não foi nada fácil para nós duas. Ainda bem que o novo patrão estava pagando muito melhor que os Donovan. Ao menos compensava por ser arrogante e metido.

Eu o vi praticamente três vezes e em todas ele não me mostrou ser simpático, inclusive naquele dia da sorveteria. Não foi porque ele ligou se desculpando que deixei de vê-lo como um desses homens ricos que se acham os reis do mundo. Mack vive elogiando-o. Dizendo o quanto ele é generoso, educado e amoroso com a esposa, que faleceu.

Há dois dias recebemos a notícia de que a senhora Valentino havia falecido.

Não tinha interesse algum, mas acabei ficando curiosa em saber mais sobre eles depois daquela ligação e sempre que podia, discretamente, quando Mack vinha para casa eu perguntava deles. A esposa dele estava doente e iria morrer, mas quando ela me contou não achei que seria tão próximo. Sempre penso que essas coisas da pessoa estar doente e saber que vai morrer logo não passa de ser uma história de filmes.

Eu a vi uma vez, quando eles vieram visitar e comprar a casa. Ela estava tão bonita, com um lenço preto, cobrindo os cabelos, que depois fui saber através de minha irmã que já não os tinha mais. Era estilosa e tinha aquele ar de uma mulher rica e poderosa. E que era muito amada pelo patrão de Mack.

Que ainda duvido bem, que era tão amada assim. E Mackenzie não era referência de avaliar ninguém. Se tinha alguém que exalava bondade e ingenuidade, essa era minha irmã. Não sei como ela conseguia, mas sempre enxergava o melhor de todo mundo. Chegava a ser feita de boba pelas pessoas. Todos se aproveitavam dela, inclusive o novo patrão.

Ele a fazia ficar por dias consecutivos em sua casa enquanto viajava para resolver sei lá o quê. Mack dizia que ele trabalhava na empresa da família e que se afastou por causa da esposa estar doente. No fundo eu não consigo ver a verdade nessa desculpa como ela vê.

Não que eu julgasse todos os homens como se fossem Mitchel... apenas uma porcentagem e o tal Sr. Valentino mais se parecia com o tipo de que não ama ninguém.

Rico, bonito e misterioso. O típico empresário que mantém um casamento de aparências. Que esconde a esposa doente, deixando-a reclusa enquanto saí por aí dando suas trepadinhas às escondidas com alguma secretária gostosa.

Claro que Mack quase teve um colapso nervoso quando contei para ela o que pensava a respeito dele. Eu tinha meus motivos para achar que ele não era tão bonzinho e um romântico incurável como ela o descrevia. A forma como me tratou naquele dia, na sorveteria, foi o suficiente para me mostrar que a maioria dos homens não valia um dólar sequer.

— Cêlly! — Ainda estava apoiada com os braços atrás do meu corpo, com a cabeça tombada e de olhos fechados quando escutei Mackenzie me chamar.

Abri os olhos e vi seu rosto no alto.

— Diga... — respondi desanimada.

— Vamos embora, vou deixá-la em casa e voltar. O Sr. Valentino me ligou e disse que está voltando e pretende ficar por mais alguns meses. — Revirei os olhos ao escutar o nome dele. Eu sempre fazia isso para irritá-la.

O querido patrão!

Mack o colocou em um pedestal e era como se ele fosse um santo.

Assim como era com os Donovan, quando não estavam em casa ela não precisava vir trabalhar o dia todo, apenas tinha que manter a casa organizada. E hoje, mais cedo, quando me convidou para acompanhá-la, vi a oportunidade de vir junto e ficar aqui, escutando o barulho das ondas e pensando.

Como gostava desse pedaço de Rockport. Era tranquilo e não tinha quase ninguém na praia.

— Ele não vai surtar se chegar e eu estiver aqui. Não é você que diz que ele é educado e muito gentil? Não é um santo? — Me endireitei, mas me mantive apoiada nos braços.

— Deixa de ser debochada, Marcêlly.

— Mackenzie, entenda... nenhum homem é 100% santo. Algo de errado ele deve ter. Impossível. Acho mesmo que o único perfeitinho que deve existir é Luke.

— Não sabe o que está dizendo. Trabalhei por meses com eles e não vi um motivo para desaboná-lo. Ele fez tudo pela esposa que estava muito doente.

— Ah... Tá bom... Mack! E você viajou para Nárnia quando? Duvido que essas idas para Nova Iorque não eram para ver a amante que tem por lá. — Sei que dizer essas coisas a deixava furiosa comigo, mas Mackenzie precisava entender que ninguém é 100% bonzinho o tempo todo. Todo ser humano tem seu demônio escondido em algum canto.

— Você está julgando o Sr. Valentino. Ele não me pareceu ter outra mulher. Alícia era linda, mesmo doente e ele a amava muito, não acredito que ele estava tendo um caso extraconjugal. Eu presenciei como era carinhoso, cuidadoso e muito atencioso com a esposa. Não só com ela, mas com os filhos também. Não acho que ele seja do tipo que traía.

— Desde quando homem precisa ter um tipo para trair? Para eles só é preciso de um par de pernas e uma boceta quente para atraí-los. — Mackenzie franziu toda sua testa. Ela odiava a forma como às vezes eu fazia meus comentários sinceros. Me repreendia dizendo que eu não deveria ser tão desbocada. Que quem me visse jamais iria imaginar que dava aulas de balé para meninas de seis anos.

“Bailarinas são delicadas e você de longe é, Célly.”

— Por que diz isso? — Mackenzie se sentou ao meu lado.

— Mackenzie... Seu patrão tem cara de que gosta bastante de trepar e com a esposa doente ele não deve ter feito muito sexo ultimamente. — Ela negou com a cabeça, me desaprovando.

— Não acredito que estou escutando isso. Juro, Marcêlly! Não sei porque chegamos a este assunto. A vida sexual dos meus patrões não é

assunto meu e muito menos deveria ser seu. — Repreendeu-me, mas pouco dei importância. Não seria hipócrita em não dizer para ela o que pensava a respeito do seu patrão.

Confesso... para mim mesma, que independente de achar que não era um lorde, tipo príncipe William, eu o achava bonito — e educado, depois de ser um completo *grosseirão*, claro —. Provavelmente ele teria a mulher que quisesse bem no centro da sua mão. Mas como Mackenzie sempre via nas pessoas essa aura de Madre Teresa de Calcutá eu tentaria não ficar dizendo que o chefe dela tinha cara de ser um fodedor nato e muito gostoso, que traía sua esposa doente.

Um cara rico, bonito... e *sexy* consegue enfeitiçar qualquer mulher carente que quer algo na vida.

— Você implica demais, achando que todo homem é igual ao papai — defendeu com veemência.

Não classificaria Rafaello Valentino como meu pai. Mitchel Shunter era completamente desprezível e sem sentimentos. Ele nos abandonou sem culpa alguma. O Sr. Valentino pelo menos não fez isso com a esposa e duvido que faria com os filhos. Vi em seus olhos naquele dia da sorveteria a preocupação ao achar que algo tinha acontecido com os filhos. Eu só penso que ele não deve ter sido 100% fiel.

É inegável que ele exalava virilidade por todos seus poros, com seu ar de *sexy*, arrogante e bom fodedor.

Ah meu Deus... Mack jamais poderia saber que tenho diversos adjetivos bons para seu patrão. Ela diria que sou contraditória.

— Não acho, tenho essa certeza. — Remexi os ombros, mostrando que não me importava se ele era ruim ou bom. — Ah... e seu pai! — Fiz a

cara de desdenho que sempre fazia quando ela fazia questão de frisar sobre o desgraçado de quem sou filha também.

— Se acha que todos os homens são assim... por que está com Tyler?

— Porque ele me trata bem e me satisfaz por ora. Simples!

— Você é fria. Não gosta dele.

— Não disse isso, Mack. Claro que gosto e gosto mais ainda do que ele me faz sentir. E juro que não são cócegas. — Joguei a cabeça para trás e fechei os olhos, sentindo a deliciosa brisa marítima do fim de tarde batendo em minha pele.

— Meu Deus. O que faço com você, Cêlly? — Ela começou a rir.

— Nada.

— Você e sua boca imunda. Bailarinas...

— Não são assim... são delicadas como uma rosa — terminei a sua frase imitando-a. — Querida irmã, acredite, eu não sou uma rosa, sou os espinhos dela.

Era assim que me sentia, uma carcaça de espinhos que poderia me defender de quem quisesse me fazer mal. Já bastou o que passamos durante anos. Não tem como ser mais doloroso. Por isso nunca amarei de verdade.

É mais fácil e muito melhor as pessoas te amarem mais do que você as amas.

— Marcêlly, eu te amo, sua peste! — Voltei a me sentar batendo uma mão na outra, para tirar a poeira delas.

Mackenzie era a única que eu sabia que me amava de verdade. Era recíproco o meu sentimento por ela.

— Vamos embora. Tyler vai me buscar, vamos para a praia hoje à noite. — Me levantei e bati com as mãos agora sobre minha bunda, tirando qualquer coisa que tivesse grudada no meu short jeans.

— Cêlly! — Estendi a mão para ajudá-la se levantar, servindo de alavanca para ela ficar de pé. — Por favor, não venham até aqui. Billy Tucker me ligou duas noites atrás dizendo que vocês estavam aqui, bebendo e sei lá mais fazendo o que. Não é porque o Sr. Valentino não está que este pedaço da praia não acaba sendo particular da sua casa. Inclusive talvez ele chegue hoje, não queria ter este tipo de problema. Uma invasão não seria muito boa para a garantia do meu emprego.

— Calma, Mack. Não fizemos nada de errado. Eu já lhe disse! — Me justifiquei de novo.

Algumas noites atrás, quando contei para Tyler sobre o falecimento da esposa do chefe de Mack e disse que a casa estava vazia, ele quis vir. Não era todos os dias que conseguíamos ficar mais à vontade sem muita gente ao nosso redor. Neste lado de Rockport não havia quase nenhum movimento. O único problema foi Billy Tucker estar fazendo sua ronda noturna por aqui. Além de ter ligado para ela, ele nos deu maior sermão sobre não invadir propriedade particular.

— Não vamos vir para cá. Eu prometo! — Pelo menos não era o que estava nos nossos planos. Até porque, desta vez não estaríamos sozinhos, estaríamos acompanhados de mais uns amigos e Tyler sabe que aparecer nessa faixa de praia da antiga casa dos Donovan poderia nos trazer problemas.

Eu e Tyler costumávamos parar sua caminhonete em qualquer lugar, de preferência nas praias e ficar largados na caçamba, bebendo e olhando as estrelas, muitas vezes transávamos, principalmente quando estávamos sozinhos. O que não aconteceria esta noite. Combinamos de nos juntar com uma galera e sair por aí para beber e se divertir, ou até mesmo, quem sabe, fazer uma fogueira na praia e ficar por lá até o sol começar a nascer.

— Por favor. O Sr. Valentino pode chegar hoje e não gostar. — Ela repetiu o aviso.

— Já disse que vamos para outro lugar. Fica tranquila. Está bem?

Não sei se Mackenzie acreditou ou não, mas tinha falado a verdade, porém, como sempre, Tyler era imprevisível. Ele acabou teimando em vir para cá. Tentei fazê-lo mudar de ideia, mas quando percebi onde estávamos ele estava parando sua caminhonete ao lado da casa do Sr. Valentino.

Mackenzie ficaria muito brava comigo. Precisava convencê-lo de irmos para outro lugar.

— Tyler, não podemos ficar aqui — pedi, pensando que poderia acontecer o mesmo da outra noite. Billy Tucker poderia aparecer, ou mesmo, o chefe de Mack ter voltado e estar em casa e, por fim, me reconhecer. Com certeza vai ligar para Mack e pode até despedi-la por minha causa, de Tyler e dos meus amigos invadindo sua propriedade.

Poderia ser destemida e não estar nem aí para nada, mas não queria prejudicar minha irmã com seu patrão. Precisávamos do dinheiro. Ainda mais agora, que depois de anos ela e Luke estavam quase se casando. Não tinha esse direito... não quando ela abriu mão da sua faculdade na *Brown* para ficar aqui e cuidar de mim. Se tivesse alguém que merecia o meu

melhor e que jamais eu deixaria sair prejudicada, de qualquer situação, essa seria Mackenzie.

— Que isso, gata! Vamos só aproveitar, não vamos fazer nada demais. — Suas palavras não eram tão confiantes assim. — Billy Tucker não vai fazer nada. Ele nem vai vir aqui hoje.

— Ele ligou para Mackenzie na outra noite. Sabe que ela é responsável pela casa quando os donos não estão. — *Ou melhor o dono.*

Desde o falecimento ele estava em Nova Iorque e se Mack não tivesse me contado que ele voltaria eu imaginaria que não o veria mais. Afinal, a casa era para a esposa doente, então ele não tinha mais nada a ver com Rockport.

— Mackenzie... Mackenzie... — Tyler disse debochando. — Tem muito medo da sua irmã, gata. — Eu odiava quando ele fazia isso de piscar e sorrir ao segurar em meu queixo. Essa sua mania despretensiosa de fingir que não se importava com nada me deixava completamente irritada.

— Não é medo. Mack não pode perder o emprego porque o namorado babaca da irmã dela não sabe se comportar. — Me irritei e o empurrei.

Estávamos de pé, fora da velha Ford marrom. Tyler tentava me convencer a ir para perto dos outros, que já estavam empilhando a madeira para fazer a fogueira.

— Na boa, gata... Tem horas que você é irritante e muito certinha. — Revirei os olhos enquanto ele me dava as costas e ia na direção dos outros.

— Não liga, Cêlly. Você sabe como ele é. — Jenifer, uma amiga e a namorada do melhor amigo de Tyler, aproximou-se e me abraçou, deixando

sua cabeça em meu ombro. Ela deve ter escutado tudo.

— Mack vai me matar, ela me pediu para não vir até aqui.

— Ela não vai saber. Prometo!

Uma promessa que ela não poderia cumprir. Não quando meu coração disparou ao ver a imagem do homem no final do deque de madeira.

Ele estava aqui!

Rafaello Valentino estava de pé, segurando uma garrafa em uma das mãos. Ele olhava na direção de Tyler e seus amigos.

— Meu Deus! — Me soltei de Jenifer e corri na direção de onde estavam enquanto meus olhos não conseguiam se desprender dele. O chefe de Mackenzie desceu do deque quase caindo e foi na direção de Tyler.

— O que fazem aqui? É propriedade particular. — Ele chegou antes de mim e como era um pouco mais alto que Tyler seu olhar passou por cima da cabeça do meu namorado e fixou em mim.

— Qual é cara, não estamos fazendo nada demais. — Tyler respondeu e o empurrou, batendo com as mãos em seu tórax.

Como se fosse tirado de um transe, o homem cambaleou alguns passos para trás e ao se dar conta do que estava acontecendo levantou a mão com a garrafa para o alto, como se fosse bater em Tyler com ela.

— NÃO!!! — gritei, me jogando entre os dois. Se a mão dele descesse e acertasse Tyler certamente a garrafa acertaria precisamente na cabeça.

Respirei fundo ficando exatamente entre um e o outro. Bem de frente com o patrão de Mackenzie.

O espaço entre eles deu para meu corpo ficar espremido criando uma barreira, impedindo que os dois brigassem.

Juro que não sei o que deu em mim, mas não poderia permitir que brigassem. Se eu fosse inteligente fugiria dali sem ser vista, mas meu medo de que Mack pudesse ser prejudicada foi maior.

— Você? — Raffaello Valentino disse firme e me encarou intensamente.

Não foi por menos que eu o achava arrogante. A forma como me olhou mostrou que estava furioso. O que era seu direito, afinal, invadimos seu quintal e não poderíamos falar nada.

— Você? — Ele repetiu e tentou dar um passo à frente, mas como já estávamos tão perto não tive escolha, a não ser tentar barrá-lo com as mãos.

— Por favor! — Minha voz saiu tremida quando espalmei minha mão em seu tórax. Sua camisa estava com os botões de cima aberto e no desespero para detê-lo acabei tocando em seu peitoral. Não sei se foi o medo ou a forma como senti o formigamento que me tomou quando toquei seus músculos, mas não consegui mais reagir.

Meu corpo reagiu em meio ao medo e ao nervosismo. Não era assim que esperava me sentir.

— Não encosta nela. — Tyler tentou me tirar do caminho quando percebeu que Raffaello jogou para o lado a garrafa e segurou meus pulsos.

— O que faz aqui? — O chefe de Mack perguntou me prendendo mais ainda com a forma como me olhava.

— Cara, solta ela. — Tyler tentou, mas foi inútil. Raffaello Valentino parecia estar em um mundo paralelo, onde não tinha mais ninguém ao nosso

redor.

Ele deveria estar sofrendo pela morte da esposa mesmo. Seu olhar mostrava esse misto de confusão e tristeza.

— Vá embora Tyler — pedi sem olhar para meu namorado. Meus olhos estavam presos nos do homem à minha frente.

— Não vou sem você. — Tyler me respondeu, se mantendo em pé ao meu lado.

— Você invadiu e... — Rafaello Valentino apertou um pouco mais meus pulsos e não me soltou.

Onde sua mão me apertava não estava doendo, aliás, formigava e de uma forma boa.

— Solta ela! — Tyler tentou tirar as mãos dele de novo do meu pulso, atraindo seu olhar furioso.

— Você vai me pagar tão caro por...

— Por favor — choraminguei interrompendo-os. — Tyler, por favor, vá embora — pedi novamente, quase implorando. Com certeza o dono da casa havia me reconhecido e isso implicaria problemas para minha irmã. Eu precisava implorar para que não fizesse nada e Tyler pelo visto não facilitaria. — Por favor, vá embora — pedi quase implorando para que ele fosse embora e me deixasse ali para resolver.

Conversaria com Rafaello Valentino e imploraria para não falar nada para Mackenzie. Quem sabe ele me entenderia.

— Você vai junto. — Tyler me puxou com tanta força que o homem à minha frente cedeu a força das suas mãos e me soltou.

— Me solta, Tyler! — Me debati e fiquei livre dos dois, entretanto nesse jogo de puxa e empurra bati com as costas em Raffaello, que segurou meus ombros, colando meu corpo no seu.

— Ela não vai! — Escutei sua voz sair dura e possessiva.

— Qual é cara? Nem a conhece. — Tyler me olhou nos olhos, não entendendo nada.

— Vai, por favor — disse e pedi baixo, antes dele começar a querer tirar satisfações com o dono da casa. Se Tyler resolvesse bancar o ofendido agora só pioraria nossa situação. O melhor seria ele ir embora e eu tentar resolver essa confusão sem que o patrão da minha irmã a chamasse até aqui e despedisse-a por causa dele e de mim.

— Por favor! — Acho que ele entendeu, pelo menos os seus amigos tinham. Eles o puxaram e o tiraram de perto, levando-o até a caminhonete estacionada ali perto.

— Me liga se precisar, estarei por perto. — Me disse e gesticulou com a mão na orelha, fazendo o formato de um telefone, ao se afastar. Mesmo relutante ele me deixou sozinha ali com o chefe de Mackenzie para resolver nosso problema. Se Raffaello Valentino quisesse prestar queixa sobre nossa invasão, seria bem pior. Além de que, Mack poderia ser demitida.

O que eu precisava era só consertar as coisas e não envolver Mack.

Estava com medo por várias coisas, mas era o melhor a ser feito.

— Ok! — Assenti ficando sozinha. Quando olhei por cima do ombro Raffaello Valentino também não estava mais ali. Estava sozinha e ao me virar para procurá-lo o vi caminhando na direção do mar. Ele ainda cambaleava e desesperada que ele não tivesse noção e se jogasse em meio

às ondas corri atrás, mas parei quando notei que apenas estava parado, descalço com a camisa branca para fora da calça social preta, olhando para a extensão de água sem fim.

— Oi? — Tentei chamar sua atenção e fui pega de surpresa e não sai do lugar, quando ele se virou e avançou na minha direção como se fosse um animal atacando sua presa.

— Por que você me deixou Alícia?

Capítulo 12

Rafaello

Seu rosto foi parar entre minhas mãos quando perguntei cheio de incertezas. Não que eu fosse um homem inseguro, mas sentir a dor da partida, tão palpável, me fez criar tantas teorias que não sabia mais distingui-las, se eram reais ou apenas um desejo reprimido.

Não tinha como ser verdade, eu a enterrei pela manhã.

Não era ela!

Tinha tanta certeza que não poderia ser ela, mas sua boca, os cabelos loiros, seu corpo pequeno e delicioso na penumbra da noite tentavam me dizer o contrário, me confundindo, distorcendo a minha sanidade realista com uma doce ilusão.

Eu olhava para ela e não conseguia distinguir mais nada. A queria tanto de volta que não era mais capaz de raciocinar... não quando vislumbrava aquele lábio inferior cheio, que deixava sua boca com o formato de um coração. Esse pequeno detalhe me deixava desesperado para senti-los. Amava que eles fossem assim, era um diferencial que combinava tanto com suas feições.

Respirei fundo e fechei os olhos, deixando de olhar para seu lindo rosto.

Sua respiração era pesada e eu conseguia sentir e escutar todo o nervosismo dessa antecipação deliciosa. As palmas das minhas mãos sentiam sua pele aquecida, me criando uma certeza. Era ela... ao menos tinha que ser!

Ainda de olhos fechados abaixei a cabeça e senti a temperatura da sua boca gostosa quando rocei meus lábios nos seus. Eles estavam tão molhados e receptivos que não recusei quando a senti se entregar, entreabrindo-os, para que eu tomasse como queria. Fui do inferno ao céu sem nenhuma pressa quando empurrei sua língua sobre a minha, enrolando-a lentamente.

Muito gostosinha!

Cada retorcida que nossas línguas faziam, envolvendo-as em uma só, me deixava eufórico. Tanto que minhas mãos queriam mais e passaram a exigir seu corpo e sua pele como uma dose medicamentosa para extirpar toda essa dor. Era necessário e me aliviava tê-la ali, como a espécie de um oxigênio essencial para a minha sobrevivência depois do horror em que passei nesses últimos dias.

Seria um adeus só meu? E se fosse eu não permitiria que partisse novamente.

— Eu te amo, Alí! — disse contra seus lábios enquanto minhas mãos se movimentavam trazendo seu corpo para mais perto. Uma delas parou bem na base da sua coluna vertebral, próximo do cós da mini saia jeans, no espaço que a blusa de algodão subiu e deixava uma faixa de pele sedosa à mostra para eu tocar. A outra segurou sua nuca, travando-a no lugar exato que queria para poder beijar sua boca da forma como meu corpo exigia.

Eu queria mais!

Era exatamente isso que precisava para ver toda aquela maldita dor me deixar em paz.

Independentemente, de qualquer motivo que fosse, eu a teria de volta, sendo através de uma ilusão ou mesmo pela força do meu desejo.

Tudo era tão real!

Mas como não seria? Se consigo sentir o toque macio da sua blusa se enrolando na minha mão, desgrudando-a do seu corpo quando tento deslizar por baixo dela, me deixando sentir um pouco mais da sua pele. Além de que, esse contato estava me levando à loucura.

Eu a sentia tão presente e viva ao desfrutar dessa gostosa sensação de calor e umidade que exalava da sua pequena boca.

Era tão real! Pelo menos tinha que ser!

A apertei mais dentro dos meus braços, trazendo-a para mais perto.

Eu e ela estávamos conectados de uma forma que nada mais poderia tirá-la de mim. Meu corpo reagia e eu a espremia, esfregando-me,

desejando-a como sempre a desejei.

Estava sendo intenso e diferente de qualquer outra realidade passada. Éramos só nós dois ali, naquela praia, se beijando, se tocando e se amando. Real ou não; era o que eu queria e tratei de afastar qualquer pensamento que me tirasse desse estado de prazer, que me pegava em cheio e me fazia crer que nunca aconteceu nada de ruim e que toda aquela dor foi uma mentira mal contada.

A cada segundo eu acreditava e me apegava mais à este momento e não nas lembranças do enterro. Foi tudo um sonho, ou melhor, um pesadelo que teve a duração até agora. E, à medida que eu sentia o contorno do seu corpo, da sua boca movimentando junto com a minha, me deixava ser levado pelo sentimento e o desejo que me alertava de que eu poderia me surpreender muito mais do que imaginava.

— Por que você me deixou Alícia? — Ainda de olhos fechados encerrei lentamente o beijo e fui soltando seus lábios aos poucos. — Por quê?

— Eu... — Não esperei concluir sua resposta e a beijei novamente, tentando afastar o frio da solidão que tentava entrar entre nós dois ali. Se dependesse de mim não sentiria nunca mais, mesmo que eu precisasse beijá-la pela noite inteira.

Como queria deitá-la naquela areia, enquanto o mar se agitava e amá-la como sempre fiz, sentindo seu corpo esguio se moldar ao meu.

— Como te amo... Por que você me deixou, Alícia? — Eu falava, mas não a deixava me responder. Ao mesmo tempo que queria respostas não queria me afastar, queria beijá-la por toda a noite e ter de volta o que era meu.

Inebriado com seu cheiro envolvente e sedutor, deixei sua boca e percorri sua pele com meus lábios pressionados contra ela. Fui deslizando até seu pescoço beijando e mordiscando a trilha que fazia.

Como era gostosa!

Gememos e em resposta, deslizei minha outra mão e a pressionei contra meu corpo, apertando a polpa da sua bunda.

— Não podemos! — falei contra sua pele.

Dizia o contrário do que meu corpo fazia. Ainda me lembrava que eu poderia machucá-la, ou mesmo, trazer sua doença de volta. Não queria que nada de ruim acontecesse ainda mais agora que estava tendo ela de volta.

— Não... Não podemos, o senhor... — Ela sussurrou em gemido e acabei ficando petrificado ao não reconhecer sua voz e perceber que estava alucinando, beijando e desejando alguém que não fosse minha falecida esposa amada.

Agora tudo fazia sentido, eu estava completamente louco e vendo coisas.

Não era Alícia que estava em meio aos meus braços. Mas quem seria?

Por tudo que é mais sagrado o que eu tinha feito?

Com medo de olhar para o lado e encarar quem de fato era, fiquei com minha boca parada em seu pescoço escutando seu arfar sensual e pesado escapar dos seus lábios.

Fiz uma loucura das grandes, mas isso não era tão ruim. O pior medo me tomou e me trouxe de volta a realidade. Alícia estava morta e eu

tinha acabado de beijar outra mulher achando que era ela.

O ódio me tomou e infelizmente uma hora ou outra eu teria que me afastar e encarar quem era a desconhecida em meus braços.

Lentamente, de cabeça baixa, fui me afastando, me mantendo ainda a sua frente, mas com dois passos a mais entre nós. Tentei evitar olhar para seu rosto o que fazia de mim um covarde, bêbado e doido. Pelo menos é o que uma mulher normal pensaria de mim neste momento. Porém não estava me incomodando em ser julgado. O que pesou em tudo isso foi o sentimento de traição e acredito que já estava sendo punido, pois todo aquele peso e a dor retornaram me tomando com uma potência maior ainda.

Desesperado e com raiva deslizei a mão, enfiando os dedos entre as mechas bagunçadas do cabelo, pensando o que faria quando erguesse a cabeça e descobrisse quem era a mulher que beijei e desejei como se fosse Alícia que estivesse ali.

Em contrapartida não consegui processar e muito menos saber como reagir quando levantei o rosto e vi a irmã de Mackenzie parada a minha frente, me olhando perdida.

Ódio, consternação e mais ódio me tomaram.

De todas as mulheres em Rockport não poderia ser Marcêlly que estava ali e para piorar toda a situação foi ela quem eu acabei de beijar. Mas que inferno... era a própria que estava na minha frente, me olhando assustada e com os lábios vermelhos e inchados entreabertos. Escancarando na minha cara que eu a tinha beijado muito.

— Marcêlly! — Respirei fundo, falando seu nome tão baixo que o barulho das ondas não permitiria que ela escutasse o tom desesperado por ver que era ela ali.

Que caralho... fui beijar logo a irmã da Mackenzie e ainda por cima bêbado o suficiente para fodê-la ali mesmo sem saber quem era. Se ela não falasse eu não pararia e logo a deitaria na areia fofa e não me seguraria mais, me entregaria ao desejo que senti ao beijar sua boca. Mesmo tendo ciência de que não era Alícia que estive a poucos segundos atrás me beijando eu ainda estava duro, completamente insano de tesão.

Caralho..., mas que ódio de mim mesmo.

Frustrado, sacudi a cabeça, negando a constatação mais uma vez de que não era Ali e sim outra mulher, ou melhor, uma garota que ainda por cima é a irmã mais nova da minha governanta.

Onde eu estava com a cabeça? Ela tinha idade para ser minha filha.

E nesse misto de sentimentos controversos fui tomado pela raiva, por minha causa, por ela e por não ser Alícia quem estava ali.

A dor se misturou a essa confusão me deixando sem saber como agir.

— Você não deveria estar aqui! — vociferei com mais raiva de mim por me deixar ser levado por ilusões que jamais aconteceriam. Dando as costas para ela, escondendo o que estava sentindo, apertei o canto dos meus olhos fechados, pressionando-os, para que quem sabe talvez quando os abrisse nada disso tivesse acontecido de verdade.

Como não consegui distinguir essa linha tênue do que não era real e dos meus desejos?

Como pude ser tão insano a ponto de não ver que estava alucinando e desejando o sobrenatural da vida?

Ela não era para estar aqui. Eu queria ficar sozinho e completamente bêbado.

— O que faz aqui? — indaguei me mantendo ainda virado para ela.

— Eu... só queria... — Sua voz e o som dela me fez sentir mais raiva ainda.

Tudo nelas eram parecidos até esse grave rouco do sussurrado que fez ao tentar se justificar.

Eu deveria ter feito algo de ruim para estar passando por isso bem no dia que minha vida acabou.

— VAI EMBORA DAQUI! — gritei e me virei.

Seus olhos estavam mais verdes e intensos.

— Você não deveria estar aqui. Agora vá embora e some da minha frente — repeti, mas ela não se moveu, ao contrário, me olhou desafiadoramente como se eu tivesse iniciado uma briga na qual ela entraria e enfrentaria.

— Você é um arrogante e babaca, sabia?

Não me controlei e novamente avancei para cima dela como um animal pronto para atacar ao segurar e apertar seu braço.

— O que está dizendo? — Não que eu fosse um homem que agiria com brutalidade, mas esse misto de emoções estava me tornando uma incoerência ambulante. Desde que me deixaram ciente da morte de Alícia eu não conseguia mais me controlar e a raiva explodia em questão de milésimos, não dando oportunidade para pensar antes de agir, como sempre fiz.

— Você é um arrogante e babaca. — Ela repetiu e me encarou, mostrando toda sua coragem através dos seus lindos olhos verdes, que brilhavam desafiadoramente.

— E você não passa de uma garota que se acha mulher. — Seu olhar repousou onde minha mão estava e percebi o quanto estava alterado. Porém, fui arrebatado ao reparar novamente no contorno da sua boca, despertando a vontade de calá-los de novo só para não os ver me ofender.

E que inferno... ela estava com os cabelos soltos e o vento desajeitava os fios deixando-a ainda mais linda do que achava. Sim... desde o dia que conheci ela e sua irmã, não as reparei com desejo, mas as achei bonitas de um modo respeitoso, bem diferente da minha atitude com ela neste momento.

— Me solta! — Marcêlly se remexeu.

Não sei o que estava acontecendo comigo, ao invés de soltá-la e implorar para esquecer o que aconteceu eu me aproximei mais, deixando meu rosto perto do seu.

Putá merda! Que confusão eu fui me meter!

Como olharia para Mackenzie quando ela ficasse sabendo que beijei sua irmã e quase a fodi na praia?

— Você não vai contar para sua irmã? — Foi a minha primeira preocupação.

— Por quê? — Suspirei buscando me encontrar e achar um jeito de lidar com a situação quando me questionou.

A garota pelo visto não era nada amigável e se ela contasse criaria uma situação, além de constrangedora, desconfortável no meu

relacionamento empregador e empregado com sua irmã. E eu não queria que Mackenzie pensasse o contrário de mim. Ainda mais tendo conhecimento que beijei Marcêlly bem no dia do enterro de Alí.

Ela não deveria estar aqui.

E agora como eu lidaria com essa confusão? Não sabia.

O que me deixava mais irritado ainda.

— Você não deveria estar aqui — proferi com raiva. — Aqui é propriedade particular. E você não foi convidada a entrar — sinalizei segurando-a ainda com uma das mãos enquanto com a outra gesticulei no ar, apontando para a entrada lateral. Por onde supus que deveria ter entrado para chegar até aqui.

— Eu só vim pedir para não dizer nada a Mackenzie que estávamos aqui. — Ela respondeu tentando desviar seu olhar do meu.

— É claro que não vou dizer nada — fui ríspido. — Você está doida em pensar que falaria qualquer coisa para sua irmã. Posso estar bêbado o suficiente para te beijar, ou melhor, para achar que fosse outra pessoa, mas não falaria nada do que acabou de acontecer. Eu achei que você fosse...

— Sua amante? — A encarei e franzi o cenho não entendendo porque me fez este tipo de pergunta.

De onde ela tirou que poderia ser uma amante? Claro que não! Eu amava Alícia e estava satisfeito e não tinha motivos nenhum para ter uma amante que não fosse a minha própria esposa.

— Claro que não — respondi rápido. — Não tenho nenhuma amante. Você é doida! Eu jamais... — Não sei porque, mas acabei me

justificando superficialmente. Como fiquei mais irritado acabei agindo sem pensar ao apertar mais seu braço.

Era um absurdo ela pensar que eu teria uma amante.

— E você um babaca, arrogante de merda! — Ignorando o que disse e não me deixando terminar a justificativa, a garota à minha frente me ofendeu novamente.

— Você não me deixou terminar de falar, garota. Eu não tenho nenhuma amante! E não teria. Amo minha esposa. — Me irritei e acabei sacudindo-a.

Nunca gostei de que me acusassem sem saberem a verdade e levantar uma hipótese totalmente sem nexos me fez ficar cego de raiva.

— Ah... Está doendo. Me solta! — Marcêlly se remexeu e conseguiu se soltar. — Seu idiota babaca, eu não ia falar nada para minha irmã, não precisa ser um escroto.

— Você que está aí, deduzindo algo descabido. Eu... — Me calei ainda irritado com a suposição absurda dela. Poderia dizer que achava que ela, na verdade, fosse Alícia, mas se já me julgou sem saber imagina o que iria falar se eu lhe contasse a verdade: de que estava tão bêbado e desesperado que vi nela Alí.

— Você disse que achou que eu fosse outra pessoa... Só isso, não precisa ser grosseiro. Não vou contar a Mack que estava aqui no dia do enterro da sua esposa esperando a amante e me beijou ao se confundir.

— Você é doida, garota. — Balancei a cabeça, ainda me sentindo atordoado sem saber como agir. — Eu só não quero que sua irmã saiba que beije você.

— Típico do homem babaca. Beija e tem medo de contar...

— Eu a confundi! Está bem? Achei que fosse outra pessoa.

— Sua amante! E agora está aí se borrando de medo que eu conte para minha irmã que o patrão perfeito dela estava traindo a esposa doente.

— Irritado mal esperei deixar ela terminar de falar e a segurei pelos braços.

— Que porra! Eu não tenho uma amante — disse com raiva. — Só não quero que saibam que a confundi e achei que fosse Alicia — confessei. — O que foi uma loucura. Jamais poderia confundir o amor da minha vida como uma garota como você. Agora sai da minha casa e se contar para sua irmã eu conto que você invadiu aqui com seus amigos. — Me lembrei de que antes de tudo acontecer tinham mais pessoas junto com ela e que provavelmente incluía o cara da outra noite, que supostamente era seu namorado. — Ao contrário de mim, que não tem mais ninguém nesta vida, você ainda tem um namorado e duvido que ele gostaria de saber que a namorada ficou se esfregando e gostando do beijo de um cara que ela mal conhece. — A soltei e me virei de costas.

Todas as minhas atitudes se produziam em mim como uma explosão de sentimentos, confusos e ambíguos. Totalmente distorcidos pela bebida e pelo meu desespero.

— Não quero te ver rondando mais por aqui! — proferi e quando me virei estava sozinho apenas com o vento soprando em meu rosto e com o barulho das ondas agitadas quebrando contra o banco de areia.

Capítulo 13

Marcellly

Nem percebi o quanto andei até chegar em casa. Estava me sentindo completamente perdida para dar importância por andar alguns quilômetros a mais, mas só fui me importar que não deveria ter saído de lá daquele jeito depois que a raiva passou.

Deveria ter ligado para Tyler, mas optei por não ligar. Não da maneira como estava agitada. Se eu ligasse ele ficaria me questionando sobre o que aconteceu e duvido muito que ficaria satisfeito com meu silêncio e era só dele que precisava para pensar no que aconteceu. Vir sozinha caminhando até em casa me pareceu a melhor solução, contudo ainda sentia um pedacinho de arrependimento, meus pés estavam doendo muito.

E que dor! Bem daquelas que ficam pulsando e queimando, que não param por nada.

Depois de abrir a porta com cuidado, evitando que ela rangesse e fizesse mais barulho do que deveria a fechei. Não liguei as luzes da pequena sala. Vivi todos os meus anos naquela casa e a disposição da mobília não seria um problema, pois sabia que não haveria nenhum obstáculo para que eu chegasse até o sofá em segurança.

Lentamente caminhei e me sentei. Antes de me esticar toda tirei da pequena bolsa a tiracolo meu celular e depois a joguei ao meu lado. Com a luz da lanterna iluminei meus pés após eu tirar minhas sapatilhas. Nos dedos mindinhos, de cada pé estavam duas bolhas vermelhas esmagadas que doíam muito.

— Afz... Tinha que ser nos dois?! — reclamei em voz alta.

Às vezes, ou melhor, na maioria, sempre tomo atitudes que depois me arrependo. Como neste caso, ao ter saído de lá e vindo para casa sozinha.

Aquele beijo me pegou de surpresa, de um jeito que não consegui me afastar. Meu corpo ainda estava todo em frenesi. Eu ainda conseguia sentir a pressão com que seus dedos se fecharam em minha nuca e também a agressividade dos seus lábios sobre os meus. Fui incapaz de empurrá-lo e parar com essa loucura. Foi envolvente e muito bom. E eu quis, não pensei em nada assim que senti seu cheiro de homem experiente se misturando ao de malte tão perto, me reclamando como sua. Por minutos esqueci que ele disse o nome da esposa morta, foi como se eu fosse ela.

O que aconteceu comigo? Não faço a mínima ideia. Só sei que fui incapaz de fugir dele. Sua voz grossa sussurrando contra minha pele foi

diferente, foi carnal e sensual e me deixou desesperada para sentir sua boca. Se gostei? Claro que gostei, nunca senti essa vontade, esse desejo, esse tesão, essa adrenalina de fazer algo com um estranho como senti com ele. Mesmo sendo o patrão da minha irmã sabia tão pouco sobre ele e talvez tenha sido esse mistério que o envolve que me deixou sem saber como agir, me entregando sem protesto algum.

Foi diferente, possessivo e bom!

Ainda presa naquelas lembranças, em que, minha boca literalmente era domada pela dele, joguei a cabeça para trás e fechei os olhos tentando dividir dentro de mim toda aquela agitação deliciosa, que foi ser beijada por ele, com a dor irritante nos meus pés.

Arfei criando tantas hipóteses e dúvidas enquanto tentava relaxar um pouco.

O que você fez Marcêlly?

Eu deveria tê-lo impedido de continuar, mas fui envolvida de tal maneira que beijá-lo foi como se fosse o correto a se fazer. Tão natural! E não vou ser hipócrita de não dizer que me senti desesperada por mais quando sua boca passou a tocar meu pescoço.

Levei minhas mãos e deslizei por onde seus lábios deslizaram, refazendo o trajeto que Rafaello Valentino havia feito.

— Chegou cedo? — Me assustei e pulei para frente, levando minha mão no coração ao escutar uma voz logo atrás de mim.

Mackenzie tocou no interruptor e acendeu a luz.

— Meu Deus... — Levei a mão no coração. Não estava esperando que ela acordasse e viesse me encontrar no andar de baixo. — Que susto

Mackenzie! Por que sempre faz isso? Que saco! — Que mania irritante ela tinha. Parecia que se divertia. — Você poderia perder essa mania chata de quando eu chegar andar na ponta dos pés só para ver se eu cheguei e não causei nenhum problema? — resmunguei.

— Aconteceu alguma coisa! Se assustou demais! — Ignorando o que eu disse, ela contornou o sofá e ficou parada na minha frente me olhando com os braços cruzados na altura do peito.

Era sempre assim e eu odiava quando agia dessa maneira: como se fosse minha mãe e eu ainda tivesse 12 anos.

Sei que não fui bem uma garota descomplicada e reservada. Costumava aprontar muito na escola, mas todos relevavam por causa do meu histórico de abandono e pela falta de uma mãe presente. Não que Mack não tivesse tentado fazer esse papel da melhor maneira, mas como trabalhava para sustentar nós duas eu passava a maior parte do tempo sozinha ou na casa de alguma vizinha e me desculpavam, jogando toda a culpa na falta de uma mãe presente na adolescência.

— Marcêlly, eu lhe conheço o suficiente para saber que nem todos os dias quando sai acontece algo, mas sei que você é uma verdadeira caixinha de surpresas. Brigou com Tyler? — Mackenzie ainda mantinha os braços cruzados na altura do peito, me inquirindo, me olhando dos pés à cabeça.

Não! Eu não briguei com Tyler! E sim... ela tinha razão. Aconteceu sim! Fui para onde pediu que eu não fosse e encontrei seu patrão bêbado e, ele me beijou. Mais um pouco estaríamos rolando pela areia e transariamos ali — respondi mentalmente olhando nos olhos dela.

Claro que negaria até a morte. Primeiro por colocar seu emprego em risco e segundo porque amanhã até o meio dia seria pouco para o tamanho do sermão que escutaria. Mesmo que eu não tenha sido culpada, ainda assim ela falaria muito; diria como nossa vida é complicada e que agora com o bom salário que Rafaello Valentino paga para ela não poderíamos ter o luxo de que ele a demitisse porque sua irmã caçula esteve brincando no seu quintal e nas mãos habilidosas dele.

— Não aconteceu nada e não briguei com Tyler. — Sorri e tentei ser convincente. Mal ela poderia imaginar que ainda estava agitada por dentro, pensando em tudo que havia acontecido e desejando seu chefe.

Por mais raiva que senti de Rafaello Valentino eu me sentia diferente após ter sido beijada por ele. Foi como uma droga que me viciou no primeiro uso. Ou melhor, foi ter o prazer de sentir o melhor e tudo que viesse agora seria nada, se comparado a beijar Rafaello Valentino.

Mas toda essa conclusão foi por causa de um beijo? Sim! Rafaello Valentino beijava como um deus poderoso. Ele emanava poder, desde seu olhar hipnotizante até a forma possessiva como sua boca me exigiu.

— Então, por que sinto que você está me escondendo o que aconteceu? Não ouvi o barulho do motor daquela caminhonete infernal e horrorosa de Tyler.

— Eu vim sozinha para casa — respondi, me preparando para um outro sermão, sobre andar tarde por aí.

Independente de esconder o que aconteceu esta noite, escutar ela dizendo o quanto era perigoso andar por aí tarde da noite não seria tão ruim quanto contar o que de fato aconteceu. Se o seu patrão não tivesse me

pedido para não falar nada eu até encontraria um melhor jeito de falar toda a verdade, porém ele havia pedido e realmente seria muito mais fácil esconder do que contar tudo.

Pelo menos ele havia avaliado que não contar nada para ninguém seria o melhor a ser feito.

— Já não falei para não ficar andando tarde por aí. — Como imaginei sua voz aumentou um tom acima do normal e já poderia me preparar para escutá-la por minutos intermináveis. — O que aconteceu, Marcêlly?

— Nada, só quis vir embora sozinha. Tyler bebeu um pouco mais que o normal e preferi não o deixar me trazer. Ou você preferiria que ele dirigisse bêbado por aí? Não é você que vive me falando que bebida e direção são duas coisas que não se combinam. — Tentei fazer com que a situação e toda essa mentira girasse ao meu favor e foi o que aconteceu, consegui revertê-la da melhor maneira. Usei os próprios argumentos dela para me safar de algo que Mackenzie jamais poderia imaginar.

— Está certa, mas poderia ter me ligado. Eu tinha ido lhe buscar.

— Estávamos perto daqui — menti descaradamente e sem remorso algum.

Agora... meus pés que o digam. Eles ainda faziam questão de me lembrar da distância que caminhei até chegar em casa.

— Não vai adiantar te pedir para não fazer mais isso, não é mesmo?
— Neguei com a cabeça antes de responder.

— Não! Mas fica tranquila, Mack. Estou bem, de verdade! Afinal, aqui não tem bêbados e muito menos estranhos para ficarmos com medo — disse tranquilamente enquanto colocava, mentalmente, o nome do patrão dela na lista de bêbados que agarram uma mulher que mal ele conhece tarde da noite.

— Cêlly, tenho medo.

— Eu não tenho! — Tentei dizer de forma descontraída.

Mackenzie se preocupava excessivamente comigo e eu a entendia, por isso, não achava ruim quando me enchia com suas regras. Sempre fomos assim. Éramos uma pela outra desde que minha mãe morreu.

— Não tem que ficar. Todos em Rockport sabem que somos as filhas do miserável Shunter, onde moramos e como vivemos, então não fique tão paranoica que por aqui vai aparecer um maníaco bem no dia que eu resolvo voltar para casa sozinha. — Ri, imaginando e relembrando a cara de espanto quando o patrão dela se deu conta que era eu quem ele estava beijando.

Pensando melhor ele poderia ser interessante e beijar deliciosamente, mas era bem doido. Ele havia me chamado diversas vezes pelo nome da mulher que acabou de falecer. Claro que estava pensando nela. Ele deveria amá-la muito, mas mesmo com essa constatação eu ainda achava que ele nunca foi 100% fiel e que, talvez, esse desespero seja por dor de consciência pesada, por tê-la traído enquanto estava doente. Nada me tirava da mente esse mistério que o fazia viajar tanto para Nova Iorque. Por isso acabei perguntando se ele estava esperando a amante? Não sei de onde tirei a ilógica de perguntar, se ele estava surtado falando o nome da falecida, mas vi a oportunidade e minha curiosidade gritou histericamente. Vai que...

ele acabasse confessando. Tudo havia sido tão doido que mais um pouco de sua doideira não seria estranho. Quem sabe ele poderia desabafar todo seu remorso...

— Não tem nada de engraçado. — Ela me repreendeu e me fez parar de viajar em teorias.

— Sua cara, quando banca a *Super Nanny* é bem engraçada! — Novamente disfarcei.

— Afff... Marcêlly, respeita minha preocupação.

— Sempre faço! Mas fica calma, Mack. Eu estou bem e inteira do mesmo jeitinho de quando saí de casa. — Claro que não estava. Tudo dentro de mim ainda estava bem agitado e acho que não ficaria se acalmaria tão cedo.

— Vou dormir, amanhã preciso trabalhar pela manhã, o Sr. Valentino está de volta e precisa que eu compre algumas coisas para a casa.

— Ah... ele está de volta? — Mostrei-me desinteressada. Precisava agir ao oposto, jamais Mack poderia, sequer, imaginar que estive na casa do seu patrão e ainda, deixei que me beijasse. Porém ao me dar conta, que poderia ainda me dar mal, fechei os olhos rapidamente e respirei fundo. E se ele contasse para ela tudo, mesmo me pedido para não dizer nada? Ele ficou bem irritado comigo, talvez fale que estive lá e não conte sobre o beijo.

Preciso pensar em qual desculpa e no que vou falar. Eu queria ter chegado e ficado pensando em tudo, mas agora eu tinha que pensar rápido e não complicar as coisas. O cara parecia ser completamente instável e se isso afetasse Mack eu não me perdoaria.

— Sim! Chegou logo depois que saímos da casa dele. Ele me ligou e pediu uma lista de compras para amanhã cedo. Pelo visto, ainda vai ficar um tempo. — Escutei calada tentando pensar rápido na nova informação.

Achávamos que ele venderia a casa assim que enterrasse a esposa e talvez fosse ficar um tempo para fazer isso. Contudo, não perguntei e permiti que Mackenzie falasse e se retirasse após novamente fazer uma sucessão de perguntas, averiguando se realmente eu estava dizendo a verdade.

Capítulo 14

Marcellly

Adormeci assim que deitei, após tomar um banho relaxante e um analgésico. Para minha sorte, Mack não percebeu que estava com as bolhas. Se tivesse notado não teria me deixado dormir antes de me forçar a contar o que de fato tinha acontecido. Por mais calma e passiva que ela fosse, não era boba e sabia que uma curta distância não me daria dois *monstros* nos pés.

— Bom dia! — Luke me disse assim que entrei na cozinha.

Ele praticamente estava morando aqui. Dormia quase todos os dias. Não que isso me incomodasse, por parte até me deixava aliviada e sem

culpa alguma. Ele e Mack só não se casaram ainda por minha causa. Minha irmã poderia até negar que eu não era o motivo, mas sabia bem que era sim.

— Tem café na cafeteira. Eu que fiz! — Retorci o nariz e suspirei.

— Deve estar uma droga! — disse desanimada, talvez sincera demais, mas estava com o humor do cão, ainda me sentia cansada pela noite mal dormida e estava furiosa com meu próprio corpo por despertar cedo no meu dia de folga.

— Bom dia, senhorita educação! Não me dá bom dia não? — Tentei sorrir, mas acabei revirando os olhos, mostrando que minha frequência não era a mesma eufórica que a dele. — E está muito bom, sua irmã não reclamou!

Luke e eu tínhamos esse relacionamento de proximidade, afinal, ele e Mackenzie eram namorados há tanto tempo que nem fazia mais ideia de quantos anos estavam juntos. Eu gostava dele, porque era um cara bacana e fazia minha irmã feliz, mas confesso que esse seu lado brincalhão logo pela manhã, em pleno auge do meu mau humor, nos fazia arqui-inimigos por alguns minutos.

— Dormiu aqui de novo? — perguntei enquanto pegava uma xícara dentro do armário ao seu lado. — Por que não se muda de uma vez por todas? — Pela primeira vez disse sério e não debochei.

— É sério? Olha que podemos antecipar o casamento e você vai ter que me ver todas as manhãs com um lindo sorriso de cunhada perfeita.

— Claro que não, mas já que dorme quase todas as noites aqui poderia se mudar de vez. Ah... e façam menos barulho, por favor. É impossível dormir com a cama de vocês rangendo. — Luke gargalhou espirrando todo o café que havia acabado de beber. Ele engasgou e não

sabia se ria ou se tentava voltar o líquido para dentro da boca. Fora que acabou se sujando todo.

— O bom de tê-la como cunhada é que esse seu humor pela manhã já não é um empecilho para eu vir de vez. Olha que estou querendo fazer isso. Já deixei um par de meias, uma cueca na gaveta e minha escova está no banheiro. Só falta Mack me aceitar de uma vez por todas. — Ele colocou a xícara dentro da cuba da pia, pegou um pano e começou a se limpar enquanto argumentava comigo. — Agora em relação a cama, é um pouco complicado, sua irmã é extremamente feroz e uma...

— Arg... que nojo Luke! Não me faça ficar pensando em você e Mackenzie fodendo, não é uma lembrança que desejo projetar e imaginar — comentei e retorci todo o nariz, mostrando que a vida sexual deles não me interessava. Na verdade, era constrangedor e queria me abster de qualquer detalhe maior. Já não fosse o bastante ouvi-los de vez em quando eu me recusava a saber mais. Em contrapartida, era verdade quando disse que deveria se mudar. Os dois estavam juntos e sei que Mackenzie só não havia se casado com ele por minha causa. E por mais que ter mais alguém nessa casa fosse tirar minha liberdade de andar como queria, eu a queria ver feliz.

Então temos que nos sacrificar.

— O que estão falando? — Mackenzie perguntou assim que entrou pela porta do fundo, voltando do quintal com um cesto de roupas nas mãos.

— De fazerem menos barulho enquanto fodem... — citei e engoli em um longo gole o café que havia colocado na xícara.

— Marcêlly! — Mackenzie corou e me olhou, pedindo para que eu me calasse.

— Sem essa Mack, não vá me dizer que dormem juntos só para se esquentarem... não tenho mais 14 anos.

— Meu Deus! O que faço com você e sua boca sem limites?

— Nada! — Dei de ombros e sorri, piscando para Luke, dando a entender que eu aprovava e que por mim estava tudo bem eles se casarem logo. Em breve as coisas mudariam e eu não seria mais um empecilho para eles.

Já estava me preparando e economizando para ir embora. Servir um balcão ou aqui em Nova Iorque e sobreviver com o pouco eu preferia estar na *grande maçã*.

— Cêlly me convidou para morar aqui — Luke disse rindo, em tom de brincadeira enquanto lutava com a ponta do pano molhado para tirar a borra que se formou na camisa azul. Ele vestia a espécie de um uniforme informal da Marinha dos EUA. Na verdade, ele fazia parte da guarda costeira, mas ficou um ano na Carolina do Norte na base de treinamento. Desconfio que preferir ficar aqui e não passar de ser um soldado se deve ao amor que ele tem por Mackenzie. Era bem por isso que eu precisava pensar em deixar Rockport e fazê-los viver esse amor.

— Não convidei. Só disse que deveria. Dorme quase todas as noites aqui mesmo, só precisam ir no cartório e se casarem.

— Afz... não vamos falar disso agora. Ok? — Deixei a xícara de lado e levantei as duas mãos mostrando que eu não entraria em uma batalha para fazê-la mudar de ideia. Já havíamos conversado sobre eles morarem aqui, mas ela não aceitava. Mackenzie tinha dessas coisinhas minimalista de achar que por aqui ser a casa que foi do pai da minha mãe e minha herança ela não poderia usufruir.

Bufei quando percebi que estava me ignorando ao deixar o cesto próximo a porta e ir até o noivo ajudá-lo com a mancha de café.

— Por mim já sabem, que não vejo problema algum, desde que não fiquem a noite inteira rangendo a cama. — Não ironizei e disse rindo. Claro que isso não me incomodava, mas não ia mesmo perder a oportunidade de ver Mackenzie ficar corada e com vergonha.

Sério... minha irmã estava bem longe de ser casta, mas se portava como uma virgem recatada.

— Luke disse que você é incontrolável. Pede para ele te amarrar...
— continuei a perturbar seu falso puritanismo.

— Essa mancha não vai sair tão fácil, amor. — Disfarçando e fazendo com que a brincadeira morresse ela disse enquanto de cabeça baixa esfregava a mancha na camisa dele.

Eu e Luke continuamos a rir em silêncio e quando ela percebeu que ainda não deixaríamos o assunto acabar me olhou como se fosse me degolar.

— Está bem! — Virei o rosto para o lado e continuei a sorrir.

— Acho melhor você subir e trocar, no cesto tem uma que você deixou ontem. Lavei e acabei de tirar da secadora. — Luke assentiu e passou por mim erguendo o polegar e, mexendo os lábios em um obrigado.

— Não tinha que trabalhar hoje cedo? — perguntei assim que ficamos só nós duas.

— Não, o senhor Valentino pediu para não ir tão cedo. E o que faz acordada a essas horas? Achei que fosse dormir até tarde. Hoje não é seu dia de folga?

— Eu pretendia exatamente fazer isso, mas não consegui. — Adormeci tão rápido que acredito ter dormido profundamente, o que se deduz pelo fato que estou acordada de mau humor e com meu estômago ainda revirando por tudo que aconteceu na noite passada. Desde que abri os olhos ainda penso e sinto as sensações daquele beijo em mim.

— Então, já que acordou cedo, poderia ir comigo ao supermercado.

— Acho que não, Mack! Pretendo voltar para minha cama e tentar dormir cada minuto precioso que ainda tenho da minha folga. Hoje vou dar aula no estúdio da senhorita Fancy.

Hoje era o típico dia que eu chegaria tarde em casa, mesmo não tendo que ir trabalhar. Por duas vezes na semana eu dava aulas de balé para meninas de 6 anos. Não que isso fosse maravilhoso, mas sem dúvidas era perto do que sempre quis para minha vida. Como fui uma das poucas garotas que terminou o *High School* e não foi para uma universidade, minhas opções de oportunidades eram bem poucas.

Sempre sonhei em estudar dança em Nova Iorque e tentei por dois anos entrar na *Julliard*, mas não passei em nenhuma das vezes. Sem uma bolsa seria impossível eu conseguir estudar e me manter por lá. Por isso, acabei me contentando em dar aulas por 200 dólares mensais, na esperança de guardar esse dinheiro e um dia tentar entrar em alguma Universidade.

O desejo pela dança veio através de minha mãe. Ela amava o balé Russo e outras companhias de dança. Sempre me disse que eu seria uma grande bailarina. Por isso, me chamo Marcêlly, devido a uma grande bailarina francesa, *Marcêlly Dufontêr*.

— Você não vai dormir. Te conheço o suficiente para saber que vai ficar mexendo no celular. Então, já que não vai, poderia dobrar as roupas e

arrumar aquele quarto bagunçado.

— Meu quarto está arrumado — rebati. Mais ou menos, ele não estava do jeito que ela gostava, mas também não totalmente desorganizado. — E Mack...

— Vamos comigo, Cêlly. — Ela uniu as duas mãos e implorou.

— Voltei, ladies. — Luke voltou e passou por mim indo na direção de Mack. — Cêlly, acompanhe minha linda noiva. Se ela for sequestrada o que será da minha vida? — Ele abraçou minha irmã e selou seus lábios.

— Afz... Luke! Quanto melancolia. — Ele sorriu e piscou.

Éramos assim: desse jeito descontraído de se relacionar. Eu acordava de mau humor, sempre querendo dormir mais. Mackenzie sempre delicada e calma. E Luke, quando dormia aqui, ou melhor, quase todos os dias nos fazia suas brincadeiras pela manhã e isso era bom. O mais perto de uma família que eu tinha. Eu gostava disso, menos do seu café extremamente melado. Já lhe perguntei diversas vezes como um homem gosta tanto de adoçar algo assim... Ele sempre me respondeu: *“Uma boa dose de açúcar pela manhã adoça o dia todo”*. — No caso do café dele é para a semana inteira.

— Mas não vou sair não. — Me sentei em uma das cadeiras ao redor da pequena mesa redonda de madeira.

— Ah vamos, Cêlly! Vou só passar e pegar a lista que o senhor Valentino quer e vou ao supermercado. Vai ser rápido e ainda vai lhe sobrar tempo para voltar e dormir a tarde inteira. — Quase disse sim, quando ela mencionou que iria na casa do patrão antes. Claro que mudei de ideia, mas não respondi que sim.

A possibilidade de vê-lo me deixou agitada. Contudo, e diante das complicações eu precisava não demonstrar meu interesse de ir porque ela disse que ia até a casa dele antes.

Sei que estava sendo completamente doida, mas por minutos havia esquecido como gostei de beijá-lo, mesmo com ele tendo surtado e me mandado embora daquela forma no final.

— Vou precisar ir meninas. Mais um pouco eu me atraso, hoje estarei de vigia na costa. — Luke se aproximou e beijou o topo da cabeça de Mack. — Não virei hoje, minha linda. — Mackenzie sorriu desanimada e selou os lábios dele, que se transformou em um beijo longo e apaixonado.

Pigarreei!

— Estou aqui. Está vendo que deveria morar aqui, isso me pouparia de ver esses beijos de despedida.

— Cêlly, mesmo que sua irmã case comigo eu sempre me despedirei dela como um homem apaixonado. Eu a amo.

Sim, eu sabia disso. E também que ela o amava muito. O que me incomodava não eram esses afetos. Eu fazia esses comentários para brincar, até porque, queria muito não ser o empecilho por eles ainda não terem se casado.

— Tchau e juízo, Cêlly. — Luke se despediu e quando passou por mim levantei para ele bater.

— Tchau!

— Para com esses pensamentos! — Mack me olhou e afirmou ao deixar Luke passar a sua frente e ir na direção da saída.

— Não estou pensando nada. — Me defendi.

Sim... eu estava pensando quando conseguiria sair daqui e deixá-los viver a vida deles em paz. Já estava com 20 anos, recém completados mês passado, e tinha que ter minha própria vida, mas eram tantos medos, de não conseguir me manter ou ter que deixar tudo para trás e não ter Mack ao meu lado. Por isso, depois de Julliard me negar por duas vezes a bolsa para alunos sem condições é que ainda estava aqui, sem saber como começar a ir atrás dos meus sonhos, juntando cada migalha que me sobrava. O dinheiro das aulas era o único que não entrava para pagar as nossas contas. Ela sempre me disse que esse valor era para eu guardar, que um dia tudo iria acontecer e que ele serviria para me ajudar.

— Somos nós duas e se for preciso não me casar Luke terá que entender. — Ela retornou e me disse ainda sem estar na minha frente.

— Mack, Luke poderia vir morar aqui. Se casem e assim que eu tiver minha vida eu mudo. — Ele vir morar aqui era uma possibilidade mais próxima e talvez isso a fizesse ser mais flexível.

— Não sei. Ele tiraria sua privacidade.

— Você paga um preço e eu pago o outro. É simples! — Dei de ombros e sorri.

— Vou pensar.

— Qual é, Mackenzie? Ele praticamente dorme aqui todos os dias. A única coisa a mais que teria, seria as cuecas dele no meio da nossa roupa na lavadora.

— Já disse que vou pensar! Agora preciso me trocar e ir até o Sr. Valentino. — Novamente seu nome me fez arrepiar de um modo delicioso e perigoso.

Só de lembrar como me beijou e depois me dispensou me deixou novamente eufórica. Sei que deveria estar odiando-o por ter sido um grosseirão comigo, após gritar e me segurar da forma como segurou, mas o compreendia e assim como ele, eu também não esperava que nada daquilo acontecesse, entretanto, aconteceu e foi bom.

Em hipótese alguma estaria me submetendo a um homem possessivo e ditador, ele só não estava em um bom momento.

— Vou com você — respondi sem demonstrar qualquer entusiasmo. Se eu fosse uma pessoa normal, não pisaria 100 metros próximo dele, mas minha curiosidade era maior e nada cautelosa.

— Foi fácil desta vez lhe convencer. Sabia? — Dei as costas sem responder. Se ela soubesse o quanto eu queria ter respondido, assim que disse que primeiro iria a casa dele, ela não acharia que foi tão fácil, certamente me questionaria.

Não demorei muito para me arrumar, coloquei uma calça justa, uma blusa solta que caía em um dos ombros. Eu gostava dela, era estampada com uma banda de rock dos anos 80. Além dela deixar uma pequena faixa da minha barriga à mostra, revelava também a pequena borboleta que tinha tatuada em meu ombro direito. A fiz no mesmo dia que também fiz as três estrelas na nuca. Mackenzie e Luke haviam me dado de presente de aniversário e qualquer roupa que me permitisse mostrá-las eu usava.

— Espera no carro é rápido. — Mackenzie me disse assim que estacionou na entrada da casa. E que droga... eu queria descer com ela.

— O.k.! — concordei frustrada

Nem sei porque estava me sentindo chateada por não entrar. Deveria ficar bem longe dele e desta casa se realmente eu quisesse manter o

emprego da minha irmã. Porém, um resquício de vontade de saber como estava, de sentir seu perfume me atçou e depois de meia hora em que Mackenzie estava dentro da casa e não dando sinal de que sairia logo, fui atrás dela.

Aproveitei que a porta da frente estava aberta e entrei chamando baixo por ela, mas o que vi me fez ficar parada na entrada da sala.

Tudo estava revirado, os vasos pretos que combinavam com a decoração estavam estilhaçados no chão, assim como os sofás fora do lugar e as mesas viradas ao contrário. Parecia que havia passado um tornado aqui dentro.

Andei mais um pouco, sentindo os cacos de vidros se estilhaçarem ainda mais sobre o solado do meu coturno. Me senti com medo, ansiosa e preocupada à medida que meus olhos foram registrando a bagunça e as coisas quebradas pelo caminho.

Algo estranho havia acontecido por aqui. Mas o que? Ele quebrou a casa! Era tão óbvio quanto dois mais dois são quatro. O cara era surtado e isso era um sinal de que eu deveria fazer o que me mandou e não me aproximar da sua casa.

— Mackenzie! — Fui andando lentamente, evitando fazer barulho quando sussurrei chamando repetidas vezes. Mas nada dela me responder. Talvez estivesse no andar de cima e indecisa se subia ou esperava, ou iria até a cozinha verificar se ela estava lá, fiquei parada no início da escada, entretanto escutei um barulho vindo do fundo da casa, o que atraiu minha atenção. Meu corpo estava em alerta e meus batimentos cardíacos acelerados. Me senti dentro de um filme de suspense e ao invés de sair dali, andei mais alguns passos na direção do barulho, que vinha da cozinha, mas

aquele arrepio que senti, igual ao da noite passada me tomou, deixando eriçados todos os pelos do meu corpo.

Era melhor eu sair dali, porém quando tomei coragem de fazer a coisa certa ao me virar fui parada por um tórax detalhado e com pelos espalhados por toda a extensão até chegar nos músculos do abdome. Ele respirava pesadamente e me olhava com seu olhar de fúria e tirania.

— O que faz aqui? Eu te falei que não era para se aproximar mais da minha casa. — Me faltou o ar e não conseguir falar nada, ficando presa sem saber como reagir.

Rafaello Valentino não só era feroz como foi na noite passada, mas também era intimidador a ponto de deixar uma mulher sem saber como reagir.

Capítulo 15

Rafaello

Acordei com uma puta dor de cabeça. Ela parecia ter ganhado vida própria ao ficar latejando constantemente.

O problema de beber muito é no outro dia quando o álcool está saindo do seu corpo, deixando-o completamente inútil.

O dia anterior só serviu de exemplo para me mostrar que a bebida jamais teria o poder de apagar qualquer dor. Eu bebi para esquecer e fiz merda.

Pisquei várias vezes olhando para o teto do quarto enquanto mantinha meus braços por debaixo da minha cabeça e nuca pressionando-as, apoiando o meu estado de vergonha e reflexão.

Aquele cheiro que tanto amava ainda estava presente, era tão vivo e real.

Respirei lentamente e fui fechando os olhos ao mesmo tempo. Fui me inebriando da fragrância de flores com a criticidade da laranja.

Nunca mais viveria igual, sempre faltaria algo. Alícia jamais deixaria de fazer parte de mim. A lembrança dela, do seu sorriso, da sua voz dengosa quando queria algo seria algo que carregaria para toda minha vida.

Ontem não passou de um momento de puro desespero.

— Nunca mais vai acontecer nada do que aconteceu ontem, meu amor! — disse em voz alta, como se Alícia pudesse me escutar.

Há dias venho dormindo mal e depois de beber muito finalmente meu corpo foi anestesiado, consegui assim que ele fosse desligado automaticamente logo após a noite de ontem, que foi um grande erro, assim como o dia todo, mas nada abona o fato de eu ter beijado a irmã de Mackenzie.

Caralho... se ela não dissesse nada eu a teria fodido ali mesmo. Ontem eu só fiz merda, antes de sair da casa de minha mãe e após me sentar naquele avião bebi demasiadamente até acreditar que teria paz para me embriagar até eu cair desmaiado por dias, ela apareceu para me tentar com sua aparência tão semelhante com a minha Alícia.

Por que eu fui voltar?

Não deveria ter vindo buscar algo que jamais vou encontrar aqui. Meus filhos, todos que poderiam me amparar e oferecer conforto neste momento não estavam aqui. Rockport não tinha mais nada que pudesse me fazer feliz. Esperei e criei tantas expectativas que Alí, eu e os meninos tivéssemos tido mais momentos felizes nesta casa, porém após não a ter

mais me sinto frustrado, arrasado e devastado por ter sido tão rápido e inesperado sua partida. E não sei o porquê, mas uma voz me pedia para voltar e ficar por uns dias. Era como se a casa ainda a deixasse um pouco mais viva.

Dizer que estava me conformando... Não! Jamais me conformaria de estar e viver sem ela. Eu a amava com cada centelha que tinha em mim e por isso, quando voltei da praia, após ter beijado a irmã de Mackenzie, quebrei tudo que vi à minha frente. Foi um acesso de ódio, raiva e por trair o pensamento e a lembrança do meu amor por Alícia.

Onde estava com a cabeça ao confundi-las?

É justificável?

Talvez!

Eu só queria ter Alí de volta, nem que fosse por segundos, os necessários para eu dizer o quanto a amava e que nunca mais amaria outra mulher como a amei, porém me deixei levar por esse desejo cego e desesperador, a ponto de confundir o amor da minha vida com uma jovem que tem a idade para ser minha filha. Elas de longe eram parecidas e meu corpo correspondeu sozinho, não me deixando pensar e ver que não se tratavam da mesma pessoa. E, por isso, estou revoltado até agora, sentindo o frenesi que meu corpo exalou. Ainda estava sentindo toda aquela combustão por ter beijado Marcêlly achando que fosse Alícia.

Depois que tudo aconteceu, eu, homem, queria apagar toda frustração sexual que senti com ela e acabei descontando nos móveis e em toda a casa. Nunca fui impulsivo, mas ontem me deixei levar por um momento de fúria. Se ela não dissesse nada não teria parado, continuaria e só pararia quando meu corpo tivesse saciado. E estaria bem pior que antes

de cada vaso e móveis quebrados e revirados. Destruí parte dos objetos que representavam as lembranças de Alí, não por desespero, mas por ódio de mim. Todavia, não tinha como voltar atrás e não ter beijado a irmã de Mackenzie e deixado de quebrar tudo.

Teria evitado qualquer problema, constrangimento e talvez o pior deles. Se Marcêlly contar para irmã o que aconteceu entre nós ontem, a minha hombridade estará lavada e jogada na rua. Qual homem que enterrou sua esposa pela manhã e à noite beija outra? Mesmo com inúmeras desculpas e motivos, nada justificaria o que tinha feito, por isso me odiei e odiei ainda mais ela por ser tão parecida fisicamente com Alícia.

Deixando os pensamentos de lado e ainda sentindo minha cabeça pulsar fortemente, me levantei e fui para a única parte da casa que estava intacta, o banheiro. Da cama até o box de vidro tirei a roupa suja de areia, que fedia a bebida e a cigarro e a larguei pelo caminho. Em poucos minutos Mackenzie deveria estar chegando, pelo menos de banho tomado e vestido estaria apresentável.

Limpo e são não aparentaria um louco surtado das ideias.

Precisava conversar com ela sobre os dias que ficaria e como seria seu trabalho. Não pretendia — por enquanto — vender a casa e além de deixar tudo acertado tinha que averiguar se a irmã não contou para ela.

Respirei fundo, sentindo o piso frio sob meus pés, fiquei dentro da caixa de vidro e girei a torneira, ligando a água, que a princípio, saiu fria e foi esquentando gradativamente. Com a água quente o suficiente para fazer meu corpo sentir outras sensações que não fossem dor e arrependimento, apoiei minha testa contra o azulejo branco e fiquei com meu corpo sob a pressão dos jatos em meus ombros.

Mesmo de olhos fechados o peso de minhas atitudes não me abandonou e começou a misturar com a dor que sentia. Foram tantas coisas em menos de 24 horas que não sabia como reagir. Me doía a ponto de sentir o ar ficar rarefeito dentro do meu peito. Meus pulmões expandiam, mas não conseguiam suprir. Meu coração sangrava constantemente, mesmo bombeando com vigor na tentativa de se manter vivo. Minha mente exigia tantas respostas lógicas, que mesmo para mim, um homem completamente passional não conseguia entender os preceitos da vida.

Eu estava sentindo dor, revolta e um completo canalha, que sujou a lembrança imaculada da esposa. Essa culpa só não era maior que a dor de não a ter mais ao meu lado. Estava perdido. Cheio de incertezas e sentimentos que me definhariam em poucas semanas.

Ontem fugi de Nova Iorque como um covarde, sem conseguir encarar meus filhos e desde então só fiz coisas das quais Alícia reprovava.

— Sr. Valentino! O senhor está bem? — Mesmo com o barulho da água caindo pude escutar Mackenzie batendo na porta e me chamando em voz alta.

Desencostei a testa e olhei na direção da porta aberta do banheiro e do quarto vazio.

Pelo visto ela havia visto a situação da casa e estava preocupada.

— Sim, Mackenzie! Descerei em alguns minutos — respondi em voz alta, de uma forma que ela conseguisse escutar.

Ela não respondeu e deduzi que havia descido enquanto eu terminava de tomar o banho.

O que fui fazer? Será que ela estava sabendo sobre sua irmã?

Novamente a pergunta que mais eu temia por uma resposta vinha me atormentar. E de novo as lembranças da noite passada vieram, me trazendo a memória também a pergunta que Marcêlly me fez: “Se estava esperando minha amante?”. No momento fiquei cego e toda minha fúria veio como a força de vários cavalos. Jamais trairia Alícia. Eu a amava mais que tudo e se ainda estava aqui é por causa de uma promessa e dos meus filhos. Se não fosse por isso eu teria me jogado atrás dela naquela cova. Poderia ser exagerado, mas minha vida perdeu todo o sentido quando desceram o caixão dela, afundando-a dentro da terra para toda a eternidade.

Não sei porque ela havia chegado a essa conclusão se nunca dei motivos para acharem o contrário. Contrariado e confuso, me questionando este fato encerrei o banho, fechando a torneira até a última gota cair do chuveiro. Alcançando a toalha felpuda branca, que estava presa na argola de cobre, me sequei, esfregando primeiramente meu cabelo e depois descendo o tecido macio pelo corpo. Depois de seco a envolvi na minha cintura e voltei para o interior do quarto. Nele também tinha algumas coisas reviradas. Acredito que não poupei nenhum cômodo da casa. No entanto, aqui ainda parecia menor o estrago, ainda não fazia ideia de como o andar inferior estava.

O que Mackenzie deveria estar pensando?

Não é normal alguém quebrar tudo e sei muito bem que minha atitude demonstrava que eu estava completamente descompensado.

Precisava me desculpar, não que eu devesse uma explicação, mas precisava justificar minhas atitudes, ainda mais se ela estivesse sabendo que beijei sua irmã. Com pressa para falar com ela coloquei uma calça de malha, com elástico no cós e saí do quarto parando no corredor, bem próximo do topo da escada de madeira branca quando escutei alguém

sussurrando próximo a escada. Aproximei-me do guarda-corpo do mezanino e olhei para baixo e a vi.

Que inferno ela estava fazendo aqui? Logo no momento em que precisava ter calma e explicar minhas atitudes. Novamente aquela sensação de raiva me tomou e sem que me notasse desci as escadas, tentando não fazer barulho, ela estava um pouco mais a frente, indo na direção da cozinha.

Mantendo minha respiração controlada para que não me notasse logo atrás. Parei bem perto e fiquei observando-a chamar a irmã em sussurro.

Marcêlly não deveria estar aqui. Eu fui claro quanto não a querer por perto.

Maldita seja!

Seu perfume me instigou e fez com que meu corpo reagisse e lembrasse da forma como a espremia entre meus braços e de como sua boca se moldou a minha. Como fui confundi-las? Não tinham nada a ver... um pouco, mas o perfume e na altura eram diferentes. De costas até poderiam se passar pela mesma pessoa, mas nunca mais eu deixaria que a aparência delas me tirasse o senso da razão. Entretanto, com vários motivos para gritar com ela, me peguei observando a forma como seu cabelo loiro estava todo preso para cima, deixando alguns fios escaparem pela nuca com três estrelas tatuadas. Uma de cada tamanho diferente em sequência. Meus olhos foram acompanhando a curva e o ombro desnudo. Ela usava uma camiseta branca e a gola caída, deixando outra tatuagem aparecer; uma linda borboleta azul com as asas empinadas para voar. O traçado era delicado assim como ela. De fato, a irmã de Mackenzie era ainda mais linda

à luz do dia, mas ainda assim, eu sentia raiva e vontade de gritar com ela a cada segundo que respirava perto de mim.

— O que você faz aqui? — perguntei no mesmo volume que seu sussurro ao chamar por sua irmã.

— Eu... — Marcêlly gaguejou após se virar e chocar contra meu corpo. Seus olhos mais verdes que os de Alí vibraram e demonstraram surpresa quando fitou os meus.

— Eu não a quero perto da minha casa. Não entendeu minha ordem por quê? — disse enfurecido ao me aproximar ficando quase em cima dela. Marcêlly recuou um passo tentando se distanciar de mim, mas fui mais rápido e antes que saísse dali sem me responder segurei em seu braço e a trouxe novamente para perto.

— Me solta! — Ela sussurrou e se debateu. Ao invés de soltá-la mantive minha mão fechada em seu braço.

— Me responde. Eu disse que era para ficar bem longe daqui. O que faz na minha casa? — Olhei em seus olhos, tentando intimidá-la, mas ao invés de mostrar medo, a jovem loira ergueu o queixo e me olhou desafiadoramente.

— Por sua causa que não é!

— Então por causa de quem está aqui, se mandei não vir mais?

— Não é da sua conta, Sr. Valentino. — Sua resposta era como uma navalha. Eu deveria soltá-la e mandá-la sair daqui, mas não me controlei quando mostrou que não sentia medo de mim. Não que eu esperasse que fosse correr ou gritar pela irmã. Só não esperava que fosse me enfrentar.

— Está na minha casa, garota. É da minha conta. — A pressionei e me curvei, aproximando-me o suficiente para meus lábios quase tocassem novamente sua pele. — Eu não a quero perto de mim. — Não queria por vários motivos, mas neste momento o maior deles era por sentir meu corpo reagir a lembrança de como foi beijá-la ontem.

Ninguém nunca entenderia a forma como me sinto miserável por tê-las confundido.

— E eu não quero ficar perto de você.

— Então vai embora.

— Não! Sem antes eu achar minha irmã. — Me afastei e novamente me vi refletindo no verde citrino dos seus olhos.

— Ela trabalha aqui e sempre será bem-vinda, mas você não. Então dê o fora agora.

— Não vou sem achar minha irmã e se não me soltar vou gritar muito. E se não queria que eu contasse sobre ontem, vai ser a oportunidade para ela saber.

— Você não tem coragem! — Se ontem eu a vi recuar hoje ela estava me enfrentando e isso me deixava ainda mais com raiva.

Marcêlly estava despertando em mim tantos sentimentos controversos. Ela me confundia, me deixava irado ao mesmo tempo em que me fazia lembrar de Alí. Era perigoso e eu queria odiá-la ainda mais.

— Me solta...

— Não! — Eu não a queria por perto e o animal insano dentro de mim não a soltaria, mas me afastei e a soltei assim que ouvi os passos, batendo contra a madeira da escada do *basement*^[1].

— Você é um idiota — sussurrou ao se virar para a direção de onde o som vinha.

— Cêlly? — Mackenzie surgiu próximo de nós.

A escada que levava para o *basement* ficava no meio do corredor, escondido sobre uma falsa parede. Quando fiquei diante de Marcêlly não reparei que a porta estava aberta.

— Mack! — Foi nítido que ao se referir a irmã sua voz saiu em tom de alívio.

— O que faz aqui?

— Fiquei preocupada com a demora. — Sua resposta saiu trêmula. Mesmo me respondendo de forma malcriada, sua voz demonstrou que havia ficado com medo.

Eu não a queria por perto por tudo que aconteceu e pelo principal motivo dela se parecer com Alicia, além de que, a forma como me desafiava fazia o pior de mim vir à tona. E isso era perigoso quando alguém não estava bem, assim como eu.

— Eu só estava pegando alguns sacos para uma faxina... — Mackenzie olhou ao redor, por onde as coisas estavam quebradas e reviradas. Acredito que estava tentando deixar o clima mais leve ao sorrir e levantar o braço, mostrando os sacos de lixo que carregava.

Incoerentemente senti uma parcela de alívio ao ver que ela estava tentando ser compreensiva. Não que isso fosse importante, mas o simples fato de que ela esteve conosco nesses últimos meses a fazia tão importante quanto alguém da família.

— Vou recolher os cacos e depois vou ao supermercado. — A forma como dizia era nítida que estava tentando a todo custo suavizar a situação. Já sua irmã, olhava ao redor e me lançava olhares questionadores.

— Mackenzie eu preciso falar com você a sós — disse e me lembrando que estava ainda só de calças, vesti a camiseta e deixei-as. Não poderia agora expulsar Marcêlly dali e precisava fazer o que era importante. Depois de hoje ela entenderia fácil que não a quero por perto e se ela fosse inteligente o suficiente não voltaria mais.

Não sei o que falaram, quando as deixei fui para a cozinha. Mackenzie veio até onde eu estava e pegou de dentro da bolsa, que estava sobre o balcão, um bloco de anotações na bolsa e escreveu algumas coisas em silêncio.

— Se o senhor não se importar pedi a Cêlly que fosse ao supermercado para mim, enquanto o senhor e eu conversamos. — Assenti com a sua decisão.

— Sem problemas. Vou pegar minha carteira. — Por minutos a deixei na cozinha e quando fui para o outro cômodo Marcêlly não estava mais lá, nem quando retornei.

Sem falar nada, dei uma boa quantia de dinheiro e fiquei sozinho na cozinha novamente esperando Mackenzie retornar.

Poucos minutos depois ela voltou e como se nada tivesse acontecido e fosse um dia normal de serviço ela pegou os sacos e começou a catar os cacos maiores.

— O senhor está bem? — Pensando em tantas coisas quando me deixou sozinho, fui para perto da janela, que ficava ao fundo e que dava vista para o mar. Parado e com os braços cruzados fiquei olhando e

comparando a forma agitada que as ondas estavam batendo e se levantando ao fim do deque.

— Acredito que com o tempo sim.

— Novamente sinto muito.

— Obrigado. — Não me virei, ainda estava tão confuso e com raiva da irmã ter aparecido e me desestabilizado novamente.

— Farei um café para o senhor. Ontem, quando me ligou dizendo que estava vindo fui pega de surpresa, como iria ao supermercado eu trouxe da minha casa. — Quando Alícia morreu, pedi que Mackenzie levasse tudo que fosse perecível embora. Não tinha intenção nenhuma de voltar aqui tão cedo.

— Eu não vou ficar muitos dias. — Quando estava voltando meu pensamento era me trancar aqui por um bom tempo, mas depois de tudo que aconteceu eu ficaria uns dias até me sentir controlado e um pouco conformado para voltar e recomeçar a viver. Não poderia abandonar meus filhos assim.

— Estarei à disposição, senhor. — Mesmo não vendo, eu sabia que estava se movimentando e que havia ligado a cafeteira, preparando o café. Além de movimentar-se de um lado para o outro, conseguia escutar o barulho do plástico dos sacos ao serem manuseados por ela.

— Ainda não sei quantos dias e sobre a casa...

— Não precisa explicar nada, senhor. Eu deixarei tudo em ordem ainda hoje.

— Obrigado, se quiser posso chamar uma equipe para fazer o trabalho mais rápido. — Até o momento que desci as escadas eu estava

pronto para me justificar, mas Mackenzie teve a sutileza de não me olhar com menosprezo e por isso ela me deixou à vontade para não falar.

Capítulo 16

Rafaello

Mackenzie passou a catar os cacos e me senti na obrigação de ajudá-la pelo menos a voltar os móveis no lugar. O que me fez sentir ainda pior do que já estava.

Era humilhante e ao mesmo tempo frustrante. Enquanto estávamos colocando as mobílias e algumas coisas que não tinham sido quebradas no lugar conversamos sobre os meninos, como eles estavam e após deixar em ordem fui para o escritório ligar para minha família. Mesmo querendo me isolar do mundo, ainda era pai de dois meninos que precisariam mais do que nunca de mim, neste momento. Bella e a mãe de Alícia ficariam uns dias com eles — achei melhor — com meus sobrinhos por perto James e Ralf poderiam brincar e não pensarem tanto na ausência da mãe.

Quando desliguei a ligação escutei uma conversa, as vozes estavam longe e supus que a infernal da irmã de Mackenzie havia retornado e acertei, pois em silêncio fui para a cozinha e escutei com exatidão o que falava.

— Mackenzie, esse cara é louco, você não deveria ficar sozinha com ele. Olha o que ele fez com a casa.

— Fala baixo, ele pode escutar.

— E o que tem? — Pelo visto a irmã estava criando um estereótipo sobre mim. — O cara é doido, um surtado. E se ele fizer algo contra você...

— Ele não vai fazer, só está sofrendo por perder a esposa.

— Mack, não é só isso ele ontem à noite... — Fiquei em alerta. Pelo jeito ela iria contar tudo para irmã.

— O que teve ontem à noite? — Fechei os olhos esperando a deixa para entrar e tentar me justificar.

— Nada! Só acho que ele deve ter surtado muito e se ele fizer isso agora também. — Respirei aliviado ao perceber que ela não contaria e que na verdade, só havia deslizado um pouco.

— Ele não vai, Cêlly! — Mackenzie respondeu e pelo seu tom de voz já estava impaciente com a insistência da irmã.

— E se ele for um lunático psicopata? Ninguém quebra a casa inteira porque a esposa morreu.

Eu não quebrei a casa porque Alícia morreu e, sim, por culpa dela. Por serem tão parecidas, por tê-la beijado e a desejado como mulher.

— Marcêlly, parou. Não fica falando essas coisas aqui, se o Sr. Valentino escutar vai me envergonhar com um pensamento tão

preconceituoso.

— Preconceituoso? O cara quebra a casa inteira e você ainda o defende.

— Cêlly, ele não precisa de defesa, só vejo toda a situação que ele está enfrentando. É simples!

— Não acho isso. Eu não gosto dele! É um idiota, isso sim!

— Marcêlly! — Mackenzie chamou a atenção da irmã assim que entrei e ela me viu parado logo atrás.

— Mackenzie está tudo bem?

— Vou embora. Se precisar me liga, venho pegar você às cinco. — Sem olhar para mim Marcêlly informou e nos deixou.

Ela me ignorou e não sei por qual motivo, mas minha vontade era de ir atrás dela.

Por mais babaca que tivesse sido, eu tinha meus motivos para querê-la longe de mim. Sei que estava reagindo a forma como eu a tratei, mas jamais machucaria Mackenzie ou qualquer outra mulher. Nunca foi do meu feitio agir assim, essa ambiguidade de sentimentos contraditórios só crescia em mim quando ela estava por perto.

— Me desculpe, senhor. Ela não disse por mal. — Mackenzie educadamente se desculpava pela irmã.

— Fica tranquila, eu também estaria pensando como ela se chegasse e visse a casa toda quebrada.

Não que gostasse da forma como a escutei me chamando, mas precisava ser racional.

— Somos muito unidas, por muitos anos somos só nós duas.

— Me desculpa por tudo.

— Não precisa se preocupar, senhor. — Ela sorriu e fiquei olhando-a por alguns segundos, analisando.

Como duas irmãs eram tão parecidas, mas com temperamentos tão diferentes?

— Estou envergonhado. — Primeiro por presenciar uma situação como essa. Em outros momentos jamais perderia o controle dos meus atos e segundo pelo pior. Beijeí sua irmã achando que fosse minha esposa.

Eram pelos motivos que me justifiquei, mas não os disse em voz alta. O primeiro até poderia comentar, mas o segundo era melhor ficar quieto. Já que a malcriada não contou nada, a melhor solução era esquecer e não ser eu a dizer para ela. Até porque não queria que Mackenzie pensasse o pior de mim. Foi ela que conviveu comigo e com Alícia nos últimos meses, desejava que mantivesse viva a lembrança de que Alí foi feliz comigo. Deixar as pessoas pensarem o pior de mim nunca me agradou e ainda mais ser visto como um miserável, canalha, hipócrita que beija outra mulher no dia em que a sua foi enterrada. Eram situações que não poderíamos dizer que fossem normais.

— Eu entendo. O senhor deve estar sofrendo muito. — Concordei e fechei os olhos.

Independente de tudo que aconteceu, nesta bagunça absurda que criei, em todos os aspectos eu estava sangrando.

— Sim.

— Eu aprendi a gostar muito dela. Sentirei falta.

— Obrigado por tudo que fez por ela. Alícia gostava muito de você. Ela estava preocupada, me disse que você estava pensando em se casar. — Tentei esquecer os acontecimentos e tentar me lembrar de fatos que me trouxessem um acalento.

— Na verdade, eu e meu noivo estamos quase morando juntos. — Mackenzie com sua discrição entendeu e como se tudo estivesse em um dia normal continuou a fazer suas coisas como se nada tivesse acontecido.

— Eu e Alícia moramos juntos antes de nos casarmos. Só oficializamos quando ela estava grávida do nosso James. — Me encostei no balcão de granito preto próximo onde ela estava.

— Ela me contou. Me contou como se conheceram. — Sei que nos meses em que ficaram juntas Alícia havia se apegado muito a ela e acabou dividindo um pouco da nossa história. Acredito que não o que nossa família era, mas como éramos nós dois.

— Meu irmão havia perseguido Bella, a melhor amiga dela, a levou embora então Alícia ficou sozinha e eu fui o herói da noite, mas me apaixonei por ela à primeira vista. Quando a vi eu sabia que ela seria a mãe dos meus filhos.

— Que lindo isso. Eu acredito também em amores à primeira vista. Quando olho para Luke tenho a certeza de que seremos felizes para o resto da vida.

— E por que ainda não se casaram? — perguntei, sabendo o maior motivo. Alícia havia comentado que ela era quem sustentava a peste da irmã e a casa toda.

— Ah...

— Se não quiser falar tudo bem.

— Não tem problema não. Eu e Cêlly somos órfãs e não temos mais ninguém. Temo por ela. Não sei se consigo deixá-la sozinha, sempre fomos só nós duas, desde seus 8 anos. Quando sua mãe morreu. — Não tive reação alguma e não consegui formular mais nada sobre ela e a irmã malcriada, apenas senti uma pontada de compaixão.

Quando viemos para cá pouco eu sabia sobre a vida delas e por sempre estar envolvido na doença de Alí não me importei em saber dos detalhes.

— Vocês não são irmãs da mesma mãe?

— Não, minha mãe morreu quando eu tinha 5 anos e logo meu pai se casou com a Jodie, Cêlly veio depois de uns anos e quando eu estava com 13 anos ele nos abandonou, 5 anos depois minha madrastra faleceu. Ela estava muito doente, mas hoje acreditamos que morreu de tristeza. — Não era um assunto do qual queria falar, mas nunca pensei que Mackenzie se abriria e me explicaria algo tão particular delas. — Eu estava com 18 anos quando tudo aconteceu. Como abandonar a única pessoa que me sobrou nesta vida, até porque ela era uma criança e minha irmã? Eu não poderia.

— E o pai de vocês? Ele morreu?

— Me perdoe, mas antes tivesse sido ele do que Jodie. Ela era incrível, uma bondade sem fim. Sem mencionar o quanto era linda, Cêlly herdou a beleza dela. Não merecia ter sido largada pelo meu pai. Ele não teve compaixão e amor a nada, um viciado interesseiro. Jodie foi a mãe que não tive e em nome desse amor que teve por mim, por não me abandonar quando Mitchel me deixou para trás, foi que prometi nunca abandonar a filha dela.

— Uau! Que união bonita. — Por mais triste que fosse os fatos a vivacidade e o amor como se referiu a madrastra e a irmã era muito intenso.

— Me perdoe. Não deveríamos estar falando sobre isso. — Mackenzie estava emotiva e só então percebi que seus olhos estavam lacrimejando.

— Não precisa pedir perdão. Pode falar, estou curioso para saber mais sobre você e sua irmã.

— Estou aqui contando um fato triste para o senhor enquanto...

— Estou sofrendo uma perda. Sim eu sei perfeitamente, mas saber que tem mais pessoas que sofrem como eu neste momento é como um cobertor no dia de frio. Esquenta e te faz sentir melhor.

— Eu lamento muito.

— Sim, eu sei. Talvez um dia eu consiga falar assim como você falou do passado. Por isso, prefiro que fale mais.

— Dói, senhor, mas a cada dia, mês, cada ano a dor vai se tornando suportável. No nosso caso quem mais sofreu foi Cêlly. Era muito pequena, sem pai e depois sem mãe. Por isso, toda vez que penso em sair de casa e deixá-la sozinha eu não consigo. Eu estava pronta para ir embora quando tudo aconteceu.

— Iria para onde?

— Boston. Mas minha irmã, minha única família, foi mais importante que qualquer universidade. — Assenti, compreendendo o sacrifício dela. Assim como fez, eu me sacrifiquei tanto pela minha família que muitas vezes não tive tempo só para a minha com Alícia.

— Eu a entendo. — Suspirei e me levantei. Algumas coisas agora faziam sentido. Tanto aquela lacuna estranha que tinha em seus arquivos, como o modo como as duas se protegiam e porque ainda estavam em Rockport.

— Mas, talvez, Luke se mude para casa. Quem sabe...

— Seja feliz e permita-se a isso.

— Também sou feliz com Cêlly por perto. Ela é abusada e desbocada, nada comparado enquanto está dançando balé, mas sei que nos amamos e temos uma à outra. Novamente me perdoe pelas coisas que ela disse.

— Sem problemas. — Não me ofendi com o que a malcriada disse sobre mim, o que me incomodava era por ela ser ela mesma, tão igual a minha Alí e pelo fato dela mexer tanto comigo, me desestabilizando. Por isso a queria longe, neste momento não conseguia me controlar e a raiva sempre foi mais potente que qualquer sentimento passional. Cinco minutos era o suficiente para que ela tomasse qualquer ser humano e fazê-lo cometer coisas das quais se arrependeria para o resto da vida. E não estava em condições de me segurar quando estava perto de mim.

— Depois me diga o que devo fazer e se quer que eu reponha alguns itens quebrados.

— Sim! Pensarei mais tarde sobre isso. Preciso tomar um analgésico e descansar um pouco mais. — Estava tudo tão aflorado que meu corpo reclamava de várias formas. Com dores, com pressão e com sensações contraditórias.

Deitei, mas não dormi, fiquei por horas pensando em tudo que estava acontecendo; nas minhas atitudes de ontem e de hoje. A dor que não

me abandonava me fazia sentir a ânsia por algo desconhecido. Eu só queria dormir e que quando acordasse nada disso tivesse acontecendo. Mas sabia que só o tempo poderia resolver tudo isso.

Capítulo 17

Marcellly

— O que você faz aqui? — Não foi ele, mas sim eu quem perguntava desta vez.

Depois da aula de balé que dava para meninas de seis anos, sempre ficava um pouco a mais no estúdio. Fancy Morrison, a dona e quem me ensinou tudo que sei sobre o balé, me deu a oportunidade de ensinar em seu estúdio quando fui rejeitada pela última vez pela Julliard por não ter condições de me manter economicamente. Ela me deu a chave e depositou em mim sua confiança para ensinar todas as terças e quintas-feiras balé para as meninas de seis anos. Além, também, de me permitir ensaiar e treinar para quando novamente abrissem as inscrições das universidades de dança.

Com o tempo livre após terminar as aulas eu aproveitava e ficava um pouco mais depois de todos irem embora.

Achei que estaria sozinha e de todas as pessoas possíveis no mundo a que menos esperava ver parado, encostado na parede próximo a porta com as mãos dentro dos bolsos da calça preta era ele. Estava ensaiando uma série de dança moderna quando meu corpo pediu para ser hidratado e assim que parou de tocar *Let me down* na voz de *Jorja Smith/Stormizy* eu o vi pelo enorme espelho que estava fixado do chão ao teto de um lado ao outro da sala.

— Quem deixou você entrar aqui? — perguntei mantendo meu olhar no seu através da imagem refletida, mas ele se manteve quieto, me olhando e franzindo o meio das sobrancelhas pretas e espessas, me intrigando.

O que ele estava fazendo aqui não fazia a mínima ideia, só sei que meu corpo correspondeu, agitando-se de uma maneira estranha, me deixando ansiosa. Fiquei arrepiada sentindo uma onda vertiginosa de calor se espalhar pelo meu corpo. Era uma sensação poderosa, que me fazia respirar com dificuldade, como se estivesse sendo sufocada. Nunca antes havia me sentindo assim.

Algo nele era estranho, misterioso que me prendia como se eu fosse uma mosca no centro da teia de uma aranha venenosa. Eu poderia me mexer, mas mesmo assim, quando fosse a hora dele se aproximar para acabar com tudo eu não conseguiria sair do lugar. Foi assim ontem e hoje mais cedo, contudo, não fazia ideia alguma do porquê ele estava aqui se não queria me ver perto da sua casa.

— Não vai responder? — Fiz outra tentativa, mas ele estava quieto, apenas olhando e me ignorando. Diante da sua falta de resposta agiria como ele e ignoraria sua presença.

Que cara doido!

Sem me importar e fingindo que não estava mais ali, alcancei a garrafa de água que estava no chão e quando me levantei olhei novamente através do espelho na sua direção e o encarei, assim como continuava a fazer. Ainda olhando para ele, sem desviar para qualquer canto, levei o gargalo e deixei uma boa quantidade de água cair dentro da boca enquanto nossos olhares se mantinham fielmente um no outro.

Deveria ser mais prudente e gritar por ajuda, mas não, aquele instinto desafiador me fazia ficar e rebatê-lo seguindo as mesmas atitudes dele. Não me mostraria fraca ou amedrontada. Ele não tinha motivo para fazer mal algum a mim, mesmo tendo me feito diversas ameaças, afinal foi ele que apareceu aqui do nada.

— Não quer responder, não responde. — Dei de ombros ao perceber que seria inútil perguntar de novo.

O ideal seria fingir que não estava aqui e fiz exatamente como se ele não existisse. Em silêncio caminhei até a outra lateral da sala, onde estava o suporte das caixas de som e meu celular conectado a elas. Me mantive de costas ignorando-o enquanto desbloqueava a tela e tocava nela para reiniciar a música.

Seria difícil me concentrar com ele me olhando, mas nas primeiras batidas da música, fechei meus olhos e me imaginei estar na frente de uma audição. Tê-lo ali, me observando seria igual, a não ser pela forma como meu corpo estava em frenesi.

Respirei fundo e me ergui nas pontas dos pés, projetando minha força e espalhando-a pelo meu corpo. Quando a voz de *Jorja* entonou a frase “*Let me down*” me joguei, me movimentando, me mexendo, sentindo

como os passos combinavam perfeitamente com as batidas. Por alguns segundos consegui me concentrar e esquecer sua presença enquanto eu me jogava, me lançava conforme as notas iam se combinando com a letra. Não abri meus olhos e me conectei de maneira única aos meus movimentos até terminar a sequência.

Acalmando minha respiração fui abrindo os olhos lentamente, mas não foi preciso olhar para onde ele estava, o senti tão perto, com sua respiração pesada logo atrás de mim, como se fosse um caçador.

Ele me deixava cheia de dúvidas com seu jeito incoerente de agir. Nas poucas vezes foi cordial e depois do episódio da sorveteria, quando me ligou achei que ele só não estava em um momento bom, contudo, desde ontem, sinto que sua natureza crua se sobressaiu e está agindo normal. Por isso não consigo entendê-lo.

Mal nos falamos e nos vimos.

Nunca fomos íntimos e muito menos grandes conhecidos, então não tinha um porquê para estar aqui.

Era tudo muito confuso, sem nexos algum e inexplicável. Se o cara era um doido, ele que continuasse com sua loucura. Por vários motivos eu deveria me manter longe, mesmo que essa sensação poderosa ordenasse para ficar perto.

Pensando em, pelo menos desta vez, fazer o que era certo dei um passo à frente, mas suas mãos se fecharam, agarrando minha cintura e trazendo meu corpo para o seu. Não me mexi. A forma como me prendeu foi possessiva e dominante, tanto que, estava me sentindo como aquele pequeno inseto, que pode até se debater para tentar sair da teia, mas que continua preso para ser devorado em breve pela grande aranha.

— A altura, o cheiro não têm nada a ver com o dela, mas mesmo assim eu a odeio por ser tão parecida com ela. Por isso a quero longe, mas ao mesmo tempo tê-la tão perto faz uma pequena fração da dor que sinto ser suportável — sussurrou, apertando seus lábios contra meu cabelo.

Remexi sentindo o ar se agarrar e sair de mim com dificuldade.

— Eu sinto tanta sua falta, Alícia! — Ouvir o nome da esposa falecida me fez criar coragem e segurar em seus pulsos e forçá-los a se desgrudarem de mim.

Pelo visto ele estava delirando e me confundindo novamente.

— Cara! Você é um louco. — Me virei e o encarei empurrando-o para se afastar de mim, mas ele não permitiu e envolveu seus braços ao meu redor.

— O amor se torna a maior loucura de um homem. — Ele havia bebido, o hálito forte comprovava que não estava agindo sobriamente, contudo, ou infelizmente, desta vez eu não o deixaria me tratar como tratou e depois surtar como fez.

— Eu não sou sua esposa morta e não me chamo Alícia.

— Eu sei, você é a irmã de Mackenzie. Desbocada e mal-educada. A peste!

— Então se já sabe quem sou me solta — pedi e me remexi, tentando sair do meio dos seus braços, porém minha tentativa foi frustrada quando me apertou mais e deixou seu corpo colado ao meu.

— Não!

— Na boa... me queria longe de você e da sua casa e, eu fiquei. Agora não sei porque veio até aqui. É o meu espaço. Se não me soltar eu

vou gritar.

— Pode gritar, não tem ninguém mais por perto. — Tentei mais uma vez me soltar e senti que estava presa sem conseguir me mover. Aproveitando-se da situação, Raffaello me empurrou até o enorme vidro na parede e me espremeu contra ele. — Eu só quero senti-la viva mais um pouco.

— Você é muito louco, eu não sou sua mulher — rebati.

Não dava para acreditar que ele estava agindo lucidamente. Ninguém é doido o suficiente para acreditar que outra mulher é a esposa morta.

— Não, mas é tão parecida que quando está perto sinto tanto ódio por me fazer lembrar que Alicia está morta. Mas ao mesmo tempo, sua presença, seu cheiro fazem esse buraco dentro do meu peito não doer tanto. É inexplicável... eu te odeio a ponto de te querer por perto só para conseguir respirar um pouco melhor. Não pergunta mais, porque não tenho resposta para isso. — Não consegui rebatê-lo.

De uma forma estranha eu me sentia dividida querendo uma resposta enquanto meu corpo não. Ainda mais, quando fiquei congelada, ao sentir a ponta do seu nariz tocar e ficar entre meu pescoço e minha orelha. Não consegui reagir enquanto ele me cheirava e roçava em minha pele.

Raffaello Valentino não só era atraente, com seu maxilar quadrado, mas era intimidador e possessivo e, inexplicavelmente, me fez sua refém facilmente.

— Você está bêbado, Sr. Valentino — argumentei baixo, me sentindo acuada com seus lábios explorando minha pele, me fazendo arrepiar por completo.

Fechei os olhos e suspirei quando arfou sensualmente em meu ouvido.

— E daí? — sussurrou. — Ah... Marcêlly! Eu a odeio com todas as minhas forças, mas a força do meu ódio é um bálsamo quando a vejo em você. Eu preciso e eu quero... — Ele não terminou a frase e passou a me beijar, a tocar em mim de maneira lasciva até deixar sua boca sobre a minha.

— Por favor, me solta. — Virei o rosto quando seus lábios pressionaram os meus e mesmo assim ele insistiu.

Por mais que algo dentro de mim gritasse por isso eu não deveria compactuar com uma loucura dessas. Até porque, tanto ontem como hoje pela manhã ele surtou com o fato de eu estar perto. Se permitisse que ele me beijasse, o que viria depois? Não poderia compactuar com uma loucura assim: dele achar que me beijar vai trazer a falecida de volta.

Do jeito que estava se portando ele facilmente poderia ter qualquer atitude. Não dava para confiar e por isso eu deveria dar uma basta antes que algo de ruim acontecesse.

— Por favor me solta! — pedi amedrontada e confusa.

— Está com medo? — Se afastou o suficiente para me olhar de um jeito que me intimidava e me fazia não saber o que de fato estava sentindo.

— Quero que vá embora. — Não respondi sua pergunta, mas era claro que estava sentindo muito medo, ainda mais depois dessa volatilidade de humor e atitudes.

De longe, por mais atraente que ele fosse, neste momento estava se mostrando perigoso e insano e, eu, não queria fazer parte dos seus

devaneios absurdos. Não o conhecia e não sabia nada dele e isso era motivo suficiente para ter gritado desde que chegou aqui.

— Não precisa ter medo. Eu não te machuquei ontem e não farei agora. Nunca machucaria uma mulher, mesmo que ela ainda seja uma garota. — Sua respiração se intensificou quando por fim meu corpo cedeu dando-lhe passagem para vagar e ter minha boca presa a sua.

Assim como ele, tudo em mim não respondia a uma ordem certa de temer o perigo. Eu estava com medo, mas o queria sem explicações e com toda essa loucura pairando sobre nossas cabeças.

Não tinha uma definição exata para explicar que eu poderia estar sendo mais doida que ele, ao permitir que sua boca me tragasse com possessividade exigindo minha entrega. Sua língua quente e áspera se enrolava a minha com rapidez.

Rafaello era com uma tormenta perigosa e letal, que não consegui parar e dizer não.

Ele era rápido, vigoroso e completamente intimidador.

Rafaello

Escutei o motor do Honda velho de Mackenzie quando estacionaram, pontualmente às cinco horas da tarde, na entrada da minha casa. Sabendo de quem estava dirigindo-o, fui até a janela e espiei entre as cortinas, não as abrindo muito, evitando que ela me visse.

Depois que praticamente a enxotei daqui, conversei com Mackenzie e, fiquei sabendo um pouco mais da sua vida, algo me fez pensar que todos têm suas histórias tristes a serem contadas, mas ao ficar observando-a, vendo-a e pensando em Alí senti meu coração se aquecer. Olhar para Marcêlly naquele momento foi reconfortante, nada que extirpasse a dor por inteira, no entanto, me fazia sentir mais leve.

Elas se foram e ainda fiquei por um tempo olhando para onde estavam minutos atrás. Novamente aquele ar de conformidade foi sendo tomado pela dor, saudade e desespero, o que me levou a buscar uma das inúmeras garrafas de whisky que ainda tinha guardado em um dos armários da cozinha. Inquieto me servi e sorvi sôfrego a primeira dose, virando de uma vez só todo o líquido âmbar. Não ardeu, não queimou e muito menos amenizou a dor que meu corpo já começava sentir. Por fim, deixei o copo de lado depois de enchê-lo e esvaziá-lo tão rápido como um segundo atrás. Bebi o restante no gargalo enquanto meu cérebro tentava mostrar algo que pudesse me aliviar, já que o álcool não estava tendo efeito nenhum.

Respirei fundo, tentando sentir o alívio, peguei a garrafa de cima do balcão e com ela pendendo em uma das minhas mãos fui na direção da vidraça, que dava vista para o mar e o deque.

A força com que o mar batia e se erguia passando o deque me fez lembrar da noite anterior. Quando estava naquele mesmo lugar, pensando e bebendo, alimentando o desespero pela perda de Alícia. Buscava por explicações para amenizar o que estava sentindo e ela apareceu.

Marcêlly! E não Alícia.

As confundi? Sim, mas foram os poucos minutos que estive com ela que me fizeram esquecer que estava doendo para caralho. Foi beijá-la e pensar no amor da minha vida que me fizeram sentir alguma esperança em minha vida.

Sem explicações...

Mais cedo também foi assim, não intenso, mas senti leveza por inalar seu perfume e escutar sua voz enquanto eu ordenava para ficar longe de mim. Aquela dor pulsante que sentia foi deixada de lado por minutos. Era ela, como uma potente droga que fez a dor se tornar tolerável. E como um viciado recente eu queria mais uma dose.

Agindo por impulso liguei para Nova Iorque e pedi que um dos homens da Camorra buscasse por escolas de balé em Rockport, foi simples e rápido, não demorou muito mais que dez minutos e já estava recebendo o endereço e a ficha completa do estabelecimento.

Mais cedo sua irmã havia mencionado que ela estaria dando aulas de balé e que ficaria até mais tarde e por isso deixaria aquela lata velha, que chamavam de carro, para a malcriada não andar sozinha à noite. Como se ela fosse ingênua e precisasse de cuidados extremos. Mackenzie sim, mas a peste, de longe precisaria ser tratada como se fosse frágil. Com uma língua afiada e o temperamento tempestuoso jamais alguém a atacaria.

Decidido a querer experimentar este flagelo em forma de conforto, embriagado dirigi até o local. Estacionado com um SUV preto do outro lado da rua, na frente da escola de dança, olhei para a fachada simples, onde o neon com o nome da escola de dança piscava com defeito.

Por mais de uma hora fiquei esperando-a, ninguém mais saiu do lugar e a última mulher a sair foi uma de meia idade, que apagou todas as luzes. Segundo as informações que Fabrízio me deu, o lugar já deveria estar fechado. Mas como? Se ainda ela não havia saído.

Estava aqui parado antes de ver algumas meninas pequenas de mãos dadas com suas mães deixarem o local. Menos ela.

Por mais embriagado que estivesse, tinha certeza de que ela não tinha passado por aquelas portas. Eu a teria visto. Intrigado com a demora dela, desci do carro e atravessei a rua na direção da entrada. Talvez ela estivesse ainda lá dentro, arrumando suas coisas ou fazendo algo do tipo. Me aproximei e encostei a testa no vidro da entrada procurando enxergar o interior e acabei vendo uma pequena luz longe.

Tinha alguém lá dentro e se não fosse ela ao menos poderia me informar se ela tinha saído, porém um detalhe do qual eu não havia reparado antes me chamou a atenção, a lata velha de Mackenzie estava estacionada a uns 200 metros dali me dando a certeza que Marcêlly ainda não havia saído.

Mas que diabos a danada ainda estava fazendo lá a essas horas? Todas as lojas já estavam fechadas também. A escola não ficava em um local muito central, e sim, em algumas ruas mais afastadas.

Curioso, aproximei-me da porta e forcei o vidro para frente, abrindo-a. Ela não estava trancada e isso me fez sentir raiva de Marcêlly.

Que falta de juízo, alguém poderia entrar sem que soubesse, já que não tinha ninguém e a pequena sala estava em completo e absoluto silêncio. A pequena luz brilhava no fundo de um corredor, que ficava atrás de um balcão e se ficasse atento escutaria a música tocando ao longe. Sem chamar ou fazer qualquer barulho, resolvi seguir na direção e conforme eu andava ia passando por outras duas salas, com portas de vidros e totalmente escuras. Continuei até chegar onde o som estava saindo e a luz acesa.

Ela estava lá.

Marcêlly estava vestida com um collant, polainas e uma meia-calça preta, nos seus pés uma sapatilha cor de rosa que se prendia com fitas rodeando suas panturrilhas. Os fios platinados estavam bem presos no alto da cabeça.

Quem diria que a rebelde e malcriada era a visão de algo tão belo e clássico.

Ela dançava de costas para a porta e, curioso para ver mais e sentindo aquela deliciosa sensação de calma, empurrei a porta que estava entreaberta e encostei ao lado, colocando as mãos dentro do bolso.

Ela não percebeu minha presença. Parecia estar em completa sintonia ao se remexer nas pontas dos pés, salientando a panturrilha bem trabalhada. Os músculos da sua coxa ficavam em evidência quando jogava todo seu corpo, projetando-o e balançando-o para os lados. Me senti diferente, bem melhor do que pensei que seria. Vê-la e saber que Alícia não estava ali me deixava desesperado, mas ao mesmo tempo experimentava uma leveza que mascarava novamente toda aquela maldita dor.

Marcêlly era linda e dançando tão entregue a fazia ser diferente e única em vários pontos. Algo em mim naquele momento me fez querê-la de

qualquer maneira. Era inexplicável e incendiava todo meu corpo. Sei que assim que estivesse longe dela eu me sentiria frio e solitário. E as dores voltariam com força total.

Não importava que fosse só por minutos eu precisava dessa dose que ela estava me oferecendo.

Mesmo ciente de que não era a mesma pessoa eu a desejei como homem o que me consumiu em fúria. Eu estava aqui para sentir Alícia mais perto e não querer a irmã de Mackenzie como mulher. Me concentrei e novamente minha linda Alí tomou meus pensamentos enquanto ela continuava a dançar.

As comparei e novamente fui tomado pelo desejo.

Claro que eu era ciente de que estava apenas me baseando em uma ilusão. Mas que se foda toda essa alucinação e o caralho todo, apenas queria me sentir em paz, mesmo que para isso eu me atormentasse logo em seguida.

Marcêlly me notou em seguida após a música parar de tocar. Do espelho eu olhava fixo em seus olhos e não a respondi quando me questionou, porém eu agi assim que vi como sua boca em formato de coração se agarrou ao bico da garrafa. Seus lábios se iluminaram, úmidos e vermelhos após lentamente soltarem o gargalo. Eles deveriam estar gelados, mas extremamente excitantes e movido pelo desejo de saber se de fato estavam como eu achava, me aproximei lentamente sem desviar meu olhar do seu.

A cada passo que meu corpo dava na sua direção ia se libertando da dor e se enchendo de paz. Estava sendo movido completamente por esse desejo desesperador de achar que ela seria uma porção homeopática. Se não

fosse, sei que me arrependeria depois, mas até o exato momento estar perto dela me fazia provar sensações boas. Ainda mais quando seu perfume me tomou como um viciado.

Eu a desejei e me esqueci que estava doendo muito. Só queria me fartar dela e me abster da insuportável dor do luto.

Que se foda qualquer pensamento que tentava me fazer sair dali. Me aproximei, chegando tão perto que sua bunda encostou no alto das minhas coxas, fazendo meu corpo tremer e se arrepiar. Não esperei um protesto seu e a envolvi, sem pedir permissão. A tomei e fui experimentando a forma como seu corpo era tão maleável. Eu poderia moldá-lo da forma como queria. Apertei sua cintura e senti a minha parte homem reclamá-la. Sua pele era quente e estava suada, me deixando completamente inebriado e alucinado, desejando cada vez mais.

Ela relutou e não permiti que saísse do meu controle. Não a deixaria escapar e ir embora como Alícia havia partido. Eu não seria escravo da dor. Quem seria escravizada neste momento seria ela. Empurrando-a com meu corpo a levei até suas costas baterem no enorme espelho.

Desta vez, eu era ciente da mulher que minha boca estava exigindo. A beijei logo após dar um foda-se na razão. Pouco estava me importando se ela me achasse louco, eu só precisava me sentir bem. Descobri nessas 24 horas de luto que Marcêlly poderia me proporcionar e me fazer aliviar o peso de tudo. Tanto que não me contive e extravasei, deixando meu corpo agir solitário e desesperado. Ela me correspondia e me excitava ao ponto que eu queria mais e por isso me anulei de qualquer pensamento que pudesse me parar. Com seus olhos presos em mim a pressionei mais contra o espelho, soltando sua cintura e deslizando minha mão lentamente até atrás

da sua coxa, em seguida, ergui sua perna e a coloquei sobre a minha, sustentando e me moldando perfeitamente ao seu pequeno corpo.

Foda-se o real motivo por estar aqui com ela se só assim estava conseguindo sentir Alícia mais próxima de mim.

Capítulo 18

*****Sete meses depois*****

Rafaello

— James e Ralf vão mesmo ficar o verão todo em Rockport? —
Estava terminando de analisar uns relatórios quando Marco entrou na minha sala me pegando de surpresa.

— Hãn? — Mal compreendi a pergunta, só escutei Rockport ao final dela.

Desde aquela noite em que fui atrás da irmã de Mackenzie não voltei mais lá. Fui embora ainda no meio da madrugada, como se estivesse fugindo. Eu agi como um louco e não poderia ter estas atitudes. Quase transei com ela naquela noite, bem no meio daquele estúdio. Estava

incontrolável e desesperado. Só me dei conta de que havia ultrapassado o limite quando seu telefone tocou e todo o toque foi reproduzido pelas caixas de som, nos trazendo de volta a realidade.

A princípio ela não atendeu, mas quem estava ligando insistiu e novamente o som foi projetado pelas caixas me tirando daquele estado de delírio e tédio.

Talvez fosse exatamente o que precisava para me parar naquele momento e ver a loucura que estava cometendo. Por isso, achei melhor deixar Rockport o mais rápido possível e só voltar lá quando realmente me sentisse melhor e menos tentado a fazer qualquer loucura chamada Marcêlly. Não que tivesse esquecido Alícia. Jamais a esqueceria, só compreendi que a saudade vai se tornando maior que a ausência e ficando suportável. Aprendi nesses meses a lembrar dos momentos bons que tivemos e saber que fui feliz ao lado dela. Infelizmente não conseguimos controlar a morte, mas podemos ser sobreviventes ao ficarmos e continuarmos.

Ao vir embora, nos primeiros dias foi difícil e tentador, ainda me pegava na ideia absurda de que Marcêlly fosse uma dose para remediar o que estava sentindo. Diversas vezes pensei em ir vê-la, mas fui fiel à lembrança de Alícia, por mais que estivesse usando-a para meu alívio eu não poderia trair a memória tão recente de Alí.

— Tem certeza que vai passar o verão todo em Rockport? — Ele repetiu a pergunta.

Assenti e coloquei a caneta ao lado das folhas já impressas. Ainda me apegava a ter arquivos em papéis, além dos que ficavam na memória do computador. Era retrógrado meu método, mas me sentia seguro caso algo

acontecesse, além de que todo o caixa dois eu imprimia e depois junto com a equipe do TI deletávamos dos servidores.

— Sim, os meninos vão gostar e vou poder ficar um tempo maior com eles. Venho uma vez por semana só para conferir os relatórios.

— Vai ser uma boa? — Marco desabotoou o paletó e sentou na cadeira à minha frente.

Minha sala não era grande como a de Giovani, mas era interligada pelo quarto de acesso que tinha na dele e era bem comum nenhum de nós bater na porta do outro antes de entrar quando sabíamos que estávamos sozinhos.

— Claro que vai. Por que não seria? — Cruzei os braços e olhei para ele sem entender ao que estava se referindo enquanto me encostava melhor no respaldar da minha cadeira.

— Raf... Não acho que vai ser uma boa dois meses com os meninos naquela casa.

— Marco, eu estou bem. Alicia gostaria de ver os meninos indo pra lá, aproveitando a praia.

— Então vá para Los Angeles.

— Não estou propenso a enfrentar uma cidade agitada, Rockport é calmo e seguro. Alí gostava de lá por isso.

O maior motivo para não ter vendido aquela casa, sete meses atrás, foi exatamente pensando no que Alí acharia. Por mais que não quisesse voltar lá — não só por me fazer lembrar dos últimos dias dela — mas também, porque achava que seria melhor evitar ao máximo Marcêlly.

Contudo, ainda manter a casa me pareceu ser a decisão mais correta e coerente.

A garota foi meu maior erro, porém não iria repeti-lo.

Achar que poderia amenizar qualquer coisa por se parecerem muito foi minha maior loucura, não deveria me aproximar mais dela e durante todos esses meses foi o que fiz, entretanto, já havia se passado um bom tempo e acreditava que a rever não me afetaria tanto. Até porque, no momento em que tudo aconteceu havia se passado um dia do enterro e eu estava completamente perdido e desesperado, buscando qualquer alternativa para aliviar a dor.

— Você quem sabe irmão. Eu ainda falei com Leah que me preocupo com você por lá, não só por reviver lembranças de Alí, mas também porque vai ver a ninfeta.

— Marco... por favor. Não a chame assim! Faz com que eu me sinta mais ridículo e doido. — Quando voltei para Nova Iorque, no desespero acabei contando para ele, Giovani e Luca. Disse os detalhes de como beijei uma jovem com a metade da minha idade, só porque a achava parecida com Alícia. Claro que riram, mas depois confessaram que ficaram bem preocupados com meu estado. Porém, toda essa preocupação deles era desnecessária, não vejo mais Marcêlly como parte desta minha fantasia de querer sentir Alí por perto. Eu me conformei que minha vida precisa seguir.

— Raf, a ninfe... — Olhei e franzi o cenho repreendendo-o. Não gostei da forma como ele havia a apelidado. — Tá bom! A bailarina vai estar lá, a irmã dela ainda trabalha na sua casa. Cara, você não quis ir ao casamento da tal Mackenzie para não encontrar com ela. O que você vai fazer em Rockport?

— Irmão, não é bem assim. O casamento foi dois meses depois que Alí morreu, ainda não tinha condições de ir.

— E agora tem? — Sim e não. Essa era minha resposta, porém meus filhos precisavam reviver e sentir ainda um pouco das últimas lembranças que tinham da mãe.

— Eu estou bem conformado e não pretendo me envolver com ninguém por um tempo, meus filhos precisam de mim.

— Olha o que está me dizendo. Cara, você está carente e não sabe o que é foder a um bom tempo. É um viuvão e está me dizendo que não quer nenhuma mulher.

— Não para um relacionamento sério. Isso não quer dizer que não tenho meus métodos para me satisfazer.

— Bater umazinha não é satisfação sexual.

— Para você o rei da perversão sexual não, mas ainda bem que Leah o acompanha nessas suas festas e lhe deixa manso. — Fiz uma pausa e gesticulei pedindo para não me interromper. — Não estou lhe criticando, mas não é para mim essa vida. Sou monogâmico. — Levantei a mão esquerda para ele e mostrei a aliança de casado. Ainda a mantinha no meu dedo e pretendia mantê-la ali pelo resto da minha vida.

Por mais que Alícia tenha me pedido para viver e amar novamente não me julgava capaz de fazer. Por isso, ainda não queria me desapegar deste amor que sinto tão vivo por ela. Pode ser que algum dia eu goste de alguém. Mas amar? Não estava certo que deixaria acontecer de novo.

— É porque não sabe o que está perdendo. A troca é algo tão íntimo e cúmplice. É delicioso e prazeroso. Porém... estamos na fase de curtir a

barriga dela. Não quero ninguém tocando nela enquanto carrega meu filho.
— Comecei a rir baixo. — Do que está rindo?

— De você falando e entonando “meu filho”. Para quem não queria saber de se casar e muito menos ter filho você está mudado. E fico feliz por vê-lo bem.

— Cara, eu amo Leah e não poderia privá-la de ser mãe, ainda mais depois da merda que fiz quando pedi para que ela abortasse e acabou que perdeu a criança. Mas, se quer saber, ontem eu fiquei horas sentindo o moleque chutar.

— É maravilhoso, vai ver quando tiverem mais.

— Calma. Vou devagar com filhos. Ainda vai nascer.

— Se não fosse os meus eu não sei o que seria de mim hoje. — Pesei o tom melancólico, me lembrando de como eu era feliz com minha família completa.

— Está vendo... Não acho que vai ser bom você ir para lá.

— Marco, já lhe disse! Estou bem. — Não mudaria meus planos por uma preocupação tola dele, até porque, Michelle, a mesma terapeuta de Luca, disse que preciso e estou pronto para enfrentar mais um passo do meu luto e que a cada novo dia seria um desafio e, se voltar em Rockport, naquela casa e ver a malcriada fosse enfrentar meus demônios que eu deveria ir. Não sou covarde e estava na hora. Não iria fugir como fiz naquela noite.

Estava na hora de enfrentar!

— Queria mesmo acreditar que está, mas vamos ver como vai ficar depois que voltar ou ver a ninfetinha.

— Mas que porra, já disse para não chamar ela assim —o repreendi novamente.

— Me preocupo com você e com os meninos. Só isso!

— Se está assim preocupado pode ir e passar alguns dias com a gente e vai ver que está exagerando.

— Dispenso, Leah já teve uma intoxicação por frutos do mar e sei o quanto ela gosta de comer, e neste momento não quero que ela passe mal.

— Por Deus, homem. Você está trancando-a no alto da torre. Mulheres grávidas precisam comer peixes.

— Não a minha. E não vou discutir com vocês minhas preocupações.

— Que bom, porque então não tem motivo para ficar aqui me perturbando por ir para a praia no verão.

— Não estou me preocupando com você ir para a praia e sim porque você da última vez surtou por causa da bailarina.

— Não foi por isso. Não exatamente. Mas também não vou ficar discutindo mais este fato com você ou com os outros. Vou amanhã e ponto. Giovani deve ir um domingo passar o dia com as crianças, aproveitam e vão juntos.

— Veremos.

Eu e Marco ficamos mais um tempo conversando, depois chegaram Luca e Giovani. Luca passaria umas semanas em Nápoles com o filho e a esposa. Ele estava disposto a levar nossa mãe, que a cada dia está mais senil, mas duvido que iria mesmo. A guerra entre Mellaine e minha mãe ainda era bem viva. Eu não a julgava, Ana Valentino nunca foi fácil, Bella e

Alícia, menos Leah, também foram alvos do seu jeito autoritário e possessivo. Cada um estaria indo passar suas férias de verão em algum lugar, só Giovani que ficaria por causa dos gêmeos, que nasceram há um mês.

Tempo depois que me deixaram sozinho de novo terminei os relatórios e entreguei, os que deveriam ser arquivados aqui, para Andrea e guardei os outros na minha pasta, para escondê-los no meu esconderijo.

Com tudo pronto, iria para casa e uma vez por semana viria e ficaria um dia. Resolveria o que tivesse para ser visto e resolvido e depois voltaria para Rockport. E assim seria por todo o verão.

Marcellly

— Por favor apaga isso, Tyler. Mack deve chegar a qualquer momento. — Aproximei-me de Tyler, que estava sentado, na verdade, esparramado no sofá quando alcancei sua mão e arranquei dela o cigarro de maconha que ele havia acabado de acender.

— Relaxa linda. Vou fumar rapidinho e a certinha da sua irmã não vai nem ver. — Ele tentou pegar de volta, mas me afastei indo até a cozinha para apagar e jogar fora.

Nunca curti esse lance de viajar em uma *vibe* diferente, até porque se eu usasse qualquer droga nunca me sobriaria nenhum dinheiro e eu tinha sonhos, que se me tornasse uma viciada jamais alcançaria. Apesar que, ficando aqui estava bem longe disso acontecer, mas não entraria em um poço onde a saída nem sempre é boa.

— Se liga, o cheiro vai ficar impregnado e ela vai sacar que alguém fumou *um*, sem contar que Luke também deve estar chegando.

— Caralho, Cêlly. Depois que sua irmã casou não pode fazer mais nada nessa casa.

— Nunca pôde, não sei porque está dizendo isso — rebati sem paciência alguma com ele. Na verdade, já estava farta de Tyler, sempre nessa mesma frequência, sem perspectiva alguma. Até na oficina do pai ele

se contentava em fazer o mínimo possível. Parecia que havia se conformado com a sua vida deste jeito, mas eu não, eu queria mais.

Depois que Mack finalmente aceitou se casar com Luke, sob a condição de ficar por perto, fui percebendo que eu não queria um cara como Tyler, porém estava me contentando até eu cair fora daqui.

— Você está ficando chata como ela.

— Paciência, não quer já sabe... — repliquei dando a entender que ele poderia cair fora que pouco estava me importando.

Tyler já não era o que eu desejava desde aquela noite, em que pela segunda vez Raffaello Valentino havia me beijado. O louco me beijou de uma forma como nunca fui beijada, me levando a sentir coisas que antes nunca tinha sentindo.

Eu sei que ele estava agindo possesso pelo luto, mas gostei da forma como me prendeu contra o espelho, com seu corpo se esfregando no meu. A pressão de sentir sua excitação me deixou ensandecida e se não fosse pelo telefone tocar eu o teria deixado fazer o que quisesse comigo. Mas Tyler resolveu ligar bem naquele momento, com a desculpa de estar preocupado por eu não ter ligado para ele desde a noite anterior.

Quando desliguei o telefone o doido havia sumido, me deixando excitada e sozinha. Depois no outro dia tive notícias suas porque Mackenzie chegou em casa comentando. Desde então, faz sete meses que Raffaello Valentino não pisou mais em Rockport. Na noite retrasada ele ligou para Mack informando-a que estaria vindo passar todo o verão com os filhos. Me senti agitada pelo simples fato de saber notícias suas e de que eu o veria em breve — não que eu não tivesse tentado de alguma forma saber mais sobre ele —, com seu retorno saberia que ele estava bem perto.

Meses depois, sentindo vontade de saber como estava, procurei na internet.

Todo mundo tem uma rede social e com certeza seria fácil conseguir saber mais sobre e o que ele estava fazendo. Poderia tentar saber através de Mack, mas chegar e perguntar para ela sobre seu patrão despertaria sua curiosidade. Eu já sabia que ele trabalhava na empresa da família e isso porque ela me contou quando começou a ficar mais tempo na casa deles enquanto ele viajava. Bem quando eu achava que ele tinha uma amante e por isso viajava tanto. Se eu ficasse especulando mais sobre ele, ia deixá-la bem desconfiada. Ela não era boba e com certeza se sacasse minha curiosidade iria me encher de porquês. Por isso resolvi vasculhar sua vida no *google*.

No entanto, não achei muita coisa, apenas sites de fofoca falando que o sobrenome Valentino estava ligado à máfia italiana. A princípio fiquei com muito medo e receio. Criei logo a imagem dele como um gangster — igual aos dos filmes —, porém à medida que ia descobrindo mais sobre ele e sua família concluí que boa parte poderia ser apenas boatos. Claro que, quando descobri, minha vontade foi de alertar minha irmã, mas como ela estava tão empolgada com o casamento — que finalmente aconteceria — não contei. E como os meses foram passando e ele não voltou mais, preferi manter o que havia descoberto só para mim, além das fotos dele e dos seus irmãos que eu havia salvado na memória do meu celular.

Ao menos um pouco dele eu sabia, não que fosse matar completamente minha curiosidade, mas me mostrou que pertencíamos a mundos diferentes e que aquele beijo não havia sentido algum. Primeiro por ele ser rico, muito rico mesmo e depois por ver a foto dele e da falecida. Se

pensei que o cara tinha uma amante eu estava errada. Ele olhava para ela com o olhar de um homem muito apaixonado. Alícia por si, devolvia o olhar e sorria, era mútuo o amor que demonstravam através da forma como se entreolhavam naquela imagem.

Mesmo que eu desacreditasse que poderia ver um amor assim de se lerem com os olhos eu via o sentimento refletir em cada um.

Para mim acreditar no amor era estranho e muito difícil. Tive a prova de que um grande amor pode destruir uma pessoa. Minha mãe amou demais o desgraçado do Mitchel, que só soube zombar do seu sentimento e abandoná-la com duas crianças, sendo que uma nem era filha da mulher que jurou amar e se dedicar até que morresse. Por isso, não conseguia acreditar que esse sentimento existia, para mim sempre foi superficial. Assim como eu me sentia com Tyler, gostava dele, mas não ao ponto de ficar olhando-o perdidamente apaixonada e me sentindo feliz.

Eu estava com ele nem sei bem o porquê, talvez por tê-lo sempre por perto, mas dizer que o amava... não. Nunca amei Tyler e muito menos via um futuro para nós além de Rockport.

— Acho que vou embora e amanhã nos falamos, gatinha. Vejo que não está de bom humor. — Tyler se levantou e pelo tom de sua voz era perceptível que não havia gostado da forma como estava agindo com ele.

Infelizmente eu não faria nada para mudar.

— Tudo bem. — Esforcei um meio sorriso quando veio para perto de mim e selou meus lábios.

— Se quiser dar um rolê mais a noite me liga. Podemos ficar sozinhos na praia. — Tyler segurou minha cintura, projetando sua pelve para frente, se esfregando em mim.

— Pode deixar. — Me afastei, dando um passo para trás e tirando suas mãos de mim.

— Ok! — Ele piscou e quando foi me beijar novamente virei o rosto e fiquei parada vendo-o ir embora. Não fiz questão de acompanhá-lo.

Não demorou muito Mackenzie e Luke chegaram juntos.

Os dois só se casaram há cinco meses, com a condição de que morássemos todos juntos e mesmo que isso afetasse algumas coisas em nossas vidas eu topei.

Nada que fosse um grande sacrifício para quem jogou sua universidade para o alto só para poder cuidar da irmã pequena, evitando que ela fosse jogada em um orfanato por aí.

— Cêlly... — Mack bateu na porta do meu quarto e mesmo com os fones escutei e a vi quando colocou a cabeça para dentro, ficando com o corpo escondido para fora.

— Oie... — Tirei os fones e desconectei do aparelho o fio. — Chegou cedo.

Mackenzie passou o dia todo na casa de Rafaello Valentino, organizando para sua chegada amanhã, o que me deixava de certa forma agitada. Por meses meu corpo ainda refletia a vertiginosa e poderosa sensação de que foi ser beijada com desejo e possessão por ele.

— Sim, vim mais cedo, pois quero contar uma novidade. — Ela sorriu e saiu deixando a porta entreaberta.

Não precisou me pedir para descer, em seguida, deixei meu quarto e fui encontrar com ela e meu cunhado na cozinha. Os dois estavam

abraçados e Luke sorria como uma criança, intercalando diversos beijos em sua boca e testa.

— Oi casal doçura... — Os interrompi. Ainda bem que Luke era exageradamente animado e não se importava quando eu os apelidava e era debochada. Neste ponto, eu e ele nos dávamos muito bem. Éramos amigos e assim como eu, também gostava de provocar com piadinhas, claro que algumas bem sem-graças.

— Vou ser pai! — Luke foi rápido e fiquei sem reação.

Mal tinha entrado na pequena cozinha e me encostei entre o vão do armário e a porta.

Mackenzie estava grávida! Que surpresa!

— Uau. É verdade, Mack?

— Claro que é, futura titia — Luke respondeu por ela.

Mackenzie me olhou e com os olhos vertendo em lágrimas sorriu e veio até mim para me abraçar.

— Não sei se dou risada ou choro — disse quando a abracei, abrigando-a em um abraço.

A notícia do bebê me deixou completamente sem saber o que falar. Não sabia se chorava com ela ou fazia qualquer brincadeira com a novidade.

Claro que estava feliz. Minha irmã estava formando sua família, mais um membro que teríamos e não seríamos só nós duas mais, ou melhor, nós três.

Quando ela e Luke casaram, não teve uma festa grandiosa e no discurso que meu cunhado fez para ela, dizendo o quanto estava feliz em

poder fazer parte de uma pequena família e que um dia ele mesmo ajudaria a crescer. Não tive como não rir, mas hoje com eles e a promessa de mais um membro chegando me lembrei daquele fim de tarde, ao redor da mesa improvisada de madeira, no quintal dos pais de Luke, que a mãe dele havia decorado com pequenas flores brancas, proporcionando um jantar de casamento para eles.

— Estou muito feliz, Mack.

Anos só eu e ela. Luke havia vindo e ficado. Agora um bebê estava vindo para aumentar nossa dupla, ou melhor nosso trio.

Capítulo 19

Rafaello

— Nossa que notícia boa, Mackenzie! — Quando ela me chamou e pediu para conversar, logo após a minha chegada, dizendo que tinha algo muito importante para falar me deixou apreensivo. Achei que poderia ser sobre sua irmã ou algo do tipo, como se ela não fosse mais trabalhar para mim, mas sequer passou pela minha cabeça que iria me dizer que estava grávida e me perguntar se ainda poderia continuar trabalhando para mim. — Claro que você pode continuar a trabalhar aqui. Só não quero que faça um trabalho mais pesado — concluí.

— Obrigada, Sr. Valentino. O senhor não sabe o quanto estou aliviada. Achei que não iria gostar ou me proibir de trabalhar. Que iria me demitir.

— Mackenzie, nem pense uma coisa dessas de mim. Não sou ignorante a ponto de lhe privar de trabalhar aqui. Até porque, jamais a despediria por estar grávida. Só não quero que faça esforços e que pegue os meninos no colo, deixe-os aos cuidados da babá.

— Pode deixar. — Assenti após sua resposta e a deixei na cozinha.

Havia chegado com os meninos horas atrás, eles estavam tão eufóricos para brincar na areia que mal entramos na casa e foram direto para os fundos em direção à praia. Foi difícil fazer eles entrarem e colocá-los no banho.

Após ver como estavam com a babá, a mesma que cuidava deles enquanto Alícia estava na fase de negação da doença, fui para os fundos, na direção do deque, mas antes peguei a carteira de cigarros.

No final do deque, onde o mar quebrava suas ondas quando estava revolto era meu lugar preferido. Era um pequeno pedaço que guardava lembranças minhas e de Alí. Foram diversas vezes que nos abraçamos e ficamos por algum tempo, enrolados em uma manta, olhando o mar no fim de tarde. Fui feliz ao seu lado e era inegável o quanto me fazia falta, mas a cada dia fui sobrevivendo e estava ciente de que precisava seguir em frente. Na vida não éramos completamente felizes e sim, vivíamos de momentos bons que nos faziam felizes naquele curto período. Era desta forma que eu precisava seguir em busca desses momentos, como hoje, com meus filhos, quando os vi sorrindo e brincando.

Eles estavam sendo os únicos responsáveis por eu ainda me sentir vivo.

Acendi e traguei o cigarro, enchendo meu corpo com o tabaco e a fumaça. Aos poucos, lentamente, fui soltando-a em direção ao céu,

refletindo o quanto toda aquela combinação da paisagem com o ar marítimo estava me fazendo bem. Certamente seria um bônus para meus dias, que passaram a ser em busca de paz e de consolo.

Enquanto fumava olhei para o lado e ao longe, observei alguns vizinhos ainda aproveitando a temperatura e o calor ao brincar com seus filhos, construindo grandes castelos de areia. O típico programa familiar de pais e filhos.

Não demorei muito mais que dois cigarros para retornar.

Por mais em paz que me sentisse, estar aqui me deixava de algum modo estranhamente agitado. E eu sabia muito bem que todo esse frenesi tinha nome, idade e lindos olhos verdes. Desde o momento em que passei com o carro pela placa da entrada da cidade, meu corpo reagiu ao pensar nela ao invés de relembrar o que havia vivido nesta cidade nos últimos meses de vida do amor da minha vida.

Como será que ela estava?

Ainda estava com o namorado?

Eu deveria não estar me fazendo esses tipos de pergunta. Marcêlly era muito nova, irmã da minha governanta e assim que a deixei naquela noite prometi a mim mesmo que jamais a tocaria de novo.

Sim... eu estava completamente desesperado para ter me permitido aproximar dela daquela forma, contudo, não ignorava o fato de que a beijei e a desejei, mas foi só naquele momento de delírio e alucinação. Talvez, eu a visse e não sentisse nada, acreditava que assim que a olhasse teria a minha resposta. Não iria procurá-la, deixaria que as coisas acontecessem naturalmente. Ficaria por quase dois meses seria inevitável que uma hora ou

outra nos esbarrássemos por aí e só assim saberia ao certo o que senti de fato naquela noite.



Dias depois da minha chegada tudo estava seguindo com tanta naturalidade e simplicidade. Tinha tudo que havia desejado: paz, tranquilidade e um tempo maior com meus filhos. Quem me visse levando uma vida tão comum jamais imaginaria que meus dias em Nova Iorque eram repletos de muita tensão. Sem mencionar o quanto vivíamos rodeados de seguranças por medo do que poderia nos acontecer, enquanto aqui eu era só um homem procurando refrigério para a solidão e dias felizes ao lado dos amores que restaram.

Durante o dia eu brincava com os meninos. Comprei três bicicletas e todos os fins de tarde andávamos pelas ruas tranquilas do condomínio. De manhã ficávamos até a hora do almoço na praia. Estava aproveitando o máximo de tempo que eu tinha para fazer tudo junto com eles.

À noite, antes da babá ir embora após eles dormirem, procurava qualquer coisa para fazer, como assistir a um filme, brincar ou inventar histórias. Nunca tive um pai ativo e confesso que não era difícil me dedicar a fazê-los sorrir. Essa fase de viúvo e pai de dois meninos até que estava sendo fácil de lidar e não precisava me esforçar muito.

A criança é feliz com o pouco que damos para eles, eles não exigem e se contentam com o mínimo possível.

Por isso, queria ter esse tempo com eles e me dedicar ao máximo para ser um bom pai e tentar suprir a ausência da mãe. Aqui éramos pessoas

normais, com problemas tão banais quanto alguém comum. Em Rockport eu conseguia me anular de qualquer relação que tinha com a máfia, me abstendo de problemas, intrigas e complicações. Estava aproveitando ao máximo esse tempo de paz. Eu era só o contador e não o dono da porra toda e isso me permitiu sair e deixar um pouco de lado as obrigações que tinha por ser o braço direito de Giovani.

— Que surpresa, Sr. Valentino. — Mackenzie nos viu e após acenar se aproximou. Ela e o esposo estavam de mãos dadas quando chegaram perto de onde eu estava parado.

— Ouvi vocês falando sobre a festa e resolvi trazer os meninos. — Me ouvir falando e fazendo coisas tão normais era estranho, mas estava gostando muito desse lado da minha vida. Às vezes, ser como pessoas normais era maravilhoso e depois de dias vivendo esse cotidiano tranquilo prometi a mim mesmo que seria assim em todas as férias de verão. De preferência aqui. Onde não tinha máfia, sem jornais correndo como hienas famintas atrás da nossa carne, querendo nos devorar para virar notícia e lucrarem em cima da nossa desgraça. Aqui eu era um homem comum e nada mais. Um viúvo se recuperando do seu luto, que em dois meses voltaria para a loucura da sua vida, dividida entre o Brooklyn e Manhattan. Que Deus me abençoasse e continuasse a conceder esses meses de paz em que estávamos vivendo.

— Vai adorar! É simples e tem muitas coisas gostosas para comer. Ah... e me desculpa... Não os apresentei ainda. — Luke, este é o Sr. Valentino. — O esposo de Mackenzie era bem mais alto que ela e aparentava ser bastante simpático.

— Luke Cooper. — Ele estendeu a mão e eu a segurei, balançando-a no ar.

— Cooper como o carro? — perguntei em tom de brincadeira.

— Sempre me fazem a mesma pergunta. — O homem ao lado de Mackenzie me respondeu sorrindo devolvendo no mesmo tom interativo que o meu.

— Raffaello Valentino. — Me apresentei sem rodeios, como se eu fosse tão normal quanto eles.

— É um prazer. Mackenzie fala muito bem do senhor.

— Obrigado, mas poderíamos deixar essa formalidade de senhor?

— Acredito que sim, Raffaello.

— Enquanto se conhecem vou levar os meninos para pegar um sorvete. — Mackenzie pegou a mão de Ralf e na outra segurou a de James, tirando-os de perto de mim. E ao invés de voltar a conversar com seu marido, olhei na direção em que iam e a vi.

Há dois dias ouvi Mackenzie e a babá falando sobre uma festa de verão que iria acontecer no centro da cidade, porém quando resolvi vir com os meninos não esperava que fosse vê-la e sentir meu corpo reagir apreensivo.

Marcêlly estava dentro do cercado de uma das barracas bem na frente de uma máquina de sorvetes. Ela usava um boné com as cores da sorveteria que trabalhava e vestia short jeans e camiseta.

Não consegui desviar meu olhar de onde ela estava e foi instantâneo seus olhos virem na minha direção após sua irmã chegar perto e dizer algo apontando para os meus filhos. Foi inegável não sentir a tensão entre nós dois, mesmo que a distância.

Que loucura eu fui fazer?

Respirei fundo sem conseguir desviar meu olhar do seu.

Ela era mais nova do que me lembrava, reparei. Ainda bem que parei e fui embora. Se por beijá-la já estava me martirizando imagina se tivéssemos transado naquele estúdio. Tudo teria sido pior. Eu estaria até hoje carregando os sentimentos de culpa, desespero e traição, o que me levaria a loucura.

— Vamos até lá? — Luke me perguntou e jogou a cabeça na direção delas. A primeira reação foi negar. Me aproximar dela, da maneira como estava me sentindo não seria bom. Primeiro eu precisava lidar com esse sentimento crescente e desfazer das lembranças que tinha em relação ao nosso beijo e a forma como meu corpo exigiu o seu da última vez que nos vimos.

Quando Marco me confrontou tinha plena convicção de que Marcélly havia sido um deslize em um dia ruim, como se fosse uma solução terrível para tentar resolver meus problemas, mas agora, me sentindo em dúvida, não conseguia achar uma resposta lógica para o que estava sentindo... não ainda. Infelizmente não poderia mais usar como desculpa a minha dor. Foi naquele momento e só, na verdade, eu precisava rever tudo que aconteceu e seguir em frente, mesmo que meu corpo estivesse implorando para chegar mais perto e saciar toda essa dúvida. Não seria bom me aproximar novamente, não quando ainda tinha tantas perguntas sem respostas. E quem deveria respondê-las era eu e não sua presença e, o que me fazia sentir por vê-la mesmo que a distância.

— Pode ir, eu espero vocês aqui. — Decidido a não me aproximar engoli em seco e respondi, tentando não transparecer meu nervosismo.

Seria bem estranho eu chegar, sorrir e cumprimentá-la educadamente. Da última vez que estivemos juntos, meu corpo exigiu o seu

e se alimentou de uma falsa ilusão, que poderia ter resultado em algo mais íntimo e que não seria nada bom. De qualquer forma eu a teria deixado e não tinha condições alguma de ter ficado e explicado o que estava acontecendo, mas sabia que havia mexido em um fogo que poderia ter se tornado uma fogueira e acabado nos queimando. O melhor a ser feito era manter uma distância consideravelmente segura. E que se fodam quem pensasse que estaria sendo um covarde ao temer uma jovem que tinha metade da minha idade e que jamais seria alguém com quem me relacionaria, não pela sua pouca idade, mas por cheirar a problemas, dos quais eu queria ficar bem longe.

Quando cheguei pretendia ficar um pouco e ir embora horas depois, mas como era folga da babá acabei me rendendo a boa conversa com Luke e Mackenzie, que era sensacional com seu jeito acolhedor — diferente da irmã —. Ela conseguiu nos acomodar em uma mesa próxima de alguns brinquedos, o que facilitava para observarmos os meninos brincando bem próximos de onde estávamos. Conversamos e demos muitas risadas, foi um outro momento tão diferente que cada vez mais ali eu me sentia em casa e como um homem comum, apesar de sentir que estava faltando uma parte principal, todavia foi prazeroso e atípico.

Já era noite quando fomos embora. Ralf estava adormecido em meus ombros e James andava de mãos dadas comigo reclamando que estava cansado. Acabamos ficando mais que o esperado.

Dentro do SUV preto, coloquei Ralf com cuidado na cadeirinha, mas ele acabou despertando. Logo em seguida ajudei James, entretanto, não demorou muito os dois estavam dormindo e acabei decidindo passar na conveniência no caminho de volta para comprar mais cigarro e algumas latas de cerveja. Contudo, não deveria ter parado. Assim que comprei e

atravessei as portas de vidro automáticas para sair trombei com Marcêlly, recuando para trás ao bater meu corpo no seu. Ela estava ao lado do namorado, mas não de mãos dadas e olhava para trás, conversando com o grupo que vinha logo em seguida.

Provavelmente não havia me visto e me olhou surpresa ao bater em mim e recuar um passo atrás enquanto meu corpo, a parte de mim, que deveria ficar afastada dela, se ligou.

— Ah... — Seus lábios entreabriram e foi instantâneo a forma como dentro de mim se agitou ansiando para ouvir sua voz, que não saiu. Apenas nos olhamos e foi como se os verdes dos seus olhos refletissem os momentos daquela noite e o modo covarde com que fugi dela.

Depois de segundos nos encarando, a turma que estava junto passou por nós e foi ela quem deu o primeiro passo.

— Oi! — Sua voz saiu baixa e rouca.

— Oi! — respondi e ficamos novamente em silêncio, um na frente do outro, nos encarando até a chamarem.

— Eu... — Antes de falar algo, como entonar uma desculpa esfarrapada para me desculpar com ela a chamaram. Acabei por perder a coragem de ao menos pedir desculpas.

Eu devia pelo menos isso. Não agi corretamente ao beijá-la da forma como beijei e sair sem falar nada. Independentemente de quem era e do que eu estava sentindo naquele momento, não deveria ter sumido sem ao menos me explicar. Porém, como já tinha feito e achava que fosse o melhor para nós, eu deveria ao menos me desculpar. No entanto, fiquei travado, como se eu tivesse medo, vergonha ou receio por algo que deveria ser simples. Era só me retratar e pronto, até porque todos em algum momento

da vida vão cometer deslizes. Não seria o primeiro e muito menos o último homem a fazer algo do qual se arrependeria depois.

Respirei fundo e rangi os dentes em busca de uma atitude minha. Nunca fui de fugir e não ter atitudes. Mas tudo tem uma primeira vez; como agora, ao ser atingido pela força e intensidade com que me encarava. Era estranho e me deixava completamente em alerta como se estivesse me segurando para não a empurrar contra o vidro e beijá-la novamente.

Por céus... eu estava desesperado novamente!

— Marcêlly... — fui me explicar, mas parei quando escutei além da minha voz alguém chamá-la também.

— Tudo bem, preciso ir. — Ela sorriu não muito contente. — Até!

Acompanhei-a em silêncio desde que saiu da minha frente até as portas duplas de vidro que se abriram para ela. Fiquei olhando na sua direção sentindo meu corpo tremer, sendo invadido pelos pensamentos e sentimentos contraditórios, que tanto evitei pensar. Fui tomado pela verdade nua e crua, de que a garota mexeu comigo de um jeito petulante e abusado. E estava certo quando decidi por me afastar, não teria resultado em nada de bom se eu tivesse ficado e alimentado uma loucura absurda.

Antes de entrar na loja, ela sorriu decepcionada e abaixou a cabeça, me deixando ali parado como uma estátua apenas observando-a até sumir de vista.

Respirei fundo e vi que era melhor eu sair rápido dali, antes que fosse atrás dela e agisse pela força do meu desejo. O que não deveria acontecer, não quando nenhuma desculpa seria válida para explicar o que estaria fazendo.

Marcêlly tinha que ficar para trás, assim como deixei a dor e o desespero do luto ir embora. Não seria coerente me sentir reavivado como um adolescente por causa de algo que aconteceu duas vezes e de maneira alucinada. Aliás, eu não tinha tempo, idade e muito menos queria me afundar nessa temática de paixão juvenil neste momento da minha vida.

Beijá-la foi um grande erro que eu não cometeria mais nenhuma vez.

Decidido caminhei em direção ao carro, enumerando diversos motivos para conseguir achar uma explicação para o que estava sentindo. Talvez, eu não estivesse cem por cento livre do desespero de que poderia sentir Alicia um pouco mais real e, por isso, eu via Marcêlly e me lembrava de que quando a beijei me senti bem, sem ter aquela dor latejando e pulsando tão forte. Contudo, por outro lado, uma voz tentava me convencer, que meus sentimentos não tinham nada a ver com o que aconteceu meses atrás.

Indiscutivelmente ela era linda e não tão parecida com Alí, como achava. Tinham poucas semelhanças, mas só. Eram completamente diferentes e esse seria um bom motivo para me manter longe. Não tinham nada a ver uma com a outra.

Coloquei o *pack* com a cerveja e os maços de cigarro no banco ao meu lado. Fiz com calma, sem pressa de ir embora, mentindo para mim os reais motivos para ainda não ter dado partida no carro e caído fora dali antes que saísse.

Olhei para os meninos adormecidos em seus assentos. Suas cabeças pendiam para o lado e ressonavam. Estavam cansados após brincarem muito e o melhor a ser feito era levá-los logo para casa e colocá-los para dormir em suas camas, mas as vozes e risadas me fizeram olhar na direção

que vinha. Lá estava ela de novo, saindo a frente de todos, indo na direção ao lado.

O vestido curto balançava conforme andava batendo contra as coxas firmes, que um dia senti por cima da seda da meia calça que usava. Por segundos meus olhos varreram-na de cima a baixo, adorando a maneira clara como a via, sem delírios, movido apenas pela atração que despertava em mim.

Respirei fundo e percebi que não me levaria a nada ficar olhando-a, apertei o botão para ligar o carro e acabei desistindo de dar a partida, ao registrar o que não queria, mas que era o lógico. O namoradinho dela correu e a abraçou por trás, fazendo o corpo dela chocar no seu com firmeza, agarrando-a com força. Os que estavam próximos riram e Marcêlly se remexeu tentando se soltar, porém ela era pequena em relação ao tamanho do idiota, que insistia apertando-a mais e mordendo-a no ombro.

— Me solta, Tyler! — Eu a ouvi gritando enquanto o idiota parecia se divertir com o seu desespero.

Marcêlly se debatia e tentava empurrá-lo enquanto ele tentava beijá-la à força.

Toda a cena me causou fúria, uma revolta por vê-la desesperada tentar se soltar e os tais amigos ao redor rindo quando o idiota tentava beijá-la à força.

Fiquei cego e só acordei quando estava partindo para cima dele, retirando e colocando-a logo atrás de mim.

— Qual é cara? — O namoradinho estufou o tórax e me questionou.

— Não está vendo que ela não quer? — Bati com força as duas mãos contra o peito dele e o empurrei após perguntar.

— Ih... cara. — O babaca balançou a cabeça enquanto as risadas pararam e os amigos nos rodearam.

— Ela pediu para você parar e você não parou. — Avancei um passo à frente quando ele veio na minha direção.

— Tá louco? Ela é minha namorada e faço o que quero.

— Não... você não vai fazer o que quer. Não com ela.

— Quem é você? Ah... é o patrãozinho da irmã.

— Sou sim e vi ela pedindo para parar

— Acha que pode falar assim? Não sabe com quem fala.

— Sei sim. Falo com um babaca metido a machão. — Não permiti que falasse mais nada e cheio de raiva fechei os punhos e o acertei em cheio, bem no meio da cara. Ele cambaleou para trás e quase caiu quando um dos amigos não permitiu. Ele ficou de pé e percebi que partiria para cima de mim com tudo que podia, mas desviei e o acertei de novo, fazendo-o cair para trás.

— Por favor, para! — Marcêlly disse aos berros ao entrar na minha frente e tentar me segurar.

— Sai da minha frente. — A empurrei e esperei que o babaca se levantasse, mas ao invés de vir sozinho os amigos vieram juntos e ela mostrou-se teimosa ao entrar na minha frente de novo.

— O que está acontecendo aqui? — Uma voz surgiu atrás do grupo. O homem estava com a mão na lateral do corpo e notei que era o segurança da loja, pronto para pegar a pistola de choque e entrar no meio da briga.

— Não é nada não, Sr. Blackwood. — Um dos acompanhantes do grupo respondeu enquanto entrava na frente do babaca, que tapava o nariz

ensanguentado.

Briga de rua era assim que funcionava. Não com socos e empurrões. As quais vi e aprendi é que o mais forte seria o único sobrevivente e que era preciso bater sem piedade. Eu poderia apanhar, por estar em minoria, mas sabia bater e me defender.

— O que está acontecendo aqui? — O segurança se virou para mim e perguntou novamente. Com certeza o grupo deveria aprontar muito, pois esperou minha resposta e só se virou para mandar o grupo embora quando eu afirmei que estava tudo bem.

Não o fiz por medo, mas sei que poderíamos parar na sala do delegado caso eu dissesse o que estavam fazendo. No entanto, queria evitar chamar atenção ao meu sobrenome e me envolver com policiais. Bastaria eles consultarem nas suas bases de dados meu nome, a qual família eu pertencia e o peso que o sobrenome Valentino tinha.

Eu sairia ileso, até porque ainda tínhamos nossos cúmplices dentro da polícia, mas seria gritar no som central da praça, para toda a cidade ficar sabendo que eu era irmão de um figurão mafioso. Pelo menos aqui eu queria ser normal.

Em Rockport eu era só Rafaello Valentino. Não o contador, ou melhor, como costumam nos rotular por sermos da máfia. O braço direito!

— Vai embora daqui, Tyler. Leva sua turma. — O segurança gritou.

— Mas foi ele que começou! — Outro do grupo tentou justificar.

— Conheço vocês. Agora deem o fora daqui ou vou ligar na casa de cada um.

Engolindo em seco, respirando pesado, sentindo toda aquela descarga de adrenalina não reparei que Marcêlly ainda estava perto de mim, bem na minha frente, me olhando assustada.

Capítulo 20

Rafaello

— Vamos, Cêlly! — O namoradinho gritou e ordenou ao se afastar.

Inspirei fundo e fui expirando lentamente, tentando me acalmar.

Tudo em mim estava agitado, me deixando irracional a ponto de encará-la e não pensar em mais nada, apenas nela a minha frente me olhando assustada.

— Cêlly! — O idiota aproximou-se e tentou segurá-la para puxá-la, só que não permiti e segurei-a e a coloquei atrás de mim.

— Sr. Valentino. — Sua voz saiu tremida e continuei a demonstrar que não estava escutando seu apelo.

— Ela não vai com você. Agora... — Fui enfático ao determinar que Marcêlly não iria embora com ele.

— Tyler, o que está fazendo ainda aqui? — O segurança veio para mais perto, parando ao nosso lado de novo. Ele ficou esperando quieto até o jovem ver que não a levaria embora e ir junto com seus amigos para os carros estacionados ali.

— Estou esperando, Cêlly. — Tyler, o babaca, gritou ao parar ao nosso lado dentro da sua caminhonete. Que nem podia ser chamada assim. Estava mais para uma carroça velha.

— Ela não vai com você — repeti.

— Ela tem boca para responder e você não é nada dela. — Pelo visto o babaca do namorado continuaria insistindo para levá-la embora.

Será que ele não estava percebendo que o silêncio dela era a resposta de que ela não iria?

— Tem razão. — A deixaria responder sozinha, e permitindo que o fizesse saí da sua frente e parei apreensivo ao seu lado. Se ela fosse com ele eu ficaria parecendo um idiota que entrou em uma discussão de casal e agora se deu mal, porque a parte feminina da relação iria me ignorar.

— Eu não vou embora com você, Tyler! — Marcêlly respondeu irritada, o que me fez ficar aliviado.

— Dá o fora, agora. — O segurança ordenou e com cara de insatisfeito o *bostinha* do namorado dela foi embora acelerando o máximo, fazendo os pneus cantarem ao sair de perto de nós.

— Está tudo bem, senhor? — Ele se virou para mim e me perguntou e depois se dirigiu a ela.

— Quer que eu chame sua irmã, Marcêlly?

— Obrigada, John, mas vou caminhando.

Claro que ela não iria sozinha, eu iria levá-la.

— Tem certeza? — Ele insistiu.

— Sim, não é tão longe.

— Pode deixar que a levo até a casa dela. — Me ofereci, ganhando dela um olhar de que ela estava decidida a ir sozinha mesmo.

— Tudo bem! E senhor, não liga. Eles são jovens e ainda tem este espírito jovial, gostam de causar confusão por tudo.

— Sem problemas, eu compreendo. Está tudo bem. — Assenti e esperei para que ele saísse de perto e então só assim olhei para ela novamente.

— Pode deixar que vou sozinha. — Marcêlly recuou um passo e me disse como se a decisão fosse dela.

— Claro que não vai! — inquiri.

— E quem está falando isso? Você? — Ela rebateu mostrando que estava bem irritada.

— Sim! Vou levá-la em casa.

— Desculpa, mas vou recusar, posso ir muito bem sozinha. — Eu ainda estava irritado por ter brigado por sua causa e sua recusa não melhorava em nada meu humor, o que só me deixava ainda mais irritado. Contudo, se estivesse esperando que ficaríamos neste cabo de guerra ela estava completamente enganada. Ela iria comigo nem que para isso eu a amarrasse no banco do carro.

— Entra no carro e está decidido. — Ignorei o que me disse e ordenei, dando-lhe as costas ao me virar. Mas fiquei mais puto que estava quando me dei conta de que ela não havia me seguido. Marcêlly caminhava de cabeça baixa na direção oposta ao carro.

Fechei os dedos e bati na lataria do carro.

Que porra de garota teimosa!

Enfurecido entrei no carro e o liguei, agindo o mais rápido que poderia. Acelerei o carro e freei um pouco mais a sua frente. Ela parou e ficou me encarando quando desci do carro e fui na sua direção.

— O que você não entendeu? Eu mandei entrar no carro — esbravejei irritado, apontando para o carro.

Será que ela não conseguia enxergar que me contrariar só pioraria a minha irritação? Briguei por sua causa, seria tão simples se entrasse no carro e me deixasse levá-la até sua casa.

— Ei... você não manda em mim. — Agiu com teimosia ao cruzar os braços e me olhar desafiadoramente. — Não é meu dono. Eu vou embora para minha casa sozinha. Entendeu?

— Ah..., mas não vai mesmo — rebati e dei um passo para frente, encurtando o espaço entre nós dois. Era como se estivéssemos nos encarando antes de uma boa briga de vale-tudo. Ela tentava me intimidar e eu mostrava que não cederia facilmente.

— Na boa, cara. Você não é nenhum pouco uma pessoa normal. Obrigada por ter me defendido lá, mas com Tyler eu sabia muito bem me virar, não precisava bancar o herói. Então é bem simples; eu agradeço e você me deixa em paz. — Cruzei os braços esperando-a terminar de falar.

Se ela estava pensando que seu discurso debochado teria algum efeito e me faria mudar de ideia estava completamente equivocada.

— Terminou? — Descruzei os braços e avancei um passo, encurtando o espaço que ainda tinha entre nós dois. — Você vai entrar naquele carro e eu vou te levar para casa e fim de papo. Todos lá estavam rindo de você. É assim que gosta de ser tratada? Eu acho que não, né?

— Quem é você para achar algo? Não é nada meu para achar algo sobre mim — perguntou irritada.

— Não sou ninguém e nada seu, graças a Deus. Entretanto, não vou deixar você andando por aí a essas horas.

— Já andei muito mais tarde e nunca me aconteceu nada. Aqui em Rockport não existem homens que agarram mulheres na calada da noite. — Seu tom de irritado passou a ser debochado.

— Sempre tem uma primeira vez — rebati.

Marcêlly poderia até ter mudado a forma como me respondeu, porém eu ainda continuava bem irritado, ainda mais por ela mostrar-se irredutível.

Por que ela não facilitava, eu só queria levá-la até sua casa e nada mais, mas pelo visto agir com pirraça era o que faria.

— É pensando melhor, ultimamente Rockport de vez em quando recebe uns doidos que aparecem do nada, agarra mulheres e somem por meses. — Marcêlly continuou com o deboche e mostrou-se ressentida ao me dar a indireta sobre meu sumiço após aquela noite.

Respirei fundo, procurando me acalmar.

Não deveria ter saído daquele carro, deveria ter ido embora, ter levado meus filhos para dormirem em suas camas. Agora estaria fumando meu cigarro calmamente ao invés de estar discutindo com ela e sentindo meu corpo entrar em colapso ao estar perto dela.

— Devo me preocupar com esses, Sr. Valentino? Ou devo me preocupar com a forma como meu namorado me segura na sua frente? — ela perguntou me provocando. Era nítido que essa era sua intenção e confesso que estava conseguindo, porém não deixaria que percebesse que estava me desestabilizando.

Ela não poderia saber nunca que fiquei completamente fodido de raiva quando o idiota lá segurou-a com força e ela se debateu. Ainda não conseguia classificar o que era este sentimento, mas fiquei cego e só pensava em tirar as mãos dele de cima dela, nada mais. Sei que eram namorados e que brincadeiras mais excedidas poderiam acontecer, mas não gostei e só de pensar nele cheirando e beijando seu pescoço a força já me deixava irracional, com vontade de esmurrá-lo até ver sua cara de babaca ficar desfigurada.

— Garota, entra no carro — vociferei tentando disfarçar minha frustração.

— Não! E vá se ferrar, não está falando com seus filhos. Eu não sou nenhum dos dois — ela rebateu, conseguindo esgotar ainda mais minha paciência.

— Não estou mesmo, primeiro eles me obedecem e não me manda eu me ferrar. Agora você é malcriada e não sabe ver que estou preocupado com você.

O que parecia, era que Marcêlly estava começando a iniciar uma disputa de quem era o mais forte e se soubesse que estava disposto e do que era capaz para que minha decisão prevalecesse ela entraria no maldito carro sem me questionar.

— Pronto! Já tem as pessoas para dar suas ordens, não vou entrar em um carro com você. Não depois de sumir por meses.

Fechei os olhos e respirei fundo, evitando encará-la. Lá no fundo eu tinha certeza de que ela não engoliu o fato de tê-la deixado sozinha e a resposta estava bem ali na minha frente em seu olhar e na maneira como o tom da sua voz me acusava.

Sei que fui um completo babaca e independente de como e porque agi daquela maneira ela deveria pelo menos um pedido de desculpas ou uma explicação por minha parte.

— Agora vou para minha casa e me deixa. Na boa, minha cota de homens surtados esta noite já extravasou.

Passei as mãos pelos cabelos e apertei o canto dos olhos, procurando me controlar.

— Marcêlly... — ignorei o que me disse por último e abrandei meu tom de voz —, podemos conversar sobre aquela noite depois, mas por favor, vamos entrar no carro, meus filhos estão lá dentro dormindo e não vou permitir que vá embora sozinha.

— Obrigada, mas não preciso da sua falta de consideração e muito menos de uma explicação de merda. Para quem teve sete meses para aparecer não precisa de mais um dia para falar porque age como um louco e depois some. Agora me deixe em paz.

Contei mentalmente até o número 10 antes de segurar em seu braço e puxá-la para perto de mim. Com a outra mão segurei seu rosto.

— Olha para mim e escute bem. Estou levando numa boa, se não entrar na porra daquele carro vou ligar para sua irmã. — A soltei ao sentir que a raiva estava sendo domada pelo desejo.

Assim que a segurei e senti sua pele contra meus dedos, meu corpo reagiu desejando o mesmo que naquela noite.

— Se quiser pode ligar, não ligo. Até porque ela vai gostar de saber que o patrão dela não é nada do que pensa.

— Acha que me importo com o que pensam de mim? Não se engane! Não sabe nada sobre mim e muito menos do que sou capaz. Então não vou repetir mais nenhuma vez. Entra na porra daquele carro, agora. — Cheguei tão perto do seu rosto que meus lábios roçaram nos seus e pude sentir o quanto sua respiração ficou alterada.

Marcellly

— Idiota! — esbravejei com raiva dele.

O doido apareceu depois de sete meses achando que poderia me dar ordens. Além de louco era mandão, mas minha raiva por ele não era por querer ditar o que iria fazer e sim por fazer de conta que nada aconteceu entre nós naquela noite. Está certo que ele imaginou que era a mulher morta, porém quando o senti tão perto ainda há pouco e depois me defendendo não consegui evitar todo aquele arrepio cruzar meu corpo, me deixando vulnerável com a sua presença. Por mais que negasse, eu havia me sentido diferente e incapaz de rejeitá-lo. Não importava a sua idade e sim a forma como me exigiu possessivamente. Gostei tanto, que era exatamente por ter demonstrado desejo e agora me desprezar, que estava com raiva dele. Todos são iguais quando querem algo e assim que conseguem nos ignoram depois. Agindo como se nada tivesse acontecido.

— Por favor, eles estão dormindo. — Ele se sentou ao meu lado, dentro do carro. E quando me disse sobre os filhos virei o pescoço e olhei por cima dos ombros, encontrando-os completamente adormecidos.

Segundos atrás ele me arrastou até o carro e me fez entrar nele, passando o cinto e me fechando no lado do carona.

— Não fala comigo e já que insiste em me deixar em casa apenas me leve, mas nos poupe de uma desculpa idiota. — Eu não era tola para

saber que estávamos lidando com aquele momento de modo diferente. Eu gostei e não me sentia culpada, porém ele me olhava como se tivesse feito algo pecaminoso e sujo. Por isso, eu me sentia frustrada e com vontade de cuspir tudo que estava sentindo.

— Você poderia ao menos me escutar? — ele pediu enquanto ligava o carro e começava a dirigir.

— Não. — Virei o rosto para o lado, para que meu olhar ficasse preso na rua em movimento.

— Você não facilita as coisas. Sabia?

— É simples... você surtou de novo hoje e agora exige me levar embora. Então me leva logo e foge novamente como fez naquela noite.

— Eu não estava bem...

— Mas soube aproveitar bem... — interrompi e o provoquei.

— Eu não estava no meu estado normal.

— E qual é seu estado normal? Pois, naquele dia na praia não era, no estúdio duvido muito que tivesse sido e agora também não parece ser. Fica difícil te compreender — rebati me sentindo ainda muito frustrada. Ele fazia com que eu me sentisse usada, por jogar a culpa no momento de luto, como se eu não merecesse ao menos uma explicação. Não adiantava agora querer bancar o homem justo e fiel. Não depois de meses sem aparecer ou ao menos ter ligado se desculpando.

— Minutos atrás eu fiquei furioso, por ver como o seu namoradinho de merda a estava tratando. Nos outros dias eu não estava bem. Fui embora por não estar agindo racionalmente e depois...

— Depois percebeu que agarrar a irmã da sua governanta não foi nada e não precisava se explicar. Entendo... — finalizei seu discurso barato. Poderia ser nova, mas tive o desprazer de ver como os homens gostavam de bancar como se fossem as vítimas de tudo.

— Do que está falando? Você está entendendo completamente diferente.

— Não. — Me virei e fiquei em uma posição melhor para olhá-lo. — Estou dizendo que você fez o que fez e vai usar como desculpa sua loucura pós luto e que, se foda a irmã da empregada.

— Claro que não.

— Homens como você só sabem inventar desculpas.

— Eu não estou inventando nenhuma desculpa, caralho. — Se irritou e bateu contra o volante. — Se quer saber não lhe devo satisfação do que faço ou das atitudes que tomo. Você foi um erro que não vai se repetir.

Respirei fundo quando concluiu. Tudo o que disse me acertou em cheio, me fazendo sentir-me descartável. Como se me beijar tivesse sido uma loucura da qual era melhor esquecer do que conversar.

— Que bom! Guarde então para você, pois não quero ouvir mais nada. Se quer mesmo me levar para minha casa então não devemos falar mais nada, tudo que me disser vai ser um erro do qual não vai se repetir também — respondi e acabei me virando para o outro lado.

Permanecia quieta e só expliquei onde deveria ir.

Quando estacionou na porta da minha casa desci e só não bati a porta com força porque não queria que os meninos acordassem. Eles não tinham culpa alguma por ter um pai doido.

— Marcêlly... — Eu havia descido sem dizer nada e estava de cabeça baixa procurando as chaves na minha bolsa quando o senti ao meu lado, segurando meu queixo e guiando meu rosto para o alto. — Me desculpa, eu não agi corretamente naquela noite. Não espero que me entenda pelo que passei e continuo passando, mas sinto muito por ter acontecido... — A frase morreu sem ter um fim quando seu polegar e seu indicador mudaram de lugar e traçaram o contorno da minha boca sob a vigília de seu olhar enigmático.

Capítulo 21

Rafaello

Qual a razão para eu me tornar impotente e desesperado para tocá-la?

Já tinha lidado com todos esses conflitos meses atrás, mas ainda assim, ao tê-la perto, ao falar daquela noite fez com que algo em mim surgisse como uma crescente onda. Minhas mãos comicharam a ponto de agirem por livre e própria vontade.

Marcêlly era linda, com sua boca pequena e tão bem desenhada, seus lábios chegavam a serem tão vermelhos que pareciam um morango maduro, eram macios e quentes. Seus olhos eram tão verdes que poderiam ser associados a duas pedras preciosas. O seu rosto parecia ter sido

desenhado a mão com tantos detalhes que se combinavam com o restante das suas feições. Meus olhos registravam, fazendo meu cérebro entrar em conflito. Não sei porque as confundi, são tão diferentes, Alícia sempre foi linda, delicada com seu jeito audacioso, Marcêlly era espirituosa e me fazia sentir coisas tão diferentes. Sua presença me deixava agitado sem saber como agir e pensar, era como se eu subisse e descesse em uma montanha russa várias vezes seguidas e por longos minutos. Perto dela meu humor oscilava de tal maneira que não me deixava manter a serenidade que precisava.

Era perigoso e potente e, não só foi naquelas noites também estava sendo neste momento.

Concluí sóbrio e seguro de que me afastar de novo seria a melhor solução. Perto dela —tudo em mim — o impulso que sentia para estar mais perto era um risco do qual eu não poderia correr, não por estar ainda de luto, mas porque além de ter me deixado confuso quando Alí morreu ela era muito nova, o suficiente para me colocar na posição de seu pai. Com dois filhos para criar e uma família problemática, o que menos precisava agora seria me envolver com uma mulher tão jovem. Por mais bonita e atraente que fosse.

Sei que uma hora ou outra eu iria me relacionar com alguém, mas assim como disse para Marco eu estava no meu momento, buscando por uma paz ao meu coração que ainda sangrava em silêncio. Nunca curaria essa dor com outra pessoa. Já tentei e vi que não tem como dar certo, até porque foi com ela que tentei confundir meus sentimentos pela perda.

Recobrado pela razão me afastei, virando de costas, deixando-a mais uma vez para trás. Decidido a não vê-la mais pelo restante do tempo que

ficaria aqui caminhei para o carro, mas antes de chegar senti algo de metal me atingindo nas costas.

— Idiota! — Ao me virar olhei para o que tinha me acertado e eram várias chaves presas a uma argola fina de metal e um chaveiro com uma bailarina.

A princípio comecei a rir, não acreditei que ela tinha me acertado.

Peguei a chave e voltei calmo, tentando não agir por impulso ao me aproximar dela de novo.

— Entre. Já lhe pedi desculpas por ter ido embora, não espere que eu me desculpe por ter lhe salvado essa noite. Aquelas noites foram um erro que não vai mais se repetir. Não sei o que está esperando, mas é melhor assim, Marcêlly. Eu ainda amo minha falecida esposa e não é porque a beijei que isso signifique algo. Você interpretou completamente errado. — Não que estivesse dizendo toda a verdade, mas não me deixaria ser levado por sentimentos que ainda eram tão perturbadores. E por mais que meu lado homem reagisse a atração que estava sentindo por estar perto de uma mulher que já conheço a boca, o cheiro, o calor do seu corpo e de como ficaria bem encaixado nele eu não iria seguir esse instinto.

— Você é um arrogante de merda. Acha que pode vir até aqui e vir com a desculpa barata de que me beijou porque estava sofrendo por causa da mulher morta e depois agir como se eu fosse a errada — Marcêlly disse mostrando o quanto estava ressentida. Claro que estaria e não a culparia pela minha loucura, mas poderia mantê-la o mais distante de mim quando eu mesmo não tinha certeza do que sentia em relação a ela.

Naquele primeiro momento na praia eu estava completamente bêbado e vi Alí nela, no outro dia a procurei por desespero para ver se por

minutos conseguiria me abster da dor, me baseando nos meus pensamentos da noite anterior, quando encontrei semelhanças entre elas, mas a partir do momento em que me afastei foi notório o quanto fui errado ao tentar procurar medidas que jamais seriam as certas. Assim, com esta certeza passei meses pensando que Marcêlly não tinha passado de um deslize consequente de uma atitude errada minha, porém ao vê-la hoje me senti completamente perturbado. As lembranças daquela noite retornaram claramente. Como minutos atrás quando a desejei sem ver Alícia nela. Eu vi perfeitamente a mulher a quem meu corpo estava exigindo e reagindo. Contudo, não ficaria me justificando mais, apenas sabia dos riscos e dos problemas que seria corresponder a um simples tesão como estava sentindo por ela.

Neste ponto Marco tinha razão, eu precisava de uma mulher para foder a noite inteira e deixar meu corpo liberar toda frustração que minhas mãos não estavam conseguindo.

E não seria ela... Não mesmo — rebati mentalmente para meu corpo me alertando que eu precisava fodê-la.

— Não vou me explicar mais. Já tem suas desculpas.

— Não estou pedindo desculpas, só quero que saiba que tenho nojo de homens como você. Que se acham melhores e depois de terem o que querem simplesmente viram as costas certos de que suas opiniões são as que importam. Pega suas desculpas, depois de sete meses e vá para os quintos dos infernos com ela. — Engoli em seco a forma fervorosa com que me respondeu.

Sem dúvidas ela era encrenca e das grandes. Não tinha papas na língua e não se curvava.

— Tome... — Não revidei a provocação e muito menos seus desaforos. Se eu fizesse o que queria eu iria calar sua boca com a minha e mostraria o tipo de homem que sou, um que não age como ela disse, entretanto, me segurei e estendi a mão na sua direção, entregando suas chaves.

Não tinha que provar nada para ela.

Marcêlly não rebateu, apenas pegou suas chaves me olhando como se estivesse falando através deles. Era nítido o quanto estava chateada e talvez fosse melhor assim, passar essa falsa certeza de que ela não significou nada era o melhor a ser feito.

Retornei para o carro e antes de ligá-lo olhei para meus filhos ainda dormindo pesadamente em seus assentos. Eles precisavam de mim, muito mais que eu de uma mulher para aplacar tesão e saciar meus desejos como homem.

Talvez eu procurasse alguma quando fosse para Nova Iorque daqui dois dias.



Tudo por causa daquele idiota do patrão da Mackenzie.

Desde a noite passada quando me fez mais uma vez de idiota não conseguia me controlar com a raiva que estava sentindo de mim mesma. Me iludi de tal forma que achei que ele tivesse sentido algo naquela noite no estúdio. Foi tão intenso que por meses me controlei e me lembrei de como meu corpo se tornou escravo daquelas lembranças. Não sei de onde tirei tantas possibilidades. Pensei tantas respostas nesses meses, que ontem simplesmente ele me respondeu e jogou em mim se justificando em seus problemas.

Não dormi, passei a horas da madrugada remoendo, ruminando a forma fria com que me disse que não signifiquei nada. Eu havia me tornado tudo que abominava em uma mulher. Estava arrasada, sentindo um nó crescendo na minha garganta. Senti vontade de chorar, me lamentar por me sentir usada por ele. Passei semanas ansiando por vê-lo novamente. Poderia não ter sido nada, mas infelizmente, significou para mim. De um jeito meio torto de ser ver, mas tinha.

Criei expectativas como se fosse uma mulher apaixonada, o que jurei nunca permitir. Não sofreria por nenhum homem, não seria como minha mãe. Mesmo que nem todo homem seja como Mitchel, eu não me apaixonaria. A primeira experiência que tive ao me sentir atraída por Rafaello Valentino já foi o suficiente para entender que achar um grande

amor e vivê-lo saudavelmente eram para poucos e não me arriscaria a tentá-lo encontrar.

Por isso, quando Tyler apareceu na sorveteria me exigindo explicações eu mandei logo um foda-se em tudo. Não queria nenhum homem me complicando, me exigindo o que não me dava. Antes sozinha. Mas pelo visto ele não aceitou tão bem. O que resultou minha demissão quando ele começou a quebrar as coisas sobre as mesas, assustando os clientes que estavam ali. E isso foi o suficiente para que Moah Anderson me despedisse. Nem os anos que me conhecia tiveram peso em minhas desculpas, ele não quis saber e ainda disse que descontaria todo o prejuízo.

Estava com tanto ódio de Tyler, por ter ido lá e agido como um grande animal. Eu só disse que não queria mais e isso foi motivo para tirá-lo do sério e estragar tudo para mim. O babaca ainda queria me trazer para casa e me perseguiu até aqui. Minha sorte foi que o carro de Luke estava estacionado na entrada da garagem, isso o fez nem descer da sua caminhonete e ir embora, me deixando em paz.

— O que você fez, Marcêlly? — Mackenzie me perguntou em tom de acusação assim que me viu na cozinha. Eu estava de costas preparando algo para comer quando ela entrou e veio direto. Me virei e a vi parando entre a sala e a cozinha. Luke estava logo atrás olhando para nós duas não entendendo o que estava acontecendo. E pelo seu tom alguém deveria ter ligado para ela e feito a fofoca de modo maldoso, me colocando como culpada.

— Eu não tive culpa — justifiquei-me antes mesmo dela falar o motivo.

— Você nunca tem culpa, não é?

— Eu juro.

— Sempre as mesmas ligações, os mesmos problemas. Quando acho que as coisas se acalmaram você apronta outra.

— Mackenzie eu não tive culpa.

— Do que estão falando? — Luke perguntou.

— Tyler e Marcêlly tiveram uma briga de namorados na sorveteria e aquele babaca quebrou algumas coisas, assustando todos os clientes — ela contou para ele o que ficou sabendo.

— E que culpa eu tenho? — Levantei a mão na direção de Luke, antes mesmo dela falar algo.

— Você permitiu que ele brigasse lá dentro, Marcêlly. Moah me ligou completamente chateado por ter que despedi-la e me contou que não foi a primeira vez que Tyler apareceu lá e fez suas gracinhas.

— Eu terminei com ele.

— Não poderia ter esperado sair de lá.

— Não. Eu só disse que não queria conversar depois de ontem.

— O que teve ontem? — Fechei os olhos me arrependendo de ter mencionado agora que ela não me deixaria em paz e não ficaria satisfeita com qualquer desculpa que eu desse.

— Nós discutimos...

— Só? — Afirmiei com a cabeça.

— Discutimos e eu decidi terminar. Pronto!

— Você não está dizendo toda a verdade. Você acha que sou boba e que não sei que está me escondendo o que realmente aconteceu.

— Não estou — respondi calmamente, não demonstrando que estava omitindo os detalhes.

— Tanto que está mentindo que eu vi o carro do Sr. Valentino saindo daqui da porta ontem e você logo entrando em casa. — Me assustei com sua revelação.

— Eu... — Tentei pensar em algo rápido para contar, mas não conseguia pensar em uma mentira para falar o motivo do seu patrão ter me trazido até a porta de casa.

— Marcêlly, como quer que eu acredite em você. Eu iria perguntar para o Sr. Valentino, mas fiquei com vergonha, então passei o dia todo pensando em como chegar em casa e fazer você me contar porque ele esteve aqui ontem à noite, mas para me deixar ainda mais nervosa eu recebo a ligação do Moah me dizendo o que aconteceu.

— Calma meu amor, você não pode ficar nesse estado? — Luke a abraçou e esfregou a lateral do seu corpo.

— Luke me deixa. — Ela irritada segurou a mão de Luke e a afastou dela.

Poucas foram as vezes que vi Mackenzie ficar nervosa como estava e mesmo não sendo a culpada, por hoje e esconder o que de fato aconteceu ontem à noite, eu não poderia deixá-la ficar assim por causa do bebê.

— Mack, o Sr. Valentino me viu sozinha e só ofereceu uma carona — disse na tentativa de que ela acreditasse. O que de fato não era uma mentira. Ele me ofereceu uma carona, só não falaria que me obrigou a entrar no carro depois de bater em Tyler.

— Ai que vergonha, Marcêlly. O que ele deve estar pensando de nós? — Mackenzie escondeu o rosto nas mãos e começou a chorar. Luke a

abraçou novamente enquanto ela chorava.

— Ele não sabe de nada, só me viu e pediu para me trazer. Disse que você ficaria preocupada. — Me aproximei e tentei tirar suas mãos da frente do seu rosto. — Mack, eu não tive culpa, juro.

— Ah... Cêlly, agora que as coisas estariam melhores. — Encarei seus olhos molhados pelas lágrimas. Sabia do que estava falando e o peso do significado das suas palavras.

Estaríamos vivendo melhor agora. Logo eu poderia tentar uma universidade e se passasse teria condições de sair de Rockport. Assim que Moah me avisou sobre a demissão tive o mesmo sentimento de pesar que ela estava tendo.

— Vou arrumar outro emprego logo. Ainda estamos no verão e em algum lugar aqui deve estar precisando de atendentes. Eu prometo. — Respirei fundo me sentindo completamente miserável por vê-la triste.

Mackenzie sempre fez de tudo por nós duas. Nunca fui fácil. Me meti em diversas encrencas por causa de Tyler, que nunca quis saber de se portar melhor. Seu pai pouco ligava para as coisas que fazia e como sempre estava com ele acabava sobrando para mim.

— Amanhã vou me desculpar com o Sr. Valentino. Não sei o que dizer, mas até amanhã eu penso em algo. — Recuei e estranhei. Não era pra tanto, mas para evitar que ficasse mais nervosa sorri e a abracei.

— Não precisa, eu mesmo faço — menti. Claro que não faria mesmo. Até porque a culpa toda era dele e depois de tudo que me disse e da forma como foi embora Rafaello Valentino não merecia sequer qualquer pedido de desculpas.

Capítulo 22

Marcellly

Era de madrugada e estava só indo beber um copo de leite na cozinha.

— O que você está fazendo aqui? — Levei minha mão no coração, me assustando quando ouvi sua voz logo atrás.

Parada fiquei. Talvez tivesse escutado minha mente, mas não, o passo, a sola do sapato batendo contra a madeira me certificou de que ele estava logo atrás de mim. Engoli em seco e respirei fundo. Não era para ele estar aqui hoje, Mackenzie tinha me afirmado várias vezes que o patrão só voltaria amanhã no fim da tarde ou provavelmente na manhã seguinte. O

que não foi nenhum nem o outro. Raffaello havia retornado para meu desespero.

Quando ontem, pela manhã, a babá ligou dizendo que não poderia vir porque estava muito resfriada, foi que Mackenzie teve a ideia, não tão brilhante, de me ligar e me fazer trabalhar nesses dias para olhar os filhos dele enquanto Susan não voltava e ele também. Acabei cedendo a seu apelo com a condição de não estar aqui quando ele voltasse. Mesmo estranhando minha atitude meu desespero era tão grande que acabou concordando.

Não queria vê-lo mais, me sentia usada e humilhada. Primeiro ele e sua bipolaridade chegavam e exigiam, depois viravam as costas e iam embora. Sem mencionar que me deixava sem ao menos me dar uma simples explicação. Não que ele fosse obrigado, mas pelo menos me dissesse adeus, como duas noites atrás, assim eu teria entendido tudo certo e não ficaria por meses alimentando uma falsa fantasia.

Acabei aceitando, não só por não o ver, mas porque a grana era boa e eu devia essa para Mack depois que fui despedida da sorveteria.

— O que faz aqui? Invadiu minha casa. Lembro que gosta de vir aqui quando não estou — Raffaello provocou e consegui respirar fundo, procurando um equilíbrio interno para segurar minha língua e não responder como ele merecia.

Contando minha respiração, tentando ficar calma, me virei. Ele estava parado com as mãos no bolso e olhava diretamente para mim. Tremia dos pés à cabeça, me sentindo nervosa. Tanto que não conseguia nem distinguir a cor do terno que estava usando, se era preto ou azul.

— Responde... — ordenou duramente.

Eu ia responder, mas estava tentando me controlar para não lhe dar uma boa resposta que enfiasse essa sua arrogância no rabo, mas me segurei, Mackenzie, agora, mais do que nunca dependia desse emprego e me mataria se soubesse que havia participado das loucuras do seu patrão e depois estava em guerra com ele. Já foi difícil fazê-la acreditar que na noite retrasada havia sido só uma carona, jamais poderia ela sequer imaginar que teve algo mais. O certo era agir com paciência e não entrar em uma outra confusão. Ele poderia me expulsar daqui e novamente criaria complicações.

E... eu tinha esse dom. Não era à toa que estava em uma enorme ao me ver desejando um homem que cheirava a mais problemas que eu.

— Marcêlly, não vou perguntar de novo. O que faz na minha casa a essas horas? — Não sei se foi meu medo, minha vergonha ou raiva que vê-lo parado, quase em cima de mim me olhando como se estivesse prestes a me condenar a uma invasão que travei a resposta que lhe daria.

Meu Deus... como me sentia confusa e com ódio por ser afetada dessa maneira ao ficar sob a vigília dos seus olhos, que me traçavam de cima a baixo.

Ele deu um passo para frente e eu um para trás, me fazendo bater minhas costas na parede.

— O que faz aqui e vestida assim? — exigiu novamente enquanto meu olhar junto com o seu desceu até o fim da minha camisola, que terminava no alto das minhas coxas. Não era nada sensual, parecia uma camiseta enorme e tinha estampas de ursos com gravatas cor de rosa. — Estou esperando. O que faz aqui? — Respirei fundo. Por mais que não estivesse fazendo nada de errado desta vez, me senti agitada e nervosa.

Será que ele não percebia que agindo assim não estava facilitando nada?

Sei que ele era o dono e deveria ter respostas para sua pergunta, mas não conseguia falar nada e muito menos contar o que de fato era verdade... não com ele me olhando da forma como se eu estivesse transgredindo seu espaço.

Quando Mack implorou para eu ajudar com os filhos dele, até pensei que ele poderia voltar antes, mas não que isso fosse uma possibilidade real, ainda mais retornando um dia antes do que ela tinha falado, me pegando de surpresa e de camisola no meio da madrugada.

— Eu estou no lugar da babá. Ela está doente — por fim respondi, mas não senti tanta confiança quando seu olhar novamente passou por mim e parou em meus seios.

Eu estava sem sutiã e numa péssima hora com eles marcando o fino tecido.

Que ódio dele e não dos meus peitos. Meu corpo só estava reagindo a essa atração idiota que sentia por ele.

Evitando que continuasse a olhar, cruzei os braços e virei o rosto para o lado.

— Sua irmã me disse, mas não me contou que você estaria no lugar da Susan — disse, me respondendo como se me devesse satisfações, agindo completamente diferente da forma como me exigiu respostas ainda a pouco.

— Ela me pediu até Susan se sentir melhor. E iria embora antes de você voltar amanhã — me justifiquei.

— Entendi. Por que iria embora? — perguntou calmo, me deixando confusa.

Uma hora era mandão e exigente, na outra parecia simples e calmo, querendo apenas bater um papo.

Estava cada vez mais difícil encontrar com ele e tentar saber o que esperar.

— Porque sim. Susan vai voltar e só vim por causa da minha irmã, que insistiu — respondi, me sentindo completamente estranha por estar tendo essa conversa com ele a essas horas.

— Aceitou tão fácil assim? — Sorriu ao me perguntar e se afastou um pouco. Seu olhar foi de intrigante a assombrado.

— Hã? Do que está falando? — Respirei fundo e voltei a encará-lo.

Será que entendi bem o sentido da sua pergunta? Ele estava achando que estava aqui por causa dele?

Que idiota!

— Mackenzie insistiu e acabei aceitando quando ela disse que você não estaria aqui.

— E se eu estivesse? — Franzi o cenho quando encurtou o espaço entre nós e me imprensou contra parede colocando um braço acima da minha cabeça e inclinando-se para olhar em meus olhos.

— O que está fazendo? — O empurrei, mas ele não se moveu e minhas mãos ficaram paradas sobre seu peitoral trabalhado.

O fino tecido da camisa me fez sentir a dureza dos músculos e meus dedos formigaram com vontade para traçar cada pedacinho, mas fui forte.

Agora não era o momento ideal para me sentir afetada assim.

Ele tinha que parar de agir assim do nada, vinha como se fosse o mar revolto e logo em seguida mostrava-se calmo e tendencioso a me prender nessa teia sensual que exalava desde seu olhar e a forma como as palavras saiam sussurradas de sua boca.

— Nada. Estou esperando sua resposta. Se eu estivesse aqui teria vindo ser a babá dos meus filhos?

— Na boa, Sr. Valentino. Eu só estou aqui para ficar no lugar da Susan e amanhã no fim da tarde caio fora, então não vamos discutir de novo pela forma doida com que se aproxima, bate e depois me assopra. Não dá e não quero ser tratada como uma desculpa para você lembrar da sua esposa. — Seu olhar entortou, assim como sua boca em um sorriso e se afastou, mas não saindo de perto. Ainda me encarando, parecendo que procurava algo a me dizer, subiu sua mão até os fios alinhados de seu cabelo e os espalhou enquanto me dava as costas.

— Está certa. É melhor ir cuidar dos meus filhos. — Ele assentiu e me deu as costas em silêncio, indo na direção das escadas e subindo-as.

Como sempre fugindo.

Não o acompanhei, esperei minha respiração se acalmar. Não quis mais saber de beber o leite e voltei para o quarto dos meninos.

Eu só queria não ter sido tratada como uma alternativa desesperada, mas sempre ele me tratava assim.

Rafaello

Voltei mais cedo de Nova Iorque, logo depois de me sentir frustrado por não conseguir estar com outra mulher, por mais que meu corpo exigisse. Além de pensar em Alícia, foi nela que meus pensamentos flutuaram.

Desde o dia que a deixei e virei as costas não quis saber mais de me aproximar, eu estava reagindo a uma atração perigosa. Marcêlly era de longe um exemplo de mulher que eu deveria me aproximar, mas parecia que tudo conspirava para que ela estivesse por perto sempre que buscava por me acalmar.

Depois que terminei a conferência dos relatórios e conversei com Giovani, procurei um serviço de acompanhantes de luxo, estava na hora de dar mais um passo. Havia escolhido uma linda loira, de olhos castanho e seios fartos, mas quando ela se aproximou comecei a procurar semelhanças nela que me fizessem fazer comparações não só com minha esposa falecida, mas principalmente com a malcriada, que tinha a língua mais afiada que conhecia. Eu procurei por detalhes que parecessem com ela e deixei a linda mulher naquele quarto de hotel quando não achei nenhuma.

Nem Alí tinha nada a ver com Marcêlly.

Mesmo frustrado foi a prova de que eu não estava mais buscando nela um jeito de me aliviar da dor. Meu corpo estava reagindo com desejo por ela, talvez tenha sido pela forma como nos beijamos naquele estúdio. Como também poderia ser apenas curiosidade, já que tudo foi tão conturbado e confuso. Não estava esperando que tivesse sentido algum, só

buscava entender, contudo, fui pego desprevenido ao chegar e vê-la, caminhando no meio da minha casa diante da penumbra, descalça e de camisola curta.

Por segundos ela não me notou e fiz questão de ficar quieto, a sua sombra observando-a. A parte homem primitivo em mim gostou do que viu. Na verdade, adorou ver suas coxas firmes e o contorno da bunda arrebitada. Foi instantâneo me sentir afetado por vê-la mostrando um pouco mais do que me faz sentir atraído em uma mulher. Gostava de mulheres pequenas e delicadas, que fossem de preferência mais baixas que eu e que se encaixavam perfeitamente em mim. Fiquei completamente excitado ao ver o tecido fino da camisola bater contra a bunda redondinha conforme andava em direção a cozinha. Mas me privei de apenas olhá-la e fechar meus olhos criando imagens dela e de como seria o restante do seu corpo. Ainda em silêncio tentei não fazer barulho, mas foi mais forte que eu ao questioná-la. Ela estava tão à vontade que parecia fazer parte daquela casa.

Mas não era...

Era esse resquício de razão que me alertava e que me barrava, evitando que eu agisse por impulso e a prensasse na parede. No meu íntimo eu já me via beijando-a e tomando-a como eu queria.

Estranho ou não, confuso ou coerente, tinha algo nela que me deixava extremamente disposto a fazer uma loucura, já não era aquela coisa do início, da dor e do desespero, estava mais para as lembranças daquela noite mal terminada. Com luto ou sem ele, sua boca ainda continuava deliciosamente tentadora. Porém, tinham tantas coisas que me impediam de agir livremente como queria. Eu precisava entender o que estava acontecendo comigo antes de fazer qualquer loucura. Até porque de problemas bastava os que já tinha.

Depois de horas revirando na cama, tentando dormir, concluí que ela não era o problema, eu que estava precisando de uma mulher urgentemente e que quando a via era só meu corpo correspondendo a sermos homem e mulher. Era natural, Marcêlly despertar tantas coisas assim, ela havia sido a única mulher que estive desde a morte de Alicia. Mesmo que nunca chegamos aos finalmente.

De longe não era culpa dela e sim minha, que ainda não estava preparado para lidar com uma nova atração. E eu precisava lidar de forma adulta, por isso, o mais sensato a fazer foi o que sempre fiz. Mordia e depois assoprava por covardia, me afastando. Porém, ainda estava muito puto de raiva dela.

Era para eu estar neste momento acordando abraçado com outra mulher, depois de ter saciado mais de um ano de abstinência a um corpo feminino. Mas não, fui me deixar levar pelos princípios dos quais criei agora, porque antes, não existia nenhum sequer. Eu só queria paz e tranquilidade para lidar com cada fase da minha vida e uma acompanhante seria o ideal. Não teria cobranças e muito menos ela querendo explicações.

Talvez, Marco estivesse certo que não era o desespero pela dor que senti e sim por causa daquela maldita noite em que fui atrás dela, mesmo ainda teimando em achar que estava sendo movido pela confusão que criei. Se tivesse movido ao desespero do luto eu ainda não estaria aqui resistindo a atração. Eu até cheguei a pensar que não tinha nada e que meses depois eu veria o quanto fui um completo pirado, mas assim que botei os olhos nela naquela festa tive a certeza que minha loucura estava tomando proporções maiores.

— Vamos papai! — A porta se abriu e James veio correndo e, pulou na cama. Só tive o reflexo de segurá-lo. — Vamos para a praia, papai —

insistiu.

— Vamos sim. — O abracei, trazendo-o para meu peito e enfiando meu rosto em sua cabeleira.

Como sentir o cheiro dos meus filhos me faziam entrar em um estado de leveza, mas foi por segundos, quando me sentei para levantar lá estava ela, vestindo um short curto, com a parte de cima coberta por dois minúsculos triângulos que mal acomodavam os dois seios redondos. A barriga era plana e a cintura bem fina. Marcêlly estava com Ralf em seu colo e agiu como se já estivesse acostumada com eles e agora comigo, a encarando.

E que inferno. Filha da mãe...

O que seria uma manhã tranquila já estava começando de forma tumultuosa.

Estava ainda deitado, com o braço apoiando minha cabeça e pensando em tudo. Em como hoje eu teria que enfrentar todos esses sentimentos confusos. Ela iria embora no fim da tarde e eu poderia facilmente me esconder em qualquer canto desta casa e evitá-la ao máximo.

Capítulo 23

Rafaello

A imagem dela de biquíni me atormentou a manhã inteira, ainda bem que no fim da tarde ela iria embora e amanhã quem viria seria Susan. Tudo voltaria ao normal e assim não precisaria ficar tendo que lidar comigo e essa atração que estava sentindo por ela. Confesso que a ver pela manhã na praia junto com os meninos só alimentou essa fantasia absurda que estava tendo. O exemplo foi quando apareceu com a parte de cima do biquíni cobrindo pouca coisa dos seus seios, sua barriga lisa entre a cintura fina, me dando mais detalhes para pensar em como seria seu corpo. O pouco que vi tive a certeza de que tinha peitos redondos e empinados. Descaradamente passei a me questionar como seria chupá-los. Fiquei duro na mesma hora, o que me fez entrar na casa e não sair de lá até me sentir seguro para estar perto dela novamente. Quando achei que poderia, me

privei com os meninos na sala dando a entender que ela poderia ficar com sua irmã.

Nunca pensei que essa casa se tornaria tão pequena para mim como foi o dia todo.

— Eu não vou ficar mais, Mack. Não me peça isso, por favor! — Estava na sala com os meninos e me levantei para ir até a cozinha quando escutei as duas conversando. Sua voz era bem confiante.

— Cêlly é só pelo verão. Susan não vai vir mais. Não podemos deixar o Sr. Valentino na mão. — O que? Susan não viria mais? Me apressei e entrei na cozinha no exato momento em que ela respondia para sua irmã e fiquei parado logo atrás de onde estavam.

— Problema dele. — Marcêlly virou o rosto e como se tivesse visto um fantasma a cor sumiu do seu rosto.

— Está acontecendo alguma coisa? — perguntei e olhei para Mackenzie, desviando de encará-la.

Não era bobo e entendi o que estava acontecendo pelo que escutei da conversa, mas preferi que Mackenzie me respondesse, evitando que elas pensassem que havia escutado escondido.

— Sim... — ela respirou fundo e deixou os ombros caírem. — Susan me ligou a pouco dizendo que não vai vir mais, que ela e o esposo resolveram viajar para a Flórida, para a casa dos pais dela. — Isso significava que estávamos sem a babá pelo restante do verão. O que me fez olhar na direção da malcriada, que me encarava confirmando o que concluí sozinho.

— Sem problemas. Arrumaremos outra — pontuei tranquilo.

— Estava pedindo para Cêlly ficar no lugar de Susan.

— NÃO! — dissemos ao mesmo tempo fazendo com que Mackenzie nos olhasse de um para outro consecutivamente. Mas, se dirigiu primeiro à irmã enquanto a mesma continuava a me encarar, procurando por respostas.

- Porque, Cêlly? Você adora crianças e se deu muito bem com os meninos, poderia ficar pelo verão e depois poderia arrumar algo. Aproveita que Moah a demitiu e que o Sr. Valentino vai precisar de uma babá. — Seus olhos claramente me diziam não, mas a irmã insistia levantando argumentos. — O que o senhor acha? Os meninos ficaram muito bem com ela — Mackenzie perguntou para mim.

Claro que não! De longe ou de muito perto ela estava me deixando completamente com a cabeça ferrada. Em hipótese nenhuma seria uma boa ideia Marcêlly se tornar a babá dos meus filhos pelo restante do verão.

— Hein, Sr. Valentino. O que acha? Tem algum problema a Cêlly ser a babá dos meninos? — Literalmente estava em uma saia justa, não sabendo como responder. Se eu dissesse não levantaria tantas questões e se dissesse sim seria meu bilhete de ida para os quintos dos infernos.

— Mackenzie, não insista. Não daria certo. — Pelo menos nisso nós dois concordávamos. Não daria certo mesmo. Me conheço por mais que tentasse agir corretamente no fim eu iria acabar cedendo e fodendo não só com ela, mas com tudo.

- Porque, Cêlly? Os meninos te adoraram. Vocês se deram tão bem.

— Porque não, Mack. É... — Era claro que estava procurando responder sem dizer toda a verdade.

— Está vendo, não tem motivo nenhum para negar. Não é Sr. Valentino. — Me senti perdido a ponto de não saber o que responder. Pelo menos Marcêlly estava se saindo melhor que eu.

— Eu vou fazer as provas no fim do mês. Teria que me ausentar — ela respondeu e me fez parar de pensar em motivos para não sair dessa de modo educado sem ofender Mackenzie, mas fiquei curioso para saber que provas seriam essas que não poderia trabalhar para mim.

— Mas quando for para Nova Iorque eu fico com os meninos, se Luke estiver de folga ele me ajuda. Pronto. Isso não será problema.

— Tá! — Marcêlly concordou vencida e respirei fundo vendo que agora teria que ser eu o responsável por dizer não. Mas como? Mackenzie sempre foi solícita a tudo não conseguiria e não queria desapontá-la ao não querer que sua irmã fosse a babá.

— Agora só depende do senhor. — Eu estava esperando que sobraria para mim.

— Cêlly! — A voz de James, chamando pelo apelido dela me fez virar a cabeça na direção da entrada onde meu filho mais velho estava parado. — Você já vai embora? Ainda não brincamos de caça ao tesouro. — Sua voz foi melancólica e ao invés de dar uma resposta procurei os olhos verdes dela em busca de uma resposta.

Marcêlly me ignorou, desviando o rosto na direção de James. Ela se abaixou, ficando ajoelhada e o amparou em seus braços quando ele veio na sua direção.

— Não vai embora ainda não. Fica mais um pouco para brincar comigo. Queria que ficasse aqui para sempre, não deixa a gente, Cêlly. — A

endiabrada, que em todas vezes teve respostas na ponta da língua estava sem nenhuma neste momento.

O que com certeza sobraria para mim a decisão.

— É... — fiz uma pausa, ganhando coragem para dizer —, é... acho que pode ser uma boa ideia. — Me virei e ignorei seu olhar apelativo quando terminei de concordar com a irmã dela.

Sei que seriam dias infernais estar em sua presença, não pelo fato de ser desbocada e malcriada, mas sim porque meu corpo já estava se aquecendo, preparando para tê-la.

— Pronto, Cêlly você fica. — Mackenzie bateu palmas contente e James a abraçava mais forte.

— Eba! — Ele comemorou enquanto nos olhávamos com a certeza de que não seria fácil essa convivência, por mais que fosse por mais algumas semanas.



Depois de ser praticamente obrigada a ficar e trabalhar para ele, me enfiei dentro do banheiro e joguei tanta água no rosto que eu até poderia me afogar.

Juro que se não fosse criar uma situação constrangedora eu teria falado os reais motivos para não aceitar o emprego, mas não tive coragem, não depois de James me pedir daquela forma. Assim como ele eu sabia o que era sempre ser deixada e não era nada bom.

Desde a morte da minha mãe só eu sabia o quanto era doloroso todas as vezes que alguém entrava na nossa vida e ia embora, nos deixando. Foi assim com a Sra. Pommer, minha vizinha bondosa, que fazia bolo quase todos os dias para mim e brincava comigo quando Mackenzie ainda estava no serviço ou precisava fazer um trabalho extra. Ela era o mais perto do que tive de uma avó. Ouvíamos músicas e comíamos bolo de nozes com um copo de leite sentadas nas escadas da sua varanda. Ainda, se fechar meus olhos poderia escutar *Bette Davies Eyes*. Mas conforme foi ficando senil, a ponto de não reconhecer nem mais os filhos, que optaram por colocá-la em uma casa de repouso. Só ficamos sabendo de sua morte alguns anos atrás porque sua casa, que ficava ao lado da minha, foi vendida.

— Cêlly, está tudo bem? — Mackenzie deu leve batidinhas na porta e me perguntou enquanto eu apoiava com as mãos sobre a pedra, que sustentava a pia. Antes de responder que sim, fiquei por segundos

reparando e pensando na merda de confusão que acabei entrando por não falar a verdade.

— Está sim! Já vou sair — respondi e me mantive olhando para meu reflexo.

Onde fui me meter. Primeiro por ter sido beijada por ele e esperar que tivesse acontecido algo, segundo porque, por mais que havia me esquecido o homem tem ligações com a máfia, mas em relação a isso eu ainda tinha minhas dúvidas e não tinha medo. Não poderia ficar acreditando no que saía nas notícias por aí sem realmente saber se de fato era real ou só fofocas. Isso era o de menos, o que estava me deixando perturbadoramente desesperada era eu me sentir atraída por um cara completamente doido. Está certo que fui movida pela criança e não por ele, mas não negaria o quanto estava balançada com o que aconteceu.

Doideira minha ou não, eu me sentia compelida a querer mais, saciar minha curiosidade de saber vários porquês dele. Contudo, eu havia me prometido que não ficaria brincando nesse balanço que era seu humor e suas atitudes. E já que eu ficaria, por causa dos meninos, uma das coisas que precisava ser feita era ter uma conversa séria com ele. Ao menos dessa vez tomaria uma atitude antes que tudo fosse empurrado de qualquer jeito e minha presença trouxesse problemas para minha irmã.

Saí do banheiro após enxugar a água do meu rosto e dei de cara com ele, saindo da cozinha. Pelo visto ele pensou o mesmo que eu ao jogar a cabeça para o lado e indicar que era para eu segui-lo. Quieta, sem perguntar o porquê, o segui e entramos em uma sala no final do corredor ao lado da sala. Era um escritório pequeno e assim que passei ele fechou a porta.

— Precisamos conversar! — Fiquei parada no centro enquanto ele passou ao meu lado e sentou na cadeira de couro marrom escuro atrás da

mesa de madeira trabalhada.

— Sim! — concordei. O deixaria falar primeiro.

— Marcêlly... — Conforme respirou profundamente foi claro que não estava sendo fácil para ele o fato de que eu seria a nova babá dos filhos. Rafaello Valentino ao mesmo tempo que era complicado e misterioso agia com tanta clareza que era fácil lê-lo. — Eu nem sei como falarmos sobre isso. Todos nossos encontros não foram tranquilos e por tudo que aconteceu não estou totalmente tendencioso por você ser a babá dos meninos. Não tem nada a ver com você. — Ele se apressou em concluir quando movimentei meus lábios para rebatê-lo. — Me deixe terminar de explicar — assenti. — Quando Alícia morreu eu estava completamente confuso, desesperado, não estava no controle das minhas atitudes. Sim... você merece mais que minhas desculpas por ter ido embora daquela forma, mas eu não estava em condições e o faria assim quando nos encontrássemos. Como foi na outra noite. Devo pedir desculpas também por ter brigado com seu namorado. Não costumo aceitar esses tipos de abusos. E, por fim, eu pediria a você que esqueçamos qualquer coisa que tenha acontecido. Meus filhos perderam a mãe e estão se apegando a todo mundo que se aproxima e vi como James gosta de você.

Por mais que estivesse respirando aliviada por ele ter dado o primeiro passo, algo dentro de mim doeu pelo fato dele querer que esquecêssemos o que aconteceu. Foi como se estivesse sendo rejeitada, mas era melhor assim. Acima de várias coisas da que queria eu me sentia como James e não queria desapontar mais uma vez Mackenzie.

— Sim, senhor.

— Sua irmã lhe passará seus horários e não sei se ela disse que ao menos uma vez por semana vou para Nova Iorque resolver alguns negócios.

Você precisará dormir com eles. Seu pagamento ficará com Mackenzie, todas as sextas-feiras ela dará a você. Tudo que os meninos precisarem você deve pedir para ela e ficará exclusivamente para eles. Eu tenho meus horários com eles, mas boa parte do dia ficará com você. Banho, alimentação e cuidados...

— Entendi! — concordei tentando não pensar que a partir de hoje eu ficaria todos os dias perto dele. Eu precisava me libertar dessa atração, assim como ele pediu para esquecer.

— E precisamos nos dar bem também. — Ele se levantou e parou à minha frente, esticando seu braço entre o espaço que tínhamos um do outro. — Combinado?

Segurei em sua mão e senti meu corpo reagir, formigando, idêntico à forma como foi das outras vezes.

Filho da mãe... Por que tinha que ser extremamente atraente e por que foi me beijar?

— Combinado. — Respirei fundo e olhei em seus olhos antes de soltar sua mão.

Capítulo 24

Rafaello

Estava sendo mais difícil do que parecia. Todas as vezes que ela estava por perto meu corpo só conseguia registrar os seus detalhes, ansiar e querê-la como um louco.

Já fazia mais de 10 dias que ela estava trabalhando aqui como a babá dos meninos e a princípio não tinha do que reclamar, era nítido como eles a adoravam. Marcêlly conquistou meus filhos arrebatadoramente. Ela tinha esse jeito desbocado de jovem sem preocupações, mas era completamente confiante, amiga e engraçada. Sem mencionar que muito responsável com eles, seguindo à risca os horários e a forma como pedi que fosse, porém quando nos esbarrávamos dentro da casa ou pelas manhãs na praia era nítido que nada tinha sido esquecido, por vezes encontrava seu

olhar cheio de raiva, mas em outras seus olhos brilhavam, dizendo que ela assim como eu se sentia afetada e atraída ao mesmo tempo.

Talvez eu estivesse mais.

Nos primeiros dias evitei ir com eles para a praia, mas não me contive ao vê-la de biquíni em uma manhã, brincando com eles, jogando água entre si. Era ainda mais linda e seu corpo era tentador demais. Não consegui ser imune. Bem que tentei, mas foi mais forte que eu e acabei indo nas outras manhãs. Enquanto se divertiam eu os observava, principalmente ela. Se um dos meus irmãos me visse diria que eu estava virando um tarado, que vigiava a babá, louco para fodê-la. Mas, para piorar e foder completamente minha razão eu estava mesmo. Ainda mais quando tinha certeza de que era ela no banheiro tomando banho, após voltar da praia com os meninos.

Como quis por diversas vezes entrar lá e me juntar a ela. Não foram uma ou duas vezes, foram todas e confesso que estava surpreso com minha força para não cair na tentação. Sabia que bastaria apenas uma vez para eu perder o controle, por isso, possuir e fazer dela minha de todas as formas estava completamente fora de cogitação. Marcêlly era aquela bela pintura pendurada na parede de uma galeria, que você só conseguia e poderia admirar de longe, se chegasse perto e tocasse iria com certeza danificar e estragar toda a bela obra.

Por medo ou por ser racional demais me segurava quando meu lado primitivo gritava com força, exigindo que eu a tomasse. Eram tantos pontos que me seguravam. Não a idade, não mais, em relação a isso eu daria um foda-se bem grande. Este não era o problema, era eu mesmo. Ela não seria só uma transa atípica, levá-la para cama implicaria em muitas

consequências, das quais eu não estava disposto a enfrentar neste momento. Ainda não me sentia preparado.

— Quem comer tudo e não deixar nada no prato vai ganhar um presente. — A escutei assim que entrei na cozinha e vi os três ao redor da mesa. Ela almoçava com os meninos.

— Qual vai ser? — James sentado ao seu lado perguntou esperançoso.

Como era bom ver o carinho que tinha com eles, todo este cuidado só me fazia sentir mais atraído por ela. Marcêlly era uma caixinha de surpresas, cada hora eu via um lado seu escondido, que jamais pensei que poderia ter.

— Ah... — Ela estava prestes a responder quando entrei na cozinha e fiquei parado logo atrás. Não disse nada, apenas me mantive quieto vendo a interação deles, mas como se estivesse esperando algo de mim virou o rosto sobre o ombro e olhou na minha direção.

— Vai fala logo, Cêlly! Qual vai ser o meu presente? O Ralf não vai ganhar. Olha só ele não comeu quase nada.

— Calminha aí. Ele vai ganhar também. — Com carinho para não mostrar preferência a nenhum deles, ela virou o rosto para o lado, deixando de me encarar e começou a dar comida na boca de Ralf, que passou a disputar com o irmão. — Vamos meu amor... Vai ser empate e os dois vão ganhar um presentão.

— Mas diga qual vai ser, Cêlly... — James choramingou com a boca cheia.

— Uma surpresa... — ela respondeu e disfarçou. É claro que não teria nada, só estava fazendo isso para que eles comessem toda a comida no

prato. Uma estratégia e tanto.

— Vamos na sorveteria como prêmio se todos comerem tudo. — Me aproximei da mesa e me sentei de frente com ela.

Não perguntei se poderia me intrometer, mas diante do seu sorriso vi que estava aprovado.

— Oba! Mas Cêlly vai também né, papai?

— Claro que ela vai — respondi.

— Obrigada — ela balbuciou ao me encarar enquanto os meninos comiam sem perceber essa troca de olhar.

— De nada! — agradei e devolvi o sorriso.

Não nos falamos até o fim da tarde, precisei ficar organizando algumas coisas para viajar para Nova Iorque na manhã seguinte e quando dei por mim já eram cinco horas. Por mais ansioso que tivesse ficado desde o momento em que disse que os levaria para tomar sorvete eu acabei me entretendo a ponto de não ver as horas passarem.

— Papai vamos? — James apareceu na porta entreaberta e me perguntou. Ele já estava pronto e de banho tomado.

— Onde está seu irmão? — Levantei a cabeça e olhei na sua direção.

— Está com Cêlly. Ela estava terminando de colocar tênis nele.

— Então me esperem na sala que já estou indo. — O menino me deixou e saiu em disparada enquanto terminava de separar o dinheiro para deixar caso elas precisassem de algo nesses dois dias que ficaria fora.

Impaciente com a minha demora James foi me chamar de novo e dessa vez só se deu por vencido quando segurou minha mão e me puxou até a sala vazia. Marcêlly e Ralf ainda não estavam lá e quando ouvi os passos batendo contra a madeira do degrau da escada olhei na direção e os vi. Ela estava vestida com o mesmo vestido da noite da briga. Ralf estava em seu colo com as pernas ao redor da sua cintura. Ele parecia encantado, olhando fixo em seu rosto enquanto suas mãos estavam em cada bochecha sua. A cena me fez viajar no tempo, me lembrando que ele costumava fazer da mesma maneira com Alícia.

Um nó se formou na minha garganta. Por mais conformado que estava ainda me sentia nostálgico quando essas lembranças me invadiam do nada. Vê-los tratando-a carinhosamente era como se estivesse vendo Alícia com o filho nos braços, brincando e dando amor. Eles adoravam a pequena malcriada assim como ela demonstrava gostar deles.

— Estamos prontos — ela disse e sem conseguir não desgrudei meus olhos dela, acompanhando até terminar de descer a escada.



Com Ralf em seu colo e James fazendo questão de segurar em uma de suas mãos, fomos na direção da sorveteria em que ela trabalhava. Como estava calor e o fim de tarde agradável escolhemos uma mesa ao lado de fora. Havia várias famílias ali, fazendo o mesmo que nós.

Sentamos na última mesa depois que escolhemos os sabores. A ajudei com os meninos primeiro e depois me sentei de frente com ela.

James e Ralf terminaram e pediram para brincar na mesa ao lado. Perguntei-me como criança faz amizade tão rápido, mas Marcêlly me lembrou, que o casal ao lado com os filhos eram meus vizinhos e que as crianças já brincavam quando se encontravam na praia de manhã. Estava tão disperso, observando o quanto estava calma e sorridente que não havia me tocado que eram conhecidos.

— Está muito calor? — perguntei quebrando a barreira invisível. Mesmo há dias vendo-a e lidando com ela na minha casa ainda me sentia como um estranho para conversarmos naturalmente. Mas isso tinha que acabar, afinal, ainda passaríamos o verão todo juntos e não queria ter essa relação trancada. Uma hora ou outra teríamos que deixar o que aconteceu no passado e mudar a forma como nos interagíamos. Até porque, ela mostrou-se indiferente ao que aconteceu depois da nossa conversa.

— Sim, acredito que ainda vai esquentar mais — ela me respondeu e logo depois abocanhou uma porção do seu sorvete na colher enquanto me olhava tranquilamente.

— Preciso fazer isso mais vezes. Trazê-los para passear.

— Eles vão gostar. — Suas respostas eram simples e objetivas, mas sei que isso só era um modo de mostrar que agiria com naturalidade e eu pretendia agir igual.

— Observei que leva jeito com crianças. Mackenzie me disse que dá aulas de balé para meninas de seis anos.

— Sim. Não que eu tenha mais opções, mas gosto muito de crianças. — Talvez demonstrar que sei bem mais da sua vida do que parece derrubasse o enorme obstáculo e até me fizesse perder este fascínio que estava sentindo por ela.

— E eles gostam de você também. Nunca vi meus filhos interagirem tão bem com alguém. — Terminei meu sorvete e me encostei na cadeira, relaxando meu corpo ao ficar com meus olhos em seu rosto.

— E eu deles. Mesmo com tão pouco tempo. Assim como eles sei o que é não ter mãe... — Marcêlly se calou e virou o rosto na direção de onde os meninos estavam. — Me desculpa, eu não deveria ter falado isso. — Ela se virou e tentou sorrir, demonstrando que sentia realmente muito pelo que disse.

— Tudo bem. É natural... — Estava para me justificar quando seu olhar atravessou e passou por cima dos meus ombros. Achei estranho e resolvi olhar na mesma direção que ela ao girar meu tronco e ver logo atrás um homem, de cabelos claros, magro e alto que olhava na nossa direção.

— Sr. Valentino, preciso ir ao banheiro — Marcêlly me avisou e me virei para ela novamente esquecendo por segundos o homem quando senti o tom pesado com que disse.

A olhei e assenti, percebendo que algo de estranho tinha acontecido. Foi uma mudança brusca do jeito que estava conversando. Do nada ela se tornou fria e distante e isso fez com que a seguisse com os olhos na direção que ia. E ao invés de entrar na sorveteria ela desceu atravessou a rua e foi até onde o mesmo homem que nos observava estava.

Eles se conheciam?

Intrigado fiquei virado na direção deles observando e me senti incomodado quando ela parou na frente dele e gesticulou com as mãos na minha direção. Marcêlly deveria conhecê-lo e não sei porque me senti incomodado com o fato dela estar conversando com um estranho daquela forma, que de longe parecia ser amigável.

Por um instante fiquei tentado a ir até eles e saber o que estava acontecendo, de onde se conheciam, mas preferi ficar apenas observando enquanto conversavam.

Ele estava vestindo camisa branca por dentro de uma calça preta social, as mangas estavam enroladas até o cotovelo e os cabelos penteados para trás. Algo nele me era estranhamente familiar.

Tive a sensação de conhecê-lo de algum lugar, mas não me recordei de onde e quem poderia ser quando o vi tentando abraçá-la e ela empurrando-o, afastando-o. Assim como com Tyler, não gostei do modo com que o homem tentou se aproximar novamente. Senti o gosto do ódio subir pela minha garganta e invadir minha boca ao ver a insistência dele em tentar abraçá-la novamente. Não permitiria que ninguém a tocasse e muito menos a forçasse a algo e com ódio do que estava vendo me levantei sem tirar os olhos de onde estavam e comecei a ir quando Marcêlly o empurrou e levantou o indicador próximo ao seu rosto e disse algo, como se fosse um aviso e em seguida, deixando-o e voltando para onde eu estava parado.

Assim que se aproximou, tentei tocá-la, mas ela se esquivou e sentou reta e fechada na cadeira em que estava antes. A princípio não perguntei e respeitei seu silêncio, que foi do carro até em casa. Sem ainda me dizer nada, assim que estacionei o carro na entrada subiu para o andar de cima e ficou os meninos até o horário de ir embora, me deixando intrigado e incomodado porque ela ficou estranha após falar com aquele homem.

Quem seria ele?

Confesso que desde que voltamos não fazia outra coisa a não ser pensar o porquê dela ter ficado tão irritada a ponto de mudar seu humor e

não querer falar sobre o que se tratava. Era muito estranho sua atitude e também o fato de me sentir familiarizado com aquele rosto.

— Já estou indo embora. Eles já estão dormindo e acredito que vão dormir a noite inteira. — Estava de frente para a enorme vidraça e de costas para a entrada da cozinha quando ouvi sua voz. Meus pensamentos estavam a mil, buscando por respostas. Eu vi claramente o quanto ela ficou incomodada e precisava saber o que estava acontecendo.

— Não comi nada desde que chegamos. Pedi uma pizza. — Tentei não demonstrar que estava intrigado com sua atitude e na tentativa de me aproximar e fazer com que ela me falasse algo a respeito do que aconteceu mais cedo demonstrei que me preocupava com ela.

— Obrigada, mas estou sem fome. — Ela se virou me dando as costas. Com certeza ela não me falaria nada.

— Ei espera, Marcêlly. — Alcancei e a segurei quando vi que iria mesmo embora. Eu não iria ficar sem saber quem era. Ela não me daria seu silêncio sobre aquele estranho. — Está assim por causa daquele homem — afirmei. — Vi você conversando com ele. O que falavam?

— Acho que está ultrapassando os limites, Sr. Valentino. — Seu olhar foi diretamente para minha mão fechada em seu pulso.

— Quem era aquele homem que te deixou tão afetada? — A ignorei e perguntei me deixando ser tomado pela raiva.

O que tinha de tão misterioso nele para ela se fechar e mudar completamente a forma como estava antes?

— Quem era ele? — repeti a pergunta e tudo mudou quando ela tentou se soltar e por possessividade a segurei e me aproximei.

— Não é da sua conta! — Seus olhos brilharam e aquela faísca perigosa reacendeu quando a puxei e deixei meu corpo junto ao seu.

Mesmo querendo respeitar seu espaço e minha casa acima de qualquer atração, a ausência de respostas suas me fez ficar desconfiado. O que de tão errado tinha para não me dizer nada? Pois é assim que o ser humano funciona: ele nega, omite algo quando tem alguma coisa que não podemos saber. E a cada vez que Marcêlly se recusava a me dizer quem era aquele homem mais eu me sentia possessivo e com raiva dela por me negar uma simples resposta.

— Não... não é! Mas não gostei da forma como ele tentou abraçá-la e porque mudou assim que conversaram — rebati deixando claro que eu não era idiota a ponto de não perceber que aconteceu alguma coisa entre eles.

— Por que? Só você que pode me abraçar? Devo brigar com você também? — Não era essa a resposta que estava esperando. A ignorei e apertei-a mais contra meu corpo, não deixando sequer nenhum centímetro entre nós.

— Não me respondeu ainda, Marcêlly? Estou esperando. — Enquanto não me respondesse eu ficaria insistindo até me responder.

— Você não manda em mim. — Ela se remexeu, tentando me empurrar, mas quanto mais tentava se afastar mais eu a apertava contra meu corpo, não permitindo que saísse.

— Não mando! Mas você não vai sair daqui sem antes me dizer quem era aquele homem. — A levei e presei suas costas contra o balcão de mármore no centro da cozinha. — Vamos, me diga logo. Não estou com paciência.

Não sei o que deu em mim. Nunca fui de impor, mas a forma como ela não falava, me fazia pensar tantas coisas, que de longe eram boas. Sem mencionar o quanto ainda estava incomodado com aquele homem tocando nela.

— Por que não responde, Marcêlly? — Me irritei e com uma das mãos segurei seu queixo e o preendi entre meus dedos, forçando-a a me olhar.

— Está me machucando. Me solta! — Se remexeu em uma tentativa frustrada.

— Enquanto não me disser quem era aquele homem? — disse entredentes.

— Se lhe responder quem era me soltará?

— Talvez eu lhe solte. — Por mais raiva que estava sentindo, meu corpo reagiu a essa aproximação dando um foda-se a qualquer pensamento sóbrio de que eu estava ultrapassando o limite com ela.

Não gostei de Tyler a tocar, não gostei desse estranho também fazer o mesmo e como se estivesse me testando ainda não me respondia.

— Eu não lhe devo satisfações.

— Não, não me deve, mas até agora não gosto da forma como ele tentou abraçá-la.

— Por que está se incomodando tanto, Sr. Valentino? — Abaixei a cabeça e rocei seus lábios.

Não só estava incomodado, mas estava com muito ódio por ter outro tocando-a, ainda mais um que ela não me dizia quem era.

— Não sei... A única resposta que posso lhe dar é que não gostei como não continuo gostando. — Desarmeí quando me dei conta da forma como sua boca estava a milímetros do meu alcance. Se eu continuasse agindo como estava e queria, iria ferrar tudo. — Só senti que devia protegê-la daquele homem e por isso não sabe o quanto estou foddamente com raiva por você não dizer nada.

— Era meu pai! — Afastei a cabeça e senti um véu descobrindo sobre seu rosto, me fazendo notar o quanto doloroso foi ela confessar quem era. Seus olhos, tão verdes ficaram ainda mais cristalinos quando se encheram de lágrimas. Eles transmitiram dor, ressentimento e uma enorme raiva.

— Por que não me disse antes? — Aliviei meus braços ao seu redor, deixando-a livre, mas ela não saiu e ficou me encarando, segurando o choro parado.

— Porque ele deveria estar queimando no fundo do inferno — respondeu e fechou os olhos, permitindo que as lágrimas escorressem pelo seu rosto até se perderem entre os fios loiros.

Diante da clareza em que a vi, ao invés de me sentir compelido e atraído a puxei de novo para meus braços e a segurei firme, apoiando seu rosto no meu ombro enquanto minha mão afagava e confortava o seu choro silencioso.

— Me desculpa! — sussurrei.

Capítulo 25

Rafaello

— Sente-se aqui. — Indiquei a cadeira ao seu lado e pedi, de uma forma, que não entendesse como uma ordem. Não era hora de entrarmos em um cabo de guerra. Eu só queria que se acalmasse. Marcêlly se sentou como pedi e eu fiz o mesmo, puxando uma outra cadeira a sua frente, ficando tão perto que suas pernas ficaram posicionadas no meio das minhas.

Ao vê-la de guarda baixa, chorando, meu coração se apertou e pude sentir o quanto falar daquele homem de mais cedo a tornava vulnerável. Ela me fez pensar tantas coisas sobre o porquê dela se sentir assim, mas não iria tocar mais na sua ferida, mesmo sabendo tão pouco sobre elas. Jamais poderia imaginar que a presença do pai a afetasse de tal maneira que a deixasse em prantos. Se soubesse quem era e que fosse ficar triste teria

dado um jeito nele, ainda mais, quando ele tocou nela e tentou abraçá-la. Acho que estava me tornando possessivo em relação a quem lhe tocava, minha única justificativa era a raiva que me consumia quando via qualquer homem lhe tocar. Era como se só eu pudesse.

— Não quero vê-la chorando. Sei que é seu pai, mas não fica assim.
— Repousei minhas mãos sobre seus joelhos e ao invés de me sentir penalizado tocar em seu corpo me enviou ondas e uma eletricidade impressionante. Foi como se tivesse me ligado a ela por um impulso elétrico.

— Obrigada, mas quero ir embora para minha casa — ela repetiu e abaixou a cabeça envergonhada. Me senti um miserável por ser responsável por fazê-la chorar daquela maneira, com as mãos enfiadas na frente do rosto, se escondendo.

— Por favor me desculpa — disse baixo me lançando para frente, me aproximando mais. — Não quero te ver chorando. Por favor me perdoa — repeti e na tentativa de tentar consertar segurei em suas mãos e as retirei da frente do seu rosto, fazendo com que olhasse para mim. — Não fica assim, por favor, Marcêlly.

— Como não? Eu não queria falar sobre esse assunto e o senhor ficou me forçando. — Diferente da mulher geniosa ela estava tão vulnerável e seus lindos olhos verdes, que estavam ainda mais cristalinos, me diziam o quanto e que eu havia ultrapassado os limites com ela.

— Marcêlly eu sinto muito. — Lamentei com sinceridade. Quando dei por mim suas mãos estavam nas minhas e não me contive ao espalhar beijos sobre elas. Foi tudo tão espontâneo que me senti desesperado por tocá-la, fazer algo que a fizesse esquecer e sorrir. — Eu não queria te fazer chorar. — Não havia sido minha intenção. Se pudesse voltar no tempo e não

ter pressionando-a por uma resposta eu teria feito. De jeito algum queria vê-la triste e ela precisava saber que não havia sido minha intenção magoá-la.

— Está tudo bem! Só quero ir embora, por favor. Eu não estou com cabeça para discutir ou conversar. Estou cansada de Mitchel, de Tyler e de todos homens possíveis ao meu redor, inclusive do senhor. — Ela puxou as mãos ao terminar de falar, mas a impedi e segurei firme. Não a deixaria sair do jeito que estava, ainda mais, por ter sido eu o causador do seu choro.

— Você não precisa ter medo de mim. — Olhei em seus olhos e levei novamente suas mãos contra meus lábios.

Eu a desejava e isso era um fato mais que concreto, por isso, não permitiria que saísse dali da maneira em que estava mesmo dizendo que não queria lidar comigo. Eu precisava fazer algo.

— Não tenho medo do senhor, Sr. Valentino. Eu só estou esgotada de tentar lidar com sua loucura — ela fez uma pausa e me encarou —, uma hora você é calmo e nas outras parece que vai virar o mundo de cabeça para baixo quando não atendo suas expectativas. Ainda mais depois de hoje.

— A que está se referindo? — Não entendi, ou melhor, entendi perfeitamente. Eu sei o que fazia, mas ela não. Como me disse no outro dia que assopro depois de bater. Era a maneira que encontrei para segurar o que queria fazer. Se soubesse o quanto tenho tentado me segurar em relação a essa atração que sinto por ela, não pensaria e não me veria como um vilão.

— Está vendo. É isso... você age como se soubesse e tivesse certeza do que faz. Depois finge que nada aconteceu. Hoje você agiu como das outras vezes. Chega, exige, toma, depois mostra-se arrependido e me dá as costas. Em uma dessas vezes você foi embora e demorou sete meses para voltar. Não parece que é um homem maduro. Age como um adolescente.

Estou completamente cansada de lidar com homens como Mitchel, Tyler e você... — Ela tinha razão: eu não estava agindo como um homem da minha idade, estava mais para um moleque que faz o que quer sem se importar com os sentimentos de alguém. Envergonhado comigo, balancei a cabeça e olhei para nossos pés, pensando que nunca deixei claro o que sentia e não me importei se sentiu algo por mim. Fui egoísta e não era assim. Só não me sentia preparado para compartilhar com ela os meus motivos para ter agido como um louco e, ainda tenho receios de dizer que desde que veio trabalhar aqui não paro sequer um momento de desejá-la.

Marcêlly era muito nova e não sabia de muitas coisas, não fazia ideia de que quando um homem deseja uma mulher, como eu a ela, não é normal. É obsessivo! E isso soa tão estranho quanto poderia pensar que só estou assim pelo fetiche do homem mais velho com a garota ou por ser a babá gostosa dos meus filhos. Mas não, essa atração começou de um jeito completamente errado e que a todo custo estava tentando me controlar para consertar.

Levantei a cabeça e a encarei.

— Sei que não lhe tratei bem ao ir embora daquela forma — fiz uma pausa e respirei fundo, procurando a melhor forma de dizer tudo. Desta vez, eu não fugiria como ela dizia que sempre fazia. Então continuei: —, não tenho nenhuma explicação para dizer os meus porquês, Marcêlly. Você não acreditaria se eu dissesse que via minha esposa recém falecida em você. Fui embora porque precisava procurar um equilíbrio e depois quando voltei não tinha mais nada dela em você. Isso me atormentou e tem me atormentado tanto que não faz ideia. — Beije novamente cada ponta dos seus dedos sem desviar meu olhar do seu. Eu precisava tocá-la para continuar dizendo tudo. Se meu desabafo fosse fazê-la se sentir melhor eu não me esconderia mais

atrás do autocontrole, que já não restava quase nada. — Você é 20 anos mais nova que eu. Sabe o que significa? Que tenho idade para ser seu pai. É a babá dos meus filhos, irmã da minha governanta. O que esperava que eu fizesse? Não faz ideia de como teria que lidar com tanta gente falando, me dizendo o porquê agi errado. Eu estou enlouquecendo. Se soubesse o quanto fico inquieto quando está por aí e eu não sei onde está e fico ainda mais quando sinto sua presença, seu cheiro. — Pressionei meus lábios na palma das suas mãos e vi que ela, assim como eu, estava sentindo essa densa aura de desejo. Era mútuo e isso me levou à loucura. — Se soubesse... — deslizei minha boca e circulei com a ponta da língua. Fechei por segundos me deliciando com a sensação de tocá-la.

Ela não puxou a mão, me deixou continuar e continuei. Me excitando com o simples fato de poder beijá-la e sentir que ela também queria isso.

— Eu odiei ver Tyler te beijar, odiei mais ainda quando o desgraçado do seu pai tentou abraçá-la. Eu poderia mandar matá-los por tocar em você. Eu... — Minha voz travou e não fui capaz de terminar de dizer que a desejava muito, porém disse o necessário para fazê-la ver que não devia ter medo de mim.

Não me controlei e foi tão rápido como nas outras vezes. Me deixei ser levado pelo desejo de abrir meus olhos e encarar seus lábios entreabertos, respirando pesado. Seu peito subia e descia lentamente. Seu olhar estava preso no meu e foi se fechando à medida que minha mão envolvia sua nuca e a pressionava para vir para frente até sua boca encostar na minha.

— E não vou me desculpar por isso. — Capturei seus lábios e aprofundei minha língua dentro da sua boca.

Marcêlly não me parou e se entregou e enroscou sua língua na minha. Foi recíproco e desesperado e para tê-la ainda mais perto a trouxe para meu colo, envolvendo sua cintura. Ela escarranchou sobre minhas coxas e me abraçou, deixando seus joelhos ao lado das minhas pernas. Minhas mãos deslizaram da sua nuca e cintura e foram até sua bunda, apertando-a, trazendo seu corpo para mais perto, prendendo-a segura em mim, impulsionei meu corpo para frente e me levantei com ela presa a mim. Suas pernas rodearam minha cintura. Sem ver onde estava pisando a levei até o balcão e a coloquei sentada sobre o granito, ficando agora entre suas coxas.

Tudo estava em silêncio a não ser a sua respiração arfante contra minha boca quando eu parava de beijá-la e mordida seus lábios.

— O senhor não é velho e... — Marcêlly sussurrou quando jogou a cabeça para trás ainda de olhos fechados, me dando livre passagem para escorregar meus lábios por toda a extensão de sua pele até chegar no decote do seu vestido.

— Rafaello... — disse meu nome. — Nunca mais me chame senhor. Faz com que eu me sinta ainda mais velho do que sou em relação a você. — Fiz uma pausa e beijei o início do vale entre seus seios.

Como havia desejado que esse momento chegasse... Quando meu nome saíria da sua boca cheia de luxúria.

— Nunca mais me chame de senhor. Não mais. — A soltei, mantendo meu rosto e minha boca no seu colo, vagando e rastejando meu nariz no contorno superior das suas mamas. Eram redondas e a pressão do tecido os fazia ficarem mais juntos. Segurei a base dos seus seios, com as duas mãos, e os pressionei para cima, levando-os até meus lábios. — Como é meu nome, Marcêlly? — Ela não respondeu e arqueou suas costas,

jogando seus braços para trás ao se apoiar sobre o granito. — Me responda! — ordenei.

Marcêlly balançou a cabeça.

— Então diga meu nome... — pedi.

— Raf... — Obedientemente seus lábios entreabriram e conseguiram dizer apenas a primeira sílaba antes de ofegar. — Rafaello... — Fui ao delírio, adorando a forma como soprou meu nome em sussurro enquanto minha boca alcançava o mamilo excitado que despontava sob o tecido.

A garota me corrompeu a ponto de ligar o foda-se e não parar mais. Se viemos até aqui eu mataria essa fome que meu corpo exigia para ser saciado por ela.

— Deliciosa — disse sôfrego, sentindo cada vez mais meu pau, fodidamente duro, roçar o meio das suas pernas enquanto eu resfolegava contra seu púbis e abocanhava seus peitos.

Com um tesão do caralho, continuei mordendo os bicos dos seus seios, deixando a marca de saliva sobre o tecido. Desesperado para tocar com minha boca seu corpo todo fui subindo e beijando, trilhando um caminho com a ponta da língua até chegar de novo na sua boca. Mordi e chupei seus lábios com tanta ânsia, que tinha certeza que ficariam inchados depois. Mas que se foda, eu só queria saber de beijar sua boca linda.

Ela se dava e se rendia.

Queria mais, queria tudo e não pararia, só o faria se ela dissesse não, mas duvidava muito que a endiabrada fosse querer parar logo agora. Assim como eu, o desejo que sentíamos um pelo outro estava escancarado a ponto de não negarmos que queríamos muito mais que isso.

Eu teria tudo dela nessa noite e amanhã eu decidiria o que faria sem que isso a magoasse.

— Que boca gostosa, que cheiro delicioso. — Deslizei minha boca sussurrando contra sua pele junto com minha mão que apalpava todas as suas curvas até chegar nas coxas firmes. Apertei-as e fui subindo pelo seu interior, levando junto a barra do vestido até o alto do seu quadril esguio.

Ela estava de calcinha de algodão. Era pequena, em um tom bem claro de azul, que escondia somente a bocetinha lisa. Dava para ver a mancha do quanto estava excitada. A filha da mãe estava molhada me deixando ainda louco para senti-la.

— Filha da mãe... que delícia toda molhadinha assim. — Esfreguei meu dedo por cima do tecido e fui pressionando o clitóris molhado. Ao invés de beijá-la enquanto a masturbava a empurrei, fazendo com que suas costas encostassem totalmente no granito. Abandonei sua boceta e minhas mãos subiram seu vestido ainda mais, deixando-a quase nua. Olhei maravilhado, admirando a pelve lisa com a calcinha cobrindo somente o monte pubiano. Poderia gozar aqui só de ficar olhando para seu corpo e pela forma como estava estirada sobre o balcão com os braços jogados para o alto, acima da sua cabeça. Sendo minha.

Linda e deliciosa.

Desde o momento em que montou sobre minhas pernas sabia que não me controlaria, mas agora, com um tesão da porra, quase gozando com a imagem dela a minha mercê, toda para mim, com sua calcinha mostrando o quanto estava molhada, preparada, não pararia mais.

Que se foda tudo que aconteceu anteriormente. Não fugiria e iria até o fim.

Abaixei minha cabeça e beijei toda sua barriga. Fui descendo em uma linha imaginária e reta até sua boceta. Por cima do tecido da sua calcinha esfreguei meu rosto, sentindo seu cheiro, me embriagando com a sensação de poder sentir seu gosto sem ainda tocá-la. Com os dedos afastei sua calcinha para o lado e deixei apenas a minha vista a bocetinha lisa. Ela estava toda depilada, lisinha e toda brilhante. Muito excitada. Olhei para seu rosto no exato momento em que esfreguei meu dedo na racha e desci até a entrada ainda mais molhada. Sua boca abriu e arfou quando voltei pressionando sobre o botão intumescido e molhado.

Esfreguei, apertei e afundei meus dedos em seu interior. Marcêlly gemeu e arqueou suas costas, tirando sua bunda de cima da pedra, deixando-a no ar. Aproveitei e agarrei, apertando-a, deixando-a na altura para minha boca substituir meus dedos e, minha língua continuar o que estava fazendo.

Lentamente, com meus olhos no seu corpo eu lambi e desci até próximo ao seu ânus. Fui sentindo a invasão do seu gosto me contaminar e foder com o restante do meu autocontrole. Como era bom e como me satisfazia, me deixando ainda mais duro ao escutar seus gemidos enquanto eu a mordia, lambia, chupava e beijava sua boceta.

Parei e olhei para cima não tirando minha boca de onde estava. Marcêlly apoiou sobre os cotovelos e ficou me olhando. Seus olhos brilhavam e me surpreendi com o seu pedido.

— Não para — sussurrou de prazer e jogou os cabelos com a cabeça para trás ao levantar seu quadril contra minha boca sem pudor algum. Meu pau latejou dolorido, doido para fodê-la enquanto minha boca não parava de sugar e morder aquele botão duro.

Era perfeita e já me sentia proprietário do seu prazer quando gemeu e me chamou.

— Rafaello... — A forma como sussurrava meu nome entre gemer e ofegar, esfregando sua boceta no meu rosto me fazia ficar ainda mais desesperado. Meu pau já estava completamente melado e quase gozei junto quando passou a gemer mais alto. — Eu vou gozar...

— Então goze... — disse sem tirar minha boca da sua bocetinha.

Abrindo-a mais coloquei uma das suas pernas sobre meu ombro e segurei por debaixo da sua bunda redonda enquanto minha língua esfregava contra sua boceta. Eu colocava todo seu clitóris dentro da minha boca e o pressionava com meus lábios ao soltá-lo lentamente. Não parei até sentir seu corpo contorcer e convulsionar com a invasão do prazer. Marcêlly arqueou ainda mais seu quadril e gemeu alto tremendo inteira.

Só parei quando senti seu corpo relaxar e ela se jogar de novo com as costas no granito.

— Ah... meu Deus — arfou e balbuciou quando seu corpo ainda sossegava.

— Vem aqui. — Tirei minha boca da sua boceta e a ajudei a se sentar enquanto alcançava ansioso seus lábios novamente. — Vou foder você inteirinha, Cêlly.

Não pararia e queria muito mais, só que dessa vez comigo dentro dela.

Voltei a beijá-la, esperando seu corpo se acalmar enquanto o meu gritava desesperado pelo dela. Minha boca movia com fúria sobre a sua, mas paramos e ficamos estáticos ao escutar o som de choro vindo do andar de cima. Foi instantâneo, como se aquele som quebrasse o momento.

— Os meninos — ela disse e olhou para o rumo da entrada, na direção do corredor que levava para a escada. Tudo estava em silêncio, porém não demorou muito para novamente escutarmos que de fato alguém estava chorando.

— Será que caíram? — Ainda abraçado nela me soltei e vi o quanto se assustou. — Calma, talvez não seja nada. — O choro ficou mais alto e me olhando assustada me empurrou e desceu do balcão, puxando o vestido e se ajeitando melhor. Sem me esperar, preocupada com o que poderia ter acontecido a um dos meus filhos, ela correu em disparada na minha frente.

Quando chegamos lá, o caçula estava sentado sobre a cama e chorava enquanto seu irmão dormia tranquilamente na cama ao lado.

Marcêlly o pegou antes de mim e tentou acalmá-lo. Ralf se agarrou a ela de tal maneira que parecia um bicho preguiça, ao rodear seu pescoço e deitar a cabeça em seu ombro, soluçando entre o choro. Eu a rodeie e fui olhar se ele estava bem, se não havia se machucado.

— Calma, meu amor, a Cêlly está aqui. — Ela deslizava as mãos em suas costas e o afagava tentando acalmá-lo. — Foi só um sonho ruim.

— Vamos lá para fora — pedi e ela obedeceu, trazendo o menino literalmente grudado nela.

— Acho que ele teve um pesadelo — ela me informou enquanto ainda aninhava meu filho, se agarrando também a ele.

Foi tão automático a forma como ela chegou e o pegou no colo que não tive a oportunidade de ver se de fato só havia sido um pesadelo. Na verdade, ainda estava completamente envolvido nela e no que estávamos fazendo que não conseguia ser tão racional como ela e me desligar.

— Você está bem, filho? — Me posicionei as suas costas e perguntei para ele, que mexeu a cabeça concordando. — Será que está doente? Devemos levar ele ao hospital?

— Não acho que seja necessário, se... — Ela iria me chamar de senhor, como se nada tivesse acontecido minutos atrás.

Não seria possível, que depois, de ter minha boca entre suas pernas ela iria me tratar de modo formal.

A encarei e fiquei esperando que se corrigisse. Não foi porque meu filho havia acabado de interromper o que estávamos fazendo que dessa vez seria como antes e eu iria virar as costas e sair, como se nada tivesse acontecido, por isso fiquei encarando-a esperando que dissesse meu nome, como fez a pouco, quando gozava na minha boca.

— Vamos conversar depois — disse e ela assentiu. — Vou pegar uma água para ele e já volto.

O tempo de ir até a cozinha foi o suficiente para meu corpo acalmar e quando voltei ela já não estava no corredor, havia levado Ralf para o quarto que usava quando dormia com meus filhos na minha ausência.

Eles estavam deitados na cama e conversavam baixo.

— Está tudo bem? — perguntei após me aproximar e entregar o copo para ela. Com cuidado ela pediu para Ralf se sentar e deu a água com a maior paciência.

— Acho que sim. Foi só um pesadelo, logo ele vai voltar a dormir — respondeu e sorri ao encarar os dois, vendo que meu filho estava calmo ali com ela.

— Vou te esperar lá embaixo, ainda precisamos conversar —
informei.

Sei que não conseguiríamos voltar de onde paramos, mas poderíamos nos acertar e deixar as coisas às claras para não acontecer essa confusão tudo de novo.

— Tudo bem! Assim que ele dormir de novo eu desço.

Capítulo 26

Marcellly

Quando ele fechou a porta do quarto e me deixou a sós com seu filho, fechei os olhos e sem conseguir acreditar no que havia acontecido. Eu permiti que Rafaello fizesse o que quisesse de mim de uma forma imoral, decadente, que assim como aquele beijo, fez meu corpo querer ser só dele.

O filho da mãe me fez esquecer de Mitchel, me proporcionando prazer. Eu o entendi quando se justificou, mas ainda assim, não estava confiante que eu desceria em poucos minutos, que conversaríamos e que tudo continuaria do ponto em que paramos. Talvez ele pensasse melhor e tornasse a se esconder, me virando as costas novamente. Não poderia confiar que só porque me fez gozar e que me desejava, que as coisas mudariam. Tinha de manter essa desconfiança, por isso fiquei enrolando até

depois que Ralf dormiu. Estava criando coragem para descer e escutá-lo me mandar embora e surtar como sempre fazia.

Contudo, uma hora ou outra eu teria que descer e encarar sua loucura.

Depois de meia hora me preparando, deixei o menino ainda na cama onde eu sempre dormia quando o pai viajava.

Desci para o andar inferior. Ele estava na cozinha, com as luzes apagadas, exatamente no mesmo lugar onde tudo começou horas atrás, porém de costas, fumando. Ao menos era o que indicava quando a fumaça passava por sua cabeça e sumia no alto.

Parei próximo ao balcão e respirei fundo, segurando a alça da minha bolsa junto ao meu corpo. Não tinha ideia de como deveria tratá-lo, por seu nome ou ainda como meu patrão.

Fiquei em silêncio admirando-o. Rafaello era alto, magro e musculoso. Já havia o visto só de short e sem camisa na praia. Em seu tórax havia poucos pelos. Suas pernas eram longas bem definidas e suas costas largas terminando no trapézio bem feito. Ele exalava virilidade não só com seu corpo, mas com a forma possessiva que me olhava ou mesmo quando contraía do seu maxilar quadrado. Na maioria dos dias ele deixava a barba crescer e cobrir o queixo, mas gostava mesmo era quando estava barbeado, o que o deixava ainda mais sensual.

— Parece que hoje é você que vai correr de mim? — ele disse ainda de costas e foi quando percebi que ele me via através do reflexo do vidro.

— Ralf dormiu na cama e coloquei os travesseiros ao redor dele. — Lentamente ele se virou e apagou o cigarro antes de soltar a última fumaça para o alto.

— Obrigado! Se estivesse sozinho não saberia o que fazer. Ainda não sei lidar com essa fase dos pesadelos. — Presei os lábios e sorri. Não era o tipo de conversa que esperava ter, porém não diria nada do que aconteceu entre nós, não desta vez. Fomos mais longe que das outras vezes, esperaria para ver o que ele falaria.

— Vou embora. Preciso ir para casa, Mack deve estar preocupada. — Ele se aproximou e parou tão perto que conseguia sentir o cheiro pesado de tabaco que saia junto com sua respiração. Foi tão arrebatador que toda minha coragem para o afastar foi-se embora. Agora ele conhecia ainda mais de mim e sua presença intimidadora não ajudava eu me encontrar caso ele me mandasse embora.

— Por que? Ainda não conversamos. — Rafaello era mais alto que eu e quando estava assim tão perto tinha que levantar o rosto para encará-lo.

— O que, por exemplo?

— O que vamos fazer daqui para frente? — Acompanhei quando levantou sua mão e segurou uma mecha do meu cabelo, colocando-a gentilmente atrás da minha orelha.

— O que achar melhor — disse como se dependesse dele. Mas não quis transparecer que estava sendo fraca ou submissa, apenas que não esperaria nada dele.

— O que quero e o que acho melhor... — Rafaello se aproximou e a mão que segurou meu cabelo foi parar na minha nuca e a outra na minha cintura. Ele me puxou firme, levando meu corpo para perto do seu. — Primeiro... não vai mais me chamar de senhor Valentino. Vai dizer meu nome quando quiser falar comigo, ou se dirigir a mim. E depois o que eu

quero, pode ser que não dê certo amanhã, mas quero que você decida se vai querer — assenti mantendo meu olhar no seu.

Por segundos fechei os olhos me sentindo novamente e completamente envolvida com a forma como seus dedos friccionavam contra minha nuca.

— Você fazendo isso não ajuda em nada — ele disse e gargalhou em seguida enquanto eu abria meus olhos e o encarava.

Que homem era esse? Que se segurava e depois se soltava... que se escondia e depois aparecia e que agora agia sem se importar com o que aconteceu para trás. Ele me abraçou e deixou claro que me desejava. Me beijou e reafirmou, não só com palavras, mas com atitudes, que se sentia atraído por mim. Entretanto, eu ainda me sentia completamente insegura...

— Não vou correr, ou sumir. Vou viajar por dois dias e só. Amanhã bem cedo eu não vou estar aqui. Não vou te tocar mais hoje, não que eu não queira, mas deixarei que você escolha. Ainda a pouco não estava bem por causa daquele homem e não quero que tome uma atitude que depois se arrependa. Sou complicado e isso que vamos ter não vai durar mais que o verão. Minha vida não é essa e você não faz ideia do quanto ela é ainda mais complicada que eu. Mas posso te garantir que meu desejo por você só aumentou depois que descobri como é o calor da sua pele, como é sentir seu gosto. Eu quero mais! — ele sussurrou e encurvou-se ao dizer as últimas palavras contra a pele do meu pescoço indo até o lóbulo da minha orelha e mordiscando. — Eu quero muito, mas entenda que depois quando eu for embora, no fim do verão, não quero cobranças por não aparecer aqui por meses.

Por que estava me dizendo tudo aquilo? Mais uma vez alguém estava me oferecendo o resto.

— Não estou te oferecendo migalhas. — Foi como se ele escutasse meus pensamentos. — Quero que entenda isso. Apenas que vai ser só, sem namoros ou relacionamentos duradouros.

Rafaello guiou suas mãos, deixando de acariciar minha nuca, e levou-as até meu rosto e com o polegar deslizou por minha boca de modo sedutor. Tudo nele era sensual a ponto de me deixar atordoada e me entregar sem pensar no depois, mas eu precisava entendê-lo. Sabia um pouco sobre sua vida e sei que não tinha espaço para mim nela, mas não queria ficar remoendo sua partida quando me deixasse para trás. Contudo, eu queria mais que qualquer coisa ficar com ele. Nunca havia me sentido bem e como uma mulher de verdade.

Nunca ninguém me fez esquecer tão rápido das feridas como ele conseguiu ao me colocar em seu pequeno mundo aqui. Não que Mitchel ainda não me causava raiva e revolta, mas Rafaello conseguiu exprimir a vontade e o aperto do meu coração, ao mostrar que me desejava e que me queria como sua.

Foram poucas as vezes que me senti tão bem. Sem contar que o meio das minhas pernas ainda carregava a lembrança do que me proporcionou. Estava sedenta e novamente excitada apenas por estar em seus braços, tendo a oportunidade de escolher passar o restante do verão com ele.

Mas...

— Mackenzie vai querer me matar... — disse entredentes, receosa.

— Ou a mim! — Arfei quando mordiscou a ponta da minha orelha e invadiu meu ouvido com sua língua. — Que vou foder a irmã dela, a babá dos meus filhos.

— Eu ainda não disse sim.

— Mas vai dizer...

— Não seja tão confiante, Sr. Valentino. — Rafaello parou e voltou com seu rosto, ficando a centímetros do meu, porém seus olhos escureceram como tormentas e fixou-se no meu, assim como naquela primeira noite.

— Não vou repetir. Diga meu nome, Marcêlly. — Ele ordenou e um frio perigoso percorreu por toda minha coluna e desceu para minha boceta, que contraiu, se excitando ainda mais com o peso da sua voz, me exigindo ao apertar minha cintura e pressionar seu corpo contra o meu.

Em seguida, como se tudo voltasse ao normal, como antes, ele me soltou e me deu as costas se afastando de mim, indo na direção da janela, onde dava para ver o mar e a lua brilhando no seu infinito.

— Rafaello... — O chamei, com medo de que eu tivesse atrapalhado as coisas e o afastado de mim. Mas assim que se virou, vi que ele estava apenas me testando. Seu sorriso perverso e sensual estava ali, confiante, me mostrando que era como ele queria ou seria eu que teria que virar as coisas e sair.

— Assim é melhor... — Ele encurtou novamente o espaço entre nós, voltando a se aproximar e ficar perto de mim. — Estamos entendidos? — assenti. — Amanhã cedo vou para Nova Iorque e quando voltar, daqui a dois dias, conversaremos melhor. Acho que deveria ficar aqui essa noite, esta tarde. Ligue para sua irmã e a avise-a.

Tão prático...

— Posso chamar um carro, mas prefiro ir na minha casa. Ainda preciso falar com ela sobre Mitchel. — Respirei fundo e fiquei esperando

falar algo.

Não é porque estávamos dando um passo a mais nesse desejo que tínhamos um pelo o outro que deixaria Rafaello, assim de cara, ditar suas vontades e ordens.

— Tudo bem. É até melhor... estou tão fodido e excitado que se ficar não vou me controlar. Daqui dois dias vamos terminar essa conversa. — Quase não consegui assentir, sua boca já estava na minha, se apossando dela.



Fui para casa depois de quase ser vencida pela minha vontade de ficar e ver se ele não conseguiria se controlar. Me excitava vê-lo no seu limite. Acho que foi assim que me vi atraída por ele. Por essa densidade e possessividade que exalava quando me queria e depois me soltava. Mas foi preciso deixá-lo e só voltar no outro dia sem ele estar ali. Precisava ainda lidar com o que estava sentindo. Do nada tudo inverteu e ele tomou um passo à frente me pegando desprevenida.

Não estava reclamando, pelo contrário, eu adorei a forma como não se segurou. No fundo eu sempre o quis assim: como se nada o segurasse. Já estava cansada de lidar com a oscilação do quero e não te quero. Era esperar e ver o que aconteceria. Em dois dias, como me disse, ele voltaria e realmente saberia se de fato seria diferente.

Agora precisava só descansar e pensar no meu outro problema, que não fosse esse frenesi todo que ainda estava sentindo. O filho da mãe me tirou do prumo e me virou de cabeça para baixo, tanto era, que Mitchel

pareceu ser insignificante quando sua boca me tocou e me fez ser sua. Porém a aparição do desgraçado do meu pai, ainda era algo a se preocupar.

Quando cheguei em casa Mack estava dormindo e não quis acordá-la para falar dele, ela precisava descansar por causa do bebê, por isso preferi deixar para contar quando nos víssemos. Não queria assustá-la, mesmo sabendo que talvez o infeliz tenha aparecido para ela antes que eu conseguisse lhe contar. Porém acredito que ele ainda não deu as caras por aqui, se tivesse eu já estaria sabendo.

Amanhã com calma eu pensaria e conversaria com ela. Precisava dormir, mas ainda, mesmo depois do banho, meu corpo não havia relaxado, ele estava agitado com tudo que aconteceu. Ainda não conseguia acreditar que poucas horas atrás ele tinha deixado aquele seu jeito volúvel para trás. Tudo era tão recente que mesmo ansiosa por mais, eu tinha meus receios com ele. Pouco eu sabia sobre sua vida.

Será mesmo verdade que ele estava envolvido com a máfia?

Quem seria esse homem que me deixou fascinada por ele?

Era tão vago e sem respostas. Eu não sabia quase nada dele, além do que a internet dizia. Não tinha uma certeza. Há mais de um ano ele chegou com sua família, com a desculpa da esposa doente, ela morreu, ele foi embora e agora está aqui passando férias de verão, mas nada mais, só, sem justificativas e sem deixar mais espaço para saber realmente quem era ele.

Isso não só me deixava com medo, mas também me atraía como nunca.

Quem sabe eu tenha uma oportunidade de lhe perguntar. Só precisava ir devagar, ele mal se soltou, não deveria ir com sede ao pote de água. Tê-lo e saciar esse desejo era o mais importante no momento e que se

foda quem ele era ou ao que estava envolvido. O que me importava era o que queria agora e eu o queria com todas as minhas forças.

Migalhas ou não eu aceitei. Depois do verão eu lidaria com o que sobrou e seguiria em frente. Até porque se eu visse e analisasse melhor, seria o tempo de correr atrás do meu sonho e mesmo atraída por ele, não desistiria da única coisa que eu poderia realmente ter na minha vida.



Acordei assustada, com o telefone insistindo em tocar *Time of Our Lives*, na voz do Pitbull. Este era o toque quando Mackenzie me ligava. E se estava me ligando a essa hora era sinal de que alguma coisa havia acontecido ou estava atrasada, o que provavelmente seria.

Ignorando a ligação peguei o aparelho e vi no canto da tela que estava bem mais que atrasada do que imaginei quando o telefone começou tocar. Ela deveria estar louca da vida, querendo me esganar por não estar lá para cuidar dos meninos quando acordassem. Mas não foi o horário que me fez ficar com os olhos vidrados na tela, foi o aviso da mensagem e do remetente dela que estavam nas notificações.

“Bom dia,

O que você fez comigo, garota? — Aff... fechei os olhos repudiando “o garota”. Se ele não queria me ver chamando-o de senhor que então não me chamasse de garota. Isso me fazia sentir uma pirralha.

Estou com sono. Fui incapaz de dormir depois que foi embora. Já estou ansioso para voltar. Nos vemos daqui a dois.

Com carinho

Rafaello.”

Terminei de ler a mensagem e fiquei por minutos olhando o teto, me sentindo deliciosamente farta por ele se importar de falar comigo pela manhã. De dar satisfações, quando me disse que não me daria mais do que esse desejo que ele tinha por mim.

O telefone voltou a tocar e não tive como rejeitar. Mackenzie com certeza hoje me mataria.

— Não me mata. Já estou indo — atendi o telefone não a deixando falar, ou melhor, acabar com a minha raça logo pela manhã e depois da mensagem dele.

— *Marcêlly, James e Ralf já acordaram e o Sr. Valentino saiu ainda a pouco e você nada de chegar. Ainda bem que ele me disse que ficou até tarde com os meninos e esse era o motivo do seu atraso. Que vergonha, Marcêlly.* — Fiquei quieta, quando ela destampava falar eu só escutava, não adiantaria nenhuma justificativa, ainda mais quando disse meu nome por duas vezes na mesma frase.

— Fica calma. Já estou indo. — Ela desligou o telefone. Deveria estar furiosa.

Não fiquei enrolando como sempre fazia, arrumei minhas coisas para ficar os dois dias inteiros na casa dele com seus filhos, mas o bom humor, a felicidade foi substituída assim que o vi parado do outro lado da rua. Estava trancando a porta quando ele assoviou e atravessou a rua na minha direção, vestindo um terno preto e de óculos de sol.

— Ontem eu não disse para ir embora. O que quer? — disse quando ficou mais perto. Ajeitando minha mochila nas costas, fui andando

mostrando que não pararia para falar com ele.

— Queria falar com sua irmã. E bom dia para você. Não vai dizer oi para seu pai? Não se trata um pai que não vê a um bom tempo assim, Cêlly.

— Por Deus, esse homem deveria estar morto. Só de escutar sua voz todo sentimento bom que estava tendo foi embora em um piscar de olhos.

— Na boa Mitchel, não sei com que intuito você apareceu por aqui. Vai embora, Mackenzie não vai te dar nenhum dinheiro. Você não deveria ter voltado. Já foi embora mesmo quando mais precisamos. — Apressei os passos, tentando deixá-lo para trás, mas ele caminhava ao meu lado, como se não a forma e o desprezo, que fazia questão de deixar claro nas minhas palavras, não o afetasse. Claro que não estava nem aí. Nunca esteve preocupado com as filhas. Por que se importaria como eu o trataria agora?

— Não fala assim com seu pai. — Ele me segurou e apertou meu braço.

Com raiva puxei meu braço e me soltei dele.

— Desde quando você pode ser chamado de pai? Vai se ferrar e some das nossas vidas.

— Vim porque queria saber como estão. Sei que estão trabalhando na casa do Valentino e que estão bem. — Ele sorriu e abriu os braços, como se o seu abandono não tivesse peso algum. Olhei bem para seu rosto e não expressei nenhuma reação sequer, mas não sei porque o sorriso amarelado, de tanto fumar, me deixou apreensiva como se ele estivesse premeditando algo. Sua aparição não era assim do nada. — Sua irmã se casou e serei avô. — Ele se aproximou e continuou a sorrir diabolicamente.

Eu o odiava tanto que sentia nojo por ser filha dele.

— Não é porque estou longe que não sei o que acontece com cada uma das duas. Sei muito mais do que pensa que sabe. Mas faz assim, preciso ir embora. Mande lembranças minhas para sua irmã. Diga que volto em breve para visitá-la.

Ele se afastou rindo e me surpreendi mais ainda quando atravessou a rua e entrou no SUV preto, que estava estacionado com alguém dentro esperando por ele.

Mas como assim? De onde ele tinha tirado dinheiro ou para quem estava trabalhando para estar naquele carro?

Fiquei alguns minutos tentando entender o que diabos ele estava fazendo por perto. No dia anterior eu só pensei que estivesse sem grana e que havia voltado para tentar tirar algum dinheiro de mim e de Mack, mas vendo-o entrar no carro como se fosse alguém muito importante fiquei sem saber mais nada.

Intrigada me apressei e quando cheguei na casa de Rafaello estava me sentindo péssima. Ver Mitchel nunca foi algo bom, ainda mais quando o dia estava apenas começando.

— Por que demorou tanto assim? — Mackenzie me encontrou ainda na sala da casa e pela sua expressão estava mais nervosa pelo meu atraso.

— Mitchel está na cidade — respondi, informando-a sobre o maldito do nosso pai. Ela arregalou os olhos e entendeu bem porque cheguei ainda mais atrasada do que estava.

Estava preocupada e toda aquela euforia que acordou comigo foi simplesmente para o espaço. Tudo foi estranho. Mitchel sempre que aparecia queria algo, mas ontem e hoje ele simplesmente apareceu e foi

embora rindo, como se a vida fosse uma verdadeira festa e ele o rei dela, não nos exigindo e nem pedindo nada.

— Você o viu onde? — Mackenzie perguntou preocupada, indo até a porta e abrindo para ver se ele estava lá fora. Ela ficou ainda mais agitada que eu, que até se esqueceu do meu atraso e da bronca que me daria.

— Ontem o vi, quando saí com Raf... — engasguei quando vi que seus olhos se arregalaram ao me ver quase chamando o patrão pelo seu nome —, Sr. Valentino e os meninos. E agora quando estava saindo para vir pra cá ele apareceu na porta de casa.

— O que ele queria?

— Só pode ser dinheiro. Só aparece quando está com problemas.

— Cêlly! Cêlly! — Os gritinhos de James, chamando por meu nome no alto da escada fez o assunto entre nós duas morrer.

— Eles estão desesperados te esperando... — Larguei a mochila e dei as costas para Mackenzie ao deixá-la na sala. Depois conversaria melhor com ela, explicaria e falaria como foi estranho essa aparição de Mitchel.

Capítulo 27

Marcellly

Mackenzie foi embora, mas deixou tantas recomendações que acabei ficando com medo por ficar sozinha com os meninos naquela casa enorme. Ela me fez pensar em tantas possibilidades depois que disse a forma estranha que Mitchel estava se vestindo. A princípio, estava com tanto ódio por revê-lo, que não me atentei ao quanto o terno que vestia parecia ser caro. Sem contar que o SUV preto de marca me deixava bem intrigada. Algo de muito estranho estava acontecendo. Ele não viria até Rockport se não tivesse algo que quisesse muito. O mais intrigante em tudo isso era que ele não se importou de ver Mackenzie. Sempre que precisava de dinheiro era para ela que ele se fazia de vítima.

— Mackenzie, pelo amor de Deus, já é a oitava vez que você liga. Está tudo bem! Desse jeito vai acabar me deixando com medo. — Me irritei ao telefone com ela.

Desde que foi embora ela havia me ligado oito vezes. O que não era normal.

— *Só estou preocupada, qualquer barulho que escutar liga para a patrulha daí.*

— Pode deixar... — Desliguei o telefone e subi para o andar superior, levando comigo o telefone da casa. Nessa noite colocaria os meninos para dormirem comigo. Por mais irritante que fosse as preocupações excessivas de Mackenzie, eu também estava receosa e com medo de que aquele desgraçado aparecesse por aqui. Me trancaria com eles no quarto. Pelo menos estaríamos juntos e para chegar até nós ele teria que arrombar a porta. Ainda mais depois dele dizer onde trabalhávamos. O desgraçado sabia muito mais sobre nós do que nós dele. Mas isso não era relevante. Se quisesse nos achar seria bem fácil. Em Rockport não é muito difícil de se esconder.

Adormeci, mas o barulho no andar inferior me fez acordar assustada. Olhei para os lados e eles estavam lá. James e Ralf dormiam aninhados a mim. Não disse para eles que dormiríamos juntos. Tive a ideia de contar uma história, assim eles dormiriam comigo e não perceberiam que a babá deles estava morrendo de medo da encarnação do mal — que era o pai dela — vir e fazer algo contra eles. Não que isso fosse algo eminente. Mitchel nunca veio e fez algo de ruim. A única merda era ele mesmo ter nascido.

Acordei no meio da noite com meus braços doendo. James e Ralf haviam adormecido um de cada lado, com a cabeça apoiada em meus ombros. Eles eram tão pequenos que quando me abraçaram e se aninharam em mim, confessando que me amavam, me senti compelida a sempre

protegê-los e estar perto. Dormimos então agarrados, como se eles fossem meus.

Sem sono resolvi descer até a cozinha, iria beber um copo de leite e depois voltaria para dormir. Se não fizesse assim demoraria bem mais para voltar a dormir.

Mesmo com um pouco de medo fui até a cozinha. Mackenzie com seus medos idiotas acabou me deixando mais neurótica que o impossível, me fazendo assustar com cada sombra que olhava pelo caminho. Primeiro me assustei com o abajur ao fim do corredor, antes de descer as escadas, depois me assustei com o vaso de flores perto da porta de entrada.

Que ódio. Se ela não tivesse falado tanto eu não estaria assim. Já não era a primeira vez que ficava nesta casa sozinha com os meninos, mas dessa vez, por mais que tentasse não me abalar eu estava com medo.

Caminhei quase na ponta dos pés, evitando que meu próprio barulho continuasse a me assustar, mas foi em vão quando escutei o barulho do trovão soar seu estampido bem alto. Iluminando o céu da noite. Pelo visto iria cair uma daquelas chuvas de verão e isso só para piorar o medo que estava sentindo.

Idiotice minha. A casa era segura e tinha sistema de alarme nas portas e janelas, ninguém entraria sem que fizesse um grande barulho.

Respirei fundo e só parei quando cheguei na cozinha e, liguei a luz escutando o barulho das grossas gotas de chuva bater contra o vidro da cozinha. Era o charme da casa. A vidraça se estendia por todo o local e deixava a vista ao fundo o mar, o deque. Dava para ver quase toda a faixa de areia logo abaixo das escadas do quintal. Sem dúvidas essa casa era uma

das mais bonitas do condomínio. Já a conhecia bem antes de Raffaello comprá-la, quando ainda era dos Donovan.

A chuva engrossou e só conseguia escutar seu barulho. Em segundos ela caiu torrencial, o que me fez lembrar que esse barulho junto de um bom copo de leite e uma cama quentinha combinariam bem para voltar a dormir.

Fui até o armário e depois até a geladeira. Com copo e o galão de leite nas mãos coloquei-os no balcão. Me sentei de costas para a entrada da cozinha e ao redor do balcão ficando de frente para a vidraça. Estava morta de cansada e depois de longas goladas no leite gelado, me alonguei esticando os braços para cima e movendo meu pescoço.

Será que teria mais uma noite mal dormida? Pelo menos a de ontem teve um motivo melhor do que o medo. Eu estava delirando de prazer nesse mesmo balcão com a boca dele no meu corpo.

Bem que poderia ser igual.

As imagens da noite anterior povoaram minhas lembranças como se as estivesse vendo de novo, só que como espectadora.

Fechei os olhos e me remexi no banco. Arfei com o contato que minha boceta teve contra o acrílico preto. Me excitei em pensar que na madrugada anterior eu estava com sua boca no meu corpo, sendo dele.

— O que está pensando? — Abri os olhos assustada e me segurei na beirada do balcão quando escutei o vento da sua respiração soprar em sussurro próximo do meu ouvido.

Meu coração acelerou e ofeguei.

Eu não o escutei...

Rafaello

Não tive um dia tranquilo. Também queria o quê? Se desde quando chamei aquele carro e ela foi embora meu corpo não ficou em paz.

Eu a queria e não via a hora de voltar e pegar o que meu corpo estava me exigindo. Por isso, agilizei tudo que precisava, fiz minha reunião com Giovani, ainda na mesma tarde, não deixando transparecer que estava ansioso para voltar por causa de outro motivo a não ser os meninos. O que de longe era verdade. Apenas contei o quanto estava me divertindo com eles, menos que estava prestes a foder a babá deles. E quando me dei conta do que estava fazendo, já estava descendo do avião e em seguida, dirigindo como um louco pela madrugada, para chegar em Rockport e fazer uma surpresa.

Não era paixão, mas um desejo incontrolável.

Por mais cansativo que tivesse sendo meu dia, depois de aterrizar em Boston dirigi cerca de 50 minutos até em Rockport, parei na mesma loja de conveniência de sempre. Comprei cigarro e preservativo. Me senti um adolescente ao olhar para os lados quando estava no caixa para pagar e o atendente, tranquilamente, pegava os pacotes e passava um a um no leitor, registrando a compra, agindo como se não houvesse o amanhã. Foram tantos anos sem usar, sem comprar, que agora estava me sentindo um extraterrestre por estar aqui esperando para pagar e completamente introspectivo que alguém visse qual era a minha compra.

Não há um ser humano na face da terra, que não esteja atrás de alguém que está comprando preservativo e não pense que a pessoa vai foder a noite inteira. No meu caso não era uma completa certeza. Eu estava dando um passo muito grande em cima do meu luto e depois de ontem sei que ter Marcêlly por completo seria uma questão de um dia, ou melhor, de horas. E, por isso, precisava estar prevenido.

Não daria nenhum passo que pudesse me complicar depois.

Foi por estar despreparado e sem proteção que não insisti para que ficasse na noite passada. Quase perdemos o controle e Ralf foi o despertador que me fez acordar e pensar com cautela. O que menos queria era me envolver em problemas maiores, dos quais não saberia lidar muito bem nesse momento da minha vida.

Não me demorei muito e quando cheguei em casa tudo estava apagado e silencioso. A porta do quarto em que ela dormia quando eu não estava aqui estava trancada e a cama dos meus filhos, vazia. Provavelmente deveriam estar trancados lá. O que me fez rir sozinho diante da porta fechada. Ela deveria estar com medo e resolveu que se trancar com os meninos no quarto fosse adiantar alguma coisa.

Queria chegar e acordá-la, mas se abrisse a porta com a chave reserva eu não estaria só acordando-a, mas sim, correndo o risco dos meus filhos acordarem junto. Deixaria a surpresa para a manhã, pegando-a ainda mais desprevenida.

Fui para meu quarto e enquanto tomava banho pensava nela, vestida com aquela camisola curta. Deveria estar ainda mais deliciosa. Marcêlly era linda e seu corpo ainda mais. Estava completamente envolvido a ponto de me masturbar pensando nela, em como gemia ao gozar na minha boca. Meu pau já estava completamente enrijecido e cheio de sangue e me

movimentei, segurando-o pelo meio até minhas mãos envolverem a cabeça inchada. Fechei os olhos e joguei minha cabeça para trás, deixando que a água batesse em meu peito. Minhas mãos apertaram ao redor da ereção, ela subia e descia, revivendo as lembranças de lambe-la sua boceta lisa, de morder os mamilos por cima do tecido do seu vestido, e gozei quando me lembrei como meu nome saiu da sua boca enquanto seu corpo convulsionava de prazer. Ainda no ápice do meu prazer me apoiei com uma das mãos na parede e a outra movimentei mais rápido e com força, jorrando meu gozo ao estocar duramente com o punho fechado prolongando ainda mais a sensação de gozar pensando nela.

Apertei meu pau, espremendo até sair todo o sêmen.

Não era a mesma coisa de estar em seu corpo. Disso eu tinha certeza, mas foi melhor que das outras vezes, antes não sabia exatamente qual era o gosto do seu corpo, só o da sua boca.

Terminei meu banho pensando em como ainda estava incompleto, precisando não bater uma para extravasar, mas sim de estar dentro dela. Mas faltava pouco e me surpreendi quando estava secando meu cabelo, movimentando a toalha sobre ele para tirar o excesso da água e a vi pelo monitor de segurança. No closet ficavam as telas ligadas e lá estava ela indo para cozinha. Minha boca ficou completamente sedenta ao ver que vestia a camisola curta, assim como imaginei que estaria vestida. Não pensei duas vezes ao jogar a toalha em qualquer lugar e ajeitar o elástico da calça de pijama e pegar o preservativo para ir atrás dela.

Estava terminando de descer quando começou a chover forte. Pelo visto viria uma tempestade de verão e a vi sentada observando pela vidraça a chuva. Marcêlly levava aos lábios o copo com leite e depois lambia lentamente o bigode que formava sobre seu lábio superior. Ela não me viu,

mas eu via o reflexo do que estava fazendo através do vidro. Aproveitei que estava desatenta e o barulho da água batendo contra os vidros para me aproximar. Ela pensava em alguma coisa enquanto se alongava. Suspirei ao vê-la abrir as pernas e rebolar sobre a baqueta.

Filha da mãe... gostosa até quando está quieta e pensativa.

Porra... Me excitei ao pensar mais além, com ela me montando.

Doeu e foi bom ao mesmo tempo que meu pau latejou ao se encher de sangue, agindo pelo instinto de querê-la logo.

Sem que ainda percebesse aproximei-me observando os detalhes que a compunham e que me deixavam encantado. A penugem loira escapava dos fios loiros preso em um coque no alto da cabeça. Era como se ela tivesse reunido tudo de qualquer jeito e o amarrado, dando um toque sensual e simples, para deixar as estrelinhas tatuadas na nuca à mostra. Minha intenção era traçar com a ponta da língua cada uma, mas isso iria assustá-la e ao invés de tocar, parei logo atrás, curvando minha cabeça e sussurrando em seu ouvido.

— Poderia tentar adivinhar seus pensamentos, mas não sei se ficarei contente se nenhum deles forem em mim — sussurrei de novo após perguntar no que estava pensando.

Marcêlly me olhou pelo reflexo e vi que estava tão distraída que acabou se assustando ao ver que era eu.

— Se assustou? — perguntei e cheguei mais perto, deixando meu abdome tocar suas costas.

— Um pouco — ela respondeu rápido, ainda me encarando enquanto suas mãos agarravam a borda do granito. — O que faz aqui?

— Eu disse que voltaria... Não hoje, mas disse — respondi e me afastei, cruzando meus braços ao me encostar logo ao seu lado. — Surpresa? — perguntei em seguida.

— Muito... não o esperava hoje — Marcêlly não se rogou e me respondeu sincera ao levantar seu olhar na direção dos meus.

— Imaginei. Mas quis voltar... quis vê-la antes.

Capítulo 28

Marcellly

Fui invadida por tantos sentimentos por ele estar de volta não fazia ideia alguma como nomeá-los, apenas que me senti feliz. Não pela surpresa, mas por ter falado que queria me ver. Esse homem era completamente misterioso, estranho a ponto de me deixar sem saber como lidar com os passos em que ele dava antes de mim. Mas que se foda. Para que entendê-lo? Se quem deveria se importar era eu e mais ninguém.

Cada um sabe o que é melhor para si e neste momento cada célula do meu corpo o queria com uma força consumidora que não só dominava minha mente, mas todo meu raciocínio lógico.

O que ele tinha de tão fascinante que me fazia ficar quieta escutando o som grave da sua voz, ditando o modo como ele queria? O que seria essa atração absurda que me envolvia a ponto de não encontrar palavras para rebater seu autoritarismo. Ele me dominava apenas com sua presença, mas o que mais me deixava confusa com tudo isso era a forma como vinha, chegava e depois se afastava em segundos. Como agora, ao me dar as costas depois de aparecer sorrateiramente aqui. Essas dúvidas me deixavam louca, curiosa e completamente sem saber como agir a seguir.

O que deveria fazer? Será que esperava mais? Eram tantas perguntas sem resposta. Eu só tinha uma e se servisse usaria ela como desculpa.

Eu só sabia querê-lo de todas as formas e que nunca me senti assim em relação a ninguém.

Olhei na direção em que ia após sair do meu lado. Ele de novo criou esse distanciamento por que? Será que já estava se arrependendo? Mas minha resposta veio com o barulho da geladeira. Rafaello ficou por segundos quase dentro dela e voltou para meu lado com um pote de pasta de amendoim e fatias de pão.

Era estranho não ter uma ligação maior e não saber o que estava pensando. Isso me deixava completamente desconfortável. Não foi porque gozei ontem na sua boca que me sentia ainda à vontade para ser eu mesma. Eu não tinha experiência alguma para saber como reagir e me soltar com um homem com o dobro da minha idade.

Agindo diferente de mim, Rafaello agiu naturalmente ao voltar a ficar ao meu lado e colocar as fatias sobre o balcão e começar desajeitadamente a espalhar a pasta nelas. Ele balançou o corpo e bateu em meu braço e, lançou seu olhar pelos cantos dos olhos ao sorrir junto de um jeito travesso.

Respirei aliviada. Estava tudo bem, foi a impressão que ele passou, me deixando novamente tranquila.

— O que está fazendo? — perguntei tentando quebrar o gelo e deixar a conversa mais leve ao observá-lo.

— Estou com fome. Preciso me alimentar antes... — disse descontraidamente com sua voz grave, me dando em seguida um longo sorriso enviesado com o canto dos lábios, como se estivesse fazendo com segurança e fosse um expert em sanduíches de pasta de amendoim.

Diferente e sedutor...

Fiz o mesmo.

Ri e me aproximei, saindo da banquetta e ficando ao seu lado em pé. Precisava agir e seguir conforme ele ditava os passos. Se fosse para criar esse momento, então que ele ditasse e eu o seguiria.

Olhei para o lado, na direção das suas mãos, enquanto ele continuava achando que estava fazendo um excelente trabalho ao preencher a fatia, mais despedaçando-a do que deixando-a com a pasta.

— Me deixei fazer para você — não pedi, exigi tirando a espátula e pegando o pote da sua mão, tocando-a com a minha ao segurar. Nossos dedos roçaram e toda aquela energia sintetizada que estava tentando lidar me tomou. Foi mútuo, como se uma potente corrente elétrica passasse dele para mim e nos conectasse.

O silêncio tomou conta de nós deixando apenas o barulho da tempestade batendo violentamente contra os vidros.

— Não dá... — balbuciou e vi seus olhos escurecerem. Ele agarrou e tirou o pote e a espátula da minha mão, jogando-as em algum ponto da

bancada. Rafaello foi tão rápido que sequer tive tempo para rebatê-lo e suas mão me puxaram pela nuca, me fazendo ir para frente, direto com minha boca na sua. — Eu não vou conseguir me segurar, garota... — sussurrou provocativo ao roçar seus lábios antes de me beijar.

Era assim com ele, pelo menos desde a primeira vez, sendo rápido e de um modo extremante possessivo, me espremendo contra seu corpo ao deixar sua outra mão parar no meio das minhas costas me travando junto dele. Arfei, sentindo o meio das minhas pernas esquentarem ao juntar as lembranças de ontem com a sensação deliciosa que era sentir sua boca me tragando.

Meus seios roçaram o seu peito e por mais que o fino tecido da camisola estivesse entre nós senti meus mamilos baterem contra a parede musciosa do seu tórax. Me agarrei em seu pescoço subindo com minhas mãos e cruzando-as atrás da sua nuca. Era beijo, mordida e chupada. Parecia que estava brincando de uma forma decadente e deliciosa com meus lábios.

Por minutos ficamos nos devorando até que ele me empurrou e me prensou contra o balcão, apertando o início da curvatura da minha bunda na borda do granito. Arquejei, sentindo a pressão bater contra a minha lombar, me proporcionando um misto de dor e frenesi.

Ele era maior em altura e sabia bem o que estava fazendo, ao cravar seus dedos contra a carne da minha bunda e me içar no ar, me tirando do chão. Me segurei ainda mais nele e cruzei meus pés nas suas costas ao rodeá-lo com minhas pernas enquanto me colocava sentada sobre o balcão.

— Ai... — arfei e gemi quando apertou ainda mais minha bunda.

— Que porra de boca gostosa — sussurrou após morder meu lábio inferior e soltá-lo pressionando-o com seus dentes.

Então Rafaello parou de me beijar e me encarou.

A escuridão que vi em seu olhar fez todos os meus músculos retesarem em medo, pavor e mais que tudo, em desejo. Eu o desejava com uma força absoluta, que me dava a certeza de seguir em frente, matando aquela dúvida que sempre foi o fantasma entre nós. Não tinha nem como deixá-la viver mais. Não depois da forma como mostrou que me queria.

— Eu não via a hora de vir embora e ficar com você... — disse e suspirou quando troquei o lugar das minhas mãos pela minha boca. Fui tocando sua pele, beijando, mordendo e sentindo não só o perfume do seu sabonete masculino impregnada nela, mas também as batidas da sua veia jugular, que intensificavam à medida que minha boca alcançava sua orelha e a ponta da minha língua o lóbulo. Ele arfou, suspirando pesado e audível enquanto segurei a cartilagem e mordi, sugando em seguida. Em resposta, ainda com seus dedos apertando minha bunda, me puxou mais para frente contra sua ereção.

— Não sou garota ... — sussurrei, intimidando-o e provocando-o ainda com minha boca sobre sua orelha —, nunca mais me trate como uma.

— Marcêlly! — Me advertiu com a voz grossa, rosnando entredentes.

Não deixaria minha idade ditar nenhum maldito tabu dessa diferença que tínhamos de um para o outro.

— Me faça sua mulher... — rebati e o empurrei ao deixar meu corpo cair para trás, sendo sustentado pelas minhas mãos espalmadas sobre o balcão. Também joguei minha cabeça para trás e arfei.

— Porra... — vociferou ao tirar suas mãos sob minha bunda. Então ele apertou minhas coxas quando me ofereci e abri ainda mais minhas pernas.

Ele me puxou, espremendo a ponta do seu pau contra minha boceta coberta pela pior calcinha que poderia estar usando neste momento. Mas não me importei, o que realmente queria e importava, era que ele me fizesse sua e tirasse toda essa barreira entre nós dois.

Gemi quando suas mãos agilmente subiram, e tocou no nosso meio antes de tirar minha camisola. Ele apenas elevou o suficiente para sua mão ficar entre nós dois e escorregar o dedo por cima do meu clitóris inchado.

Suspirei e ofeguei, me sentando melhor enquanto sua mão abandonava minha boceta e subia minha camisola até retirá-la toda. Levantei os braços e deixei que a jogasse em qualquer lugar ali.

— Caralho, Raf... — Rafaello segurou minha cintura e trouxe meu corpo ainda mais para frente, abocanhando uma das minhas mamas. Com os dentes apertou o mamilo e esfregou, me fazendo arfar e me segurar em seus ombros para me equilibrar.

Era isso...

Novamente gemi, quase não suportando a sensação da mordida nos bicos eriçados. Ele abocanhava, lambia e assoprava depois de quase engoli-los. Repetindo diversas vezes. Já não aguentava mais, estava quase explodindo de tanto tesão quando o parei e suas mãos não contentes alcançaram minha calcinha, afastando para o lado antes de tocar minha boceta.

— Gosta? — perguntou, após me ouvir ofegar de excitação.

Balancei a cabeça e afirmei.

Ele deslizou seus dedos, molhando-os na mina corrente que era minha lubrificação e esfregou-os, me abrindo e enfiando-os em mim, me preparando.

— Muito — respondi ofegante, chegando mais perto da sua boca.

Rocei meus lábios nos seus e fechei os olhos sentindo seus dedos se mexerem dentro de mim.

— Safada e pervertida. Hein? — Ele me provocou e sorriu se afastando de mim, me fazendo abrir meus olhos no mesmo instante ao querer saber o porquê e o que faria.

Ele não fugiria... não era possível.

Mas não...

Habilidosamente, Rafaello tirou a calça, e segurou seu pau, revestindo-o rapidamente com o preservativo que tirou do bolso. E novamente voltou, me puxando mais para a frente, agarrando minha bunda, deixando metade dela para fora da bancada ao se posicionar rente a minha pelve.

Sem pudor algum, seus olhos voaram para baixo quando massageou minha boceta com a cabeça do seu pau, subindo e descendo entreabrindo os lábios dela, pressionando o clitóris.

— Sem voltas e arrependimentos — disse determinado.

Então ondulou seu quadril entre minhas pernas, deslizando-se para dentro de mim. Me segurei com uma das mãos em seu ombro e a outra ficou ainda me sustentando quando seu pau grosso invadia todo o espaço da minha boceta encharcada, indo fundo.

— Porra, Cêlly... que boceta — rosnou entredentes, fechando os olhos ao ficar parado depois de me abrir e ir mais ao fundo que podia.

Ardeu e doeu, mas era muito bom.

— Raf... — arquejei e chamei pelo seu nome quando abriu seus olhos e me encarou ao movimentar, saindo e entrando de novo dentro de mim. Seu pau me esticava, me abria ao investir calmo e tranquilo.

Ele gemeu e ofegou ao se enfiar todo dentro de mim. Mas foi depois de ondular e aumentar a força com que investiu seu quadril contra minha boceta que escutei urros de prazer saindo da sua boca.

— Por favor mais... — Remexi meu corpo impaciente e rebolei exigindo mais.

— Tudo que você quiser — respondeu firme ao estocar duramente, usando de exemplo. — Assim? — Repetiu o movimento ao retirar todo seu pau e, em seguida, afundá-lo em uma estocada só.

— Meu Deus... — Arqueei meu corpo e gemi ao sentir o quanto foi fundo. Exatamente como pedi e seguindo várias vezes na mesma intensidade arremeteu me castigando deliciosamente com seu pau contra a minha boceta.

Estava sentindo aquela ardência quando parou e se lançou para frente, me levando mais para o centro do balcão ao me segurar e me empurrar com seu peso. Ele não só veio por cima como se deitou sobre meu corpo sem sair de dentro dele.

De costas, sentindo a rigidez e o frio do granito segurei seu rosto, deixando-o dentro das minhas mãos enquanto continuava a bombear, me fodendo. Eu não só o beijei, como tornei a oferecer meus seios para que ele os chupasse.

Sua língua traçava em mim beijos e mordidas.

Era essa forma feroz com essa mistura de prazer e dor que cada vez mais me esquentava, fazendo meu orgasmo se aproximar e explodir de uma vez só, se espalhando desde meu ventre para todo meu corpo.

Gemi mais alto e sua boca me calou...

O silêncio da casa agora não havia sido tomado só pelo barulho da chuva, mas também foi invadido pelo som dos nossos corpos se chocando enquanto seu pau continuava a moer minha boceta, que se apertava ao redor dele, contraindo em prazer, mesmo depois do meu corpo estar mole e lânguido.

Eu o abracei e o beijei, movendo minha língua na sua, indo calma e intercalando ainda vários gemidos dentro da sua boca.

— Caralho... — sibilou ao estocar violentamente até se estremecer todo e ir desacelerando as investidas. Então, Raf fechou os olhos e se apertou mais contra mim, investindo nas últimas estocadas antes de se desmontar com seu peso sobre meu corpo enfiando sua cabeça no vão do meu pescoço.

Meu corpo e minha mente vagavam deliciosamente ainda sentindo os arrepios me tomar quando seus lábios tocavam minha pele com ternura. Ele me beijou, estalando os lábios até sua boca se encontrar na minha e movimentar devagar, mantendo-se dentro de mim.

Tomara que não tivesse arrependimentos.

Capítulo 29

Rafaello

A forma como eu via o seu sorriso de lado, tão inocente me atiçava a querer muito mais.

Brincava com os meninos, jogando água neles, enquanto eles faziam o mesmo com ela. Estava toda molhada, deixando marcar os seios no algodão branco. Minha boca secou e respirei pesado ao me atentar aos mamilos entumescidos e me lembrar que horas atrás eles estavam dentro da minha boca. Eu os chupei, mordi, me fartei no seu corpo gostoso.

Marcêlly tinha um corpo pequeno, delicado, com coxas firmes. Com certeza por causa do balé. Sua cintura era fina e os seios, redondos, bem sustentados com a auréola rosada. Fui ao delírio quando ela os ofereceu para mim.

Eles riram alto e olhei novamente na direção de onde estavam e encontrei seus olhos na minha direção. A garota me tomou como um furacão.

É claro que ainda estava tudo fora do lugar, uma bagunça completa, que prometi a mim mesmo reorganizar. Mas como? Se fui assaltado por essa sensação de ser acertado em cheio.

Seu olhar travesso me fazia lembrar de todos os detalhes e da forma como me senti quando estive dentro da sua boceta. Mas assim como eu, ela também havia gostado, tinha certeza que sim, ou não estaria me buscando pelo canto dos seus olhos enquanto brincava com James e Ralf.

O riso naquela sua boca vermelha, que destacava no seu rosto alvo, me deixava ainda mais louco de tesão. Tudo me deixava excitado e desesperado para estar de novo com ela. Ainda mais quando meus olhos passeavam pelo seu corpo e via a situação em que sua roupa molhada estava. A filha da mãe não estava usando sutiã e fiquei puto, mesmo estando com meus filhos no deque do meu quintal. Não queria que ninguém mais visse seu corpo como eu vi. Me lembrei da noite passada, de cada detalhe. Da forma como cheguei e a surpreendi até meu corpo cair saciado sobre o seu.

Há tempos não me satisfazia com uma mulher. Ainda me segurava ao máximo, preso na lembrança de Alícia, mas com Marcêlly foi algo que me fez sair desse local seguro e andar rente ao precipício. Com ela eu sentia esse desejo compulsivo, atração e tesão, que me tirava qualquer raciocínio lógico. E ela também parecia estar na mesma situação que eu.

Desde que nos encontramos nesta manhã, depois de cada um ir para seu quarto quase amanhecendo, olhamo-nos e deixamos claro o quanto ainda a noite de ontem, ou melhor, a madrugada estava viva. Seu olhar me fazia relembrar como foi bom trepar sobre o balcão da cozinha. Foi decadente, imoral e ainda faz meu pau doer desejando-a como um louco.

Essa mistura angelical e de indecência de Marcêlly me atraía de uma forma que ninguém poderia fazer ideia. Foi tão diferente do que já tive com qualquer outra mulher, inclusive com Alícia. Foi desesperador e consumidor. Achei que nunca mais poderia me sentir vivo como me senti com ela. Talvez eu estivesse realmente precisando de ter uma mulher, foder, gozar e só.

Meu pau inflou, enchendo de sangue ao escutar sua voz mais baixa, convidativa, conversando com meus filhos. Meus olhos miravam suas curvas e as coxas branquinhas de fora. A diabinha, era o misto de tentação de anjo com o inferno, conseguindo envolver cada um de um jeito diferente. Assim como eu, desde aquele dia no estúdio enquanto dançava.

Arfei, mantendo meu olhar na direção dos três.

Depois da tempestade, que foi parar somente pela manhã, deixando toda a areia molhada, Marcêlly não levou os meninos para brincar nela e teve a infeliz ideia de fazer uma guerra de balões com água entre eles. Agora estavam os três ensopados e eu não conseguia parar de olhar, não tirando meus olhos dela. Desejando que a noite chegasse logo para eu tê-la de novo nua, sob minhas mãos e eu fodendo-a de todas as formas possíveis. Me lembrei... de como seus seios quase couberam todos dentro da minha boca. Eles estavam excitados e fiz questão de marcá-los, assim como ainda quero fazer com seu corpo todo.

Mas que porra...

Tinha que parar de pensar nela e no sexo. Estava com um baita tesão do caralho, o que não me ajudava nenhum pouco. Ainda mais, depois que trepamos sobre o balcão, não nos tocamos, comemos algo. Ela arrumou a bagunça com a pasta de amendoim e fomos dormir em quartos e camas separadas. Marcêlly voltou para o lado dos meus filhos e eu fui para o meu.

Não chegamos nem a conversar como seria a partir de hoje. Mesmo que já tivesse dito para ela que a queria até o fim do verão, ainda precisávamos conversar e nos acertarmos.

Teríamos que resolver como ficaríamos. Se ela estava pretendendo contar para a irmã.

Não que quisesse que fosse um segredo, só não me sentia à vontade em deixar Mackenzie a par do que eu e sua irmã estávamos tendo. Ainda não me sentia à vontade de que ficassem sabendo que estava saindo do meu luto para tentar recomeçar. Acho que era pelo fato dela ter ficado com Alicia até o fim. Ainda era um assunto delicado, que não queria lidar nesse momento. Não sei se estava pronto para deixar o luto para trás.

Porém não dependia só de mim manter as coisas escondidas.

Dei alguns passos para frente como se tivesse indo na direção do deque para fumar e parei ao seu lado quando vi que estava enrolando James e Ralf na toalha para entrarem.

A peguei de surpresa. Seus lindos olhos se arregalaram e ela entreabriu aqueles lábios, gostosos para caralho, quando parei rente ao seu ombro.

— Quando for tomar banho, deixe a porta destrancada — cochichei.

Marcêlly assentiu e virou rosto na direção dos meninos.

Que vontade louca que me deu de beijá-la aqui mesmo, mandando todos se foderem, mas me segurei. Ainda me sentia ao mesmo tempo preso nesse tesão absurdo, mas também culpado por violar meu luto.

Por mais decido que estava em ficar com Marcêlly até o final do verão, não poderia negar que no fundo eu estava dividido entre essa atração

absurda por ela pelo fato de não deixar a memória de Alicia morrer dentro de mim. Era como se essa violação me acusasse até quando eu a mandava se foder e agia por impulso, como ontem, como naquela noite e como terminar tudo antes para voltar.

— Preciso falar com você — concluí, mas percebi que ainda mantinha o rosto virado na direção oposta do meu.

— Tudo bem! — ela me respondeu de maneira fria e não entendi o porquê se distanciou de mim em minutos.

Ainda a pouco, seu olhar era travesso e seu sorriso era safado, me lembrando de que eu estive dentro dela horas atrás.

Por que isso agora?

— Aconteceu algo? — perguntei ao observar a forma cética com que estava me tratando. Nem me olhar nos olhos mais ela estava olhando.

— Não! Só vou levá-los para o banho.

— Daqui a pouco eu vou lá. — Abri e fechei minha mão no ar. Quase que a segurei, mas não poderia aparentar desespero, mas fiquei, quando ela assentiu de novo emudecendo e saindo de perto, segurando a mão de Ralf enquanto James foi correndo na sua frente.

Ao invés de voltar na direção da casa fiz conforme estava pensando e fui até o fim do deque, dando os minutos para o cigarro queimar e ela dar os banhos nos meus filhos.

Esperei e retornei para a casa e antes de subir encontrei com Mackenzie vindo na minha direção com o telefone em mãos.

— Senhor, é seu irmão ao telefone.

— Ah sim... — Estava com minha cabeça no segundo andar da casa e o telefone de quem quer que fosse só me faria atrasar, porém os meninos ainda não tinham descidos e era sinal de que ela não havia entrado no banho. — Obrigado — agradei e peguei o telefone da sua mão.

Ao invés de ir para o escritório fui na direção das escadas.

— Alô.

— *O que aconteceu, Raffaello, para você ter ido embora e nem me avisar?* — Era Marco e foi escutar sua voz para me lembrar que havia dito a ele que iria jantar na sua casa ontem.

Acabei me esquecendo, meu desespero para voltar e ficar com Marcêlly foi imenso que sequer pensei no maldito jantar.

— Me esqueci, Marco. Peça desculpas a Leah. Acabei voltando para Rockport ontem mesmo. — Me desculpei e esperei que não me questionasse por ter vindo embora sendo que ficaria até hoje à noite.

— *Estranho isso. Giovani me disse que pediu para adiantar a reunião para ir embora logo. O que está acontecendo. O que há de tão importante para ter voltado rápido? É a ninfeta?* — Ele riu debochadamente.

Era nessas horas que me arrependia de ter me aberto com ele. Por sempre termos essa relação aberta de irmãos eles achavam que poderia falar como queriam, não que isso fosse ruim, mas nomear Marcêlly como ninfeta, me soava tão pejorativo que me incomodava.

— Vá se foder, Marco. Já lhe pedi para não chamá-la assim.

— *Tá mordidinho é?* — Ele gargalhou. — *Está explicado porque voltou. Pelo menos me fala que já pegou ela?*

— Marco, por que ligou? — Evitei responder sua pergunta. Ele já estava me tirando do sério com seu jeito debochado de levar o sexo numa boa. Depois daquele maldito vídeo dele e de Leah, ele não escondeu mais ser um compulsivo sexual. Toda a família sabia que os dois são perfeitamente um feito para o outro. E isso o tornou um monstro ainda maior quando o assunto envolve foder e orgia.

— *Liguei porque me preocupo com você, só isso.*

— Eu estou bem.

— *Na verdade, estou mais curioso para saber se já pegou a bailarina de jeito.*

— Vá se foder. Os meninos estão bem e quando for na semana que vem eu vou jantar aí. Avise a Leah. Agora preciso desligar. — Me apressei quando escutei Marcélly abrindo a porta do quarto dos meninos e vindo na direção das escadas, para trazer eles para almoçar.

Funcionava assim: Se ficavam na praia ou se sujavam até a hora do almoço, ela os ajudava no banho, descia e enquanto Mackenzie almoçava com os meninos ela tomava seu banho.

Ela veio e nos encontramos. Dessa vez ela me encarou e ficou impassível.

— Pode deixar que levo eles. — Esperei que terminasse de descer as escadas e peguei Ralf do colo dela. — Daqui a pouco eu subo — falei mais baixo por último.

Ela assentiu e subiu sem falar nada.

— Mackenzie, preciso fazer umas ligações e estarei no meu quarto — informei assim que acompanhei os meninos até a cozinha.

Mackenzie já estava preparando a mesa quando os deixei com ela.

— O senhor não vai almoçar? — Estava de saída quando me perguntou.

— Daqui a pouco. Preciso resolver algumas coisas mais urgentes antes. — Ou seja, lidar e decidir como seria com sua irmã.

Sorrindo dei as costas e subi indo diretamente até o quarto, onde Marcêlly usava.

A porta estava destrancada, assim como pedi. Ao entrar vi que a porta do banheiro estava entreaberta e o vapor emergia dela. Me aproximei após trancar o quarto com a chave. Não poderia correr o risco da sua irmã, por algum motivo que seja, subir e nos flagrar antes de deixarmos as coisas bem definidas entre nós.

Fui até a fresta e fiquei observando a silhueta curvilínea se alongar e se ensaboar.

A filha da mãe, era linda por inteira. Seu corpo descia em curvas perfeitas. A bunda era arrebitada, redonda e linda. Marcêlly lavava os cabelos e os enxaguava em seguida, deslizando não só seus dedos entre os fios, mas suas mãos deslizavam por sua pele, retirando o restante do sabonete e da sua espuma.

A cena em si era sexy e meu pau se animou, ficando ereto, mas não poderia fodê-la ali. Não com meus filhos acordados e sua irmã bem abaixo de nós.

Lidando com a tensão que emergiu voltei para o centro do quarto e sentei na cama, ficando com as pernas abertas e meus cotovelos apoiados sobre os joelhos. Segurei minha cabeça até vê-la saindo do banheiro, enrolada com uma toalha presa no seu corpo e outra nos seus cabelos.

— Não temos muito tempo e precisamos conversar. — Fui direto sem ser cético, porém não me controlei quando ela passou perto e eu a puxei, trazendo seu corpo para o meio das minhas pernas.

Marcêlly virou e ainda calada deixou suas mãos caírem em meus ombros.

Olhei para cima enquanto minhas mãos travavam em sua cintura.

— Está tudo bem? — Que dúvida eu estava.

— Está sim... só... — Marcêlly parou e não disse mais nada além de que estava tudo bem, porém algo estava acontecendo sim.

— Precisamos conversar melhor...

— Tudo bem, Rafaello. Eu entendo.

— Entende o que? — Não entendi seu comentário e pelo seu tom provavelmente seria algo que só ela estava pensando.

Ainda sem entender a puxei mais, deixando minha boca na altura da sua barriga. Desci minhas mãos até suas coxas e a apertei. Fechei meus olhos, sentindo o cheiro do seu sabonete e fui subindo não só as mãos, mas a toalha. À medida que levava para cima, eu ia vendo parte do seu corpo. Sua boceta lisa...

— Porra... assim eu não vou conseguir falar com você. Não você cheirando tão bem assim e essa boceta que sei o quanto é bom estar dentro dela — disse rouco de desejo, sentindo meu pau responder assim como meu corpo exigia.

Marcêlly não disse nada, mas mordeu o lábio inferior quando passei, raspando somente, o dedo por cima do fino risco da sua boceta.

Linda...

Seus olhos se fecharam quando apertei o local e a quis de novo como um louco quando tombou a cabeça para trás e se segurou ainda mais firme em meus ombros enquanto eu deixava o indicador entrar entre os lábios e encontrar seu clitóris já molhado.

Ela arfou e voltou a me olhar. E lá estava aquele brilho que havia fugido um pouco antes.

— Quero te foder — disse no mesmo momento que não me controlei e enfiei-o dentro da sua boceta quente.

Que caralho de mulher quente e molhada. Ela já estava preparada e isso não só complicava as coisas como ferrava de novo com meu autocontrole.

A conversa esperaria eu precisava dela na minha boca.

— Coloque uma das pernas na cama — ordenei e a ajudei. Me ajoelhei aos seus pés, ficando no espaço entre seu corpo e a cama. — Tira a toalha...

Marcêlly me obedeceu e com uma das mãos abri sua perna me acomodando melhor, com o rosto próximo a sua boceta. Minha outra mão foi na sua bunda. Olhei de novo para seu corpo e apertei o glúteo fofo e redondo quando minha língua riscou o vão invadindo e encontrando o botão duro e molhado.

Ela se segurou forte quando lambi de cima para baixo e pressionei com a ponta da língua o cordão, indo até a entrada da bocetinha lisa.

Então ela gemeu e se agarrou ainda mais em mim, mantendo seu equilíbrio e gemeu mais alto.

— Xiii... não faz barulho. — Apertei sua bunda, fincando meus dedos trazendo sua bunda com sua bocetinha deliciosa ainda mais para minha boca.

Marcêlly ferraria com meu autocontrole. Meu corpo precisava do seu e só parei de chupá-la quando senti seu corpo tremer e olhei para cima e a vi mordendo o lábio se contendo obedientemente ao gozar lindamente.

Muitas coisas na vida eu levaria como lembrança e essa certamente seria uma. Jamais me esqueceria do seu gosto e como era ainda mais linda gozando comigo aos seus pés com sua boceta dentro da minha boca.

Capítulo 30

*****Semanas depois*****

Rafaello

— Ah, Cêlly... — arfei seu nome após gozar. Me deixando cair esgotado sobre seu corpo todo agarrado ao meu.

Desde que conversamos achamos melhor não falar para ninguém. Mas todos os dias, depois que os meninos dormiam, eu ia para seu quarto e passava quase toda a noite por lá, a não ser quando tinha que ir para Nova Iorque, tirando um ou dois dias eu voltava e me entranhava na sua cama, no seu corpo e só saía de lá quase amanhecendo.

Inventamos uma desculpa. Se Mackenzie acreditou eu não fazia a menor ideia. Mas dissemos que Ralf estava tendo muitos pesadelos e por isso achava melhor e se Marcêlly pudesse ficar constantemente, que pagaria

o dobro por isso. O que foi a primeira discussão pior que tivemos. Por mais que havíamos combinado de dizer isso, ela se irritou e quase foi embora por se sentir comprada como uma prostituta. Mas deixei claro que não a via assim e até disse que poderia contar para a irmã se isso a fizesse ficar.

Não queria que ela se sentisse usada. Não estávamos juntos só por causa do sexo. Claro que foi por isso que ficamos pela primeira vez, mas sua companhia certamente me faria falta em Nova Iorque. Com ela as coisas se tornavam ainda mais simples e sem complicações.

Nas semanas em que ficamos juntos a maior parte do tempo do dia conversávamos e a noite deixávamos para o prazer. Passei a levar ela e os meninos para passear mais vezes. Era nessas horas que se abria um pouco mais.

Contava sobre sua vida. Como foi a infância. Sem tipos e manhas.

Marcêlly era uma força da natureza arrebatadora. Destemida, geniosa e não se segurava, era sincera e divertida. E eu estava completamente envolvido. Tanto que acabei confessando para Marco e depois para Giovani, quando estive aqui em um domingo. Os gêmeos já estavam com dois meses e Bella ficou encantada com ela e a forma carinhosa que lidava com as crianças. Claro que neste dia tentei não deixar tão evidente. Mackenzie estava cozinhando e Luke a ajudava. Mas minha cunhada não deixou de perceber o quanto estávamos envolvidos.

“— *Eu a levo embora e gasto todo o dinheiro de Giovani para ela ser a babá dos meus filhos* — Bella disse após me flagrar cochichando no ouvido de Cêlly —, *que dom ela tem com crianças.*”

Giovani também percebeu, mas foi mais sutil e me questionou quando fui a Nova Iorque.

Ele ficou preocupado quando mencionei Alícia e sobre ainda não querer nada sério. Conversamos e acabei confessando sobre ainda me sentir estranho, incomodado depois de transar com ela e ir para meu quarto.

Em nenhuma noite permiti que ela dormisse na minha cama. Era como se fosse trair a memória de Alí ter outra mulher na cama que foi dela. Até porque estava sendo por um tempo. Daqui uns dias eu iria embora, talvez voltasse no dia de Ação de Graças, mas não tinha planos, além dos quais reformulei para ficar com ela.

Até porque ela estaria fazendo seus testes e vendo se conseguiria passar a segunda fase para estudar dança em Nova Iorque. Mas isso não significava que ficaríamos juntos. Era cada um seguindo o curso da sua vida antes da atração.

Ela era nova e tinha toda uma vida pela frente, eu já havia passado as etapas e queria coisas diferentes, como viajar e não me envolver em um relacionamento sério. Já havia experimentando o amor e não pretendia amar novamente, ao contrário dela, que tinha a metade da minha idade, que por mais que me dissesse que jamais iria amar alguém, no fundo eu sabia que ela esperava que um dia isso acontecesse.

Por tudo que me disse... do sofrimento pela perda da mãe e pelo sumiço do pai, que aparece de tempos em tempos, criando mais frustrações nas duas. Esse sim era um *filho da puta* completo. E pelo que tentei tirar de informações sobre ele é que tinha dívidas de jogos em pelo menos 5 estados. Mas que do nada, como em um passe de mágica todas elas haviam sido quitadas. O que me deixou por dias pensativo tentando entender por que um pai deixa as filhas passarem por necessidades e ainda tinha coragem de vir atrás delas e pegar o pouco que tinham.

Depois de se abrir, Marcêlly se mostrou ainda mais uma mulher interessante, inteligente e com uma gana pela vida. Tinha seus sonhos e não deixaria que ninguém a impedisse. Nem o idiota do ex namorado. Ela me contou que há tempos já não gostava mais dele, a princípio duvidei e fui ter a certeza no dia que ele apareceu na porta da minha casa querendo conversar com ela. Quase arrumei outra briga com ele e para tirar toda frustração, por vê-lo de novo e cheio de vida implorar por ela, a fodi contra a porta assim que saiu. Sei que não fui decente e ela não merecia, mas algo dentro de mim, como posse tomou o lugar da minha razão.

Foi quando ela, pela primeira vez, quis saber mais e me perguntou quem era eu... quem era Rafaello Valentino.

E como desconfiava, ela já sabia algumas coisas, mas ainda não tinha certeza. Marcêlly havia pesquisado minha vida e descoberto que minha família estava ligada à máfia italiana, mas isso era tão pouco perto do que realmente era a verdade. Acabei me sentindo à vontade para contar e mostrar que eu confiava nela. Contei que meu irmão era o chefe e pelos quais problemas estávamos passando. Falei o que fazia. Mas foi só... não voltamos mais a falar nada e isso também não a deslumbrou ou lhe colocou medo. Simplesmente, assim como eu, ela viu que não me sentia à vontade para falar de Alicia e sobre os assuntos da minha família e, ela sobre os seus, inclusive sobre a incógnita que era Mitchel Shunter. Por isso não tocávamos no assunto, apenas vivíamos como se estivéssemos dentro da nossa bolha.

Beijei sua boca, mordiscando seus lábios, com meu pau ainda dentro da sua boceta quente.

— Você poderia dormir aqui hoje comigo. — Ela segurou meu rosto entre suas mãos enquanto erguia a meio corpo, sustentando meu peso com

os braços para olhar em seu rosto. — Mackenzie não vem aos domingos — concluiu com sua voz dengosa.

Por mais que esse seu pedido me deixasse flutuando naquela linha tênue da indecisão, culpa e receio, não conseguiria negar seu pedido. Ainda mais que esse seria o último domingo que estaríamos juntos.

As férias de verão estavam mais que no fim. Acabei estendendo sem que ela soubesse só para ficar um pouco mais. Mas ela não precisava saber que eu estava adiando a partida porque mesmo com todos problemas internos que tinha, ter passado semanas na sua companhia me fez experimentar um longo momento de paz, sem mencionar que meus filhos eram ainda mais vidrados nela.

— O que você quiser... — Saí de dentro do seu corpo e me levantei em seguida. Fui até o banheiro retirar o preservativo cheio. — Mas antes poderia vir tomar um banho comigo... — disse um pouco mais alto, convidando-a enquanto ligava a torneira do chuveiro.

Estava calor, ainda mais depois de passar boa parte da noite no meio das pernas dela.

Logo ela apareceu descabelada e tentadoramente nua, com as marcas de mordidas ao redor da auréola rosada. Mordi mesmo. Éramos assim, cada vez mais fervorosos, ao mesmo tempo que beijávamos, nos mordíamos.

Ela entrou sobre a fumaça de vapor que começava a invadir o pequeno espaço, se juntando a mim. Fodemos de novo e depois ainda antes de dormir. E assim como me pediu, pela primeira vez depois de muitos anos adormeci envolvido por um corpo feminino, com suas pernas jogadas sobre as minhas e sua cabeça em meu peito.

Fechei os olhos e pedi perdão em silêncio para *Alicia*, não por permitir outra mulher adormecer em meus braços, mas por gostar da sensação de novamente poder acordar com alguém.



Acabei deixando-o na cama e descendo. Precisava ficar um pouco sozinha. Há semanas, desde que me pediu para ficar constantemente aqui que não sei o que é ir para casa. Não que isso fosse ruim. Claro que não, mas à medida que os dias estavam passando só indicava que ele iria embora e cada vez que pensava sobre isso meu coração se apertava. Acabei me apegando a sua presença, além de um completo amante, Raf havia se tornado um grande amigo. Foi assim que coloquei na minha cabeça, que desfrutávamos do sexo bom, da atração poderosa que sentíamos e que ele era uma pessoa que se tornou um grande amigo meu. Me sentia segura e que tinha alguém que gostava da minha companhia. Sem contar que a cada dia que passava eu me afeiçoava ainda mais em James e Ralf. Eu tinha eles e eles a mim. Sentiria muitas saudades quando se fossem. Se Raf me permitisse eu iria vê-los quando me mudasse para Nova Iorque.

Guardei todo o dinheiro que ganhei trabalhando aqui, fora mais um pouco que fui poupando ao longo dos anos, principalmente depois que Mack se casou com Luke. Eles não me deixaram ajudar com mais nada e com isso o dinheiro que tinha daria para me manter tranquilamente sem trabalhar por uns seis meses em Nova Iorque. Isso se eu conseguisse passar na seleção de qualquer uma das universidades que escolhi. Claro que a Julliard estava fora de cogitação. Já havia desistido de tentar, mas ainda assim existiam outras universidades de dança que poderia tentar. Algumas

já até mandaram a data me informando dia e hora da seleção, que se daria depois que ele se fosse.

Ainda não tinha contado para ele que quando voltasse aqui eu não estaria mais. Não achei necessário. Era só até o fim do verão mesmo e o que devíamos saber um da vida do outro já sabíamos. Ele, assim como eu havia lido, era um mafioso e a história de que comprou essa casa para dar os últimos dias de paz para a esposa era verdade, só que não quis vendê-la depois que morreu. Tentamos conversar sobre aquela noite, mas vi o quanto ele não se sentia à vontade, então deixei o assunto morrer.

— Pede para eu dormir com você, mas me deixa lá sozinho. — Estava sentada na cadeira da cozinha, abraçada a uma perna enquanto tomava um copo de leite e assim que ouvi sua voz olhei para o alto e o vi. Rafaello ficou logo atrás de mim e tão natural tombei a cabeça pra trás esperando que me beijasse. — Achei que iria acordar e ver você do meu lado, mas não... estava sozinho e gelado. — O encarei e não me controlei ao gargalhar, vendo que estava falando sério e como estava frustrado.

— Sério? Mas não faz muito tempo que o deixei. Deixa de drama, Sr. Valentino... — brinquei. Sabia que ele não gostava que eu o chamasse de senhor como se fosse um fetiche.

Rafaello encurvou-se e ignorando minha brincadeira selou meus lábios antes de mordê-los.

— Filho da mãe... — Sorri, sentindo a físgada de dor após seus dentes cravarem na minha boca.

— Isso é para não me chamar assim, garota. — Ele me provocou e segurei seu rosto com as minhas mãos não permitindo que se afastasse enquanto não me beijasse lento e sedutor como eu gostava.

Não gostava só da forma como me beijava, mas nele como um todo, desde como me fazia gozar apenas na sua boca ou de como me fodia quando se sentia possessivo e meu dono. Éramos bons juntos e era isso que fazia esses momentos serem leves e sem cobranças, até porque eu aceitei que fosse assim, naquele dia, quando me esperou sair do banho e me propôs conforme seria, eu disse sim, então não poderia reclamar, minha única objeção foi como me senti, quando disse a Mackenzie que pagava o que fosse para eu ficar. Me senti como uma prostituta, sendo negociada como mercadoria, mas depois conversamos e nos ajeitamos.

O beije e ainda o mantive curvado sobre mim quando seu telefone começou a tocar seguidas vezes.

— Preciso atender... — Por fim, depois da insistência ele selou meus lábios e sorriu ao se afastar. — Não me demoro.

Mas demorou e quando voltou sua fisionomia não era das mais tranquilas.

— Aconteceu algo? — perguntei, vendo-o passar por mim e ir direto para a frente da vidraça com o cigarro aceso entre os dedos.

— Preciso que arrume os meninos, estarei indo embora hoje para Nova Iorque. Minha família precisa de mim — me respondeu, frio e distante, completamente diferente do Rafaello que selou meus lábios ainda a pouco.

Capítulo 31

Rafaello

Éramos assim: A família sempre protegendo a família.

Nosso lema e nossa obrigação.

Há duas semanas, quando recebi a ligação de Bella aos prantos no telefone, eu sabia que tinha acontecido algo de muito grande antes mesmo dela começar a falar, o que significava que precisavam de mim. Só não esperava que fosse a prisão de Giovanni. Pensei até que fosse algo de trágico. Mas não... naquele instante o dever e minha família me chamava.

Meu irmão foi condenado à reclusão em uma das penitenciárias do estado da Filadélfia por 18 meses. Ele foi acusado pelo crime de lavagem de dinheiro, sem terem uma prova conclusa. O juiz do caso chegou à conclusão de que haviam provas de um dinheiro não declarado através dos Donttino, mas não tinha a prova que autenticava a veracidade daquelas entradas não declaradas ao governo por nós e por eles. As únicas provas quem as tinha era eu e ninguém de fora sabia, a não ser meus irmãos, Bella e Alícia. Mais ninguém tinha ideia de que tenho tudo documentado.

Podem até fazerem suposições, mas não podem afirmar.

Nosso lema sempre foi nos proteger a qualquer custo e minha temporada de férias teve o fim no exato momento em que um deles precisou de mim.

Foi preciso e necessário voltar naquela cozinha, já trancando dentro do meu mundo, voltando a ser quem eu era: o braço direito de Giovani. Ela só tinha que saber que chegou ao fim. Meu irmão, minha família precisavam que eu estivesse lá para eles.

Quando precisei foram eles que me apoiaram, era minha vez de retribuir, mesmo que algo dentro de mim dizia para ficar com ela por mais os dias que tínhamos pela frente, até terminar a semana. Mas me neguei a ouvir essa voz. Acabei usando a da minha razão e agora estava aqui, sentado na cadeira de meu irmão, assumindo o trono dos Valentino enquanto ele sobrevivia preso, tentando reger o império da nossa família de longe. Giovani era um homem forte e esperto, com certeza conseguiria lidar muito bem nesses longos meses deixando, eu, Marco e Luca para fazer o nosso melhor pela família.

Desta vez, por ordem dele, afastamos Bella e ela entendeu que em tempos como esse ela precisaria ser a leoa que era para cuidar dos filhos. Eu assumi a cadeira como Capo até seu retorno. Luca e Marco deixaram seus postos e se tornaram o braço direito.

Uma guerra foi decretada e não poderíamos mostrar fraqueza. Porém, ainda me lembro dos seus olhos ao me despedir dela quando os carros chegaram com os seguranças para buscar eu e os meninos. Com Giovani preso, minha cabeça valia tanto quanto a dele e assim que os federais o levaram, Russel e Marco foram me buscar pessoalmente. Todo cuidado agora era pouco. Não que eu quisesse estar sentado no lugar do

meu irmão. Nunca quis e muito menos tive a pretensão de carregar esse fardo, por isso, assim como me pediu, quando conseguimos falar com ele, que fizesse o que ele não fez antes e que cuidasse da sua família.

Prometi a ele que faria tudo que estivesse ao meu alcance. E eu me sentia exausto. Foram duas semanas intermináveis de trabalho, restabelecendo o caos. Russel com sua tropa estava cuidando das ruas do Brooklyn. Visitei membros e passei a trabalhar incontáveis horas por dia trancado no escritório. Robert e sua equipe estavam em busca de alguma medida que pudesse reverter todo esse processo, mas o principal era arquitetar como acabaríamos com a família de Ricco Donttino.

A prisão de Giovani foi o estopim para decretarmos novamente guerra contra a *Cosa Nostra*.

— Seu café, senhor. — Andrea entrou na sala trazendo a xícara em uma pequena bandeja e colocou-a ao lado da minha mão direita.

— Obrigado! — agradei e me joguei para trás, deixando minhas costas se acomodarem no couro da cadeira.

Estava cansado e nem era fim de tarde.

Há dias vinha nesse ritmo constante, mal vendo meus filhos, trabalhando dobrado, fumando e bebendo mais do que deveria.

— Sua terapeuta ligou perguntando se vai desmarcar a sessão novamente? — antes de sair me informou e apenas assenti. Confirmando para desmarcar mais uma vez.

Infelizmente eu não estava em um bom momento para frequentar as sessões. Mesmo que elas me deixassem menos agitado.

Comecei a fazer terapia para me ajudar no processo de luto, mas não precisava delas para dizer como deveria ter assumido as responsabilidades da família. Porém, nem elas nem nada seria capaz de me trazer tranquilidade e paz como tive nas semanas ao lado de Marcêlly. Ela fez meus dias se tornarem agradáveis e felizes. Foram os tais momentos que estava buscando depois da morte de Alícia e foi ela quem me deu.

Eu ainda continuava pensando muito nela. Sentia sua falta, mas foi necessário ser assim. Não que eu não tivesse vontade de ir vê-la, mas foi a falta de tempo e tantas coisas acontecendo ao mesmo tempo que me faziam ter foco apenas em resolver os problemas, querendo ou não, bom ou ruim, a danada era a melhor distração da qual eu não poderia me dar o luxo agora.

Quando nos despedimos na porta da sala não falei o real motivo para estar indo embora, ela também não perguntou. A beijei e brinquei com aquele lábio inferior farto, que tornava sua boca ainda mais convidativa e só. Disse que poderia usar a casa quando quisesse na minha ausência. Ela apenas assentiu e sorriu ao ser a última a me beijar lentamente como se fosse um longo adeus. Tive que deixá-la para trás e não fui atrás de notícias suas por todos esses dias e indiretamente, não era algo que estava me fazendo bem.

O que ela estaria fazendo? Nunca uma pergunta me incomodou tanto.

Eu deveria ter pelo menos ligado...

Por duas semanas sumi e não mandei mensagem e nem liguei, mas não foi por mostrar para ela que era cada um vivendo sua vida, mas sim porque eu não tive tempo e toda minha energia estava e tinha que ser para resolver os problemas da família. Até porque eu não queria só ligar dizer oi e depois tchau, queria saber como estava, escutar sua risada e suas respostas

exatas. Não foi somente uma noite, dois dias ou mais, nós compartilhamos diversos momentos felizes, sem contar que boa parte da noite nós também estávamos juntos, dividindo essa atração que ainda sinto por ela.

O fato de voltar e continuar com a minha vida não significava que eu não iria mais querer saber mais dela. Foram semanas e não uma foda qualquer de uma noite.

Teve um significado.

Marcêlly significou para mim... De um jeito, que talvez não fosse o que esperava, mas queria seu bem pelo afeto que acabei tendo por ela.

Mexi a cabeça, tentando retorcê-la e ajudar a aliviar a tensão que estava sentindo entre o pescoço e os ombros. Vi no relógio sobre a mesa que ainda era três horas da tarde e terminei de tomar o café, pensando nela, me lembrando de como sua presença faziam aqueles momentos serem bons. Sua maturidade, seu jeito tihoso e teimoso e, de como era completamente entregue quando fazíamos sexo me fizeram sentir falta, ainda mais agora, quando as coisas começavam a quererem se acalmar.

Talvez deva ser agora, mas se ela...

Não pensei, agi e peguei o celular, que estava ao meu alcance em cima da mesa e comecei a digitar uma mensagem na caixa de texto, mas desisti ao estar prestes a enviar. Resolvi ligar, trocando a tela do alfabeto pelo teclado numérico.

Foi rápido. Não demorou muito...

— *Alô...* — Fechei os olhos me sentindo aliviado. Escutei sua voz e meu corpo respondeu instantaneamente, aquecendo-se com o tom doce e suave do seu timbre.

— Oi...

— *Raf*? — Marcêlly perguntou surpresa.

Mas é claro que ela não deveria saber que era eu. Quando Giovani foi preso, trocamos todos os celulares depois que Russel sugeriu, para o caso de estarmos com escutas em nossas linhas e aparelhos. Então ela não tinha como saber que era eu quem estava ligando para ela.

— Sim, sou eu, Cêlly. Como está? — A linha ficou em silêncio e até achei que teria desligado.

Sumi por duas semanas depois de ter passado várias com ela. Na última vez que isso aconteceu, ela não lidou bem.

— Marcêlly? — chamei-a pelo nome ao invés do apelido que os mais íntimos a chamavam.

— *Oi...* — ela respondeu, mas emudeceu novamente.

Será que estava podendo falar ou será que estava com raiva por eu ter sumido?

Mas ela estava ciente de que eu iria embora e poderia nunca mais ligar. Tínhamos conversado.

Engoli em seco ainda esperando que dissesse algo mais, que me desse a entender se estava chateada ou não. Um longo arrepio e frio passou pela minha espinha dorsal.

Será que ela estava com alguém e acabei ligando em um horário ruim? Será que ela e Tyler voltaram?

Havia barulho ao fundo e isso me fez sentir uma sensação ruim, devorando meus pensamentos de que ela só pudesse estar triste comigo.

— Está podendo falar? Se não puder, eu ligo outra hora — disse temeroso, tentando saber como estava. Se havia sido uma boa ideia ter ligado mesmo.

— *Sim! Posso sim.* — Me senti aliviado, mas a música logo atrás não estava ajudando muito.

Onde estaria?

Fiquei atento, tentando escutar mais o que acontecia ao fundo entre vozes e o som.

— Se estiver ocupada, posso ligar depois. Sem problemas. Está calada demais — concluí.

— *Não... não. É que só estou surpresa que tenha me ligado. Não reconheci o número.*

— Mudei quando voltei e me desculpa, deveria ter mandado uma mensagem com o número novo.

— *Não se incomode. Você disse que quando fosse embora não ligaria e que isso não deveria ser motivo para discussão. Eu entendi.* — É... eu tinha avisado, mas não queria que pensasse que eu vim embora e que a usei pelo verão todo. Não gostaria que tivesse essa impressão.

— Não liguei antes porque tive muitos problemas para resolver.

— *É... eu li na internet que seu irmão foi preso. Imaginei que estaria lidando com isso.*

— Não faz ideia do quanto as coisas estão reviradas. Mas e você? Liguei para saber como está?

— *Estou bem. Com saudades dos meninos. Como eles estão?*

— Estão bem. Mas é só deles que está com saudades? — Ela demorou para responder.

— *Por que quer saber? Era só pelo verão. Não tem do que sentir saudades se sabia que teria um fim.*

— Cêlly... — a repreendi.

Por mais que ela dissesse não, senti que havia ficado ressentida de novo com meu sumiço.

— Já conversamos e você sabe que... — Ela me interrompeu e fiquei apreensivo com o que mealaria. Eu não queria que se sentisse desapontada comigo, por mais que no início eu tenha deixado bem claro como seria.

— *Tudo bem, Sr. Valentino.* — Pude sentir como estava. Foi como se ela estivesse na minha frente e eu visse sua tentativa de sorrir ao me chamar de senhor, evitando deixar seus reais sentimentos transparecerem.

— Ah... garota. — Mesmo que baixo e a música ao fundo estando alta pude escutar sua risada.

— *Acho que não sou mais uma garotinha...*

— Não... não é mesmo! — respondi calmo, sentindo aquela vibração deliciosa da sua gargalhada me acalmar. — Mas e aí, como está Rockport? Sol ou chuva?

— *Não sei. Não estou mais lá.* — Como assim?

Foi como um estalo e a lembrança surgiu. Ela havia dito que faria provas para escola de dança após as férias de verão.

— E onde está? — perguntei, me sentindo ansioso pela resposta que imaginava qual seria.

— *Nova Iorque.*



Pedi que Andrea que cancelasse qualquer reunião ou o compromisso que tivesse pelo restante da tarde.

Quando Cêlly me disse que estava aqui em Nova Iorque não consegui me segurar e aquela vontade de vê-la foi maior, porém ela não me disse onde estava e onde estaria mais tarde. Também não perguntei, evitando demonstrar que havia ficado feliz, ansioso e com a expectativa de poder vê-la. E assim que desliguei a ligação com ela liguei para sua irmã, com uma desculpa barata de perguntar algumas coisas sobre a casa e por fim, despretensiosamente dela. Usei meus filhos como desculpa para tentar saber algo mais, como se eles estivessem perguntando e com saudades, fazendo com que ela não desconfiasse que era eu quem estava desesperado para saber o paradeiro exato de Cêlly aqui em Nova Iorque.

E deu certo...

Mackenzie disse que ela estava em Nova Iorque, mas só. O que não me ajudava muito, mas agi e pensei rápido ao me mostrar surpreso, dizendo que seria ótimo se soubesse onde estava, para fazer uma surpresa para os meninos. Exagerei. E ela caiu direitinho me dizendo onde a irmã estaria e seus horários, criando um complô imaginário comigo. Quase ao fim da ligação continuei com a minha farsa e pedi que não avisasse Marcêlly que estaria indo levar os meninos. Seria eu a ir e não queria que soubesse.

Ela animada prometeu não falar nada.

Marcêlly estava fazendo os testes na *NYU Steinhardt* e ficaria por lá até às cinco horas. Sua irmã ainda continuou a me dar mais informações e então não escutei mais nada depois, quando mudou de assunto e passou a falar da casa. Não estava nem aí para o que falava, o que queria saber ela já tinha dito e desesperado para desligar o telefone me despedi e assim que desliguei reuni Fabrízio e mais um homem para me levar até a *Greene St.*

Estava a apenas algumas poucas milhas dela...

Capítulo 32

Marcêlly

Desliguei da ligação com Rafaello a tempo de me apresentar para os avaliadores. Escutar sua voz me deixou em êxtase e me senti confiante, muito melhor do que nas duas últimas semanas, que foram tediosas e dolorosas.

Eu sei que ele me disse que quando fosse embora não teria ligações e muito menos a possibilidade do que tínhamos ser algo a mais, mas me doeu e por isso me surpreendi quando atendi o telefone e escutei sua voz. Não esperava. Foi como se escutá-lo me desse ânimo, uma vontade louca de vê-lo, de gritar... Foi como se eu estivesse com a bateria acabando e falar com ele me recarregou por completa.

— Marcêlly Shunter! — chamaram meu nome alto e me concentrando, com ele inundando meus pensamentos, joguei meu celular sobre minha mochila e fui para o centro do tablado, bem à frente de uma mesa com 4 avaliadores.

Sorri e me posicionei, esperando a música que havia escolhido começar a tocar.

Respirei fundo quando a batida depressiva de *Tether Me* de *Galleuax* começou a tocar... Passei tanto tempo treinando com outra melodia, que quando escutei essa tudo me fez tanto sentido. Foi em Rafaello que pensei... Eu só queria que ele me puxasse para fora do meu corpo. Não queria mais ficar amarrada aos meus membros. Havia perdido o controle da minha mente e principalmente do meu coração. Era ele que tinha que me amarrar de volta e me tirar desse espaço do qual não me encontrava mais.

Eu precisava dele e de olhos fechados com a respiração pesada fui me movendo, me envolvendo e quando as últimas notas de piano na música bateram, ecoando pela sala eu já não sabia o que tinha feito, se havia dado meu melhor, apenas tinha dançado completamente envolvida nas lembranças de tudo que Rafaello me deu, dos momentos que pela primeira vez na minha vida foram bons e felizes.

— Obrigada! — agradei e sorri para os avaliadores assim que terminei minha sequência.

— Uau... — Uma das outras mulheres, uma morena linda, mais alta que eu, que estava ali e tinha se apresentado antes de mim, veio ao meu lado enquanto eu me sentava próximo a minha bolsa e tirava minhas sapatilhas, desamarrando as fitas que envolviam minha panturrilha. — Garota aquilo foi lindo. — Olhei para o alto e ela estava apontando para onde estive dançando. — Foi perfeito...

— Obrigada! — respondi e peguei na sua mão que havia estendido.

— Charlote!

— Marcêlly!

Nos apresentamos e ela sentou ao meu lado e começamos a conversar sobre a escola. Assim como eu, ela estava fazendo testes na tentativa de conseguir a bolsa. Essa era a terceira vez que estava tentando. contei que aqui na NYU Steinhard era a segunda e que havia tentado nos outros anos a Julliard, mas que desta vez desisti e faria aqui e mais um teste em outra escola amanhã.

Ela me contou que não era de Nova Iorque e diferente de mim ela já estava aqui trabalhando e tentando entrar em alguma escola de dança enquanto isso.

Percebi que esse sonho não seria fácil e que estava disposta a enfrentar ele.

A vida nunca me ofereceu muitas coisas e se eu quisesse eu tinha que correr atrás. Rafaello só seriam boas lembranças de um homem que me tomou por completa, mas acabou. Agora eu precisava tirar o peso de ter mais uma vez sido escolhida e abandonada. Não que eu estivesse me vitimizando. Eu sabia que chegaria no fim do verão e ele iria embora, mas lá no fundo eu tive a esperança de que ele voltaria ao invés de só ligar. E quando não voltou, não ligou eu tive a certeza de que eu estava sozinha novamente.

Sempre foi assim...

Terminei de arrumar minhas coisas, vestindo uma roupa por cima do *collant* e da meia calça. Iria para o hostel, quem sabe a noite eu daria uma volta, conheceria um pouco mais de onde vai ser minha nova casa.

— Como é nova por aqui, se quiser sair à noite, vou com uns amigos que estudam na Julliard em um PUB ... — Charlotte que desde o

momento que nos conhecemos não saiu do meu lado me acompanhava para deixar o prédio.

As respostas saíam dali dois dias.

— Sim... obrigada, mas acho que vou descansar para amanhã — menti para ser educada. — Preciso pelo menos passar em uma delas. — Por mais educada que estivesse sendo eu precisava pensar nos meus objetivos ao invés de ir logo me enturmando e gastando o dinheiro que tinha em saídas no fim do dia.

— Com certeza vai passar aqui, sua apresentação foi incrível.

— Tomara... — Queria ter exatamente essa confiança. De que eu passaria e tudo mudaria em minha vida.

— Mas se quiser, já sabe. Tem meu telefone é só ligar.

— Obrigada, é que ... — Ia dispensar novamente o convite quando saí, mas não consegui falar mais nada, sentindo meu corpo travar com o êxtase que o invadiu ao vê-lo parado a um metro de distância de mim.

Rafaello estava encostado no SUV preto, com as mãos no bolso da calça de alfaiataria, olhando diretamente na minha direção.

Inacreditável.

Respirei fundo, sentindo meu corpo todo ser inundado por aquela sensação de euforia, que só sentia quando ele estava por perto.

— Oi, garota... — ele disse, desencostando do carro e vindo na minha direção.

Não consegui falar, reagir...

— É seu pai? — Charlotte me perguntou quando Rafaello parou na minha frente.

— Não! — Olhamos na direção dela e respondemos juntos.

Rafaello ainda fez uma careta e continuou negando com a cabeça.

Que mulher doida... Eu já tinha falado antes que estava sozinha aqui. Além de que, Rafaello como meu pai era algo inimaginável.

— O que faz aqui? — perguntei, mesmo sabendo sua resposta, mas eu queria ouvi-lo dizer que veio por minha causa. Era como se isso fizesse a diferença de tudo que me disse e contrariasse todo aquele sentimento que foi, ao vê-lo ir embora de Rockport.

— Vim te buscar. Queria fazer uma surpresa. — Ele me puxou e me abraçou, mas não me beijou, como fazia, quando estávamos sem ninguém por perto. Entretanto, pouco me importei, só de poder abraçá-lo, poder sentir seu perfume e saber que era ele mesmo já estava bom.

Quando foi embora eu sabia que seria um fim. Ele tinha sua vida e eu começaria a minha vindo para cá, mas jamais sequer cogitei a hipótese de que ele fosse vir até onde eu estava depois que me ligou.

Realmente ele tinha feito uma ótima surpresa.

— Não poderia deixar uma garota, não tão inocente por aí. — Me afastei e vi seu sorriso sarcástico e sedutor atravessar seu rosto.

— O SENHOR, sempre tão atencioso, Sr. Valentino. — Ele me puxou e me abraçou de novo.

— Você não sabe brincar. Sabia? Não me deixou terminar... — rebateu ao sussurrar próximo do meu ouvido. — Não posso deixar minha

garota andando por aí, sozinha em Nova Iorque. Senti sua falta — por fim confessou.

E eu? Quase morri de tantas saudades. Pensei e não disse.

Nos afastamos e por mais de um minuto ficamos em silêncio nos olhando e me senti presa, não querendo sair mais dali. Sei que a partir do momento que saíssemos os minutos rodariam e poderia ser muito ou pouco o tempo em que ficaríamos, por isso ficar ali parada, olhando para seu rosto, sentindo seu perfume me invadir era o que queria.

— Estava com saudades, mesmo você estando só dos meus filhos — manteve sua boca e sussurrou novamente com aquele tom pesado e sensual que fazia, quando estava prestes a exigir e fazer com que sua vontade e desejo fosse atendido.

— Por que? — Queria achar algo que fizesse mais sentido do que realmente o simples motivo por ter vindo. Eu não conseguia ainda acreditar que ele deixou sua torre e sua família para vir até onde eu estava.

— O que?

— Por que veio? E como sabia onde eu estava? — Ele riu baixo e o sopro da sua risada e a carícia da sua barba por fazer, raspando na minha pele, me excitou.

— Já disse, Marcêlly. Queria vê-la, estava com saudades. Você não estava? — rosnou entredentes quando me tocou e deixou seus lábios roçarem minha orelha. — Não faz esse barulhinho... Já estou fodidamente excitado só por abraçá-la e sentir seu cheiro. Se gemer baixinho assim não vou me controlar.

Ri. Era assim que estava me sentindo desde quando notei sua presença, ou melhor, desde quando nos falamos.

— Vamos sair daqui. — Assenti e olhei para trás buscando por Charlotte, mas não a vi. Deveria ter ido embora. Que vergonha, eu acabei me esquecendo dela.

Mas como não esquecer...

— O que foi? — Rafaello perguntou e se afastou.

— Charlotte! — Ele seguiu meu olhar a procura dela, tentando entender o que eu estava procurando.

— Ah... a doida? — Ri quando ele se lembrou e a chamou assim. — Acho que ela foi embora. Quem é ela?

— A conhecia há pouco — informei sem muitos detalhes.

— Vamos...

Rafaello se afastou mais, ficando ao meu lado com uma das mãos nas minhas costas enquanto apontava na direção do carro, que já estava com a porta traseira aberta, com um homem alto, de terno preto esperando próximo.

Entrei primeiro e ele sentou ao meu lado.

— Para onde vamos, senhor? — Na frente do carro havia dois homens, o que estava do lado de fora e entrou depois de nós. O outro estava ao lado do motorista e fez a pergunta, olhando através do retrovisor, me encarando.

— Para minha casa — Raf respondeu e sorriu daquele jeito de lado, como eu gostava —, meus filhos estão doidos para rever a babá.

— Ah! — arfei sem saber o que falar.

— Os meninos vão adorar a surpresa. — Ele completou e segurou minha mão e a colocou sobre sua coxa antes de apertá-la, espremendo-a contra seus dedos.

— Vou avisar a segurança que o senhor estará indo para casa — o outro homem, ao lado do motorista disse.

Raf não disse mais nada e continuou esmagando meus dedos em silêncio.

Rafaello

Que vontade absurda de a beijar que senti desde que a vi passando, distraidamente, pelas portas de vidro. Mas me segurei e agora estava diante da porta do quarto que mandei preparar para ela.

Foi o que fiz, assim que me disse que precisava ir tomar um banho antes no hostel em que estava e também porque Mackenzie ligaria lá para saber se ela estava bem.

Sempre as duas nessa dinâmica de uma cuidando da outra.

Então, meio ressabiado, depois de perguntar onde estava ficando e por quantos dias ficaria em Nova Iorque a levei e esperaria ela tomar banho, mas assim que chegamos na porta e vi o lugar ordenei que pegasse suas coisas, que ficaria na minha casa esses dias.

Não tinha sequer condições dela ficar naquele lugar. Era um hostel em maioria do sexo masculino.

Claro que ela se rebelou na porta e tivemos o primeiro embate. Marcêlly teimou e disse que ficaria ali e que não tinha condições algumas de ficar na minha casa. Não dei muitas opções e até ameacei ligar para sua irmã e contar o lugar em que ela dormiria nesses três dias que ainda ficaria em Nova Iorque. Por fim, contrariada ela cedeu e ficou quieta o trajeto inteiro até minha casa. Mas acabou relaxando quando meus filhos a viram e saíram correndo para abraçá-la.

Era nítido o carinho que eles tinham por ela e ela por eles.

Os três não se desgrudaram até o horário em que Pry apareceu para levá-los para dormir. E ela foi para o quarto onde pedi que arrumasse para ela.

— Os meninos dormiram — Pry me informou quando saiu de dentro do quarto dos meninos e me viu parado diante do que Marcêlly estava.

Por mais que não dissesse nada, seu olhar enviesado me reprovou e isso fez com que eu sentisse que estava fazendo algo de errado, me deixando ficar sem entender o porquê.

— Eles gostam muito dela. Não pararam de falar na Srta. Shunter — Pry complementou com um tom de desdém ao ficar parada à minha frente.

Desde que Alícia faleceu ela tem ficado constantemente com os meninos e tem sido uma grande amiga quando por vezes conversamos e acabei me abrindo sobre a falta que sentia e como estava preocupado com meus filhos por não terem mais a mãe por perto. Em todas as vezes Pry sempre se mostrou solícita a me ajudar. Ela havia deixado de ser só mais uma do quadro de empregados da minha casa. A tinha em alta estima. Era a forma de ser grato por ela estar me ajudando com meus filhos.

— Marcêlly ficou com eles o verão todo. É natural que gostem muito dela.

— É... parece que a Srta. Shunter é bem querida...

— Os meninos se deram muito bem com ela — respondi objetivo ainda tentando entender porque estava sendo invasiva a ponto de não ir embora logo.

Queria que ela saísse logo dali. E suas perguntas e afirmações já estavam começando a me irritar.

— Fico feliz, assim podemos ficar em paz quando estão em Rockport.

— Sim. — Me irritei ainda mais por vê-la insistir em ficar falando de Marcêlly e ainda por me fazer sentir que não sei o que era melhor para meus filhos.

— O senhor precisa de algo? Achei que estaria dormindo. Posso pegar? — ela continuou.

— Obrigado, Pry. Pode ir descansar. Os meninos estão bem.

Acredito que ela percebeu minha impaciência e assentindo se foi.

Esperei um pouco e quando percebi que ninguém mais andava pelo segundo andar da casa e muito menos perto dos quartos, inclusive no qual minha garota estava.

Entrei sem bater na porta...

Capítulo 33

Rafaello

Qual não foi a sensação de expectativa quando girei a maçaneta dourada e ela rodou na palma da minha mão?

Ela deixou destrancada, sabia que eu viria.

Safada...

Ela estava tomando banho. A escutei no banheiro assim que tranquei a porta do quarto. O barulho da água escorrendo só fez ainda mais minha boca secar e meu pau inflar imaginando cada gota de água deslizar pelo seu corpo lindo.

Gemi só de pensar como deveria estar...

Passaram duas semanas desde que estive entre suas deliciosas coxas firmes, sentindo sua bocetinha me engolir apertada. Estava com tantas saudades que pareciam ter se passado muito mais tempo do que apenas 14 dias. Não era exagero meu. Para quem todos os dias, por mais de um mês, a teve ali por todas noites saberia como estava me sentindo ansioso para tê-la.

Não só ansioso mais impaciente o impossível.

Caminhei tirando minha roupa e jogando-a pelo chão enquanto meus pensamentos, meu corpo e essa força atrativa me levavam até ela.

Não posso negar que os problemas me fizeram retrair e até achei que não teria mais essa compulsão por ela. Mas fiquei insano quando soube que estava bem debaixo do meu nariz, ao meu alcance, tão perto de mim.

Agora, após dias difíceis as coisas estavam mais calmas, ainda não resolvidas, mas nada que me exigisse por completo, não como foi quando Giovanni foi preso. Foi necessário e precisei me desligar e, ter o foco em apenas resolver e cuidar da minha família, assumindo a posição temporariamente do meu irmão. Tive que tomar atitudes que talvez tivessem quebrado essa ligação quente e deliciosa que tínhamos. Mas bastou eu escutar seu gemido, ao abraçá-la mais cedo, para saber que tudo estava intacto, presente e ali, como ficou quando a deixei em Rockport.

Ainda éramos a metade fodida de cada um que formava um todo quando se tratava dessa atração insana.

Já tivemos provas suficientes de que funcionávamos muito bem quando estávamos juntos do que separados. Éramos completamente conscientes do que queríamos um do outro.

Então entrei no banheiro e ela me viu e, sorriu após entreabrir os lábios carnudos, me convidando a movê-los. E mesmo que não me chamasse eu iria de qualquer jeito, esperei não só horas, mas lutei contra cada impulso que tive ao tê-la ao meu lado pela noite inteira. Foi doloroso não poder tocá-la. Meus filhos a monopolizaram e ela era toda deles, mas agora seria minha como desejei e esperei.

— Já estou terminando — disse rouca quando me aproximei e entrei sob a corrente de água quente que descia, dividindo o espaço com ela.

— Mas eu só estou começando — vociferei rouco, sentindo o desejo me inebriar.

Dei um passo fazendo com que ela desse outro, encurtando o espaço entre seu corpo, a parede e as torneiras.

— Prometi que iria desejar boa noite para James e Ralf... Eles devem estar me esperando — ela rebateu e recuou outro passo para trás, batendo suas escápulas e a bunda linda e redonda ao ser encurralada pelo meu tamanho.

Ela não iria a lugar algum...

— Meus filhos não precisam de você, é o pai deles que está precisando... — rosnei ao curvar minha cabeça e ir diretamente com minha boca na sua. Minhas mãos seguraram seus punhos e os levantaram deixando-os presos um de cada lado da sua cabeça. Não a beijei, deixei meus lábios parados sobre os seus. — Vai dizer que não estava com saudades de mim também? — perguntei e ela sorriu atrevidamente.

Poderia esperar qualquer resposta ousada, mas não, ela me respondeu com outra pergunta.

— Estou aqui... você acha o que? — Me encarou e se remexeu, tentando se soltar.

Era perigoso todo esse jogo, mas eu queria e a prova era ter a trazido para cá.

Para a minha casa

— Que estava com muita — respondi e rocei seus lábios com os meus, mas ainda evitei beijá-la. Sei que quando comesse não pararia mais —, não mais que eu. — Ignorei a espera e agarrei aquele lábio inferior farto. Apertei entre os dentes e o soltei, puxando-os para longe.

Caralho... essa boca dela me deixava alucinado. Na verdade, ela por inteira me envolvia a tal ponto que me fazia esquecer tudo e pensar só neste momento, me concentrando no seu corpo delicioso.

— Não tem como sentir saudades de uma coisa que sabe que teve, começo, meio e fim — arfou e fechou os olhos jogando a cabeça para trás.

Não me contive e curvei ainda mais minha cabeça, entrando com ela no vão do seu pescoço.

— Ainda acha que teve um fim? — perguntei contra sua pele antes de mordê-la e chupá-la.

— Talvez sim e talvez não...

— Eu acho que não — disse entredentes ao sentir seus mamilos roçarem túrgidos contra meu peito.

Ela era linda e seu corpo estava tendo um efeito ainda maior sobre mim.

Ele e toda ela me fazia querer mais, ansiando estar entre suas pernas logo.

— O que você acha, Sr. Valentino? — Porra... odiava quando me chamava assim, mas agora só me atçou a deixar claro o quanto a queria e que por mim, estava longe de acabar esse tesão que sentia por ela.

Soltei seus braços e a puxei contra meu corpo, envolvendo minhas mãos por debaixo das suas coxas e apertando-as ao elevá-la no ar. Marcêlly impulsionou e envolveu minha cintura com suas pernas e cruzou seus pés nas minhas lombares, apoiando ainda mais suas costas contra a parede ao se segurar em meus ombros.

— Eu acho que só a quero muito, garota. — Fechei os olhos e ataquei sua boca enquanto a cabeça do meu pau roçava sua boceta. Em um assombro, a presei ainda mais contra o azulejo quando segurei meu pau com uma das mãos e o deslizei sobre a fenda, encaixando-o e entrando com ele de uma vez só em sua boceta.

— Ah meu Deus... — Ela hiperventilou e gemeu alto ao me engolir todo até a base.

Tão gostosa, quente e apertada.

Marcêlly me devolveu o beijo lentamente à medida que sua bocetinha ia acomodando meu pau. Ela rebolou, remexendo, apertando-se ao redor do meu pau como se fosse estrangulá-lo e me olhou com tanta luxúria que foi incapaz de duvidar que não havia sentindo minha falta.

— Agora me diga se não estava com saudades disso? — exigi e me movimentei, enfiando minhas mãos contra sua carne ao içá-la mais e sair, voltando arremeter meu quadril contra sua boceta.

— Caralho... Raf. — Não esperei que respondesse que sim.

Seu corpo e a forma como estava ofegante dizia que não só havia sentindo falta, mas como gostava quando a fodia.

Suspirei me deliciando, sentindo tanto prazer ao continuar bombeando meu quadril, entrando e saindo do seu corpo apertado. Não foi uma ou duas vezes, empurrei meu pau para seu interior e o retirava, escorregando e sentindo-o ir cada vez mais duro fundo na sua boceta encharcada.

Gostosa para caralho...

Investi enlouquecendo-me. Estar dentro dela era delicioso demais. Ainda mais quando ela me levava junto, apertando meu pau como um punho de aço. A beijei esfomeado, exigindo mais da sua língua, que se enroscava a minha com desespero enquanto meu corpo seguia os mesmos movimentos em sequência que o seu.

Eu senti que estava prestes a gozar quando se agarrou ainda mais, gemendo alto e me beijou necessitada. Seu corpo trepidou e eu o segurei contra o meu indo cada vez mais rápido até sentir se esvair de prazer.

A sensação de sentir seu gozo escorrer e chocar contra a cabeça do meu pau foi o ápice para eu me retirar de uma vez e gozar contra sua barriga e o vão dos meus dedos. Foi tão envolvente que quase não consegui me segurar e sair dela a tempo.

— Se isso não for saudade eu não sei o que é — por fim respondeu e afundou seu rosto em meu pescoço ainda ofegante.

Sorri.

Ah... minha garota, que saudades que eu estava...



Saudades e culpa... uma mistura curiosa para definir o que estava sentindo depois que a deixei ainda terminando de tomar banho e fui dormir no meu quarto.

Eu agi completamente por impulso ao exigir que ficasse aqui. Não deveria ter feito isso. Acabei fodendo outra mulher sobre o teto que construí com Alicia. Por mais que meu corpo não sentisse sequer remorso algum, minha consciência acabou ferrando com toda a minha mente.

Estava com tantas saudades de Marcêlly que agi como um verdadeiro *filho da puta*. A trouxe com intuito de matar o tédio e a falta que sentia dela, esquecendo da promessa que fiz: que eu não me envolveria com outra mulher...

Não que isso significasse que estava envolvido com ela a ponto de me casar e ter filhos de novo. Mas a partir do momento que a trouxe para cá e a fodi no banheiro da minha casa, com meus filhos e funcionários circulando por aí, mudava tudo.

O que fui fazer?

Eu não poderia ficar confundindo essa atração. Prometi a mim mesmo, que seria só os dias até sair a resposta se ela tinha passado. Porém quebrei minha promessa nas noites seguintes e ao pedir que ficasse mais quando saiu a resposta.

Marcêlly havia conseguido a bolsa para estudar na NYU Steinard e conforme me disse ela tinha dinheiro para alugar um quarto e que depois procuraria um emprego de garçonne até as coisas irem se ajustando. Mas fui impulsivo de novo ao não conseguir conter a vontade de tê-la sempre por perto, de querer ajudá-la. Foi quando a culpa venceu a culpa do luto, deixando minha vontade e desejo prevalecerem.

Pedi para ficar na minha casa por mais tempo. Com a desculpa de comemorar a sua conquista a levei para jantar e fiz o pedido. Mas é claro que acabamos discutindo e só fomos ficar numa boa quando já estava quase amanhecendo. Finalmente fui até seu quarto pedir desculpas e não resisti ao vê-la convidativa, dormindo com umas das lindas pernas para fora do lençol. Acabei me deitando em sua cama e só saindo de lá de manhã, após convencê-la a ficar propondo para ela continuar como a babá dos meninos no período da noite, dando a desculpa que assim poderia dispensar Pry de um dos horários, deixando-a no período em que estivesse estudando.

Marcêlly acabou aceitando muito reticente e só confirmou mesmo quando joguei baixo e contei para os meninos que ela também seria a babá deles na frente dela.

Eu a queria por perto e isso por um lado foi, por outro, ainda durante o dia eu remoía a culpa, mas a noite ela me fazia esquecer.

Foram dias assim, por fim eu evitava ao máximo ficar pensando no quanto estaria traindo a memória de Alícia.

Capítulo 34

Marcellly

O que estava acontecendo eu não sei. Só sei que cada célula do meu corpo está correspondendo a seu chamado como fosse uma ordem absoluta... não consigo mais negá-lo.

Aceitei ficar, mas ainda assim tinha algo que estava me incomodando e ao mesmo tempo me travava e, não conseguia me afastar de Rafaello. A cada dia eu o queria mais e aceitava-o todas as noites na minha cama. Ele não mudou, era o mesmo sedutor, que me envolvia e me levava ao ápice.

A princípio quando me pediu para ficar na sua casa eu rejeitei, mas depois de me propor trabalho como babá resolvi aceitar. Pelo menos não sentiria que eu só estava ali para ser a diversão do patrão. Ainda mais

porque, não ficaríamos nessa pelo resto de nossas vidas. Chegaria o dia em que tudo teria um fim e sabia que o risco de sair quebrada seria só meu. Então que ele não pensasse que eu estava ali só por sua causa, me restando ainda um pouco de dignidade.

— Cêlly, posso lhe fazer uma pergunta? — Havia entrado no quarto dos meninos trazendo as roupas da lavanderia quando me assustei com Pry, ainda por ali.

James e Ralf estavam jantando com Raf. Outro detalhe que preferi desobedecê-lo e bater o pé. Ele queria que eu fizesse as minhas refeições junto com eles, mas não faria. Se já não fosse o bastante a babá dormir no quarto ao lado do patrão, ela sentar na mesa com ele como se fosse natural seria completamente estranho.

Rafaello tinha horas que se contradizia muito e isso me deixava bastante irritada.

Ele não dormia na minha cama, não me convidava para a sua e tudo ainda tinha que ser discreto sem que ninguém soubesse. Não que eu estivesse esperando que o que estava acontecendo entre nós fosse ser um namoro. Desde o início era assim que estava funcionando e ele não iria mudar em nada.

— Nossa, me esqueci de te falar que havia deixado os pijamas no cesto do banheiro — disse evitando respondê-la. Pry era outra que também agia muito estranho e diferente. Ora era muito boazinha e em outras agia com certa estranheza, como se estivesse enciumada por eu estar ajudando com os meninos. Sem mencionar que a peguei me olhando diversas vezes. Ela a todo momento tentava ficar comigo quando eu estava sozinha.

— Não me respondeu à minha pergunta... — Ela sorriu e como se estivesse me ajudando a guardar as roupas começou a pegar os brinquedos espalhados e os guardar na caixa no canto, onde era o local deles.

— Ah... me perdoa. O que me perguntou mesmo. — Dei de desentendida.

— Você me disse que foi em um PUB com alguns amigos, mas o Sr. Valentino a buscou. Fabrízio comentou que estavam juntos. É verdade? — Tentei sorrir e disfarçar. Ela havia me pegado de surpresa com algo que aconteceu há mais de uma semana. Na verdade, eu saí com ele e ela ficou em meu lugar para cuidar dos meninos naquela noite. Rafaello me levou para jantar e para caso alguém nos visse chegando era para ser dito que eu estava no PUB com alguns amigos e que como ele estava em um jantar na casa de um dos seus irmãos, que então ele me deu uma carona.

Mas não sei porque, afirmar essa mentira me deixou mal e me fez não conseguir dizê-la e muito menos confirmá-la.

Eram nesses momentos que não conseguia entendê-lo. Discutiu comigo porque não quis aceitar sentar à mesa com ele e os meninos e, quando me levou para jantar foi e inventou uma mentira para ninguém saber o real motivo. Sem contar que todas as noites é comigo que ele fica.

Não está dando...

Juro... eu queria entendê-lo, mas estava cada vez mais difícil.

— Sim... foi isso. — Respirei fundo e tentei ser o mais sucinta possível e continuar com essa farsa.

— Sabe... — Pry pegou as camisetas e veio me trazer enquanto eu organizava as gavetas de roupas dos meninos. — Rafaello ainda ama a Alícia. Eles eram lindos juntos. — Olhei para o lado ao pegar as peças da

sua mão e sorri quando terminou de fazer o comentário sobre Raf e a falecida.

Pela primeira vez o fato de escutar alguém além de pessoas mais próximas chamando-o pelo nome e falando da esposa morta me fez sentir ciúmes dele.

— É... eu vi uma foto deles — comentei sem dar mais ênfase.

— Sabia que ele fez uma promessa para ela?

Que saco...

Ela insistiu quando me viu negar com a cabeça.

— Ele jurou fidelidade e amor eterno. — Ela suspirou como se todo o romantismo fosse real. — Disse que nunca mais amaria outra mulher, muito menos se relacionaria.

Bufei e tentando não me abalar com o que estava falando a ignorei.

Claro que eu sabia desse amor pela esposa e que quase enlouqueceu. Foi por causa dele que havíamos nos beijado naquela praia, no mesmo dia em que ele a enterrou. Mas isso nunca foi problema ou mesmo me afetava como estava me afetando ao ouvir o modo como enfatizava esse amor.

— Sabe, Cêlly... — revirei os olhos quando insistiu em continuar, como se fôssemos amigas e ela estivesse dividindo segredos —, cheguei aqui e James era bem pequeno, Alícia estava grávida de Ralf. Estou na família Valentino a mais tempo que muitos funcionários da casa. E sabe o que sei sobre os irmãos? — Neguei com a cabeça, tentando não demonstrar interesse na tentativa de que ela parasse. — Todos eles só amam uma vez, tola da mulher que se iludir achando que pode conquistar o viúvo da família.

Perdi a paciência ao arrancar das suas mãos o restante das camisetas.

Eu não era ingênua de não saber que ela dizia isso para me afetar. Ela sabia que Raf visitava meu quarto todas as noites, se não soubesse não estaria me contando como ele era com a esposa. Não teria um porquê.

— Tola é qualquer mulher que se apaixona e acredita no que um homem diz — respondi e me virei, dando as costas, mas ela não se deu por satisfeita ao segurar meu braço e me virar.

— Então não se apaixone por ele. Rafaello ainda ama a esposa e não vai ser você a fazer ele esquecer o grande amor da sua vida.

— Me solta. Você é louca, Pry. — Puxei meu braço e me soltei.

— Sei que você abre as pernas todas as noites para ele. Um Valentino sempre vai ser um Valentino quando se trata de uma boceta fácil. Ele nunca vai te assumir e fazer você a mulher dele. — Semicerrei os dentes me segurando para não dizer tudo que subiu na minha garganta.

Falaria para ela que ele quis que eu ficasse, que foi atrás de mim quando estava chorando pela morte dela. Que em todas as semanas das férias, quando vinha para cá e ele voltava para Rockport no mesmo dia, era por minha causa. Que ele brigou com Tyler por minha causa.

Eu não era tão menos importante assim. Ou era?

Não... eu não era...

Pisquei várias vezes, sentindo meus olhos arderem. Eu não choraria na frente dela. Não daria esse gosto.

— É tão tola quanto, que está apaixonada e caiu na real que ele não vai assumi-la — ela disse com desdém, me olhando de cima a baixo.

— Você está tão errada... Eu e o Sr. Valentino não temos nada — rebati mentindo, tentando me manter confiante, mesmo sabendo que tudo que ela estava dizendo era a mais pura verdade e que por mais que eu mentisse a verdade estava mais escancarada do que eu pensava.

— Ele vai se cansar de você. Da sua beleza. — Ela fez uma longa pausa e sorriu ao suspirar resignada. — Sabe o que ele vê em você? A Alicia! E logo muito em breve, Raffaello vai cair em si e ver que você não é ela. Ele vai se distanciar até despedi-la e colocá-la para fora da vida dele sem remorso algum. E assim como você, outras também terão sua oportunidade, porém o único amor da sua vida sempre será a mãe dos filhos dele e sua esposa falecida.

Respirei fundo procurando ser paciente ainda mais. Rebatê-la seria o mesmo que assumir que ela tinha razão em tudo que me disse, inclusive na parte que diz que estou apaixonada por Raffaello Valentino e eu estava muito. Completamente envolvida, sentindo medo dele me deixar e eu não conseguir seguir em frente.

Acabei ficando, acabei aceitando como parte de não querer enfrentar que ela poderia ter razão, porém eu o queria e ao pensar que não o teria mais me assombrava.

Eu aceitei o que ele me deu, eu o entendia e não achava que eram migalhas. Só achava que ele ainda estava enfrentando o luto e usei isso como desculpa para ficar.

— Mas você é bonitinha, logo arruma outro e quem sabe alguém com quem se case e lhe dê filhos. Porque Raffaello não vai ser esse homem — ela continuou provocativa...

— Você está equivocada, Pry. — Não revidei. Não por não querer, mas não daria o gostinho dela saber que poderia estar certa.

Por fim, meu cérebro e a vontade de revidar era tão grande que acabei deixando-a no quarto e disse para Armínia que não estava bem, que iria dormir mais cedo. Mas não dormi, revirei na cama e não demorou muito para ele aparecer.

— Está tudo bem? — Quando Rafaello entrou no quarto eu estava deitada e virada de costas para a porta. Ele veio para perto e se sentou na beirada da cama e uma de suas mãos me afagaram, deslizando na curvatura da minha cintura.

— Está sim! Só me sentindo um pouco indisposta — respondi calma e fechei os olhos ao sentir o toque dos seus lábios no meu ombro.

Desde o momento que Pry me disse todas aquelas coisas eu não conseguia sequer parar de pensar no quanto eu fui ingênua em negar o que sentia por Raf. Eu estava apaixonada por ele. Me sentia perdida e assustada com a avalanche de sentimentos que me tomaram.

— Se não estiver bem... — Não deixei ele terminar de falar ao me virar e tentar sorrir.

Eu precisava olhar seu rosto e tentar ver que eu não estava errada em amá-lo.

Sei que éramos tão diferentes, que nossa diferença de idade era enorme, mas ao mesmo tempo nos tornávamos iguais quando cada toque, cada beijo e cada momento se tornava único.

— Estou bem. — Sorri e remexi minha cabeça contra sua mão que deixou meu corpo e afagava meu rosto.

— Fiquei preocupado quando Pry me disse que não se sentia bem. Só não vim antes, pois estou com problemas. — Ele respirou fundo e tentou sorrir.

— Tudo bem. Você está aqui agora — disse sentindo um nó se formar na minha garganta.

Pela primeira vez eu me sentia fraca, desesperada para gritar, para ser ouvida por ele.

Eu e Raf sempre conversamos, rimos de coisas aleatórias, mas nunca exprimimos nossos sentimentos. Não tinha certeza do que ele realmente sentia e cada vez mais as palavras da outra babá ia me atormentando ainda mais.

Em nenhum momento: ele não me amar e continuar amando e preso a uma promessa que fez para a esposa morta não pesou como está pesando, me deixando enciumada, triste e arrasada.

— Marcêlly, o que está acontecendo? — Neguei com a cabeça, mentindo.

— Não está acontecendo nada...

— Ah... minha garota, eu já lhe conheço o suficiente para saber que algo não está certo — ele disse baixo e foi aproximando sua cabeça da minha. Raf roçou seus lábios nos meus e os selou calmo e deliciosamente sedutor.

Como queria agarrá-lo e não soltar. Dizer que o amava, mas eu não poderia demonstrar que tinha sentimentos por ele enquanto ele não tinha nenhum por mim.

— Não é nada, Raf! — reafirmei quando se afastou um pouco. Ele me encarou como se estivesse duvidando do que estava dizendo.

— Posso ficar aqui com você? — me perguntou e sorriu enviesado, fazendo daquele jeito sexy quando sua boca retorcia apenas o canto dos lábios.

— Desde quando me pede permissão?

— Não sei... vai que você não quer mais saber do paizão aqui...

— Ah... para Raf. — Bati de brincadeira em seu ombro repreendendo.

Desde o dia que Charlotte achou que ele era meu pai, ora ou outra ele brincava com isso.

Ele gargalhou e foi tão envolvente que não esperei ele falar mais nada e o puxei, engatando minha boca na sua.

Nos beijamos lentamente e fui o envolvendo, abraçando seu pescoço e trazendo-o para cima de mim enquanto nossas línguas se enroscavam ansiosas. Meu corpo já estava ansioso pelo seu toque e independente do que ele poderia sentir não tinha como negar que nos nossos momentos ele queria a mim.

Capítulo 35

Rafaello

— Como está Tony? — Apertei a mão do irmão de Bella e nos abraçamos espalhando tapinhas nas costas um do outro.

Há três dias tenho tido problemas maiores. O fato de Giovani estar preso levantou inúmeras questões nos clãs sob nossa responsabilidade, pois estes duvidavam que fôssemos conseguir manter a Camorra de pé.

Ainda ontem conversei com ele, consegui ir até o presídio e vê-lo abatido pelo vidro só me deixou mais angustiado e preocupado. Suas palavras ainda martelavam minha mente de uma forma constante.

“Se for necessário, mande Russel dar um fim em Ricco Donttino. Não dê nenhuma oportunidade.”

Ele estava com muito ódio, nunca o vi assim. Ou melhor, nunca o vi querer agir ao extremo. Só agíamos assim quando as coisas estavam prestes a sair ainda mais da ordem.

“Chame Tony e mande Bella para ficar com ele e meus filhos. Ela vai estar mais segura em Los Angeles. Diga a ela que a amo mais que minha vida e que tudo vai ficar bem. Ainda somos um. Depois, meu irmão, vá no contador e fale com Russel que o paciente precisa do médico. Raf, o mal só cresce se não for podado e pelos anos e consideração ao que tive com Júlia é que não pudei o jardim das ervas daninhas.”

“A família protege a família!”

Foi assim que se despediu de mim, batendo contra o vidro que nos separava e com o telefone na mão, me dizendo enquanto os guardas o levavam para dentro de volta.

Desde então tenho pensado muito no que fazer, em como ajeitar as coisas. A carga dele é bem maior que imaginava e se não fosse Marcêlly e meus filhos estarem no fim do dia em casa para me trazer a paz eu não sei como estaria suportando.

Não foi um ano fácil. Alícia ficou doente morreu, Giovani preso e ainda por cima tivemos que decidir o que seria feito com a minha mãe, que de lúcida se tornou uma criança, que não nos reconhece, o único que ainda ela, de vez em quando, cita o nome é o de Luca, do restante não se lembra e nos ataca quando chegamos perto. Acabamos decidindo interná-la. Ela estaria melhor em uma clínica com seguranças por perto.

— Raf, cadê minha irmã? — Apontei a cadeira para que ele se sentasse.

Antônio Dellatore havia mudado, era sério e observador. Diferente do que era quando eu frequentava a casa deles enquanto Bella ainda não se tinha casado com Giovani e nem eu com Alícia.

— Deve estar chegando. Não está sendo fácil tirá-la de casa sem que Russel não monte um esquema forte de segurança. Bella ainda é um alvo grande — simplifiquei como estava sendo nossas vidas.

Para qualquer um sair estava sendo complicado. Os únicos que transitavam sem muita segurança eram os funcionários. Tínhamos informações de que Ricco estava à espreita esperando só uma brecha para nos atacar e ele não era tão compassivo quanto Giovani. O novo capo da Cosa Nostra era um doente e não se importava em matar ou agir baixo se fosse necessário para ter tudo o que queria. Para o azar dele a sentença não foi como queriam. Faço a ideia de que eles queriam que fosse por muitos anos, o que daria a ele uma desordem no nosso clã e com isso conseguiria agir e ganhar território, porém éramos os Valentino e não abaixaríamos nossas cabeças.

— Como estão as coisas? — Tony desabotoou os botões do seu terno antes de sentar.

— Complicadas — respondi e me sentei também. — Precisamos da sua ajuda...

Quando conversei com Russel achamos melhor pedir para Tony — além de manter Bella segura — ajuda.

— Tony... — Bella chegou e foi nítido o quanto falar o nome do irmão lhe causou um alívio.

O irmão se levantou e foi ao encontro dela.

Era notório o quanto Bella estava abatida. Minha cunhada sempre foi uma mulher de muita fibra. Era astuta e inteligente, mas sua fraqueza, assim como a do meu irmão, sempre foi um ao outro e imagino o quanto está abalada. Me coloquei na sua posição diversas vezes nessas últimas semanas. Sei que era diferente como estava se sentindo, mas fazia uma correlação do quanto Alícia me fazia falta. Só que ao contrário dela, eu tive que aprender a viver sem e não porque um *filho da puta* proporcionou a viagem de ida do seu marido para a prisão.

E por tudo que estava acontecendo desde que conversei com Giovani tenho pensado muito em Alí e sentindo ainda mais sua falta.

Tanto que nos dias em que a saudade bate eu evito Marcêlly, porém quando dou por mim, estou correndo atrás da garota, para me sentir bem, mesmo que seja por aquele momento ali.

— Raf... — Bella me abraçou e relaxou quando a apertei entre meus braços.

— Bella. — Me afastei e olhei para dentro dos seus olhos na tentativa de dar a certeza para ela de que tudo ficaria bem de novo.

— Vamos ao que interessa — Tony pediu e voltou para a cadeira em que havia se sentado.

Bella o acompanhou e sentou ao seu lado, perguntando como estavam todos, inclusive pela mãe, que estava em viagem.

— Tony, Giovani pediu que lhe chamasse aqui para pedir a segurança de sua irmã.

— Não! — Bella se lançou para frente, impedindo que eu continuasse com a conversa. — Eu não vou sair daqui!

Ela sabia o que isso implicaria. Pedir asilo a um outro clã era porque as coisas ficariam graves. Não que isso fosse comum de acontecer, mas um filho da máfia sabia que as coisas poderiam ficar complicadas em sua vida e para isso era necessário saber as diretrizes e a forma como lidamos na irmandade.

— É um pedido de Giovani, Bella — expliquei e fui taxativo. Não daria voto de decisão para ela.

— Mas eu não vou abandoná-lo.

— Não é abandoná-lo é garantir que você e seus filhos fiquem a salvo.

Garantir a segurança dela e dos meus sobrinhos era a prioridade. Não que a do restante da família Valentino não fosse, mas se Bella ficasse com seu irmão, nos ajudaria a aumentar a nossa e deixar mais organizado os nossos territórios.

Continuei...

— Peço também como retaliação que abra uma caçada conosco, pela cabeça de Ricco Donttino. — Era um pedido de ajuda. Não que isso fosse nos colocar em uma situação de desvantagem, apenas estávamos reunindo aliados. — Ele ameaçou a família de sua irmã — completei quando o silêncio de Don Dellatore foi mais longo do que esperava.

— Raf, o respeito e devo minha admiração a meu Capo, mas não vou meter meu clã em uma guerra entre divisões. A segurança da Bella eu posso garantir, mas não vou abrir meus cofres para caçar um Donttino. Da última vez que isso foi feito... — Ele parou de falar e olhou para a irmã. Foi neste exato momento que constatei que Tony não era mais o mesmo. — Não vou me intrometer nessa guerra a não ser que alguém da minha família

seja atacado — concluiu e me pegou de surpresa por negar um pedido de ajuda.

— Mas eu sou sua família, Tony — Bella o inquiriu.

— Você é uma Valentino, Bella. E não vou colocar o meu clã em risco por causa de vocês, até porque nunca sequer fizeram para nós mais que nos enfiar em um avião e nos trazer para Nova Iorque anos atrás. Vocês não se deram ao luxo de descobrir quem matou meu pai. Um membro de vocês...

— Mas, Tony... você vai se apegar a algo que aconteceu há muitos anos? — Bella continuou olhando para o irmão, inconformada com o que ele estava falando.

— Vou fazer o que era para você ter feito quando dei minha cadeira para você, mas só queria se provar e mostrar para Giovani que você era melhor que qualquer mulher que ele poderia ter.

— Isso não é verdade, Tony. — Bella se levantou e se irritou.

— Tanto é que nunca foi atrás de vingar a morte do nosso pai, mas eu como Don Dellatore buscarei nem que para isso passe anos em busca do culpado. Eu acharei e o enviarei diretamente para o inferno. Limparei a bagunça que você deixou. — Tony se levantou e empertigou-se olhando-nos friamente.

— Tony...

— Raf, eu o admiro e o respeito como Capo substituto e protegerei a família de Don Valentino, pois sua esposa é minha irmã e seus filhos meus sobrinhos. Sangue do meu sangue, mas não poderei fazer mais que isso.

— Eu não vou! — Bella levantou e ficou à frente do seu irmão, o encarando. — Se você não pode ajudar a minha família então não sou nada sua. Meu pai não negaria um pedido desses, mesmo que isso fugisse do que ele esperava em troca.

— Eu não sou ele, Bella. Também não sou você. Meu clã, minhas ordens — ele disse cético e impassível.

— Eu entendo, Tony. Não posso obrigá-lo, mas sabe que está virando as costas para sua cúpula — disse e me mantive sentado enquanto eu o encarava.

— Entenda como quiser, Raf. Mas não vou entrar em uma guerra que não é a minha, já tenho meus próprios problemas para resolver. Me julguem e façam sua sentença.

— Agradeço pelo convite. E, Bella, meu avião sairá às duas horas, eu oferto segurança para você e seus filhos.

— Vai embora, Tony. 18 meses passarão rápidos e depois disso vamos sentar, beber, fumar e comemorar, mas não fará parte da minha mesa. — Bella virou o rosto e cuspiu aos pés do irmão.

— Retiramos o pedido, Tony. Sua irmã ficará com a família dela. — Tomei a decisão de não querer nem mais garantir a segurança de Bella. Eu agiria por minha conta e risco. — Agradeço pelo seu tempo por aqui. — Me levantei e estendi a mão na sua direção e ele se foi após apertá-la e manear a cabeça ao se despedir.

Tony se foi.

Bella e eu continuamos conversando, decidindo algumas coisas. Tudo mudaria. Algumas atitudes seriam tomadas de forma diferente.

Decidi que eu tomaria providências ainda hoje.

Giovani havia me dado as instruções. Com os Dellatore ou não ao nosso lado eu tomaria minhas medidas.

Chamei Russel Hakim, o médico, e pedi que desse um jeito de começar um pequeno incêndio na boate dos Donttino. Aquela raposa velha jamais falhava. Era por isso que ele sempre cuidava dos pacientes quando precisávamos. Desta vez ele não só estaria honrando o nome dos Valentino, como terminando de exterminar o vírus Ricco Donttino. A próxima seria Júlia.

Voltaríamos para a lei do mais forte, do olho por olho e dente por dente. E se fosse preciso incendiaríamos Nova Iorque, mas mostraríamos que por anos, quem achou que poderia nos atacar sem sair ilesos estavam completamente enganados.

Colocaríamos ainda mais gasolina no fogo, queimando tudo que viesse pela frente.

E o médico cuidaria do paciente como sempre foi...

Planejar e ver o parquinho da prostituição e do tráfico da Cosa Nostra ser incendiado nunca foi tão maravilhoso, quanto saber que não adianta se compadecer de quem não merece. Eles nunca deveriam ter mexido na minha família.



Foi um dia cansativo e exaustivo. Estava no alto da torre dos Valentino esperando os homens voltarem, só assim poderia sair daqui em

paz.

Pensei nela, nas suas curvas, no seu cheiro, na sua risada e em como sua presença me fazia bem e estava pegando o telefone para ligar e avisá-la que chegaria bem mais tarde quando localizei o aparelho em frente a foto de Alícia e ao invés de fazer a ligação para Cêlly peguei a foto de Ali e fiquei olhando para ela.

Todos os dias desde sua morte eu pegava sua foto e pensava em como ela estaria me esperando quando eu chegasse em casa. Mas há semanas sua foto vinha ficando sobre minha mesa enquanto meus pensamentos no fim do dia voavam até a loira 20 anos mais nova que eu, que deveria estar chegando na minha casa. Eu parei de pensar em Alícia trocando-a por Marcêlly. Não era para ser assim. Eu prometi que ninguém entraria no seu lugar.

Deslizei o polegar sobre a foto, contornando o rosto dela ali através da imagem.

Me perdoa, meu amor!

Fui inundado por aquela culpa de querer outra mulher que não fosse o amor da minha vida.

Cansado, depois de pensar e repensar, me sentindo culpado por questões que para alguns poderia até ser motivo de chacota, mas para mim eram as questões que vinha lidando desde sua morte.

Eu ainda amava Alícia e honraria minha promessa...

Capítulo 36

Rafaello

Estava no meu limite.

Dias depois de termos tacado fogo no quintal do demônio Donttino, causando ainda mais o terrorismo nas zonas dele, eu me via perdido e confuso entre chegar em casa mais cedo ou me esgotar de todas maneiras — físicas e psicológicas — ficando no escritório.

O Brooklyn estava ardendo e eu não iria parar.

Eles procuraram... Agora teriam que aguentar! Os Valentino iriam até o fim. Não pararíamos até mostrar que a família sempre vai proteger a família.

O único problema em tudo isso era o quanto estava exausto, foi como se estivesse sendo consumido pela euforia de vingar meu irmão, mas no fundo eu não estava vivendo só nesse limite, mas sim com minha mente rodando, quase entrando em colapso por causa de Marcêlly.

Ainda estava preso nessa sensação de culpa e desejo.

Sinceramente, lidar com um mafioso era bem mais fácil do que lidar com o remorso depois de saciar essa necessidade absurda que meu corpo tinha pelo dela.

Eu a desejava, mas era só, não poderia ir além dessa atração que tinha. Não havia hipótese alguma que me fizesse quebrar a promessa que fiz para Alícia. Nem mesmo a falta que estava sentindo dela.

Por dias tenho a evitado voltando tarde da noite para casa. Não vou ao seu quarto e não nos falamos mais. Chegar sempre depois que estava dormindo foi a solução que encontrei para me afastar. Porém, na noite passada, quando cheguei em casa ela estava me esperando na garagem.

A vi assim que a SUV parou e eu desci.

Cêlly estava cabisbaixa, sentada no chão com a cabeça entre os joelhos e braços. Ela me esperava e foi como uma tortura vê-la ali, me olhando com os olhos baixos e tristes. Quis pegá-la nos braços e beijar sua boca gostosa, mas me controlei, não cedi a doce tentação que ela se tornou na minha vida.

Ela queria conversar e me pediu quando perguntei o que estava fazendo ali àquelas horas. Pedi para deixarmos para hoje e ajudando-a se levantar entramos na casa e a segui até ela parar na porta do seu quarto e me olhar com seus lindos olhos verdes, como se estivessem gritando para que entrasse e por pouco não me deixei levar pelo impulso e entrei. No entanto, me aproximei e selei meus lábios em sua testa, desejando boa noite. Então me virei e fui para a porta do lado, deixando-a ali. Claro que o arrependimento estava me consumindo, mas foi bom, assim eu começava a me afastar dela e lutar contra essa atração.

Estava decidido, mesmo que ninguém me entendesse e me mandassem seguir com minha vida.

Eu não quebraria minha promessa, mesmo que em todos os fins de tarde eu me visse desesperado para voltar mais cedo só para poder encontrá-la, sentir seu cheiro, me enfiar entre suas pernas e ficar ao seu lado pelo máximo de tempo que pudesse antes do amanhecer.

Não aconteceria mais, chegamos ao fim.

Tê-la da maneira como queria estava me distanciando da memória de Alicia e isso também me atormentava. Marcêlly sem pretensão alguma estava se tornando muito importante e não deveria ser assim quando o meu grande amor foi e sempre será Alí.

Ultrapassei o limite da razão e do amor em troca da minha luxúria.

A memória de Alicia não merecia. Por isso me afastaria de Marcêlly da maneira que estava fazendo ao chegar tarde e não me enfiar mais na sua cama no meio da noite.

Nossa relação voltaria a ser patrão e babá, pois não seria justo eu tirar ela por completo da minha casa, meus filhos a amavam e eu precisava também pensar neles. Quem quis e provocou essa situação fui eu, então faria o melhor para todos. Inclusive para ela também, que não tinha culpa alguma do meu amor por Alicia ainda ser mais forte que meu desejo.

Já era de madrugada quando a SUV preta atravessou os portões da minha casa. Não tinha noção sequer de que horas eram, só de que estava tarde, provavelmente no meio da madrugada.

Acabei me enrolando e foi de propósito, não estava disposto ainda a falar com ela. Algo me fazia evitar que o fim entre nós de fato chegasse.

Entrei em casa e estava em silêncio absoluto.

Fui para meu quarto, precisava tomar um banho e relaxar. Estava cansado de tudo e relaxar era o que mais precisava, na verdade, eu precisava dela, entretanto todo o cansaço foi substituído pela ira da cena que acabei vendo quando entrei no quarto. Assim que entrei na tela iluminada da parede passava um desenho de vários bichos cantando sem som algum, o sinal sonoro estava com a tarja mostrando que estava no modo sem volume e na minha cama estavam Marcêlly e meus filhos, um de cada lado. Eles dormiam com a cabeça apoiada em seus ombros e as mãos envolvendo sua cintura.

A cena era comovente e linda ao mesmo tempo, porém vê-los — os três — ali juntos não só mexeu com o sentimento culposos como também me deixou completamente irritado de um jeito como se eu estivesse sendo invadido.

Fui tomado pela cólera. Foi como se eu visse todos me culpando por deixar uma mulher 20 anos mais nova que eu assumir o lugar da minha falecida esposa. Pelo menos era assim que os ver juntos me fazia analisar.

Alícia ficava exatamente assim com os meninos quando eu chegava tarde.

Sei que ela não estava fazendo por mal, não era o que sentia, porém tudo e várias vozes na minha cabeça me diziam que estava errado, não fazia ainda um ano que tudo tinha acontecido para ter outra pessoa ocupando o espaço do amor da minha vida na minha casa, na vida dos meus filhos e na minha cama.

Eu não deveria tê-la trazido para a casa que foi minha e de Alícia. Poderia ter alugado um apartamento e a ajudado de outro jeito, mas não colocando-a no quarto ao lado.

Não justificaria meus motivos, mas acabei querendo ela à minha disposição, assim como a tinha em Rockport.

Impaciente, sem tirar os olhos deles e andando na frente da cama de um lado para o outro, tirei o blazer do terno e desatei o nó da gravata, jogando-a em qualquer lugar no chão.

Sem saber o que fazer rodeei a cama várias vezes, tentando não fazer barulho quando o incômodo se tornou insustentável. Ela, ali deitada na cama que foi minha e de Alícia estava me incomodando muito, tanto que me aproximei e chamei, sussurrando seu nome.

Eu a queria fora dali ao mesmo tempo que meus pensamentos queriam puxá-la e só saber de beijá-la. Ela estava me enlouquecendo a ponto de violar o único lugar que guardava as mais lindas lembranças minhas e de Alícia.

Marcêlly havia ultrapassado uma linha muito delicada.

E mesmo querendo-a e desejando eu tinha que colocar um ponto final de uma vez. Eu não conseguiria lidar com a culpa só porque gostava da sua companhia e me sentia bem na sua presença. O sexo era fantástico, mas não dava.

Precisávamos ter uma conversa séria.

— Oi... — ela disse baixo e sonolenta quando me aproximei mais e a chamei baixo novamente, evitando que meus filhos acordassem junto.

— Podemos conversar? — fui direto e perguntei, a chamando também com a mão, indicando que seria fora do quarto.

Ela balançou a cabeça e com cuidados saiu dos braços de James e Ralf.

Eu queria conversar com ela, tentar explicar o que estava sentindo, mas não conseguiria se a nossa conversa seria hoje, ainda mais depois de flagrá-la deitada sobre minha cama.

Como saí antes fiquei esperando-a no corredor.

— O que aconteceu? — me perguntou ainda com a voz de sono, saindo totalmente do quarto enquanto fechava a porta nas suas costas.

— O que estava fazendo deitada na minha cama? — Respirei fundo, procurando manter a calma. Depois a inquiri. Me sentindo invadido, lá era o único lugar que não queria que entrasse.

Era complicado, mas não incompreensível e eu não precisava explicar nada.

— Você estava deitada na minha cama — afirmei com raiva.

Marcêlly me olhou assustada e piscou várias vezes. Não disse nada e abaixou a cabeça. Uma atitude que jamais esperaria dela.

— Me responde! — Aproximei e segurei em seu braço, foi quando ela levantou o rosto e seus olhos estavam marejados, porém seus lábios estavam retorcidos e contrariados. — Você não deveria ter entrado no quarto de Alícia.

Ela franziu o cenho e se soltou, recuando um passo, colocando um espaço entre nós dois.

— Seus filhos estavam com saudades da mãe deles! Pensei que deixá-los um pouco lá aliviasse a saudade — ela me respondeu como se fosse normal e os mesmos lábios atrevidos tremeram quando seus olhos se encheram ainda mais de lágrimas, que pararam nos cílios inferiores.

— Você não deveria estar deitada lá. Não entende que lá era o quarto dela, que aquela era a nossa cama? — vociferei.

— Sim... eu entendo, Sr. Valentino. — Porra... ela entendeu errado ao me responder com formalidade. — Eu lhe peço desculpas, vou pegar os meninos e levá-los para o quarto deles, se o senhor me permitir.

Respirei fundo tentando me controlar...

— Cêlly...

— Não... — Ela negou com a cabeça e se afastou mais quando tentei puxá-la e abraçá-la.

Não gostava quando me sentia assim e vê-la se retrair me deixou confuso, sem saber como reagir, por mais raiva que estivesse sentindo.

Por tudo o que menos queria era magoá-la, mesmo ela tendo invadido um local que não foi convidada na minha vida.

— Por favor, eu entendi muito bem — ela rebateu com convicção.

— Não... não entendeu. Cêlly, eu não queria falar assim com você. — Tentei amenizar ao ver que ela estava segurando o choro. Seu olhar era de alguém que havia sido muito magoada.

— Mas falou e sabe... eu preciso de um pouco de ar... — Marcêlly me deu as costas e colocou-se a correr na direção das escadas, descendo-as em seguida.

Escutei quando a porta da entrada bateu. Ela havia saído e esquecendo de que estávamos discutindo corri atrás.

Onde estaria indo? Era tarde...

Desci as escadas correndo e corri atrás dela quando vi que estava indo na direção do portão que dava para a rua.

— Por favor, abre — ela gritou para um dos seguranças, que sem entender foi na sua direção.

Mas antes que ele chegasse perto eu gritei:

— Não abre... Cêlly! — Só parei de correr quando cheguei perto dela.

Marcêlly estava encostada na grade do portão preto hiperventilando com os olhos molhados. Ela virou o rosto quando tentei tocá-la.

— Eu não quero, Rafaello.

— Espera, eu só...

— Sempre você, sempre suas loucuras, sempre seus surtos e sempre, sempre... eu não aguento mais! — ela berrou ao fim e mesmo contra sua vontade a puxei e a abracei.

— Me perdoa! — Afaguei suas costas.

Eu havia magoado-a e isso me fez sentir pior do que foi a culpa por vê-la deitada na minha cama como se fosse seu lugar na casa e na minha vida.

— Você não vai sair — disse imperativo quando ela se remexeu, tentando sair do meu abraço.

— Eu quero ficar sozinha, sem você, sem Alícia, sem essa paranoia sua. Eu cansei! — ela respondeu e me empurrou. Não a segurei. O que tinha acabado de me dizer me fez ver o quanto ela era mais ciente do que eu. — Você mal aparece. Ela tem razão...

— Ela quem? — Até então eu estava entendendo e me via como culpado. Mas quem tinha razão? Alguém sabia de nós?

— Pry, ela me disse que chegaria a hora que você me mandaria embora e que esse dia não iria demorar — Cêlly confessou e sua voz por várias vezes falhou.

— Ela sabe de nós? — Não pude evitar e acabei demonstrando meu espanto e preocupação.

— Sabe, mas não foi eu que contei. Mas ela está certa, Rafaello!

— Claro que não...

— Se ela não tivesse razão você não teria surtado por me ver deitada na cama da sua falecida esposa. Não teria exagerado e se quer saber, está tudo bem! — Ela se afastou mais e abriu os braços. — Não tem problema, eu sabia que sempre teria um começo, meio e um fim. Não estou te cobrando, mas deu, eu não consigo mais... — Suas palavras sinceras me deixaram me sentindo ainda mais um miserável por não saber lidar e conciliar com toda essa culpa e com o desejo que tinha por ela.

Quem tinha razão era ela... Eu a todo tempo deixei claro sobre ter um fim e não ser cobrado.

Mas o fim me fez sentir vazio novamente... seria melhor.

— Cêlly, eu sinto muito que não deu certo... — minha voz morreu e fiquei sozinho. Marcêlly me deu as costas e retornou para dentro da casa,

me deixando sozinho refletindo o que tinha acabado de acontecer.

Quando entrei, fui na porta do seu quarto, mas estava trancado.

Amanhã conversaríamos melhor e mais calmos. Tudo iria se resolver menos essa sensação ruim que comecei a sentir ao perceber que chegou ao fim e que eu não a teria mais.

E ela foi se apertando, me corroendo e tirando as vendas dos meus olhos...

Capítulo 37

Marcellly

Era por isso que eu não deveria ter me apaixonado.

Era essa dor que não queria experimentar.

Era sentir que meu mundo ruiria só porque eu não o teria mais comigo.

Era tão forte essa dor, que ela me fazia sentir sufocada, como se o ar não conseguisse passar. A dor me dilacerava como se o fio de uma navalha abrisse meu coração ao meio.

Eu sabia que seria assim quando Pry me disse, me envenenou, mas ela só me fez enxergar a verdade, que um dia mais cedo ou mais tarde Rafaello diria que acabou. Ele deixou explícito quando não me procurou mais, quando não veio no meio da noite, era o modo dele dizer que chegamos ao fim, que encerramos de um jeito meio torto o fim do verão no outono.

Porém, eu estava tão envolvida na paixão que ele me proporcionava que não me importei e aceitei o que me ofereceu achando que era só atração, mas eu estava apaixonada por ele e agora me sentia completamente abandonada e perdida. E a cada vez que eu me lembrava do seu olhar e da sua voz me dizendo que não queria que terminasse assim, tudo dentro de mim queimava ainda mais, me deixando atordoada e com muito medo.

Eu estava sentindo tudo que jurei nunca sentir.

Eu estava experimentando as coisas simples da vida, estava amando e sofrendo.

Eu havia me tornado como minha mãe, chorando e sentindo-me despedaçando aos poucos por amar um homem que era tão complicado. E isso me assustou ainda mais, pois eu amava Rafaello a ponto de ter me agarrado às suas migalhas, como se fosse o melhor que ele poderia me dar, justificando o luto, a sua loucura como uma simples atração, mas eu fui me apaixonando e agora estava saindo de tudo isso quebrada. Se pelo menos não tivesse vindo para cá quando foi me buscar. Não deveria ter aceitado sua oferta para apenas continuar nutrindo meu sentimento. Tinha que ter me conformado e ter encerrado naquele dia em Rockport, quando veio embora.

Respirei fundo, suspirei e não consegui mais controlar meu choro, quando ele me abraçou, mas isso não bastava, além de deixar claro que não me amava e que tudo que Pry disse era verdade, Rafaello quebrou meu orgulho, ele estraçalhou meu coração. Por isso não ficaria mais nessa casa, mesmo estando apegada aos seus filhos como se fossem meus. Precisava ir para longe, controlar essa dor que chega a me corroer. Eu estava perdendo alguém que amava, vivo ou morto a dor era a mesma. Foi minha mãe e agora Rafaello Valentino.

Após sair dos seus braços voltei para dentro da casa e me tranquei. Infelizmente eu não estava em condições de pegar os meninos da sua cama e levá-los para as deles, por isso fui para meu quarto, quanto mais rápido eu saísse dali melhor seria.

Decidida, passei a madrugada toda organizando e guardando minhas coisas em uma mala. Eu não tinha tanto para carregar e minha sorte era essa, coube tudo dentro da minha mochila e uma mala pequena de rodinhas.

Depois de deixar tudo arrumado tomei um banho com o céu começando a clarear e raiar os primeiros raios de sol. E pronta, olhei pela última vez o quarto, me lembrando de cada momento nosso, de cada noite e da forma como me sentia desejada por ele, mas outro pensamento surgiu enquanto minha mente registrava o que estava ficando para trás. Eu fui apenas uma distração enquanto ele tentava se recuperar da morte da esposa. Ele a amava e a prova foi a forma como ficou contrariado quando me viu na cama que foi dela com seus filhos.

Pry tinha razão em tudo que me disse. Rafaello jamais amaria outra mulher que não fosse a que morreu, a confirmação eram os quadros espalhados pela casa, o quarto como um santuário e seu coração como um morto também.

Não que eu não fosse compreensiva. Sei que ele a amou e jamais o questionaria sobre este sentimento, porém não tinha como competir com ele se o próprio dono não queria abandoná-lo. Em toda essa história, eu não poderia me martirizar e tentar achar onde errei. Eu estava ali, eu estive à disposição, por isso me muni de coragem quando deixei o quarto e descii até a cozinha, encontrando Armínia começando a preparação do café. Entreguei para ela um bilhete — que assim que tomei minha decisão escrevi —

explicando minha partida, pedi a ela que entregasse para ele e sem explicar, sem responder suas perguntas fui embora.

Quando cheguei ao portão o segurança me olhou e ficou intrigado, a princípio ele não quis abrir, mas disse que estava indo embora e que ninguém poderia me segurar ali. Ele assentiu e chegou a me perguntar se precisava que pedisse para alguém para me levar, mas neguei. Eu iria pegar um táxi, voltar naquele ou ir para um hostel qualquer até pensar no que fazer. Eu só precisava sair dali o quanto antes. Ainda bem que pelo menos eu tinha economizado algum dinheiro desde quando cheguei. Assim eu poderia ficar em algum lugar até me restabelecer.

Claro que nada caro ou exagerado.

Como sempre, eu me reinventaria e começaria do zero, nada que eu não erguesse minha cabeça e seguisse em frente. Ainda tinha minha dignidade e os passos para meu sonho. Não havia vindo para Nova Iorque por sua causa e muito menos para sua casa.

Que se foda Rafaello, com sua neurose e essa sua paixão pela mulher morta.

Rebeleí em pensamentos, tentando não me atormentar mais por não ter conseguido que ele se apaixonasse por mim.

Caminhei mais um pouco enquanto não aparecia nenhum táxi e mesmo com raiva, triste e sofrendo, o medo que senti quando uma mão fechou sobre minha boca e me puxou para trás, me suspendendo no ar foi muito maior...

Rafaello

Consegui dormir já era quase de manhã. Fiquei revirando na cama, repensando na forma como fui frio e distante. Ela não merecia de mim esses sentimentos, por mais quebrado e ferrado que eu fosse como homem. Marcêlly me ofereceu seu melhor enquanto eu não lhe dei apenas mais do que horas de prazer. Ela me deu momentos de paz e de felicidade. E para meu inferno se tornar tão real, foi o seu cheiro que senti na minha cama e não de Alícia.

E combinou tanto, era como se sempre ele estivesse aqui, ou melhor, como se ele pertencesse e aqui fosse o seu lugar certo.

O que fiz? Me perguntei tantas vezes, que apenas conseguia me justificar no amor por Alícia, mas ao invés de ser um conforto eu fechava os olhos e só me lembrava dela me dizendo para amar outra pessoa. Que eu deveria seguir em frente e que eu precisava amar e ser amado de novo, porém a minha obsessão me fez ficar completamente cego e não ver que Marcêlly estava ali. Infelizmente, eu sempre justifiquei sua presença em tesão, me apegando a uma promessa que fiz, que jurei no momento do meu desespero, como se prometer isso trouxesse Alícia de volta.

Ah... Ali, o que está acontecendo comigo? Eu ainda te amo tanto, mas quero ao mesmo tempo Marcêlly.

Olhei para a foto de Alícia na mesa de cabeceira e peguei o porta-retrato.

Eu sempre vou te amar e me perdoa por gostar dela, eu não queria...

Marcêlly...

Eu a queria e estava com saudades. Estar sobre o mesmo teto não me fez ver o quanto eu fui medíocre e um fodido. Mas bastou o não ser evidente e seus olhos verterem em lágrimas para eu ver que havia magoado-a muito com minhas loucuras.

Não digo que está sendo fácil, mas eu poderia apenas ter descomplicado tudo e ter seguido o sentimento ao invés de ter me segurado e me agarrado a algo que era apenas uma convicção.

Amanhã de manhã eu falaria com Cêlly antes dela sair para suas aulas, pediria desculpas, me explicaria e pediria uma chance. Dizer a ela que tudo é tão novo e que ela tem razão sobre cada palavra que me disse.

Eu só não queria vê-la triste e que fosse embora...

Fechei meus olhos e pensar que entre tê-la na minha casa e me apegar a algo que nunca mais vou ter eu a queria, tanto que comecei a pensar na possibilidade dela não me querer e sair da minha vida.

Doeu... doeu no fundo da minha alma e foi como se meu coração começasse a se quebrar pela segunda vez.

Adormeci e acordei horas depois, ainda me sentindo mal, sentindo como se algo não estivesse certo, mas ao mesmo tempo preso a convicções de que talvez fosse a melhor decisão chegar ao fim. Não por não saber o que estava sentindo e sim porque eu havia me tornado quebrado para ela,

um verdadeiro covarde em não querer aceitar o curso natural da vida como: se apaixonar, se machucar, perder e depois recomeçar.

Quem sabe mais tarde eu conversando com ela as coisas se acalmassem e pensaríamos melhor, mas a dor dela sair da minha vida me deixou inquieto e eu precisava vê-la, olhar em seus olhos e mais uma vez buscar seu perdão, porém quando Arminia me entregou um bilhete e disse que foi ela quem deixou eu já sabia do que se tratava e do porquê.

Marcêlly havia ido embora e não voltaria mais.

Doeu...

“Rafaello, quando receber meu bilhete poderá ser depois de minutos ou horas que deixei sua casa.

Talvez ainda se questione o porquê, sendo que sempre lhe disse sobre ser consciente de que poderia ter um fim. Mas há semanas e dias tenho pensado que não teria, não quando você todas as noites estava comigo, não quando eu o sentia relaxado e feliz, ou mesmo quando me dava satisfações sobre sua vida. Era esperar mais, era relacionar os fatos e achar tudo diferente do que disse..., mas o que fazia tudo ser tão real, foi pensar e lembrar de vê-lo parado naquela calçada, encostado em seu carro ao ir me buscar na NYU. Foi quando entendi que não teve um fim e nunca poderia ter, mas o entendo, ou melhor, tento entendê-lo...

Apesar que agora eu estou com tanta raiva de você que não quero mais tentar!

Sabe...

Jamais poderei competir com um grande amor, não quando não tem espaço para mostrar que pode haver dois, três ou mais. Você não se permitiu e pela maneira como me olhou ontem à noite, como se eu estivesse

violando o local sagrado da sua vida, vi que não se permitia, que seria bater na rocha com um papel. Foi a confirmação que eu precisava para ver que nunca conseguiria significar algo para você.

Por isso o fim... Não porque ainda ama sua esposa, mas porque você não quer amar outra pessoa além dela.

Nenhum morto cobra promessas e nenhum vivo as cumpre.

Não queria que quebrasse sua palavra, eu só queria poder ter uma oportunidade de lhe fazer feliz, mas infelizmente eu me enganei quando pensei que poderia ter... Obrigada por me dar a certeza de que amei quando prometi que não amaria.

É engraçado e ao mesmo tempo um grande mistério que nunca vou conseguir entender de como sempre perco para o amor, seja ele de uma mulher pelo marido que a abandonou ou do homem que perdeu a esposa que amava. Infelizmente, ou felizmente, que seja; o amor é para alguns. Foi para Alicia, foi para Mack, mas pelo jeito não vai ser para mim. Peço que não me ligue para conversar e se explicar. Não venha até onde eu estiver, eu preciso deixar toda essa dor ir embora e não é com você bagunçando como sempre faz que vou conseguir.

Não quis ficar para conversarmos pessoalmente, você sempre se justifica na sua culpa, no seu luto, mas infelizmente eu estou viva e preciso viver, seja com você ou sem, mas nunca na sombra de outra mulher.

Não tenho raiva de Alicia, apenas admiração que pelo menos ela teve e foi amada por você.

Adeus!

Marcélly – a garota que amou sem ser amada.”

Terminei de ler seu bilhete e foi como se eu tivesse levado um soco no estômago, foi como se tudo não fizesse sentido algum. O gosto do amargo subiu pela minha garganta e deixou o gosto de fel me amargar ainda mais.

Ela não tinha ido embora! Não seria possível!

O pior é que seria...

Marcêlly sempre foi decidida e direta. Com ela não tinha rodeios, sempre foi clara e objetiva. Se ela disse que foi é porque tinha ido e se pediu para eu não a procurá-la é porque não deveria ir atrás. Mesmo querendo pegar o carro e sair como um louco por aí atrás dela. Tudo que me disse não foi tão duro quando a certeza do seu adeus.

Doía muito e começava a abrir outra ferida, uma nova, ao lado da velha que estava aos poucos se cicatrizando.

— Ela foi embora, Sr. Valentino — Armínia me disse.

— É... eu sei! — respondi desgostoso.

Amassei com força o papel nas minhas mãos, deixando-o como uma bola ao fechar meus dedos ao redor. Me senti como um completo miserável, havia ferrado com tudo. Eu jamais deveria ter me aproximado dela quando estava quebrado.

Fechei os olhos sem saber o que fazer. Em como consertaria as coisas...

— Vou colocar seu café, senhor. — Balancei a cabeça negando e me virei, saindo da cozinha e deixando Armínia me olhando sem entender nada.

Voltei ao seu quarto e não a vi, apenas o cheiro do sabonete e do seu perfume foi o que havia restado da sua presença.

Então, peguei o celular e liguei. Pelo menos precisava explicar pedir desculpas, mesmo que não quisesse, mas ela tinha que saber que eu sentia muito, que eu a queria, porém respeitaria sua vontade e deixaria o tempo se encarregar de consertar tudo entre nós dois. Porém a primeira tentativa foi frustrada e as outras na sequência também foram, as ligações estavam indo diretas para a caixa de mensagens.

Ela deveria estar muito chateada e eu esperaria para falar e dizer que não queria vê-la triste.

Mas que porra, ela me amava!

Desesperei-me e senti uma pontada de dor me invadir por saber que ferrei tudo, que eu a queria muito e saber que a perdi me fez ver que eu estava apaixonado e que se foda qualquer promessa se eu havia quebrado no momento em que a beijei naquela noite na praia.

No fundo nunca houve uma promessa.



Estava desesperado...

Passei dois dias ligando, procurando e nada dela. Fui até a NYU e também não a vi. Onde quer que estivesse ela não queria me ver e saberia que eu poderia procurá-la, por isso imaginei que ela estivesse se escondendo, pois sabia que eu a procuraria e continuaria.

Dia e noite, desde que deixou minha casa, mas nada dela aparecer.

Eu precisava encontrá-la. Já não conseguia sequer pensar em mais nenhum lugar que poderia estar. Eu estava desesperado. Só precisava encontrá-la e dizer que eu sentia muito e que ela tinha razão. Nenhum morto cobra promessa e nenhum vivo a cumprir.

E eu quebrei uma que mal existiu. E que se fosse preciso eu quebraria só para estar com ela de novo. Nesses dois dias, fui consciente do tanto que eu estava apaixonado por ela.

— Alguma notícia? — Ainda não eram 10 horas da manhã quando Luca e Russel entraram na minha sala.

Acabei contando para ele e Marco o que tinha acontecido. A princípio riram e depois ao ver o quanto estava triste e precisando achá-la passaram a se preocuparem e me ajudar.

— Não. Ela não foi para NYU. Pedi que ficassem de olho e liguei hoje mais cedo. Me confirmaram que ela não apareceu em nenhuma das aulas nesses últimos dois dias.

— Isso é bem feito para você, Rafaello. Ficou fazendo tipo e charme agora a bailarina fugiu e não quer saber mais de você. — Luca tentou brincar e aliviar o momento, mas estava impossível sorrir sabendo que ela estava me punindo com seu sumiço.

— Tem uma ligação de Rockport na linha para o senhor. — Estava prestes a mandar Luca me deixar sozinho quando Andrea entrou na sala trazendo meu café, me informando sobre a ligação.

Será que era ela?

Sem perceber e desesperado para atender a ligação me estiquei todo para alcançar o telefone sobre a mesa.

— Alô...

— *Sr. Valentino?* — Fechei os olhos ao escutar a voz de Mackenzie. Escutá-la foi a mesma coisa de ter ligado a luz e depois desligado no segundo seguinte, me deixando novamente no escuro.

— Sim, Mackenzie — respondi desesperançoso.

— *Me perdoa se estou atrapalhando* — sua voz era preocupante. Algo tinha acontecido.

— Não está me atrapalhando...

— *É que não consigo falar com Marcêlly já tem dois dias e como não sabia o telefone da sua casa e o pessoal do senhor que tenho está dizendo que não existe mais, resolvi ligar para seu escritório.* — Se já estava preocupado acabei ficando ainda mais.

Como assim não fala com ela faz dois dias? Marcêlly não deixaria de falar com a irmã. Com qualquer outra pessoa sim, inclusive eu, mas menos com ela.

— Mackenzie... — Respirei fundo, tentando achar uma resposta que não a deixasse mais preocupada.

Como que falaria para ela que eu também sequer sabia de sua irmã e que nesse momento eu estava desesperado tentando encontrá-la?

Capítulo 38

Marcellly

Abri os olhos e pisquei várias vezes, já não tinha nada me vendando e me amordaçando, mas ainda estava com os pés e as mãos amarradas e aquela dor fodida nos cantos da minha boca.

Na tentativa de reconhecer o local movimentei minha cabeça o máximo que consegui, registrando cada detalhe de onde estava. Pelo menos era isso que ensinava no *Live P.D.* caso fosse sequestrada. Não que poderia chamar de sequestro, mas de cárcere privado se tratando de quem me trouxe.

O que ainda me deixava cheia de dúvidas, só sabia que tinha algo relacionado com Raf.

Estava um pouco escuro, e eu estava deitada, lateralizada, sobre uma cama confortável e de frente para uma janela. Pelas frestas da cortina dava para perceber que era de dia. Atenta, tentando entender onde estava e porque ainda continuava amarrada, levantei meu olhar e encontrei com um retrato sobre a mesa de cabeceira. Reconheci a mulher na foto e onde estava exatamente assim que o barulho das ondas se chocando no fim da praia invadiu meu ouvido.

Eu estava em Rockport, na casa de Raffaello Valentino e no quarto que era dele. A mulher da foto era Alícia. Mas o que estava fazendo ali com o desgraçado do meu pai? E por que eu estaria na casa de Raffaello?

Nada fez sentido algum.

Começando naquela manhã, quando saí da casa dele e fui caminhando enquanto não conseguia ver um táxi e logo aquela mão me sufocou e aquele corpo me ergueu no ar e me jogou dentro de uma van preta, depois de eu me debater e quase conseguir sair dos seus braços. Ele me arremessou com violência contra o chão sujo de borracha. E lá estava Michæl, em um canto sorrindo diabolicamente, me olhando dizendo olá como se estivesse sendo normal. Mas ele não estava sozinho, com ele estavam mais dois homens além do que me agarrou. Um estava dirigindo e o outro sentado ao seu lado, em um total de 4 pessoas e eu contra eles.

— *Onde está me levando?* — gritei ao perguntar desesperada enquanto eu era novamente puxada e deitada de barriga para baixo com as minhas mãos para trás, sendo segurada pelos punhos. Me amarraram e doeu

quando apertaram a corda enquanto o joelho do mesmo homem que me pegou pressionava contra as minhas costas.

— *Oi querida filha! Falei que nos veríamos em breve.* — Mitchel continuava a sorrir aquele sorriso que sempre me deu nojo e medo ao mesmo tempo. Ele me olhava e a forma como me olhava era como se seus olhos falassem e me dissessem o quanto de maldade poderia fazer sem remorso algum.

— *Seu desgraçado, onde está me levando?* — inquiri ao me sentir desesperada, querendo entender, o que ele estava fazendo ali e porque estavam me amarrando.

— *Calma filhinha, vamos passear e viajar.* — Ele piscou e riu ao olhar para o homem que estava nas minhas costas e que além de me amordaçar enfiou minha cabeça em um saco preto.

— *Agora não vai falar mais, querida. Quietinha! A filhinha do papai vai calar a boquinha um pouquinho* — o outro disse ao me soltar e me colocar sentada. No entanto, a van passou por um redutor com velocidade e acabei me desequilibrando e não só cai para o lado, como também fui arremessada contra a lataria. Gemi de dor e meus olhos lacrimejaram quando meu corpo se chocou com o metal.

— *Caralho, dirige essa porra direito.* — A voz de meu pai disparou repreendendo quem estava dirigindo.

Por que eu estava aqui e o que estava acontecendo?

Um medo me invadiu me deixando não só aflita, mas desesperada e temendo pela minha vida.

O porquê de me amarrarem?

Tudo era tão estranho quanto inexplicável e vago.

Tentei me mexer, mas as cordas estavam tão apertadas que não consegui sequer mexer os dedos. Não teria como sair, eles haviam me deixado completamente indefesa, sem conseguir me mover ou falar. Por isso parei de tentar me movimentar e me concentrei em apenas ouvir. Contudo, o barulho do ronco dos escapamentos não me deixava ouvir nada mais que eles e o motor do carro em movimento.

— *Sua filha é linda em Mitchel...* — um deles disse, mas sua voz estava baixa e ainda se misturava ao som do blues que acabavam de ligar.

— *Desliga essa porra. Que música ruim* — um outro comentou.

— *Desligo se eu quiser, quem está dirigindo sou eu.* — Quem falou agora havia sido o motorista.

— *Parem de discutir, parecem duas crianças brigando por causa do brinquedo. Que saco, não é à toa que Ricco já reclamou de vocês.* — Foi Mitchel que assumiu o embate e terminou ele. — *Sim, a danada puxou para o pai.* — O desgraçado mudou de assunto e retrucou em tom de gozação.

— *Não viaja, sentinela...* — o outro falou e registrei que pelo visto o chamavam de sentinela. — *Ela não se parece com um cara tão feio como você.*

— *Vá se foder. Feia é a sua mãe...* — o desgraçado respondeu gargalhando.

Eles riram e mudaram de assunto até chegar em algum lugar que sequer fazia ideia. Um deles me carregou nas costas assim que Mitchel deu ordem a um tal de Fox e em seguida, desceu fazendo barulho ao correr a porta da van. O homem, que seria o tal Fox, me carregou em seu ombro

como se eu fosse um saco de mercadoria e me colocou no chão após caminhar uma distância maior.

Assim que me colocou no chão sentada ele tirou o saco preto da minha cabeça.

Pisquei várias vezes, me acostumando novamente com a claridade. Olhei ao redor, procurando entender porque me trouxeram para um hangar. No canto o barulho da turbina do avião rugia alto e haviam várias SUV's pretas pelo local e delas desceu um homem alto, vestindo o velho e clássico terno preto com a camisa da mesma cor. Ele vinha na nossa direção, andando como se fosse um rei. Seus olhos miravam em mim e em seus lábios um sorriso que atravessava seu rosto.

Pelo visto alguém estava feliz.

— Bom trabalho, meu sentinela... — Novamente o apelido e era de Mitchel. O homem se aproximou e cumprimentou ao beijá-lo na lateral do rosto e se afastando virou e me olhou, abaixando e ficando agachado rente com meus olhos.

Seus olhos eram tão azuis que pareciam ser pequenas bolas retiradas do céu. Mas algo nelas me deixava desconfortável, eles tinham o mesmo brilho sádico dos de Mitchel.

O medo se intensificou e eu senti que algo de ruim estava prestes a acontecer quando seu sorriso se tornou algo diabólico.

— *Sua filha é linda, Micthel. É inegável que os Valentino têm bom gosto para escolher uma boceta. Rafaello deve estar caidinho por ela. Com certeza ela vai ser a isca perfeita e ainda bem que é sua filha* — ele disse e olhou para aquele desgraçado que estava ao seu lado e sorriu ainda mais.

— *É a família trabalhando unida, senhor.* — Mitchel brincou e sorriu ao me encarar. — *Pelo menos Jodie e eu soubermos fazer uma filha bonita.*

Que desgraçado, filho da puta... Como ousa falar no nome da minha mãe depois que a abandonou?

— *Se não tivesse passado na cama de Raffaello Valentino com toda certeza passaria pela minha.* — Ele voltou a me encarar. — *Tenho certeza que seu pai não se importaria em dar você para o patrão dele.* — Choringuei sentindo a maldade com que suas palavras saíam enquanto seu polegar tocava meu lábio inferior.

Virei o rosto e ele segurou meu queixo com os dedos e puxou, fazendo com que eu olhasse de novo em seus olhos.

— *Seja uma boa menina.* — Ele bateu em meu rosto com a palma quando me remexi e abri mais a boca para repudiar o que estava me dizendo. Mas foi tudo em vão. Quanto mais eu abria meus lábios, mais forçava o tecido nos cantos da minha boca, cortando-os. — *É a putinha de Raffaello Valentino e vai servir para o que quero. Aquela família vai me pagar por tudo...* — disse com ódio.

Mais uma vez a sensação de pânico me invadiu. E pelo jeito o alvo era Raffaello e me usariam para atraí-lo. Foi tão simples entender a dinâmica deles que eu só somei as palavras e tirei minhas conclusões. Eu era uma isca para eles fazerem algo contra Raf. Provavelmente era relacionado a assuntos da máfia. No entanto, eles não sabiam que eu e Raffaello não estávamos juntos, ou melhor, ao meu ver e na minha percepção, eu estava com ele, mas ele ainda estava com a esposa morta.

Porém eu precisava avisá-los, jamais queria que acontecesse algo com Raf. Talvez se soubessem que não estávamos mais juntos isso me tiraria

daqui após constatarem que eu não o atrairia como estavam pensando.

Na tentativa de me entenderem, balbuciei e neguei, balançando a cabeça de um lado para o outro.

— *É sim... não negue. Seu pai está vigiando vocês por todo o verão e depois da ceninha de ontem, no portão da casa dele, não precisa negar para livrar o merda dos Valentino. Um irmão já foi, em breve será Rafaello* — ele confirmou e deixou a entender que faria algo de ruim contra Rafaello.

Abaixei a cabeça e choraminguei mais ainda. Por mais que não estávamos mais juntos, eu me importava com ele e não queria que nada de mal acontecesse.

— *Ricco...* — Levantei a cabeça quando escutei uma voz feminina, junto com o toque dos saltos se aproximando.

— *Já estamos indo, Júlia.* — O tal Ricco se levantou e deu o braço para a mulher e foram na direção do avião enquanto um dos outros homens me puxava do chão e me jogava sobre seu ombro.

Dentro do avião me colocaram em uma das poltronas, era um desses jatos particulares, porém espaçoso. Ele e a mulher se sentaram em uma poltrona um de frente com o outro e assim que o avião decolou tiraram minha mordaca e me forçaram a beber alguns comprimidos com água. Acredito terem sido calmantes, pois agora eu estava em Rockport na casa de Raf, olhando para a foto de sua falecida esposa.

Por algumas horas fiquei ali, sozinha, não escutava sequer um barulho e já estava escurecendo quando o desgraçado apareceu, carregando um prato nas mãos.

— Acordou, filhinha? — perguntou debochadamente.

Era claro que ele não poderia ser diferente. O desgraçado só sabia pensar em dinheiro e jogos, só pensava nele. Era um completo egoísta que foi o causador da morte da minha mãe.

O ignorei e ele se aproximou colocando o prato ao lado, próximo da foto de Alícia.

— Por que me trouxeram para cá? — perguntei enquanto desamarrava minhas mãos.

— Porque você é a isca perfeita — ele respondeu tranquilamente, diferente do que pensei.

— Isca para o que, Mitchel?

— Para matar Rafaello Valentino queimado! — Me desesperei pelo que disse e quando terminou de desamarrar meus pés eu o chutei.

— Você é um monstro, que merecia estar queimando no fogo do inferno, seu desgraçado. — Mitchel ameaçou ao se jogar para frente e me segurar pelos meus pulsos com força.

— Eu não ligo, pode falar o que quiser. — Ele me levantou no ar, ainda me segurando pelos braços e me soltou em seguida com tudo. — Você acha que ligo? Não.

— É não deve ligar mesmo, é um desgraçado que sequer se importa que tem filhas. — Ele riu e se afastou da cama, colocando as mãos no bolso da calça.

— Você acha que vai me tocar ao falar o que fiz, sobre abandono, criança?

— Não... você é um monstro e não ama ninguém. Você matou minha mãe. Se soubesse o quanto eu te odeio não se aproximaria mais de mim e muito menos da minha irmã.

— Não ligo para nenhuma das duas, sempre foram peso morto na minha vida. — Suas palavras foram frias e vazias, como sempre pensei que ele seria quando eu o confrontasse.

— Um egoísta de merda. Um ferrado na vida. Olha para você Mitchel... — Por fim, todo o desprezo que nutri por anos veio com uma força incrível. Eu não deixaria Mitchel mostrar o quanto ele achava que foi melhor sua vida ao abandonar sua família.

— Estou muito bem, obrigado.

— Acredito que não muito, é um fodido que só sabe receber ordens. Nunca vai passar de ser um pau mandado e viciado. — Mitchel me deu as costas e foi até a janela em silêncio. Ele com o indicador afastou a beirada e espiou lá fora.

Quando estávamos no avião, pelo modo como conversavam, escutei atentamente ao que falavam e descobri que Mitchel trabalhava como segurança de Ricco Donttino, outro mafioso, que pelo visto queria acabar com a vida de Raf. E não fazia ideia alguma qual era o motivo.

— Rafaello não vai vir em meu socorro, se estiverem com esse pensamento — disse quando percebi que ele ficaria quieto e ali.

Ele continuou em silêncio e sorriu com o canto dos lábios.

— Eles sempre vão atrás do que é deles.

— Aí que você se engana, eu só tenho... — Parei de falar no exato momento que me lembrei. — E Mackenzie? — perguntei voltando minha preocupação para minha irmã. Será que fizeram ela também como uma refém?

— Sua irmã está em casa. Ela não virá aqui pelos menos até saber que a casa está ardendo em chama — respirei aliviada. — Agora coma, você não pode morrer antes da hora, apesar que a bela língua afiada não faria falta nenhuma. Poderia até dá-la para você comer. — Micthel se aproximou pegando o prato na cabeceira e me estendeu, mas eu bati com a mão e joguei para o lado enquanto ele continuava com aquele sorriso nojento.

Queria chorar de alívio por saber que Mackenzie estava a salvo. Mas e ele? Eles o matariam e mesmo que tenha chegado ao fim eu o amava e só de pensar que ele morreria meu mundo começava a perder as cores e todo o brilho, meu coração começava a sangrar.

— E Rafaello? — perguntei. Eles estavam convictos de que ele viria. Então cadê ele?

— Em breve ele chegará, já faz dois dias que estamos aqui e ele deve estar chegando para queimar com você e essa casa. — Não consegui segurar e deixei as lágrimas escorrerem livres pelo meu rosto.

— Por que? Por que está fazendo isso?

— Porque eu tenho uma dívida de sangue com Ricco e vou servi-lo nem que para isso eu tenha que sacrificar uma de minhas filhas — ele arfou e desfez aquele sorriso e continuou... — Ele pagou minha dívida de jogo no momento que estava para morrer. Jurei lealdade em troca da minha vida, Marcêlly. Por isso não voltei e muito menos as abandonei, só as deixei para

trás porque pertenço a família Donttino. — Ele foi abaixando o tom de voz como se tudo o que me disse fizesse qualquer diferença.

— Deveria ter morrido... — resmunguei sentindo ainda mais repulsa por ele.

Infelizmente eu olhava para o homem que era meu pai e não me conformava que ele preferia ter sua honra e trocar ela por uma das filhas.

Capítulo 39

Rafaello

Eu estava indo até o inferno pela segunda vez... E minha sala se tornou o purgatório em busca da salvação tentando encontrar Marcêlly.

Ainda estávamos na parte da manhã...

Depois que falei com Mackenzie não conseguia pensar em nada a não ser em Marcêlly e onde poderia estar, me lembrei do hostel quando não permiti que ficasse. Mesmo que a procurei lá, quem sabe ela teria aparecido por lá. Mandeí que a procurassem em cada canto possível de Nova Iorque. Eu estava desesperado, despedaçado sem saber o que fazer, meu corpo e minha mente doíam a cada minuto que se passava sem ter notícias suas...

Como pude ser tão cego a ponto de não conseguir ver o quanto Marcêlly era importante. Achei que estaria colocando-a no lugar de Alícia, mas só me dei conta que estava apaixonado quando ela decidiu ir embora.

— Nós vamos achar a garota, Raf. — Marco estava com o rapaz do TI, procurando por qualquer indício das últimas ligações do telefone dela,

mas não conseguíamos localizar sequer nenhum sinal. E a cada minuto que sua ausência se tornava palpável eu sentia como se estivesse perdendo-a para sempre. Eu não deveria tê-la deixado sair, na verdade, eu não deveria sequer ter me afastado. Simplesmente eu respeitei sua vontade e lidei com a culpa deixando-a de lado enquanto era ela que me fazia bem e que me tirava do abismo. Foi Cêlly que me fez viver novamente, foi ela quem me trouxe para a luz quando tudo ficou sombrio e escuro.

— Raf... — Luca entrou segurando o dispositivo de imagens da segurança. — Acho que encontrei alguma coisa.

— O que? — Me aproximei com tanta rapidez que era nítido meu desespero.

Luca virou a tela e tocou para iniciar o vídeo. Eram das câmeras de segurança da minha casa.

— Vai aparecer uma van preta. — Ele apontou o dedo para o canto da imagem que estava passando. Ela cruzou a frente da sua casa durante o dia e a noite antes de Marcêlly sumir. Pelo que contamos foram ao menos 4 vezes. E depois no dia em que ela sumiu, a van passou e sumiu por volta do horário que Armínia disse que ela foi embora.

Russel se aproximou e começou também a ver o vídeo, retornando-o.

— Acho que essa van pode ter alguma coisa relacionado... — Luca olhou para mim e depois para Hakim no mesmo momento que o som do meu celular tocando ecoou.

O peguei rapidamente e olhei para a tela não reconhecendo o número e, com medo de atender e serem notícias ruins fiquei esperando

cheio de dúvidas. E se eu atendesse e fosse notícias dela? E me dissessem que algo de ruim aconteceu com ela?

Respirei fundo procurando não pensar que eu a perderia.

— Alô... — atendi com tantos receios e só ouvi seus gritos e o barulho de algo caindo ao fundo. — Marcêlly... Marcêlly... — repeti seu nome, tentando que me respondesse, mas os gritos continuavam e me vi sendo torturado pensando em tantas coisas.

Porra...

O que estariam fazendo com ela?

Desligaram a ligação só para me torturarem.

Fechei meus olhos e senti meu coração se partindo completamente ao meio, pelo menos o que restava dele.

Tudo estava acontecendo por minha culpa. Se não tivesse surtado por causa de uma idiotice minha, preso na culpa de uma promessa que nunca existiu nada teria acontecido com ela.

Com a minha garota...

Eu só queria voltar no tempo, naquela praia, naquele estúdio, quando transamos sobre o balcão da cozinha e levá-la para minha cama, abraçá-la e dizer que eu estava apaixonado, mas que era um completo idiota que não soube, que não quis enxergar o que estava bem embaixo dos seus olhos.

Alicia que me perdoasse, mas eu queria Marcêlly, a queria do meu lado e na minha vida de qualquer jeito. Sei que confundi tudo e fui tão reticente, um completo idiota. Acabei cometendo o maior erro da minha

vida ao deixá-la ir. E agora estava aqui desesperado para achá-la e dizer que eu estou apaixonado e que sou um louco sim, mas por ela.

— Desligaram... — Engoli em seco ao me virar e vi os olhos de todos em mim.

— Não passaram de 29 segundos — o TI disse, mas parou de falar assim que ele se ajeitou melhor na cadeira e abriu algumas telas de segurança da minha casa em Rockport e foi quando vi um homem transitando por lá.

Eles estavam lá... Aquele filho da puta...

— Trava a tela — Russel aproximou e ordenou. — Aproxima, por favor. — Como pediu o TI fez. — Esse é o *sentinela* de Ricco Donttino.

— E pai de Marcêlly.

Ela estava em Rockport..., mas como se havia falado com Mackenzie há pouco e foi ela quem me disse que Cêlly não dava notícias há dois dias. Será que ela estava me escondendo algo?

Comecei a pensar: Segurança do Rico, Rockport, o pai dela e Mackenzie me ligar. Tentei correlacionar e combinar os fatos, mas só dois deles davam uma conclusão parcial.

Mitchel sequestrou a filha para me atacarem.

Levei minha mão no rosto e com o indicador e o polegar apertei o canto dos meus olhos ao me lembrar que ele nos viu naquele dia na sorveteria. Ele não estava lá para atormentar as filhas, estava lá por minha causa e me vigiando, mas o que Mackenzie teria a ver.

Será que ela...?

Não é possível que ela deixaria alguém machucar a própria irmã. Me neguei a este pensamento e buscando por mais respostas para tentar entender ainda mais um pouco, peguei o celular e liguei para ela.

Foi bem rápido e ela atendeu no segundo toque.

— *Alô...*

— Mackenzie é o Rafaello. Me responde uma coisa: você está na minha casa neste momento? — fui direto.

Talvez o pai tivesse ido lá e talvez nem estivesse com ela, ele poderia ter ido a minha casa por causa de Mackenzie. Tinha que me atentar a mais possibilidades do que ficar só na que Mitchel sequestrou a filha para que Ricco se vingasse de mim.

Ele poderia não estar envolvido, o que acho bem improvável.

— *Não. Recebi há três dias um recado do seu escritório, que era para eu não ir trabalhar, pois, estariam dedetizando a casa nos próximos dias e que ninguém deveria ir lá. Eu até achei estranho, porque o senhor mandou dedetizarem a casa antes do verão* — ela me informou.

— Obrigado, Mackenzie. Até mais!

— *O senhor conseguiu falar com Marcélly?* — ela perguntou antes que desligasse a ligação.

— Ainda não, mas acho que sei onde ela está. — Achava não, tinha praticamente certeza.

Ela estava em Rockport e era para lá que eu iria.

— Já sei onde ela está! — Por mais que saber do seu paradeiro me trouxesse um certo alívio, ainda estava angustiado por saber que ela estava correndo algum risco.

Eles não a pegaram à toa e se queriam a mim eles teriam.



Reunimos os melhores homens de Giovani. Russel já tinha traçado um plano para tirarmos em segurança Marcêlly, mesmo não sabendo onde ela estaria ao certo. Só sabíamos que ela estava na casa em qualquer um dos cômodos.

Depois que ficamos sabendo onde estavam, os técnicos puxaram imagens anteriores da câmera e viram quando chegaram com ela desacordada. Era a mesma roupa que estava usando quando saiu da minha casa. Um dos homens de Ricco a carregava no ombro como se ela fosse uma mercadoria. Sabíamos e tínhamos certeza de que Enrrico Julian Donttino estava aprontando alguma coisa, até ele esteve na casa, mas não sabíamos muita coisa, cortaram o sistema deixando apenas a câmera da escada ligada. Deduzimos que eles queriam que soubéssemos que estavam lá, mas não o que estavam fazendo, por isso só tínhamos conhecimento que Marcêlly estava no andar superior.

Foram quase duas horas até conseguir chegar em Rockport e nunca esses quase 120 minutos foram tão longos.

Será que ela estava bem?

Por minutos fechei meus olhos lembrando dela, do seu jeito direto de ser. Marcêlly não parecia só ter a metade da minha idade. A vida lhe fez ser capaz de superar e seguir em frente, porém eu não seguiria sem ela. E a cada minuto que passava eu ia entendendo que foi preciso ela me dar as costas e adeus para entender o quanto a queria.

Para sempre eu amaria Alícia, ela foi meu grande amor, assim como meus filhos eram meus grandes amores também e mesmo tudo tão indefinido Cêlly poderia também ser um novo e segundo grande amor na vida. Não classificando quem é o primeiro e segundo, mas nas quantidades e possibilidades de se acontecer mais de uma vez.

— Calma, vamos resgatá-la. — Marco afagou meu ombro, me fazendo olhar diretamente para ele.

— Assim espero — suspirei, sentindo aquele frio, o desespero de perder novamente e me afundar no abismo da escuridão.

— Não sabia que ela representava tanto assim — Marco disse enquanto assumia a poltrona à minha frente.

— Como assim? — perguntei tentando entender o intuito.

— Só vi este olhar, esta expressão quando Alícia morreu. — Respirei fundo, tentando controlar a emoção que me invadia e me deixava à beira do precipício novamente. — Você gosta dela.

— Gosto e muito..., mas acabei fazendo uma burrada. Eu não vou me perdoar se eu a perder sem dizer o que sinto e pedir desculpas, que lamento por ter discutido com ela por estar dormindo na cama que foi minha e de Alícia — reformulei. — Eu sei... não precisa me olhar e crucificar. Exagerei e não via o quanto sempre foi ela nesses meses todos. Desde a noite na praia, era ela e não Alí. Eu sempre fiquei preso no amor que sentia por ela e esqueci que Cêlly estava fazendo meus dias serem melhores. Foi ela quem me puxou da escuridão me trazendo de volta para luz. Não quero perdê-la — concluí o desabafo me sentindo pior ainda. Era por minha causa que ela estava nesta situação. Se não tivesse surtado, me

apegado a convicções medíocres não teríamos discutido e Marcêlly não estaria nessa situação, correndo riscos.

Ninguém pode duvidar da capacidade maldosa de Ricco.

Não demorou muito, fizemos a aterrissagem e seguimos em cinco carros para Rockport. Se eles me queriam ali por causa dela eu estaria. Eu iria até o inferno por ela.

Mais alguns quilômetros de carro e chegamos no meu condomínio. Russel com alguns homens ficaram para trás enquanto eu seguia nos primeiros carros. Marco foi em outro com os demais que se posicionaram no lado oposto. Eu chegaria primeiro e depois viriam aos poucos. Precisávamos avaliar como estava o território.

Mas, mal entramos no perímetro da cidade e meu telefone tocou. Era o mesmo número de antes.

Atendi imediatamente.

— Raf... Raf... não vem... AI! — Era a voz de Cêlly, ela hiperventilava, deveriam estar fazendo alguma coisa.

Ao fundo escutei um estampido e algum objeto batendo no chão.

Fiquei desesperado...

— Cêlly... Cêlly, você está aí?

— *Sua vagabunda...* — O eco da voz de alguém seguiu o barulho mais forte de algo caindo no chão. — *Agora vai ficar caladinha...* — A voz disse mais próxima do telefone.

— NÃOOO! — Fizeram algo com ela e os ecos ficaram mudos.

Tudo ficou em silêncio absoluto. Até...

— *Rafaello Valentino?* — A mesma voz que escutei ao fundo agora estava mais intensa ao perguntar se era eu quem estava na linha.

— O que fizeram com ela? — fui direto. — Eu estou chegando se tocarem em um fio de cabelo dela, nada vai ficar de pé. Avisa para Ricco Donttino que eu vou caçar ele e a Júlia e vai ser com minhas mãos. — Escutei uma gargalhada ao fundo quando terminei de falar e enviar minha ameaça.

— *Aqui quem fala é Mitchel Shunter!* — O pai dela estava com ela como imaginei. — *Como está?*

Não respondi sua pergunta.

— Cadê, Marcêlly? É melhor sua filha estar bem ou você como todos daquela casa vão pagar caro.

O desgraçado gargalhou ao fundo novamente.

— *Acha mesmo que vai conseguir chegar a tempo? Não tenho medo de nenhum Valentino e quem vai cair vão ser vocês. E venha sozinho, não traga seu batalhão e o médico. Se demorar pode ser tarde.* — Ele desligou o telefone.

Não me deixaria ser levado por uma ameaça, eu precisava me apegar a única esperança que tinha. A de que tudo daria certo e ainda hoje estaria levando Cêlly em segurança para minha casa. Ou melhor para nossa casa.

Capítulo 40

Marcellly

A lateral do meu rosto estava doendo muito. Um dos homens que estavam com Mitchel veio até o quarto depois que ele me deixou, após eu despejar toda a mágoa sobre seu abandono e o que fez com a minha mãe. Agora eu o odiava ainda mais, não conseguia nutrir qualquer sentimento bom em relação a ele, quanto mais falava mais eu sentia que não era meu pai.

A crueldade não tem uma medida específica, cada um demonstra conforme lhe é mais conveniente e para Mitchel a única importância que tem é a vida dele, ele mesmo e todo seu umbigo.

Posso ser criticada, mas não consigo amar alguém que tinha o papel de me proteger, amar e estar me estendendo a mão quando mais precisasse.

Mas e Rafaello? O que ele era diferente de Mitchel?

Ele também não me amava, porém nunca disse e muito menos prometeu me amar. A consequência de me apaixonar por ele e não ser

correspondida era só minha. E eu não deixaria que ninguém tentasse fazer mal para ele. Por isso, quando o outro homem entrou, me trazendo novamente um prato com biscoitos eu pensei e agi, ao envolvê-lo e tirar minha blusa, ele veio e se aproximou a ponto de ficar tão perto. O beijei e consegui aos poucos envolvê-lo e tirar seu celular. E foi na hora exata que Mitchel voltou e o tirou dali.

Em posse do aparelho já que Mitchel havia me desamarrado, não pensei duas vezes antes de correr para o banheiro e ligar para Rafaello. Ele precisava saber que não deveria vir para cá.

Eles o matariam.

Digitei o número tão rápido na tela que não olhei e nem conferi para ver se estava certo. Apenas precisava dizer que não era para ele vir. E quando atendeu eu só repetia seu nome e pedi para não vir antes do celular ser tirado da minha mão e ser içada pelos cabelos.

Gritei e esperneeii antes de ser apagada com um soco. Quem quer que fosse voltou, conseguiu abrir o banheiro e me flagrou com o telefone. Eu não havia trancado e o pouco tempo que tive usei para avisar Raf. Eu não tinha conseguido ver quem era que me acertou, quando acordei já estava de volta na cama e com o barulho de tiros ecoando ao longe. Mas não estava no quarto que era de Raf e sim no que eu ficava.

Toquei meu rosto e senti a dor na minha bochecha onde recebi o soco. Deveria estar inchado, pois doía muito e ainda atordoada olhei ao redor e meus olhos encheram de lágrimas. Eu estava no mesmo lugar que passamos a maior parte do verão. Tantas lembranças me tomaram e a me sufocarem.

Eu não consegui avisar.

E se ele veio? Onde estariam?

Fiz tantas perguntas para mim mesma, sendo que para nenhuma eu tinha resposta, apenas a sensação de sufocamento que me invadiu. Abracei-me encolhida envolvendo meus joelhos. Me embalei balançando meu corpo desesperada. Fui tomada pelo medo de perdê-lo. O choro preso.

Chorei copiosamente e parei quando escutei vozes lá fora. Uma discussão na praia. Me soltei e saí correndo na direção da janela, abrindo as cortinas para ver o que estava acontecendo.

Ah... meu Deus!

Era Raf na praia e brigava com um dos homens que estavam ali.

— Raf... Raf... — gritei enquanto tentava abrir a janela, mas ela estava emperrada. Bati com os punhos contra o vidro temperado, mas foi em vão. As janelas das casas de veraneio tinham os vidros mais espessos. Não adiantava bater, Rafaello não me veria ali, mas me viu, seu olhar levantou para o alto e sua cabeça seguiu na direção da vidraça. Assim que me viu passei a esmurrar ainda mais e gritei quando ele foi acertado e me arrancaram dali.

Não vi mais nada, apenas fui me debatendo, tentando sair dos braços de Fox, um dos homens que estava com Mitchel. Ele me levou para o quarto em que eu estava.

— Você não vai estragar as coisas... — Fox me jogou contra o chão e antes de me trancar levantei rápido e tentei ainda alcançar a porta aberta, mas ele foi mais rápido e me trancou.

Eles o matariam e eu poderia nunca mais vê-lo. E na tentativa de tentar sair daquele quarto fui até as janelas, mas essas estavam tão bem

trancadas quanto a porta. Eu havia sido feita não só de isca, para atrair Rafaello até aqui, eles me queriam para ser culpada por sua morte.

Desesperada, girei pelo quarto procurando algo que pudesse usar para tentar quebrar o vidro, o que era quase impossível, a não ser se tivesse com uma marreta, mas foi então que vi a foto de Alícia e sem entender o motivo a peguei e fiquei olhando para ela.

— Me perdoa se amo seu marido, se o quis tanto a ponto de desejar ser você. Mas eu lhe entendo. Como não amar um homem como ele? Eu iria querer que ele me promettesse amor eterno também — falei sozinha, como se estivesse frente a frente com a mulher da foto. Por fim, abracei sua foto e fui para o banheiro. Lá, eu me sentei contra a parede, apertando o retrato contra meu peito.

Eu não poderia fazer nada presa aqui, foi quando vi a fumaça tomando aos poucos o chão do quarto.

Eles estavam queimando a casa como disseram que fariam, isso só significava que ele estava morto e logo seria eu a estar também.

Te amo Rafaello Valentino.

Rafaello

Ninguém me pararia...

Ninguém diria o que tenho e devo fazer. E eu iria salvar Marcêlly de qualquer maneira, inclusive depois da ameaça de minutos antes que seu pai me fez. Eu não me acovardaria mesmo que para isso eu tivesse que trocar de lugar com ela.

Cheguei ao número 10 do condomínio de casas à beira-mar e nenhum carro estava estacionado, mas de pé em frente à casa estava Mitchel, ele estava encostado ao lado da porta, comendo fatias de maçã que ele mesmo cortava e com a ponta da faca espetava e servia em sua boca.

O *filho da puta* sorriu ao me ver saindo do carro, porém não estava sozinho como ele pensava e queria, ele também não estava, pois de dentro da casa saíram mais dois homens afastando a jaqueta de couro e mostrando que estavam armados.

Eles acharam que me intimidariam, mas ignorando-os me aproximei e fiquei parado a frente de Mitchel.

— Cadê ela? — perguntei sem rodeios.

— Ela está lá em cima. — Ele sorriu e enfiou outro pedaço de maçã na boca e mastigou lentamente, como se isso fosse um jogo que ele fosse melhor do que eu.

— O que você quer?

— Eu? — Ele fungou de modo furtivo e como se seus movimentos fossem me intimidar se esticou e ficou ereto ao me encarar nos olhos. — Eu não quero, só estou aqui para cumprir ordens, Valentino. — Ele sorriu com o canto dos lábios enviesados.

— E de quem são as ordens? — Eu sabia de quem era, mas a pergunta foi feita para ganhar tempo de Mitchel enquanto, Marco e os outros homens tentavam entrar pelos fundos.

— Enrrico Julian Donttino, Don Donttino. Você queimou sua casa e agora ele queima a sua. É olho por olho e dente por dente — sibilou e semicerrou os dentes ao jogar o miolo da maçã no chão e limpar a pequena faca, ou melhor, uma adagada, na calça.

— E desde quando sua filha precisa estar no meio? Por que como pai você não solta ela? — perguntei, inquirindo-o a falar mais.

Além de estar enrolando, esperando que as coisas dessem certo e um dos meus conseguissem tirar Cêlly de dentro da casa, eu precisava que confessasse o que fez.

— Ela é sua garota e devo a minha lealdade a Ricco. — Sim, Marcêlly era a minha garota e ninguém encostaria um dedo sequer nela. — Infelizmente todos vão morrer um dia e Marcêlly também, então não importa os motivos e as causas, o fim chega para todos cedo ou tarde, caro Valentino. — Fui rápido e certo, meu punho fechado afundou-se em seu rosto e Mitchel por não estar esperando cambaleou e quase caiu. Ao se endireitar ele avançou e apontou o punhal para mim, foi quando me esquivei.

— Um covarde... vai revidar armado, Shunter? — provoqueei-o.

— Desde que ela acabe no meio da sua garganta não me importo quais serão os meios. — Ele avançou e eu fui recuando passo a passo à medida que investia contra mim com a adaga.

Mitchel recuou e correu para o lado, invadindo o jardim ao pisotear a grama e um canteiro de flores, indo para a lateral da casa, na direção do fundo. Foi quando, ao mesmo tempo, escutei um som de tiro.

Marco...

Os homens logo atrás de mim correram na direção. E pensei em enfrentar um dos homens de Ricco, porém um deles voltou para dentro da casa e a trancou e o outro foi na mesma direção de Mitchel.

Era estranho e tive a sensação de que era exatamente o que queriam, no entanto, eles não tinham sequer ideia que eu estava em maior vantagem em relação a quantidade de homens para entrar em combate.

Segui para os fundos da casa e quando cheguei no banco de areia um dos homens deles me acertou por trás e me jogou contra o chão. Ele investiu com seu corpo e abaixou para tentar me acertar um soco, mas rolei para o lado escapando ganhando espaço para me levantar. De pé, voltei a me posicionar esperando suas investidas e foi quando escutei gritos e a voz feminina.

Era ela.

Procurei, olhei para todos os lados, foi quando a vi investir os pulsos fechados contra a janela fechada.

— Cêlly! — gritei e me endireitei para correr na direção da casa, mas fui interceptado e me acertaram no rosto enquanto alguém a tirava de lá.

Levantei e tentei ir de novo na direção da casa enquanto Marco acertava o rosto do mesmo homem que me acertou.

— Corre, eu seguro por aqui. Russel deve estar chegando — Marco berrou.

Assenti e corri na direção da casa, passando pelo deque de madeira, mas parei, quando Mitchel surgiu na minha frente empunhando uma arma em uma das mãos e na outra um taco, com um pano amarrado na ponta, todo embebecido com óleo e fogo ardendo.

— Caralho... é sua filha — gritei e apontei quando vi ele jogando o taco na porta de entrada, que era de madeira.

O fogo pegou no mesmo instante e o cheiro de combustível exalou, na mesma proporção que as labaredas tomaram forma para o alto. Eles haviam preparado uma maneira para que o fogo se espalhasse rapidamente pela estrutura de madeira marítima da casa.

Tentei avançar, mas ele me impediu, mantendo a arma apontada para mim, me ameaçando e me empurrando para trás, ganhando uma distância segura do fogo.

Eu precisava tirar Marcêlly de lá, antes que o fogo atingisse a casa inteira.

— Era para você estar lá dentro junto com ela, mas prefiro olhar nos seus olhos quando o ver caído nos meus pés com uma bala na sua cabeça. — O desgraçado me ameaçou, como se tirar minha vida fosse fazer alguma diferença, sendo que sua filha não estaria mais aqui. Se ela fosse morrer que eu morresse junto então. Eu não conseguiria me levantar desta vez. Não quando descobri que eu estava completamente apaixonado por Marcêlly e precisava dela em minha vida, ao meu lado.

— Desgraçado... — Tentei novamente avançar sobre ele e senti quando meu ombro foi atingido.

A dor foi dilacerante, mas não tanto quanto estava sendo ver as chamas altas engolindo minha casa e junto tirando da minha vida a minha garota.

As chamas já haviam tomado parte da casa e da cozinha. A cortina de fogo brilhava nas costas dele e logo viria até nós, mas pouco me importava, eu só pensava nela neste momento.

A morte chegaria de um jeito trágico em nossas vidas, como as tragédias de Shakespeare. Como se fôssemos Romeu e Julieta.

— Então acabe logo com isso! — Segurei o cano e ajudei-o a prensar contra minha testa, mas fui surpreendido por Russel se aproximando mirando uma pistola diretamente para o rosto de Mitchel.

— Solta a arma — Hakim ordenou e foi se aproximando até encostar o cano contra o pescoço do Sentinela.

Mitchel não teve outra opção a não tirar o dedo gatilho e me entregar sua arma.

— Vá, Rafaello... — Russel assumiu e já estava me afastando quando escutei o estampido do tiro no ar.

Mesmo com dor corri e contornei a casa, na tentativa de entrar pela frente. O fogo já havia tomado a cozinha e ao longe eu escutava as sirenes ligadas se aproximando. Não esperaria os bombeiros, entraria lá e a tiraria.

Por sorte a entrada da casa estava apenas com fumaça e me encurvando dobrando meu braço, escondendo meu rosto, adentrei e corri

para o andar de cima, fui chutando e abrindo as portas existentes, porém a do meu quarto estava trancada.

— Cêlly... Cêlly! Você está aí? Me responda — gritei, tentando não respirar a fumaça, mas foi impossível.

Ela não respondia.

Girei meu corpo tentando achar algo com uma ponta para me ajudar a abrir a porta, mas não conseguia encontrar nada. Teria que chutar até abrir, o que me levou a respirar aquela fumaça toda, que subia do andar de baixo.

Não esperei muito e chutei uma, duas, três e na quarta vez a porta abriu.

— Cêlly! — Entrei no quarto chamando por ela. O quarto estava tomado pela fumaça, dificultando de enxergá-la. Tossi e novamente escondi meu nariz e boca na curvatura do braço e fui na direção do banheiro, onde a encontrei, encolhida em posição fetal no chão.

Aliviado por tê-la achado a chamei de novo e me aproximei, mas percebi que ela estava desmaiada e para meu desespero me joguei, me ajoelhando ao seu lado.

Marcêlly estava desacordada e agindo por impulso, sentindo meu corpo todo reagir ao vê-la inanimada, a peguei no colo e a trouxe para meu peito. Meu braço doeu quando me levantei carregando-a. Mas nada que eu não suportasse. Eu só queria tirá-la de lá com vida. Eu só a queria de volta.

Não me demorei, precisava ser rápido, a cada minuto que se passava mais minha casa era engolida pelas chamas e se não saíssemos de lá nós também seríamos.

Com dificuldade, dor e desesperado por tê-la em meus braços quase sem vida, corri para o andar de baixo e quase que o fogo nos pegava. Por sorte consegui sair de casa. A frente estava em meio a fumaça e os bombeiros já seguravam enormes mangueiras e tentavam lidar com as chamas que subiam em direção ao céu.

Ao me verem carregando-a, dois dos paramédicos que estavam por ali vieram e tentaram pegá-la, mas não deixei e caí de joelhos com ela nos braços. Eu precisava olhar para seu rosto antes que a levassem e eu nunca tivesse a oportunidade de vê-la. Mas quando apoiei seu peso sobre minhas coxas e a relaxei nos meus braços percebi que ela segurava um porta-retrato junto ao seu corpo, abraçada a ele.

Era a foto de Alicia... E vi as duas mulheres da minha vida. Uma que sempre eu lembraria com muito amor e a outra que só queria viva para amar.

Olhei para o céu e urrei alto, expurgando de mim toda a dor.

Marcêlly não respondia...

Capítulo 41

Marcellly

As últimas lembranças que tinha dos acontecimentos foram de me trancarem naquele quarto e em seguida eu ir para o banheiro, e nada mais.

Era só...

Não fazia ideia sequer do que aconteceu depois e por isso me recusava a abrir meus olhos. Era medo, angústia e desespero de ficar sabendo o que não queria. Porém uma hora ou outra eu teria que acordar e encarar a realidade.

Então, abri meus olhos lentamente e vi tudo muito claro, as cores flutuarem no ar como se fossem raios. Era como se eu tivesse apertado tão forte meus olhos que agora eles estariam enxergando tantas cores a sua frente, como uma espiral psicodélica. Lá no fundo, consegui distinguir algumas vozes longe dali e elas ficavam mais baixas conforme se distanciavam e logo sumiam.

Respirei fundo e senti o ar retornar pesado. Meus pulmões doeram e eu tossi.

— Olá! — Me assustei e pisquei várias vezes quando um homem alto, de dentes tão brancos e olhos de tonalidade tão oposta surgiu com seu rosto na minha frente. Ele estava sorrindo e não disse mais nada, passando a mexer no frasco de soro que estava suspenso no suporte alto, ao lado da cama em que estava.

Com certeza eu estava em um hospital.

Mas o que aconteceu?

— Que bom que acordou! Tem um pessoal ali fora que estão bem ansiosos para você acordar — ele me disse calmo, ainda mexendo na cânula que saía do fundo do frasco e percorria pelo meu braço até uma agulha que atravessava na minha pele.

— O que aconteceu comigo? E onde estou? — perguntei curiosa e minha voz saiu rouca. Senti aquele arranhar das cordas vocais ao falar e pigarreei na tentativa de que melhorasse.

— Você está internada no *Boston Center*. Inalou muita fumaça no incêndio e ficou desacordada por um dia inteiro. — Fechei os olhos novamente e respirei fundo. Eu me lembro da fumaça, de procurar me encolher e esconder meu rosto, mas não queria pensar ou me lembrar do restante. Poderia não gostar da resposta.

— E quem está aí fora? — Em meio a tosse o questionei. Por mais que eu não fosse querer saber se Rafaello havia morrido precisava ter conhecimento de quem estava me esperando.

— São três... Uma dessas pessoas, acho que é sua irmã, o outro é esposo dessa mulher e o outro cara é o mesmo que lhe tirou de dentro da

casa. Ele estava tão desesperado que quase destruiu o hospital quando o tiramos do quarto, assim que chegou. O que a paixão não faz...

— Hãn? — Não entendi o que disse.

Como assim? Quem seria esse homem?

Por um momento Rafaello invadiu minha mente, mas isso era impossível. Raf ainda ama a esposa morta e não daria seus surtos e se rebelaria apaixonado por mim.

Não mesmo...

— É... Acho que é sua irmã, o esposo dela e o outro cara seu namorado... — ele repetiu confirmando sua suposição anterior.

— Mas eu não tenho namorado — rebati rapidamente.

— Claro que tem. Ele deixou bem claro que eram namorados e sua irmã ainda confirmou. — Ele estava equivocado.

Ou será que era Tyler? Ah... não. Era só o que me faltava ter que lidar com ele por aí dizendo que era meu namorado neste momento.

Talvez sim e era bem provável que fosse. Mackenzie deveria ter confirmado por educação, deixando todos acreditarem que eu ainda estava namorando com aquele idiota.

Começando a ficar irritada, novamente inflei meus pulmões e fui soltando o ar lentamente enquanto meu cérebro começava a registrar as informações absurdas. Tyler não era mais meu namorado, já fazia meses que não nos falávamos. Eu tinha deixado bem claro da última vez que apareceu e pediu outra chance, disse que não queria mais. Até porque, bem ou mal, certo ou torto, eu estava com Rafaello.

— Eu não tenho namorado — repeti.

Não foi porque tive algum problema que deixaria Tyler ficar por aí desfilando e dizendo que havíamos voltado. E com Mackenzie eu falaria depois sobre ela apoiar esse doido.

— Como não tem, Marcêlly? — Outra voz surgiu em meio à do enfermeiro que estava a minha frente, mas não o vi, porém o seu timbre irreconhecível me fez sentir alívio por saber que estava vivo.

— Está vendo? Ele não sai do seu lado desde que chegou aqui. — O enfermeiro se afastou para o lado para eu poder vê-lo parado e sorrindo.

Era ele!

Fui tomada por tantas sensações que não sabia se sorria ou se chorava. Era um misto completo de paz, afeto, alívio e felicidade por saber que nada tinha acontecido. Mais ou menos... Ele estava com um dos braços imobilizados e se aproximou sorrateiro, com aquele sorriso enviesado no canto da boca e o olhar apertado.

— Como assim? Vai negar que sou seu namorado? — Abri a boca para responder, mas fiquei sem saber o que falar. Não éramos namorados, tínhamos algo, uma química, uma atração, mas nunca foi um relacionamento, não que eu soubesse. E eu era bem ciente que não teríamos nada mais que um caso, e com certeza estávamos longe de ser um casal.

— Raf...

O enfermeiro nos deixou e encostou a porta quando saiu. Rafaello se aproximou e sentou no espaço que restava entre meu corpo e o fim da cama.

Olhamo-nos e ficamos por segundos nessa troca de olhar.

— Está tudo bem? — perguntei depois de algum tempo na tentativa de entender melhor o que estava acontecendo.

— Melhor agora, com você acordada. Fiquei preocupado e estava apreensivo pela demora. — Raf abaixou o olhar e olhou para a minha mão e a segurou, quando ergueu seu rosto pude notar os olhos ternos e sua expressão suavizando. — Achei que tivesse a perdido, mesmo eles me garantindo que só estava ainda dormindo pelo choque traumático.

— Eu só vi a fumaça, depois não me lembro mais nada... — informei e permiti que entrelaçasse seus dedos nos meus.

Por mais maravilhoso que era vê-lo ali, ciente de que estava tudo bem com ele, ainda assim, nós tínhamos discutido antes e tudo tinha terminado. Ele não tinha o direito de dizer que era meu namorado.

— Mas agora está tudo bem. E só quero que eles te liberem para eu poder te levar para casa, para Nova Iorque e te deixar protegida. — Fechei os olhos e senti uma pontada de dor no coração. Ele não deveria estar falando assim com tanta naturalidade.

— Rafaello... — chamei por seu nome na tentativa de indagá-lo, mas ele se curvou com certa dificuldade e selou meus lábios.

— Não vamos ter esta conversa agora. Não sabe como me sinto ao escutar sua voz. Eu fui ao inferno, Cêlly, quando lhe tirei daquela casa e você não acordava, achei que estivesse morta. Não aguentaria passar por tudo que passei de novo. Eu vaguei pelo inferno desesperado enquanto você não acordava sem saber a saída até escutar o rouco da sua voz minutos atrás. Não faz ideia do quanto me sinto culpado por ter ido embora naquele dia. Foi tudo por minha culpa. — Ele, mais uma vez, selou meus lábios, porém um pouco mais demorado e ao fim pude escutar o leve estalo que deu ao se afastar.

Eu não o empurrei, até porque eu o amava e tê-lo tão perto e tão aberto me fez perder qualquer reação para afastá-lo, mas as coisas não eram simples assim e também não poderia permitir que estivesse mais uma vez comigo por sentir qualquer tipo de culpa.

— Não, Raf. — Apertei sua mão e tentei sorrir. — Não foi sua culpa, você precisa parar de se sentir culpado por tudo e tentar recompensar as pessoas por achar que errou...

— Não estou tentando recompensá-la de nada, Cêlly. Você ter ido embora foi sim por minha culpa. Eu não sei o que aconteceu comigo, não posso justificar algo que nem mesmo eu consigo assimilar ainda. Mas eu estava confuso sobre tudo, achei que sentia por você apenas uma atração. Eu havia ficado sem uma mulher por mais de um ano, você apareceu, revirou tudo no momento que me senti mais sozinho e perdido. Então, eu não sabia com o que estava lidando quando eu a queria por perto, mas meu luto recente me dizia que era errado, que eu estava me precipitando, entretanto, assim que você entrou no quarto e se trancou senti que não estava só atraído por você, senti de um jeito inexplicável que eu a queria muito mais. Sei que surtei por vê-la deitada na cama que foi minha e de Alicia. Fiquei incomodado e não era motivo para o extremo que cheguei. — Ele fez uma pausa e ainda segurando minha mão levou até sua boca e estalou seus lábios sobre meus dedos enquanto me olhava nos olhos. — Eu fui atrás de você, mas não achei, pensei que estivesse me punindo, resolvi que lhe daria um tempo, mas quando fiquei sabendo que havia desaparecido entrei em desespero, me vi andando perdido sem saber qualquer notícia sua. Chega ser difícil ter que lidar com a pessoa lhe ignorando, mas pelo menos, você sabe onde ela está, ao contrário da possibilidade de perder esse alguém que tanto ama. E eu não conseguiria lidar com a perda novamente, ainda mais de alguém que não pude pedir perdão e nem dizer que a amo. Sabe...

quando a segurei em meus braços e você não me respondia só tinha forças para pedir para alguém te salvar. Não poderia perder a minha nova oportunidade de ser feliz e o novo amor da minha vida. Desta vez eu não iria conseguir me reerguer, não sem a minha garota. — Surpresa, com tudo que estava me dizendo não consegui controlar a emoção e senti meus olhos serem inundados pelas lágrimas.

Rafaello aproximou-se mais e eu me ergui com dificuldade. Ele me segurou com todo cuidado entre seus braços e olhou diretamente dentro dos meus olhos.

— Eu te amo, garota. Amo tanto que chegar a doer, eu só estava com medo e entendi que Alícia sempre vai ser um grande amor e que isso fará parte da minha história. Foi ela quem me deu você, pois tinha certeza de que eu precisava amar e ser amado de novo. Naquela noite na praia eu a confundi, mas quando a procurei no estúdio com a desculpa de continuar buscando encontrar Alícia foi que encontrei você. Os sete meses foram para eu aprender a lidar com minhas emoções, mas quando voltei foi sempre você.

— Ah... Raf — sibilei em meio ao choro.

— Eu te amo tanto, garota.

— Eu também te amo muito — confessei enquanto seus lábios já tocavam os meus com posse e eu me entregava.

Seria impossível resistir a ele e as suas loucuras.



Deixei o hospital no outro dia.

Mackenzie ficou e não ficou surpresa ao saber que eu e seu patrão vivemos um caso tórrido sob seu nariz. É claro que escutei muito sermão, mas no fim ela aceitou tranquilamente.

Conversamos sobre Mitchel e, ela e Raf me informaram que ele havia fugido. Por mais odioso que fosse eu senti como se parte da história da minha vida tivesse acabado. Mas por outro lado fiquei aliviada. Raf me contou que um dos homens que trabalhavam para sua família estava no encalço dele. E que os outros que estavam na casa já foram presos e em breve eu teria que depor e falar sobre meu sequestro. Ele me pediu para dar os nomes e reconhecer Ricco Donttino como o mandante.

A casa de Rockport foi totalmente queimada e ele disse que reconstruiria e que talvez ainda no verão seguinte conseguiríamos passar na casa nova. Mas para mim não importava que fosse em Rockport ou em qualquer outro lugar, desde que fosse com ele.

Eu o amava e saber que ele também sentia o mesmo me fez sentir tantas emoções juntas que eram difíceis de separá-las. Mesmo com esse seu jeito de lidar ao extremo com tudo, de mandar e querer ser obedecido, ainda assim ele me fazia sentir especial. E desde o momento que deixei o hospital ele não saiu de perto, me levando embora pra Nova Iorque com ele, para seu quarto, sua cama e principalmente para o seu coração.

Naquela noite nos amamos sem culpa, sem temer os olhares dos empregados deduzindo sobre nós ou dos seus filhos achando que estava querendo ocupar o lugar da mãe deles. E quem achasse ou mencionasse estaria lidando diretamente com ele, pois a primeira atitude que Raf tomou quando chegamos em sua casa foi chamar Pry e informá-la que eu era a nova e futura esposa dele, que se ela tivesse algo contra ou se ainda achava

que ele estava cometendo algum crime ao quebrar a promessa que tinha feito para Alícia, que ela poderia se ver demitida.

Não demorou muitos meses para Pry pedir demissão. Como também não demorou muitos meses para Ralf me chamar de mãe.

No momento eu fiquei assustada quando escutei. Raf estava perto e nos olhamos, mas ele pegou o menino no colo e me perguntou se eu me importava de amar seus filhos como uma mãe e que mesmo não sendo a que os gerou eles precisariam de uma para amá-los e educá-los. E mesmo com medo e receio aceitei.

Nunca fui tão amada como sou por eles.

Com meu senhor lindo e surtado, que eu amo muito e com meus dois filhos de coração.

Epílogo

*****3 anos depois*****

Rafaello

— Você, Rafaello Valentino aceita Marcêlly Shunter como sua esposa?

— Sim, com toda minha devoção e vida.

O juiz de paz repetiu a pergunta.

— Você Marcêlly Shunter, aceita Rafaello Valentino como seu marido?

— Sim, eu aceito, com tudo que sou e com tudo que tenho.

— A partir deste momento você passará a utilizar o nome de Marcêlly Valentino e eu vos declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva.
— Nunca uma ordem foi tão bem acatada por mim.

Eu envolvi Marcêlly em meus braços, deixando a areia branca da praia roçar nossos pés enquanto eu a beijava na frente de todos nossos familiares e poucos amigos. Ou melhor, das testemunhas do nosso amor.

— Eu te amo, garota. — Me ajoelhei após me declarar e segurei sua barriga e a beijei. — Papai também já te ama muito filha.

Há oito meses estava tomando banho quando a danada invadiu o chuveiro. Era o dia da sua apresentação de formatura. Eu achei que ela estava contente e por isso havia entrado ali para comemorarmos, mas Marcêlly me abraçou e encostou sua cabeça em meu ombro e começou a chorar.

“— O que está acontecendo? — perguntei e me preocupei por estar chorando. Marcêlly nunca foi uma mulher de chorar e se encolher. Se as coisas estavam difíceis ela empinava o lindo nariz e seguia em frente. Mas ver a forma como estava abalada me deixou preocupado. Ela havia ido ao médico pela manhã e ao pensar que algo de ruim estava acontecendo me fez entrar em desespero. Imaginando ser o pior.

A inquiri para me dizer o que estava acontecendo e me olhando nos olhos pedi perdão, pois eu talvez não gostasse do que ela tinha para me contar e me disse que estava grávida.

A princípio fiquei calado, completamente emudecido sem conseguir reagir. Havíamos conversado que já tínhamos James e Ralf, então que não precisávamos de mais filhos. Queríamos curtir nós dois, viajar, aproveitar os momentos somente nossos. Ainda mais com as coisas todas se

encaminhando na paz. Júlia e Ricco foram presos, Mitchel havia sido morto por uma gangue em Atlanta após deixar uma enorme dívida de jogo. Giovani estava de volta e reassumiu seu posto. Então nossa vida estava de certa forma planejada, ela havia terminado a universidade e optou por não pertencer a um grupo de dança, pois teria que abdicar da família e ela não queria ficar muito tempo longe. Disse que preferia estudar outras danças e montaria uma escola, para poder ficar perto de nós. No entanto, nossos planos mudaram totalmente naquela tarde sob o chuveiro.

Perguntei o porquê de estar chorando depois de receber a notícia.

— Porque você vai surtar, vai me levar ao máximo do estresse e dizer que não me quer mais — me respondeu chorosa. O que me fez rir e ganhar seu olhar fuzilante.

— Jamais direi que não lhe quero mais. Você é a mulher da minha vida, ainda mais agora que vive ao meu lado. Não sabe o quanto ainda preciso te amar e ser amado até meus olhos fecharem e você for a última pessoa que verei. Te amo!”

A amei ainda mais, e sigo a cada dia amando mais e mais.

Cêlly era mais que especial, de uma maturidade para sua idade irreconhecível, acho que é por isso que sempre em nossas discussões eu acabo cedendo. Ela tinha uma forma prática de resolver os problemas e sair deles e essa era uma das suas qualidades que mais me deixava encantado.

Ainda ajoelhado aos seus pés, naquela mesma praia de quando a beijei pela primeira vez, jurei que mesmo quando tudo estivesse escuro eu procuraria pela sua luz.

— Parabéns, minha irmã. — Mackenzie e Luke se aproximaram e nos abraçou. Em seguida foram meus irmãos e minhas cunhadas.

Eles amavam Marcêlly e nunca a deixaram sentir que era diferente de Alícia. Bella principalmente, que a aceitou como se fosse sua irmã.

Cêlly e sua maturidade nos deixaram boquiabertos ao falar com tanto carinho de Alícia no dia do seu casamento, se fosse outra mulher teria ciúmes, mas minha garota não. Disse que tinha um grande afeto pela minha esposa falecida e que devia muito a Alí, e por isso faria o seu viúvo cada dia mais feliz e amaria seus filhos como se tivessem sido gerados por ela. E que foi por causa dela que tinha encontrado alguém que a amava. E que daria o nome de Alícia para sua filha, pois ela jamais deveria ser esquecida. E para sempre, quando olhássemos para minha filha, lembraríamos da grande mulher que nos permitiu estar vivendo felizes, amando e sendo amados.

Foi uma grande emoção. Marcêlly não havia falado que gostaria que nossa filha se chamasse Alícia e mesmo tomando a decisão da escolha sozinha eu jamais a contrariaria. Foi uma linda homenagem.

— Eu preciso manter Alícia sempre viva entre nós. Foi ela quem me deu você de presente e meus filhos também, então sem surtos, Rafaello — cochichou no meu ouvido após anunciar o nome da nossa filha.

— Eu te amo, garota.

Marcêlly foi o farol naquela noite tempestuosa onde a única vontade que eu tinha era de ter me jogado naquele mar. Confundindo-a ou não, foi ela que me resgatou das sombras, foi ela quem deu ritmo à minha vida naquele estúdio e foi ela quem me deu vida e recomeço naquele verão.

Sempre seria ela para eu amá-la e ela para me amar!

Agradecimentos

Primeiramente a Deus. Sem Ele não sou ninguém. Depois as minhas leitoras, minhas lindas mafiosas que amo. Também ao meu esposo e meus filhos, minhas amigas Flávia Padula, Ly Albuquerque e Silmara Izidoro, autoras incríveis. Quero também agradecer a uma grande equipe que participou da concretização deste livro.

A todos minha eterna gratidão.

Prontas para Don Dellatore?

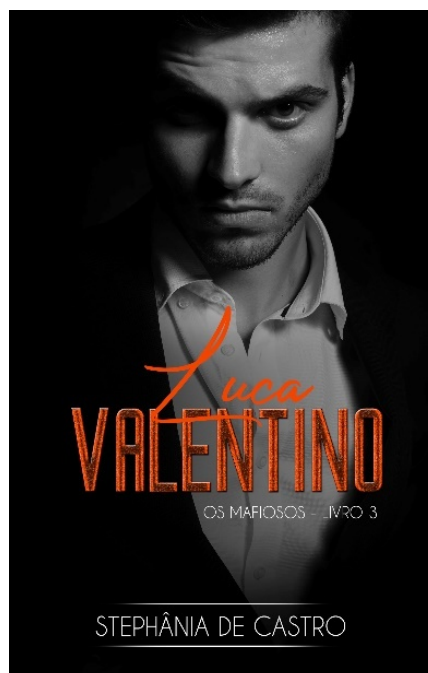
Outros livros

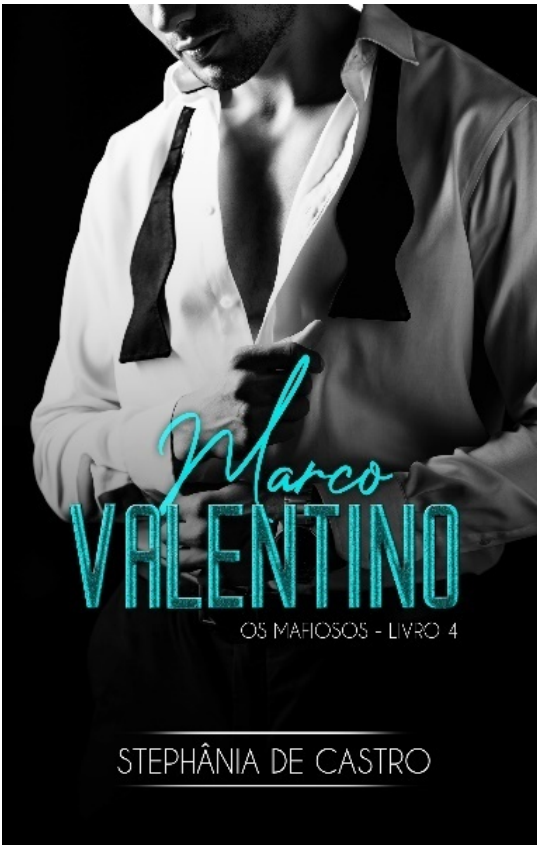
Clique nas CAPAS

CASA STWART 1 E 2

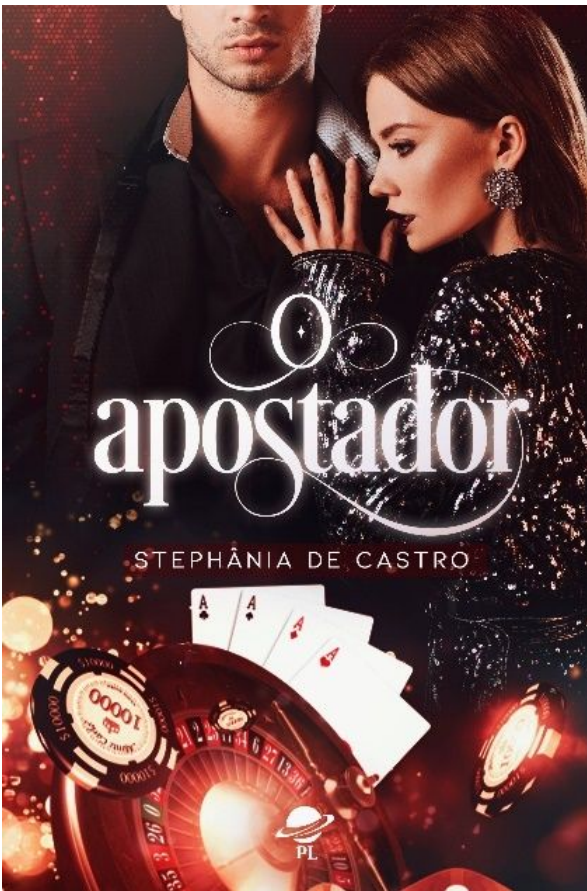


OS MAFIOSOS





O Apostador



Só entre nós dois



Gypsy – Amor Cigano



Uma nova chance para o amor



Para ficar por dentro das novidades sigam nas redes sociais.

Nos vem, se assim Deus permitir em Agosto.

^[1] Porão das casas norte-americanas.